



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

***"FAZENDO MESURA NA PONTA DOS
PÉS": Carnaval e Políticas Públicas de
Cultura no Recife das décadas de 1970 e
1980.***

Augusto Neves da Silva

NITERÓI/RJ
Maio de 2017

Augusto Neves da Silva

"FAZENDO MESURA NA PONTA DOS PÉS": Carnaval e Políticas Públicas de Cultura no Recife das décadas de 1970 e 1980.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do grau de Doutor.

Orientadora: Professora Doutora Martha Campos Abreu

Coorientadora: Professora Doutora Isabel Cristina Martins Guillen

NITERÓI/RJ

Maior de 2017

S586 Silva, Augusto Neves da.

Fazendo medida na ponta dos pés: Carnaval e políticas públicas de cultura no Recife das décadas de 1970 e 1980 / Augusto Neves da Silva. – 2017.

311 f.

Orientadora: Martha Campos Abreu.

Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, 2017.

Bibliografia: f. 243-256.

1. Recife (PE). 2. Carnaval. 3. Escola de Samba. 4. Política pública. 5. Cultura. 6. Fundação de Cultura Cidade do Recife (FCCR). 7. História. I. Abreu, Martha Campos. II. Universidade Federal

Augusto Neves da Silva

"FAZENDO MESURA NA PONTA DOS PÉS":
Carnaval e Políticas Públicas de Cultura no Recife das
décadas de 1970 e 1980.

Aprovado em: 19/05/2017

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Martha Campos Abreu – Orientadora
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Professora Doutora Isabel Cristina Martins Guillen - Coorientadora
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Professora Doutora Rachel Soihet - Avaliadora Interna
Universidade Federal Fluminense - UFF

Professora Doutora Juniele Rabêlo de Almeida - Avaliadora Interna
Universidade Federal Fluminense - UFF

Professor Doutor Luís Reznik - Avaliador Externo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Doutora Nilcemar Nogueira - Avaliadora Externa
Museu do Samba

NITERÓI/RJ

Mai de 2017

*À memória de minha mãe,
com quem sempre aprendi a cultivar
o amor ao saber e ao conhecimento.*

*À memória de meu amigo Márcio Luna,
grande incentivador deste trabalho
e de minhas conquistas.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma das coisas mais lindas. Agradecer é reconhecer as diversas ajudas que recebi ao longo deste trabalho. Agradecer é ter a certeza de que sem essas contribuições eu não conseguiria chegar até aqui. Vou tentar listar, nominalmente, algumas pessoas que foram mais crucias nesse processo, já pedindo desculpas caso esqueça algum nome.

Primeiramente agradeço a Deus, porque sem Ele eu não conseguiria caminhar e trilhar caminhos às vezes tão tortuosos. Mas o Senhor tem me sustentado e eu, como o profeta, posso dizer: "Até aqui tem me ajudado o Senhor!". Glória a Deus por tudo, porque por Ele, por meio dEle e para Ele são todas as coisas!

Meus primeiros agradecimentos se direcionam à minha orientadora, a professora Martha Abreu. Essa experiência eu posso chamar de privilégio. Foi extremamente gratificante ser seu orientando, professora. Foi uma regalia ser orientado por uma intelectual sagaz, atenta a detalhes, criteriosa e exigente. Não é a toa que a chamamos de a "Super Martha". Todavia, além de uma intelectual brilhante, a senhora é um ser humano incrível, amorosa, atenciosa e muito cuidadosa. Eu cresci muito como profissional e como pessoa no convívio com a senhora. Agradeço por tudo, pelas ajudas, pelos "puxões de orelha", tudo para mim foi muito bom e rico. A senhora me ajudou muito na construção desta tese. Ela não seria a mesma sem o seu direcionamento. Este trabalho tem muito do seu olhar e os problemas que por ventura se apresentem estão totalmente relacionados à minha dificuldade de operacionalizar suas indicações. Professora Martha Abreu, minha gratidão com a senhora será eterna.

À professora Isabel Guillen, que tem me ajudado muito nessa caminhada árdua de "aprendiz de Historiador", eu só tenho a agradecer. Muitas foram nossas conversas, nossos cafés, nossos projetos, nossas reuniões de orientação. Quantas vezes eu lhe liguei aflito com algum problema da tese? E a senhora sempre se colocou à disposição. Recordo-me de numa reunião de final de ano, às vésperas do Natal, que eu lhe chamei "num cantinho" e apresentei minhas inquietações da tese. Os amigos em volta gritavam: "Augusto, libera a Isabel" e a senhora com enorme sensibilidade me ouvia e me apresentava caminhos! Diante de tudo isso, professora, eu só posso dizer muito obrigado! E quanto aos nossos cafés e encontros, espero que eles continuem, pois desfrutar da sua companhia é algo muito prazeroso.

Às professoras da banca de qualificação e defesa, Rachel Soihet e Juniele Rabêlo, agradeço imensamente pela leitura atenta e observações valiosas. Suas colaborações foram fundamentais para a finalização desse trabalho. Agradeço também ao professor Luis Reznik que compôs a banca de defesa juntamente com a queridíssima Nilcemar Nogueira.

A amizade é um sentimento mais nobre do que o amor. Como disse Vinícius de Moraes, tenho amigos que não sabem a absoluta necessidade que tenho deles. E como continuou o poeta, eu enlouqueceria se morressem todos os meus amigos!

Sabe aquela amiga que você se desprende e conta tudo? Aquela que te conhece pelo olhar, pelos gestos? Aquela que pressente quando você está mal? Aquela que te liga e você passa duas horas no telefone e não percebe? Ela tem nome. Ela se chama Grasiela Moraes, minha amiga, minha irmã, minha confidente. Muito obrigado, querida, por tudo. Agradeço enormemente a Deus por ter te colocado em meu caminho. Que o Senhor Jesus permita que a nossa amizade sincera perdure! Te amo!

Ao meu amigo Henrique Nelson: às vezes a palavra "amigo" não tem a força de dizer o quanto você é importante para mim, o quanto te admiro, o quanto gostaria de ser como você! Talvez a palavra irmão possa dizer mais coisas, ser mais profunda. Todavia, perderia as peculiaridades tão comuns à amizade. Diante disso, você é meu amigo/irmão. A bricolagem dos termos dizem mais o que você representa para mim. Muito obrigado pelas ajudas, pela torcida e pelos incentivos. Te amo, querido.

À amiga Déborah Callender pela amizade sincera e leal durante todos esses anos.

Ao amigo Alexandre Medeiros pelo companheirismo, pela alegria e disposição em sempre querer ajudar.

À amiga Rosely Tavares pela amizade sincera, pelos debates acadêmicos, pelos socorros nas mais diversas situações.

Ao amigo Mário Ribeiro pelas ajudas, pela interlocução e pelas possibilidades de partilhar memoráveis momentos.

Ao amigo Thiago Nunes, muito obrigado pelas ajudas, pelo carinho e pela presteza de sempre.

À amiga Lívia Monteiro, amizade que conquistei ao longo desse doutorado, com quem tive o privilégio de conviver quando estive pelo Rio de Janeiro. Pessoa incrível. Lívia, você é daquelas pessoas que valem a pena levar por toda uma vida. Quero sempre

poder estar ao seu lado partilhando da sua amizade e seu carinho. Muito obrigado por tudo, querida.

À Lídia Rafaella pelas ajudas nas mais diversas situações ao longo desse doutorado. Pelos incentivos e torcidas. Valeu, querida.

Ao amigo Leanderson Dino pelas ajudas, pela torcida e pelos incentivos de sempre!

À amiga Mariene Albuquerque, amizade de longa data, sempre regada com muito carinho, afeto, respeito e companheirismo. Muito obrigado por tudo, querida.

Aos colegas de trabalho da Faculdade Joaquim Nabuco, onde tenho sido muito feliz enquanto professor e tenho encontrado em muitos de vocês a amizade sincera e um enorme carinho. Muito obrigado ao Ademir, à Conceição, ao Luiz Otávio, à Selma, ao Pergentino, ao Ezequiel, à Adalgisa, à Ana Laura, à Evani, ao Gilson, à Mariana, à Joana, à Márcia, à Patrícia (Pat), à Juliana, à Francisca, à Verônica, ao Amaro, ao César e a tod@s @s demais funcionári@s e amig@s que têm tornado meus dias, naquele espaço, mais alegres.

Ao Leandro Augusto e à Maria Andreia pelo carinho de sempre, pela amizade verdadeira e leal. Pelos maravilhosos momentos que temos partilhado, muito obrigado por tudo! Sem vocês e as crianças meus dias seriam sem sabor, sem alegria e com menos vida. Obrigado por tornarem minha vida mais alegre e feliz!

À amiga e prima do coração Maria Cecília pelo companheirismo, pela torcida e pelos socorros nas mais diversas situações.

Ao meu irmão Alberto Neves e minha cunhada Camilla Lima, por me acolherem em sua casa nas mais diversas idas e vindas ao Rio de Janeiro: obrigado pelo carinho dispensado a mim. Muito grato pelas ajudas nas mais diversas situações. Muito obrigado também por me darem sobrinh@s lind@s e que tio ama demais!

O trabalho de um professor se faz, se produz por meio de seus/suas alun@s. Eu tenho muit@s. Alguns deles muito especiais. Alguns deles fizeram minha vida mais doce, mais alegre, mais feliz, fizeram a minha vida mais cheia de vida!

Em especial quero agradecer aos/às alun@s que compõem aquilo que carinhosamente chamo de "A banda Kiamo". Esta tese é também para vocês, meus amores, flores do jardim da minha vida! Assim, muito obrigado: Andrea, Cecinha, Gilberta, Giva, Kleber, Paulo e Rafael. Vocês são e serão sempre muito especiais em minha vida! Sem vocês não sei se conseguiria chegar até aqui. Muito obrigado pelo carinho, pelo cuidado, pelas preocupações cotidianas, enfim, por tentarem, de todas as

formas, me fazer e me ver feliz! Nem sempre conseguimos, mas o importante é que tentamos! Muito obrigado!

À amiga Mirella Izídio, que fez a revisão textual deste trabalho. Sem sua ajuda, querida, este texto perderia muito em qualidade. Muito obrigado pela parceria e que ela perdure.

Essa pesquisa não seria realizada sem a ajuda de alguns bolsistas. Nessa "vida louca" de professor e pesquisador, o trabalho que vocês fizeram foi crucial para a elaboração e finalização desta tese. Assim, quero agradecer ao Paulo Silva, ao Douglas Lima, ao Diego Leon e à Danielle Nascimento. Muito obrigado por tudo!

Agradeço a todos os funcionários do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e dos arquivos pesquisados, tanto no Rio de Janeiro, como no Recife.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado.

E a todos aqueles e aquelas que de alguma forma contribuíram para a elaboração de um trabalho desse teor.

Muito obrigado!

*O perfume da flor é seu
Um olhar marejou sou eu
Quem nunca sentiu o corpo arrepiar
ao ver esse rio passar
Vem conhecer esse amor
A levar corações através dos carnavais
Vem beber dessa fonte
Onde nascem poemas em mananciais
Reluz o seu manto azul e branco
Mais lindo que o céu e o mar
Semente de Paulo, Caetano e Rufino
Segue seu destino e vai desaguar.
(Portela, a campeã de 2017)*

RESUMO

O objetivo principal desta tese é analisar as representações do Carnaval do Recife a partir das matérias publicadas nos jornais nas décadas de 1970 e 1980. Por meio das narrativas produzidas nos periódicos, pude ter acesso ao posicionamento dos mais variados sujeitos sociais – fossem eles jornalistas, folcloristas, políticos, diretores de agremiações, leitores, foliões – em torno da festa carnavalesca. Ao mapear e analisar essa documentação, compreendi que havia diferentes disputas por um formato de folia momesca para a cidade do Recife. Visualizei que, ao longo do recorte temporal estudado, esses conflitos circundaram em torno de três posicionamentos distintos. Em ordem cronológica, o primeiro deles é o chamado "Carnaval Espetáculo", formato de festejo carnavalesco em que havia destaque para o concurso das agremiações, que se apresentavam por meio de uma passarela, diante de uma comissão julgadora e de arquibancadas lotadas de foliões expectadores. Em torno dessa festa havia as críticas dos defensores de outro modelo de pândega, o nomeado "Carnaval Participação". As narrativas sobre este segundo formato, o "Carnaval Participação", o definiram como uma folia marcada pelo ritmo do frevo festejado pelos foliões nas ruas da capital pernambucana. Neste festejo, as agremiações desfilavam sem distinção entre os públicos brincante e expectador. O terceiro formato de Carnaval emergiu na orla da praia da Boa Viagem em meados da década de 1980. Esta foi uma festa carnavalesca abalizada pela presença dos trios elétricos e da *axé-music*. A pesquisa esteve preocupada também em refletir sobre a atuação da Fundação de Cultura enquanto órgão responsável pela organização do Carnaval da cidade ao longo da década de 1980 e analisar como seus diversos dirigentes, por meio das políticas públicas, buscaram introduzir reformulações, normas e apropriações ao festejo carnavalesco. Ao mesmo tempo, busquei enunciar as diferentes vozes de outros sujeitos que se posicionaram contra as determinações do referido órgão municipal. Para exprimir essa problemática, pesquisei os periódicos preservados no Arquivo Público Estadual de Pernambuco e na Fundação Joaquim Nabuco, a documentação do Diário Oficial do Município, disponibilizada na Biblioteca Setorial da Prefeitura do Recife, a coletânea do Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado consultado no acervo digital da Companhia Editora de Pernambuco. Com a estrutura de três capítulos, ao final do trabalho acredito que pude demonstrar como as políticas públicas implementadas em torno do Carnaval do Recife visavam à construção de uma identidade cultural para a cidade.

Palavras-Chave: Recife. Carnaval do Recife. Escolas de Samba. Políticas Públicas de Cultura. Fundação de Cultura Cidade do Recife. História Pública.

ABSTRACT

The main objective of this paper is to analyze the representations of the Carnival of Recife from articles published on newspapers during the 1970s and 1980s. Through the narratives on those periodicals, I had access to views from a variety of social subjects: journalists, folklorists, politicians, directors from organizations, readers and carnival enthusiasts in regards to the carnival event. While studying and reviewing documentation, I understood that there were different disputes over a format for this event the city of Recife. I came to realize that, over that period, these conflicts related to three distinct points-of-view. In chronological order: "Carnaval Espetáculo" (Carnival Show), a format for the carnival celebration in which emphasis was placed on the contests between associations, which were presented through a catwalk, before a judging committee and a large audience. Around this party there were criticisms from proponents of another model of merrymaking, the so-called "Carnaval Participação" (Carnival Participation). The narratives about this second format (Carnaval Participação), defined it as a festivity marked by the rhythm of the "Frevo" celebrated by enthusiasts in the streets of the capital of Pernambuco State. In this celebration, associations did not differentiate between the vivacious audience and spectators. The third format of Carnival emerged on Boa Viagem's beach in the mid-1980s. This carnival party was based on the presence of "Trios Elétricos" (live bands) and Axé-music. The research was also concerned about reflecting on the work of "Fundação de Cultura" as responsible for organizing the city's Carnival throughout the 1980s, and analyzing how its various leaders, through public policies, sought to introduce reformulations, norms and appropriations to the Carnival celebration. At the same time, I tried to report on the different voices from other subjects who opposed the determinations of the municipality. In order to better express this problem, I searched the preserved periodicals in the State Public Archives of Pernambuco's and Joaquim Nabuco's Foundations, the Official Gazette for the Municipality, available in the Sectorial Library of the City Hall of Recife, the collectives of the Cultural Supplement for the State's Official Gazette, in the digital library of Editorial Company of Pernambuco. With the structure of three chapters, at the end of the work I believe I was able to demonstrate how the public policies implemented around the Carnival of Recife aimed at building a cultural identity for the city.

Keywords: Recife. Carnival of Recife. Public Policies of Culture. Culture Foundation City of Recife. Public History.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCR - Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife

COC - Comissão Organizadora do Carnaval

CPC - Comissão Permanente do Carnaval ou Comissão Promotora do Carnaval

DDC - Departamento de Documentação e Cultura

EMETUR - Empresa metropolitana de Turismo

EMPETUR - Empresa de Turismo de Pernambuco

FCCR - Fundação de Cultura Cidade do Recife

FECAPE - Federação Carnavalesca de Pernambuco

FESAPE - Federação das Escolas de Samba de Pernambuco

UNESPE - União das Escolas de Samba de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. O RECIFE: uma cidade de muitos Carnavais.....	15
CAPÍTULO 1	30
2. A EMERGÊNCIA DO CARNAVAL ESPETÁCULO DO RECIFE: críticas e debates em torno de uma festa	30
2.1 Sentidos e significados de uma festa	33
2.2. Carnaval do Recife: organização, normas e desvios.....	43
2.3 Os Carnavais da Prefeitura	56
2.4 Escolas de Samba: a marca do Carnaval espetáculo.....	75
2.5 O Recife em tempos de transição política e participação carnavalesca.....	89
CAPÍTULO 2	115
3. A FUNDAÇÃO DE CULTURA E O “CARNAVAL PARTICIPAÇÃO” DO RECIFE: experiências e expectativas de uma festa (1980-1983)	115
3.1 Traduzindo a Participação.....	118
3.2. O que foi mesmo a passarela no "Carnaval Participação"?	128
3.3 A Passarela do Samba.....	147
3.4. A Fundação de Cultura Cidade do Recife: as (re)encenações e as (re)ordenações de uma festa	156
3.5. "Carnaval Participação": a festa do Frevo e da Frevioca.....	171
CAPÍTULO III	180
4. O CARNAVAL DE BOA VIAGEM: a baianização da festa? (1979-180)	180
4.1 O Carnaval dos bairros, o caso de Boa Viagem	181
4.2 Ei Pessoal, vem moçada, Carnaval começa com o Galo da Madrugada	192
4.3 Boa Viagem ou Olinda: novos Carnavais?	202
4.4 Trios elétricos: entre a tradição e a "baianização" da festa	217
CONCLUSÃO.....	237
5. Para tudo não acabar numa quarta-feira de cinzas!.....	237
6. REFERÊNCIAS	237
7. ANEXOS.....	257

INTRODUÇÃO

1. O RECIFE: uma cidade de muitos Carnavais

"O Recife possui memórias que atravessam sua história, sem perder sua dimensão da magia e do mistério. Os espelhos do passado se misturam com os labirintos complexos do presente".¹

Como todas as outras cidades, o Recife é múltiplo, plural e diverso. Entre essas várias construções possíveis para a capital pernambucana, elegi para este trabalho o "Recife festivo", o "Recife carnavalesco". Com isso, não quero afirmar que analisei a urbe de forma isolada, mas, em vez disso, procurei levar em consideração a multiplicidade da invenção cotidiana, da qual se alimentam todas as cidades, pois, como afirmou o historiador Antônio Paulo Rezende ao propor o estudo do Recife:

Nem tudo pode ser esclarecido ou contado, descoberto ou revelado. [...] a construção da história lida com limites, defronta-se com as armadilhas da memória, com as tantas perdas materiais que evitam que certos acontecimentos sejam registrados, com os conflitos políticos que criam versões que se chocam, confundindo e provocando debates.²

Como lembra Ítalo Calvino, "[...] a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras".³ É nesse sentido que as cidades não podem ser medidas apenas por suas dimensões físicas, mas sim "pelos espaços das lembranças e dos esquecimentos que vão sendo construídos no seu cotidiano,⁴ onde a imprecisão tornar-se uma regra desafiante e plena de fantasias".⁵

¹ REZENDE, A. P. R. O Recife: Os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as tentações da memória e as inscrições do desejo. *Projeto História*, São Paulo, v. 18, p. 155-166, 1999, p. 158.

² REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife. Histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002, p. 19.

³ CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 14-15.

⁴ "O cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade do viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a

O Recife possui um dos Carnavais mais famosos e atrativos do Brasil. É inegável a força que o evento provocou e provoca na cidade e em seus habitantes. A festa de Momo recifense também desperta atratividade em foliões de diversas localidades que se deslocam até a capital pernambucana para saudar o deus da galhofa.

Diante disso, busco enunciar nessas páginas o Recife vivenciado por homens e mulheres que faziam os Carnavais das décadas de 1970 e 1980. Esses sujeitos, inocentes no que tange ao olhar investigador dos historiadores do presente, atribuíram sentidos e significados ao festejo carnavalesco ao longo desses anos e muitas dessas ações foram narradas e representadas pelos jornais que circulavam na capital pernambucana.

Sobre os estudos em torno do Carnaval do Recife, ainda são poucos os trabalhos históricos que tomaram a festa como palco de análise. Assim, mediante esse cenário de exclusão, uma pergunta pode ser feita: por que os historiadores têm se recusado a fazer da folia de Momo recifense um objeto de investigação sistemática? Diante da gama de documentação disponível, provavelmente, como afirmou a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha ao tratar do estudo do Carnaval no Rio de Janeiro, parte da resposta esteja no fato de que a força do símbolo perdue quase que indiscutivelmente por aqui e muitos se acostumaram a julgar que a folia momesca, que está no “sangue”, dispensa o esforço de reflexão.⁶

Todavia, as festas são lugares possíveis de investigação histórica.⁷ Não só são campos de lutas concretas entre grupos ou indivíduos, mas também são espaços de luta simbólica. Como afirmou o historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior, “a festa é um acontecimento e, como tal, ocorre a cada vez, por isso seu ser se diz na diferença e

meio caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o indivisível.”. CERTEAU, M. de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.31; Ressalto ainda que o cotidiano é entendido como o tempo concreto de realização das relações sociais ou, como diz Michel de Certeau, “o cotidiano se inventa de mil maneiras de *caça não autorizada*”. CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, V. 1, 2008, p. 38, (Grifos do autor). Ainda sobre as discussões em torno da concepção de cotidiano utilizada nesse trabalho, ver: GUARINELLO, N. L. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JÁNCSÓ, István e Kantor, Íris (Orgs). *Festa: Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. Volume II. São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP/ Imprensa Oficial, 2001; MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 10, n.1, p. 1-8, 1998.

⁵ REZENDE, A. P. R. O Recife: Op. Cit., 1999, p. 157.

⁶ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 308.

⁷ No artigo “Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar”, o historiador Durval Muniz percorre os caminhos que a temática da festa trilhou em diversas áreas do conhecimento, notadamente Antropologia e História. Cf. ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Festa para que te quero: por uma historiografia do festejar*. *Revista Patrimônio e Memória*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

não na identidade e na tradição”.⁸ Diante dessa perspectiva, procurei pensar os significados e as mudanças das festas em sua própria historicidade, como busquei também compreender “a dinâmica relação das festas com as experiências dos homens e mulheres que as tornaram, em qualquer época e local, autênticas e concorridas”.⁹

Dessa forma, este trabalho se propõe a ver a festa carnavalesca como um espaço onde se exprimiam as negociações, os conflitos, os diálogos, as disputas entre os sujeitos sociais que se “digladiavam”, não só em torno dos sentidos e significados a serem dados a ela, mas também das práticas que a constituíram e dos códigos que a regeram, e que com isso estabeleciam assim as regras do que foi permitido ou mesmo excluído nos dias de folia da capital pernambucana. Sobre a possibilidade das festas enquanto lugar de construção histórica, a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha afirmou:

Através delas, poderá espiar uma rica miríade de práticas, linguagens e costumes, desvendar disputas em torno de seus limites e legitimidade, ou da atribuição de significados, e sentir as tensões latentes sob as formas lúdicas. Apurando o ouvido, será capaz de captar manifestações de dor, revolta, alegria, presentes nos dias de festa como nos dias comuns, e testemunhar reconciliações ou desentendimentos que, para o historiador, têm sempre um gosto único e inconfundível.¹⁰

Diante disso, procurei romper com as evidências de que o Carnaval no Recife já possuía um sentido em si próprio, de vê-lo como um fenômeno imutável e atemporal. Este trabalho pensou a festa como um acontecimento fruto do seu tempo e que foi analisado levando em consideração as práticas que o constituía como um importante momento na vida social. Para tanto, estive atento às múltiplas experiências construídas pelos foliões, ouviu os ecos dessa história e assim foi em busca de outras sonoridades, que falaram mais sobre o Carnaval do Recife e das relações sociais que se teceram no seu interior. E, com isso, construiu outros horizontes historiográficos em torno desse acontecimento.

⁸ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Op. Cit., 2011, p. 148.

⁹ ABREU, M. C. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 38.

¹⁰ CUNHA, M. C. P. Apresentação, In: _____. (Org.). *Carnavais e Outras Frestas. Ensaio de História Social da Cultura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002, p. 12.

Como afirmou a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, o Carnaval é um tema que traz para o campo da História impasses teóricos centrais, pois “faz repensar assertivas pouco questionadas sobre tradição ou semelhanças morfológicas e sobre o modo como se tecem o fio do tempo; questiona a crença nas qualidades particulares, inerentes a cada sociedade [...]”.¹¹ Assim, procurei pensar a festa momesca como “destituída da transcendência, da universalidade, de qualquer rótulo de historicidade que a naturalize ou mesmo a torne equivalente umas às outras independentemente das fronteiras geográficas, culturais e sociais”.¹²

Pela leitura dos jornais pude perceber que no Recife das décadas de 1970 e 1980, o Carnaval figurou como um elemento integrante daquilo que costumeiramente rotulou-se de cultura pernambucana. Os dias de folia recifenses foram conhecidos como uma festa marcada pelo aspecto do popular.¹³ Pousa sobre parte da historiografia a respeito do tema a concepção de que a popularidade é um elemento indissociável da festa carnavalesca local.¹⁴ No entanto, não busquei ver nesta festa "uma espécie de repositório da continuidade para o qual muitas imagens, metáforas e exercícios

¹¹ CUNHA, M. C. P. *Ecoss da Folia: uma história social do carnaval carioca (1880 – 1920)*. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 311.

¹² CUNHA, M. C. P. Op. Cit., 2002, p. 14.

¹³ O termo “popular” é extremamente controverso. Já foi utilizado com objetivos e contextos bastante variados, quase sempre envolvidos com juízos de valor, idealizações, homogeneizações e disputas teóricas e políticas. Cf. ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias, In: *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias*. Martha Abreu e Rachel Soihet (Orgs). 2. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. Sobre as problematizações em torno do termo popular e cultura popular, ver também: HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular, In: *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte/ Brasília: Ed.UFMG/UNESCO, 2003; CERTEAU, Michel. A beleza do morto, In: *A cultura no plural*. Campinas, Papius, 1995; CHARTIER, Roger. "Cultura Popular": um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p.179-192; REVEL, Jacques. Cultura Popular, usos e abusos de uma ferramenta historiográfica, In: *Proposições. Ensaios de História e Historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009; ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A Feira dos Mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste, 1920-1950)*. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2013; ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *O Morto Vestido para um Ato Inaugural: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular*. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

¹⁴ LIMA, Cláudia. *Evoé: história do carnaval. Das tradições mitológicas ao trio elétrico*. 2. ed. Recife: Raízes Brasileiras, 2001; MAIOR, Mário Souto & SILVA, Leonardo Dantas. (Orgs). *Antologia do Carnaval do Recife*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991; LAPENDA, Ana Lucia; BARRETO, José Ricardo Paes; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. *Banhistas do Pina: evolução de um bloco*. Recife: Avellar, 1994; SEBE, José Carlos. *Carnaval, carnavais*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1986; *CARTILHA do carnaval*. [Recife]: Prefeitura do Recife, 2008; *CARTILHA do carnaval*. [Recife]: Prefeitura do Recife, 2009; *CATÁLOGO de agremiações carnavalescas do Recife e região metropolitana*. [Recife] : Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco, 2009; TAVARES, Marileide; ARLÉGO, Edvaldo. *Ei, pessoal! vamos conhecer o Recife!*. 3. ed. Recife: Edificantes, 1997; TELES, José. *O frevo: rumo à modernidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008; LIMA, Claudia Maria de Assis Rocha. *Historia do carnaval: A maior folia do mundo*. 1. ed. Recife: Inojosa, 1996; LIMA, Claudia Maria de Assis Rocha. *Historia do carnaval: Viva Capiba no maior carnaval do mundo*. 1. ed. Recife: Inojosa, 1998.

morfológicos continuam sendo empreendidos".¹⁵ Em vez disso, compreendi que ela, enquanto palco de investigação, não pode ser esgotada em si mesma. Nesse sentido, não busquei enunciar o que foi o Carnaval do Recife, mas como ele foi representado e narrado pelos jornais ao longo das décadas de 1970 e 1980.

Pela pesquisa que fiz nos jornais, constatei que até os anos de 1960 o Carnaval do Recife era louvado pela crítica especializada por ser o mais popular do Brasil. Esse título era motivo de ostentação em muitas manchetes dos periódicos que circulavam pela Cidade Maurícia.¹⁶ Os folhetins descreviam o "tradicional Carnaval recifense" como uma festa que era vivenciada nas ruas, em que o público participava junto com as agremiações embaladas pelo som do frevo, sem distinção entre desfilantes e demais súditos de Momo. Era descrita nas reportagens como uma folia marcada pelas ideias de liberdade e espontaneidade. Além disso, haviam as concorridas festas promovidas pelos clubes sociais da cidade que, comumente, eram narradas como de relevante sucesso.

Entretanto, a partir da década de 1970 pude visualizar, em muitas matérias dos jornais, narrativas que chamavam atenção para o fato de que o Carnaval estava perdendo sua popularidade, algo tão louvado em outros anos.¹⁷ Diante disso, essas publicações alertavam que a folia momesca (tomavam por base o formato de festa descrito anteriormente) estava morrendo, e que as autoridades políticas municipais deveriam intervir para "resgatar" a grandiosidade de outrora dos dias de folia da capital pernambucana.

Diante disso, começam a ser discutidos nos periódicos quais os motivos para tal eventualidade. Um leque de questões passou a ser apontado como os possíveis "problemas" para os insucessos dos dias de folia. Estes iam desde a relação do Carnaval com o poder público (oficialização e dirigismo da festa), até as transformações ritualísticas e estéticas pelas quais as agremiações, e conseqüentemente a festa, passavam.

¹⁵ CUNHA, M. C. P. Op. Cit., 2002, p. 11.

¹⁶ Maurícia é um dos nomes pelo qual o Recife é conhecido. A atribuição do nome está associada ao período da ocupação holandesa, mais especificamente entre os anos de 1638-1654.

¹⁷ Nelson Ferreira: velhos carnavais (1), *Jornal da Cidade*, 12 a 18 de janeiro de 1975, p. 04. Nelson Ferreira: velhos carnavais (2), *Jornal da Cidade*, 19 a 25 de janeiro de 1975, p. 06. Em 75 um carnaval de música velha, *Jornal da Cidade*, 12 a 18 de janeiro de 1975, p. 07. Eis o nosso carnaval, *Jornal da Cidade*, 29 de dezembro de 1974 a 05 de janeiro de 1975, p. 07. Um carnaval em declínio, *Jornal da Cidade*, 09 a 15 de fevereiro de 1975, p. 04. Frevo cede terreno para samba, *Diario de Pernambuco*, 06 de dezembro de 1975, 1º caderno, p. 03; Frevo morre: amorfina-se o povo pernambucano? *Diario de Pernambuco*, 26 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 05; Estado atual do frevo, *Diario de Pernambuco*, 29 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 12.

É possível visualizar com essas questões muitos conflitos em torno da construção de um modelo de festa carnavalesca para o Recife. Muito mais do que consenso, havia as disputas, as lutas em torno do formato de folia que sairia "vencedor" nesse debate. Os contornos da folia momesca eram constantemente (re)vistos, (re)ordenados e (re)organizados por quem era responsável pela sua direção.

Em meio a essas discussões, a respeito dos rumos que os dias de Momo no Recife deveriam tomar, os representantes do poder público municipal determinaram em 1972 — por meio da Lei Nº. 10.537 — que os festejos carnavalescos deveriam ter um sentido turístico.¹⁸ Assim sua organização passou da Comissão Organizadora do Carnaval (COC) para a Comissão Promotora do Carnaval (CPC), esta última ligada a Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR). Um dos objetivos da proposta de passar a organização da festa para uma órgão de turismo, era para que o Carnaval pudesse ser vendido e consumido (não só dentro, como fora do Estado) e com isso atraísse foliões de outras localidades.¹⁹ Foi em meio a gestão do Carnaval pela EMETUR que a ideia de espetáculo²⁰ e as escolas de samba tornaram-se as "molas propulsoras" dessa festa.

Diante disso, as apresentações das agremiações na passarela e arquibancadas ganharam mais visibilidade, o controle do tempo de desfile dos grupos carnavalescos ficou mais rígido, houve uma maior preocupação com o visual (qualidade) das fantasias. Com isso, a festa passava por metamorfoses que (re)definiram seus sentidos. Foi o que destacou o Diário de Pernambuco de janeiro de 1980: “Durante o Carnaval espetáculo as agremiações se preocupavam muito mais com as fantasias do que as músicas, e isso enfraqueceu o frevo”.²¹

Pude acompanhar na leitura dos periódicos que os três itens mais criticados do Carnaval Espetáculo foram a passarela, as arquibancadas e as escolas de samba.

¹⁸ Lei 10.537 de 14 de março de 1972, sancionada pelo prefeito Augusto Lucena. Disponível em: www.legiscidade.recife.pe.gov.br Acesso em 02/04/2017.

¹⁹ De acordo com a historiadora Déborah Callender, nos anos de 1970, a política da Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur) estava voltada à divulgação das várias práticas culturais populares do Estado por meio de espetáculos públicos promovidos em diversos espaços de lazer da cidade. CALLENDER, D. G. *Quem deu a ciranda a Lia: a história das mil e uma lias da Ciranda (1960 – 1980)*. Recife, UFPE: Dissertação (Mestrado em História), 2011, p. 83. É importante perceber nessas palavras que essa estratégia de política pública de cultura - pautada no incentivo, promoção e divulgação de práticas da cultura popular -, estava presente em outras localidades do Estado e não apenas na capital pernambucana.

²⁰ Em sua totalidade, o espetáculo está sob todas as suas formas de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, constituindo-se simultaneamente no resultado e no projeto do modo de produção existente. Para Guy Debord o espetáculo é constituído por uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. Cf. DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

²¹ Recifense crer na volta do carnaval participação. *Diário de Pernambuco*, 03 de janeiro de 1980, p. A13.

Segundo as matérias dos jornais, os defensores (representantes de agremiações, jornalistas, memorialistas e outros intelectuais) do tradicionalismo histórico da festa carnavalesca recifense²² acusavam a passarela de separar o público brincante do espectador; as arquibancadas de tornarem os foliões em meros observadores, pois retirava dos súditos de Momo o direito de participarem diretamente da festa, restando-lhes assim apenas a observação; e as escolas de samba de serem meras cópias do festejo carioca, que em nada tinham a ver com a tradição local.

Em oposição ao formato do Carnaval Espetáculo esses sujeitos propunham a (re)criação de uma "nova" festa carnavalesca que dialogasse mais com o entendimento que tinha de Participação popular. Ao ler os jornais pude visualizar que o "novo" modelo de folia desejado, era um festejo marcado pelo som do frevo e dos maracatus, onde o público pudesse brincar sem distinção entre os desfilantes das agremiações e os demais súditos de Momo. No limiar desse cenário emergiu nos jornais um debate dos mais relevantes em torno de um modelo de festa carnavalesca para o Recife. O Carnaval deveria ser pautado sobre a lógica do Espetáculo ou da Participação?

Para os defensores da ideia de participação, o Carnaval deveria ser a festa da liberdade e da espontaneidade, em que os foliões poderiam brincar alegremente, sem separação entre público brincante e espectador.²³ Os causídicos desse formato entendiam que a folia momesca deveria ser vivenciada e praticada nas ruas, num incentivo ao "tradicional" Carnaval de rua, em detrimento de uma festa que era feita na passarela com os súditos de Momo que "apenas" observavam o festejo das arquibancadas.

Os discursos em torno do "Carnaval Participação" - que emergiu no Recife no início dos anos de 1980 - foram sendo preparados ao longo de toda a década de 1970.²⁴ Os discursos favoráveis à ideia de "Participação" buscaram construir o entendimento de

²² Entendo por "Tradicionalismo histórico da festa carnavalesca recifense" um formato de Carnaval que tenha por base o desfile de agremiações pelas ruas, marcado pelo ritmo do frevo em primeiro plano e pelos maracatus em segundo lugar.

²³ Cf. SILVA, Leonardo Dantas. Elementos para a História Social do Carnaval do Recife, In: *Antologia do Carnaval do Recife*. Mário Souto Maior e Leonardo Dantas Silva. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991.

²⁴ Sobre isso ver: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e a África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular - (1960 - 1990)*. Tese (Doutorado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Batalhas para além de confetes e serpentinas - A espetacularização no carnaval pernambucano e nos maracatus-nação, In: GUILLEN, Isabel C. M.; SILVA, A. N. *Tempos de Folia - Estudos sobre o Carnaval no Recife*. Recife: Massangana, 2017. (prelo); LIMA, Ivaldo Marciano de França. Batalhas para além de confetes e serpentinas: a espetacularização no carnaval pernambucano e nos maracatus-nação. *Dimensões: Revista de História da UFES*, p. 214-242, 2016.

que a implementação desse modelo de folia momesca (re)estabeleceria um claro diálogo com as práticas de Momo que foram vivenciadas em outrora na capital pernambucana. Dito de outra forma, introduzir o que nomeavam de "Carnaval Participação" na cidade do Recife era (re)viver os dias gordos de outros tempos. E, para seus defensores, o sentido do "verdadeiro" Carnaval, de fato, residia num passado anterior a emergência do Carnaval Espetáculo.

Na esteira desse debate, em 1979, por meio da Lei Municipal Nº 13.535,²⁵ foi criada a Fundação de Cultura Cidade do Recife (FCCR), instituição responsável por organizar a folia e com o objetivo de "recuperar" os festejos de Momo, acusados por diversos intelectuais²⁶ e integrantes de agremiações carnavalescas de estarem se descaracterizando, perdendo sua popularidade. Para tanto, os representantes do referido órgão municipal buscaram (re)estabelecer as bases do que seria o "Carnaval Participação", que fora vivenciado e praticado no início da década de 1980 na capital pernambucana. Essa festa seria o retorno ao passado, tanto que, segundo o Diário de Pernambuco, o primeiro slogan da FCCR como organizadora da festa foi "nada de novo, tudo denovo! (sic)".²⁷

Além desses dois formatos de festa, visualizei na leitura dos jornais, outro modelo de Carnaval que emergiu na capital pernambucana ao longo dos anos de 1980. Tratou-se da pândega realizada da praia da Boa Viagem. Uma festa descrita pelos periódicos com ares de modernidade e que era a preferida da juventude recifense. E um dos motivos do seu sucesso foi a presença marcante dos trios elétricos e do ritmo da axé-music²⁸ neste lócus de folia. Concomitantemente, ao seu sucesso essa pândega também recebeu críticas, pois suas peculiaridades foram associadas ao Carnaval baiano.

²⁵ Lei 15.535, de 26 de abril de 1979, sancionada pelo prefeito Gustavo Krause. Disponível em: www.legiscidade.recife.pe.gov.br Acesso em 12/04/2017.

²⁶ Utilizo a expressão "intelectual" para definir o grupo de indivíduos que concebia o conjunto das tradições carnavalescas recifenses como algo rígido, fixo e atemporal. Sujeitos que compreendiam a tradição como algo imutável e estanque. Para esses agentes sociais, a cultura carnavalesca do Recife só podia ser representada por frevo, maracatu e caboclinhos. Qualquer outra manifestação era entendida como desvirtuadora, inautêntica e impura ante a verdadeira cultura local. Sobre um debate mais acurado em torno do conceito de intelectual ver, entre outros trabalhos: BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, 1997; SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005; SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Tradução de Sérgio Alcides. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006; ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales: Notas de investigación sobre una tribu inquieta*. 1ª. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2013.

²⁷ Frase atribuída a Vicente do Rego Monteiro, citado em: SILVA, Leonardo Dantas. Elementos para a História Social do Carnaval do Recife, In: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas. *Antologia do carnaval do Recife*. Recife: Massangana / Fundaj, 1991, p. LXXXVIII.

²⁸ "[...] podemos tomar a axé music como uma criação híbrida do Carnaval afro-elétrico baiano, cuja formatação mercantil, em termos de uma lógica de indústria cultural, tem origem na configuração techno-

Os jornais pesquisados neste trabalho foram os seguintes: Diário de Pernambuco, Diário da Manhã, Diário da Noite, Diário Oficial do Município, Jornal do Commercio e Suplemento Cultural. Esses periódicos, no transcorrer do recorte temporal proposto (1970-1990), tiveram posicionamentos variados. Não só porque em alguns momentos buscaram uma postura de alinhar-se com o discurso oficial da Prefeitura sobre o Carnaval, mas também porque não havia uma uniformidade da posição dos jornalistas. Por meio das leituras realizadas, pude visualizar que num mesmo jornal foi possível encontrar matérias tanto a favor das medidas implantadas pelo órgão responsável da organização do festejo, como contrárias a elas.

O Diário Oficial foi muito importante nesse processo. Ele representou o discurso que a Prefeitura desejou imprimir ao Carnaval. E, dentro dessa questão, pude visualizar, ao longo da pesquisa, que tanto o Diário de Pernambuco como o Diário da Manhã chegaram a reproduzir a mesma matéria, com o texto na íntegra, que anteriormente havia sido publicada no periódico oficial do município. Nesse sentido, afirmo que tanto o Diário de Pernambuco como o Diário da Manhã estiveram mais próximos das narrativas que o poder público municipal buscou imprimir ao festejo carnavalesco.

As publicações do Jornal do Commercio e Diário da Noite eram do mesmo grupo editorial, comumente produziam matérias mais contrárias às determinações municipais. O Diário da Noite tinha um tom mais jocoso, apresentavam as questões numa narrativa mais suave e com uma linguagem mais "popular". Já o Jornal do Commercio se coadunava mais com o tom sério do jornalismo, eram publicados editoriais e matérias que demonstravam a opinião de importantes sujeitos da cena cultural recifense sobre os dias momescos.

O Suplemento Cultural é uma publicação mensal do Diário Oficial do Estado de Pernambuco. Iniciou sua circulação em 1986, destacando as mais variadas questões da cena cultural local. A publicação é composta de diversas seções que envolviam os temas da arte, da literatura, da música e da cultura pernambucana. Possuía também entrevistas e resenhas. Comumente seus números traziam a opinião de escritores, jornalistas, poetas, críticos literários sobre os mais diversos temas do campo da cultura.

Além dos jornais utilizei também as leis municipais. Essa documentação foi posta pelo poder público com o objetivo de (re)organizar os festejos momescos ao longo do

empresarial que se desenvolveu imbricada a festa". MIGUEZ, Paulo. *A organização da cultura na cidade da Bahia*. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002, p. 290.

recorte temporal (1970-1990) proposto para este trabalho. Essas leis foram problematizadas de acordo com a temporalidade, com as relações de poder e com as redes de sustentação de sua criação.²⁹ Levou-se em consideração que suas determinações nem sempre foram seguidas em sua integridade e que com isso abriam espaço para que os homens e as mulheres que faziam as agremiações carnavalescas, ou mesmo que só vivenciavam a festa, (re)adaptassem, (re)criassem e (re)significassem as medidas que buscavam lhes disciplinar e (re)ordenar o Carnaval da cidade.

Entendo essas leis como uma tentativa do poder público municipal de intervenção na festa carnavalesca, visando com isso a criação de uma política pública de cultura para o Recife. Percebo que a municipalidade, por meio dos seus órgãos, visava disciplinar, (re)ordenar e (re)definir os contornos do Carnaval local. Objetivava com isso a criação, promoção e divulgação de uma identidade cultural para a capital pernambucana.

A cultura é um campo por onde perpassam interesses dos mais variados, sejam eles dos intelectuais, das instituições, do Estado ou mesmo dos mais diversos grupos sociais. Entretanto, quando se pensa numa definição do que seria uma política pública de cultura, essa deve ser indissociável de algo que possa preservar as identidades, principalmente, as locais.³⁰ Espera-se que o Estado crie condições para que a cultura possa se afirmar como um território por onde se afirmem e reafirmem as identidades particulares, em contraposição à força da indústria cultural ou qualquer outro grupo que vise desvanecer as diferenças.³¹ O historiador Philippe Urfalino, ao analisar a história da política cultural na França, discorreu:

[...] o <<cultural>> identifica-se com o <<conjunto das representações produzidas e consumidas por um grupo social>> e, como tal, distinto do econômico; a política cultural assemelha-se à <<cultura de Estado>>, sejam quais forem os seus iniciadores - Estado, municípios ou associações; <<cultura de Estado>> oposta a <<Cultura vivida>>.³²

²⁹ Ao longo do recorte temporal (1970-1990) desse trabalho duas leis foram propostas pelo poder público municipal, visando reordenar a folia de Momo. A primeira delas data de 1972, refiro-me a Lei Municipal nº 10.537 que passou a organização do festejo momesco para a Comissão Promotora do Carnaval (CPC), ligada a Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR). E a segunda Lei Municipal foi a 15.535 de 1979, que instituiu a Fundação de Cultura Cidade do Recife (FCCR). Essas leis podem ser consultadas no site da Prefeitura do Recife. www.legiscidade.recife.pe.gov.br Acesso em 12/04/2017.

³⁰ DURAND, José Carlos. Cultura como objeto de política pública. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n.2, p. 66-72, 2001, pp. 67-68.

³¹ DURAND, José Carlos. Profissionalizar a administração da cultura. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 36, n.2, p. 6-11, 1994.

³² URFALINO, Philippe. A História da Política Cultural, In: Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 297.

Como afirmei anteriormente, as intervenções do poder público municipal na área cultural são pensadas nesse trabalho como política pública de Cultura. Foi por meio desse campo que o Estado ou seus órgãos representativos buscaram disciplinar, (re)ordenar e (re)definir as mais variadas manifestações da esfera cultural. No caso do Recife ao longo das décadas de 1970 e 1980, o Carnaval apresentou-se com um espaço privilegiado por onde foi possível perceber a atuação das políticas públicas de cultura. Por meio dessa festa, o poder público municipal buscou criar mecanismos que possibilitassem a construção de uma política de identidade e alteridade para a cidade e seus habitantes. Em torno da folia momesca foram estabelecidas relações que a elevaram a condição de símbolo de identificação local, de pertencimento de um povo.

Como venho destacando ao leitor e a leitora, as discussões sobre um formato de festa carnavalesca e de política pública de cultura para o Recife geraram importante debate nos jornais. Sobre isso, os periódicos destacaram a opinião de jornalistas, folcloristas, memorialistas e integrantes das agremiações carnavalescas sobre os temas que circundavam essas disputas. Para acompanhar esse processo, fiz um levantamento cuidadoso nos jornais que circulavam na capital pernambucana entre os anos de 1970 e 1990, lendo os meses de janeiro a março.

Por meio da análise das matérias dos jornais e das leis municipais, não busquei encontrar uma verdade, nem as explicações que possam fornecer. Não foi minha proposta revelar o que elas continham de verdadeiro, mas rastrear a sua elaboração, os seus recortes, as suas ordenações, suas ligações e seus pertencimentos. Compartilho com o filósofo Michel Foucault, quando este afirmou que “o documento, pois, não é mais para a História, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram [...] ela procura definir no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações”.³³ Sobre a desconstrução necessária no uso dos documentos pelos historiadores, Durval Muniz de Albuquerque Júnior alertou:

Os objetos e as marcas deixadas pelo passado não traziam em si mesmos seu sentido, o passado não era o documento, nem os vestígios deixados, mas a compreensão da trama histórica em que estavam envolvidos, só possível com um saber histórico e uma erudição previamente adquirida.³⁴

³³ FOUCAULT, Michel, *Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 8.

³⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 53-54.

Nesse sentido, o trabalho com a documentação comumente tem exigido dos historiadores uma disposição considerável para transitar entre as mais diferentes disciplinas e "abusar" da imaginação histórica, para que assim possam lidar com os indícios que nem sempre estão presentes, seja na documentação escrita, seja nos relatos de memória e, com isso, proporcionar à prática da História questões de fôlego mais amplo.

Tenho consciência da imprecisão apresentada pela documentação, principalmente porque a "verdade" e a "evidência do real" parecem dadas, apresentando-se como armadilhas de sentidos e, especificamente no trabalho com os jornais, isto não foi diferente, pois nestes “[...] os acontecimentos são diariamente costurados, descosturados, e formam diversos nós, em que o suceder temporal é apresentado ou representado como evidência real”.³⁵

Na atividade de pesquisa com os jornais, observei como estes destacavam que o Carnaval modificava a vida das pessoas, do comércio e da própria cidade do Recife. Vi que os periódicos noticiavam com certa frequência que os mais variados aspectos da vida social eram alterados em virtude dos festejos momescos. Segundo a narrativa dos jornais, havia toda uma preparação da cidade para receber os dias festivos consagrados a Momo. Sobre a relação dos jornais com a vida cotidiana da cidade, a historiadora Maria Helena Rolim Capelato afirmou:

[...] a imprensa oferece amplas possibilidades para o estudo da história porque nela fica registrada a vida cotidiana de uma sociedade em seus múltiplos aspectos, o que permite ao historiador compreender como viveram os indivíduos de outras épocas, não só os “ilustres”, mas também os sujeitos anônimos.³⁶

Sei que as matérias dos jornais não representam o passado em si, mas vestígios dele. Essa documentação é repleta de sentidos e guarda as marcas daqueles que a produziram, que a colocaram em evidência, pois “nenhum objeto tem movimento na

³⁵ MONTENEGRO, A. T. Desassossego das Travessias, In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 5. Nº 58. Julho de 2010, p. 98.

³⁶ CAPELATO, M. H. R. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: Mariana Villaça; Maria Ligia Coelho Prado (orgs.). (Org.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. 1ed. São Paulo: Humanitas, 2015, v. 1, p. 115.

sociedade humana exceto pela significação que os homens lhe atribuem, e são as questões que condicionam os objetos e não o oposto”.³⁷

O material jornalístico deve ser interpretado como o desdobramento de uma montagem, seja ela consciente ou mesmo inconsciente, produzida pela e numa sociedade específica. Os resultados dessa produção dialogaram com as condições e as relações de poder que estavam em jogo naquela temporalidade. Sobre o fascínio de trabalhar com essa documentação na construção da narrativa histórica, a historiadora Maria Helena Rolim Capelato salientou:

Ler a história por meio dos jornais é fascinante porque, em cada página, nos deparamos com aspectos significativos da vida de nossos antepassados, seus usos e costumes. O jornal [...] é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas, e meio de expressão de ideias e depósito de cultura.³⁸

Enquanto objeto e fonte histórica, o jornal deve ser analisado de forma crítica, seu conteúdo deve passar por uma desconstrução. Diante disso, devem-se considerar as circunstâncias históricas em que foram feitas as análises sobre o material jornalístico, os interesses em jogo, as relações de poder estabelecidas e os artifícios utilizados por quem os produzia.

Na esteira do processo de metamorfose da festa carnavalesca do Recife, ao investigar a documentação, interpretei três formatos diferentes de folia ao longo do recorte temporal proposto para este trabalho (1970-1990). E foi diante dessas questões que procurei organizar a estrutura dos capítulos dessa tese.

No primeiro capítulo é intitulado "*A Emergência do Carnaval Espetáculo do Recife: debates e críticas em torno de uma festa (1972-1979)*". Nele busquei problematizar as similaridades e as diferenças em torno dos sentidos atribuídos à festa carnavalesca local. Evidenciei os posicionamentos de diferentes jornalistas sobre o festejo e, com esta ação, busquei demonstrar ao leitor e à leitora o que estava em jogo naquele cenário de disputas. Nessa parte do trabalho rastreei também como as matérias dos jornais e a historiografia sobre a festa carnavalesca local apresentaram as relações construídas entre o poder público municipal e o Carnaval. Dito de outra forma, busquei

³⁷ SCHUWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação, In: BLOCH, Marc. *Apologia da História: O Ofício do Historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 08.

³⁸ CAPELATO, M. H. R. Op. Cit., 2015, v. 1, p. 115.

demonstrar como foram fabricadas as relações de controle do Estado sobre a folia de Momo.

Nesta parte do trabalho busquei também analisar os contornos da festa nomeada pelos jornais de "Carnaval Espetáculo". Segundo as reportagens, esse formato de pândega consistia numa folia marcada pelo concurso de agremiações, que disputavam o título de campeã do festejo se apresentando na passarela diante de arquibancadas lotadas de foliões. Essa festa era acusada por intelectuais, defensores da tradição, de macular a legítima folia momesca recifense numa cópia da pândega carioca em virtude do destaque que as escolas de samba provocavam. Em meio a esses conflitos, políticas públicas foram criadas para intervir na festa que fora praticada e vivenciada na capital pernambucana ao longo da década de 1970.

"A Fundação de Cultura do Recife e o Carnaval Participação: experiências e expectativas de uma festa (1980-1983)": este é o título do segundo capítulo da tese. O que se objetivou aqui foi narrar e problematizar o que as matérias dos jornais nomeavam de "Carnaval Participação". Essa foi a festa promovida pela Fundação de Cultura – órgão municipal responsável pela organização da folia de Momo ao longo dos anos de 1980 –, nela as agremiações desfilavam pelas ruas do Recife, sem distinção entre o público brincante e o expectador. Nesta folia, a passarela foi modificada e as arquibancadas foram retiradas. As reportagens dos jornais destacavam que essa foi a festa louvada pela crítica, por ser apontada como o revigoramento do Carnaval de rua e da valorização do frevo.

O terceiro formato de pândega ocorreu na praia da Boa Viagem e foi tema do terceiro capítulo da tese. Nomeada de *"O Carnaval de Boa Viagem: a baianização da festa? (1979-1990)"*, essa parte do trabalho destacou os conflitos em torno de uma folia que, segundo as matérias dos jornais, foi marcada pela presença dos trios elétricos e da *"axé music"*. A festa que ocorria na praia da Boa Viagem foi acusada pelos intelectuais, defensores da tradição, de uma tentativa de "baianizar" o Carnaval do Recife. Os sujeitos que se colocavam como contrários à presença dessa festa, a acusavam de desprestigiar o frevo, entendido por parcela da intelectualidade como ritmo legítimo da terra, em nome de uma cultura externa, ou seja, os símbolos do Carnaval baiano.

"Fazendo mesura na ponta dos pés", frase que dá título a tese, é improvisação de parte do frevo canção "Bom Demais", letra da autoria do compositor J. Michiles e consagrada na voz do cantor Alceu Valença. Mesura quer dizer "reverência", "cumprimento cerimonioso", e pode ser entendido como as reverências a Momo que

seus súditos fizeram nos Carnavais das décadas de 1970 e 1980. Reverências que os servos do deus da galhofa perpetraram, seja em ritmo de samba, de frevo ou mesmo da axé-music. E como continua a letra da música, "Eu tenho mais que tá nessa, fazendo medida na ponta do pé, [...] Ninguém me segura, Vem ver como é".³⁹

³⁹ Frevo canção "Bom Demais", da autoria do compositor J. Michiles.

CAPÍTULO 1

2. A EMERGÊNCIA DO CARNAVAL ESPETÁCULO DO RECIFE: críticas e debates em torno de uma festa

Busquei trabalhar no título a palavra "emergência", pois acredito que as práticas culturais⁴⁰ não possuíram, ao longo do tempo, uma única definição. Não há, no processo histórico, um momento em que ocorreu a "essência exata da coisa", em que seria possível recuperar a sua mais pura possibilidade. Em vez disso, defendi que as coisas/as práticas foram, aos poucos, sendo modificadas e transformadas no interior de uma representação.⁴¹ Diante disso, emerge a importância da História como a ciência que analisa as relações dos homens no tempo.⁴² Nesse sentido, a palavra emergência foi empregada com o objetivo de deixar claro que o aparecimento das narrativas e das práticas em torno das definições do que foi o "Carnaval Espetáculo" devem ser associadas aos desdobramentos do jogo das forças de um determinado momento histórico.

A concepção de emergência pode ser compreendida como a entrada em cena das forças que confluíram para que o modelo de "Carnaval Espetáculo" pudesse ser introduzido no Recife. Ninguém pode se glorificar como o deflagrador, como o

⁴⁰ As Práticas Culturais foram assim definidas por Michel de Certeau, “como uma combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluída, de elementos cotidianos concretos ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passado por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia-a-dia através dos comportamentos que traduzem, em uma visibilidade social, fragmentos desse dispositivo cultural. Tais ações são decisivas para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente”. CERTEAU, M. de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano, 2: morar, cozinhar*. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p.39-40

⁴¹ A forma como entendo as representações toma por base as formulações propostas pelo historiador Roger Chartier, que afirmou: “As Representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas”. E continua: “As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes”. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. Ed. Lisboa: Difel, p. 17, 2002. Sobre o conceito de representação, a historiadora Sandra Jatahy Pesavento discorreu: "As representações são a presentificação de uma ausência, em que representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento. [...] Ela é, em síntese, um 'estar no lugar de'. Com isso, a representação é um conceito que se caracteriza por sua ambiguidade, de ser e não ser a coisa representada [...]". PESAVENTO, S. J. *História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo* (Introdução), in: PESAVENTO, S. J.; SANTOS, N. M. W.; ROSSINI, M. S. *Narrativas, Imagens e Práticas Sociais - Percursos em História Cultural*. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008, p. 12-13.

⁴² BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 54.

responsável por esse processo. Assim, meu objetivo ao utilizar a palavra emergência foi deixar claro que não busquei encontrar a origem das coisas, mas sim rastrear ao longo do tempo, por meio das narrativas dos jornais, as enunciações que defendiam uma folia de Momo associada à ideia de "Espetáculo".

Neste primeiro capítulo, o período escolhido para a escrita foram os Carnavais dos anos de 1972 e 1979, momento no qual interpretei a existência de uma tensão cultural em torno da folia momesca do Recife. Assim, busquei investigar nos escritos jornalísticos o cenário constituído para que tal processo pudesse emergir. Ao evidenciar esses conflitos, busquei não só trazer à tona o posicionamento de diversos sujeitos sobre essas questões, mas também as representações que construíram sobre a capital pernambucana.

Ao ler os jornais desse recorte temporal, interpretei claramente a força de um discurso em que o Carnaval do Recife precisava de mudanças. E que essas modificações passavam, fundamentalmente, pela retirada da passarela e das arquibancadas e a diminuição da força das escolas de samba na cidade, pois estes eram os principais signos⁴³ de um modelo de festa carnavalesca denominado nos jornais de "Carnaval Espetáculo".

Os críticos do "Carnaval Espetáculo" viam nele uma cópia dos festejos momescos que eram realizados pelos cariocas e não concordavam com a ideia de que a festa no Recife se colocasse como reduto dos dias de Momo do Rio de Janeiro. Ao contrário disso, defendiam que o Carnaval recifense possuía uma peculiaridade, elementos e práticas que o definiam com conotações próprias que o diferenciava das demais festas pelo Brasil. E que esse Carnaval deveria ser pautado em cima dos clubes de frevos, dos maracatus e dos caboclinhos, que deveriam se apresentar pelas ruas de forma espontânea e livre. Segundo o posicionamento desses críticos, esse era o formato de festa a ser incentivado e não escolas de samba e desfiles na passarela como estavam ocorrendo naqueles anos.

Como solução para se resolver o problema dessa tensão cultural que se apresentava em torno do Carnaval da cidade, propôs-se a volta das práticas que representavam o chamado "Carnaval Participação". Assim, em meio a essas disputas, a Fundação de Cultura Cidade do Recife (FCCR) foi criada em abril de 1979 com o

⁴³ Entendo signo a partir das fabricações formuladas por Gilles Deleuze. Para quem signo é "[...] o que se poderia chamar de ideias são essas instâncias que se efetuam ora nas imagens, ora nas funções, ora nos conceitos. O que efetua a ideia é o signo.". DELEUZE, Gilles. *Conversações - 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 83.

objetivo de "recuperar" o Carnaval recifense que estava sendo acusado de "descaracterização".

Analisar esse processo é compreender quais as estratégias criadas pelos poderes públicos para normatizar e (re)ordenar a festa carnavalesca à imagem que desejavam. Evidentemente os desdobramentos desse acontecimento nem sempre corresponderam aos anseios dos grupos dominantes.

Início o capítulo com o tópico *Sentidos e Significados de uma festa* (2.1). Nele evidenciei o significado de uma festa carnavalesca intimamente associada à imagem do que é "ser pernambucano". A relação festa/cidade/povo foi uma constante nas matérias dos jornais analisados. Assim, para evidenciar essa questão, destaquei os escritos dos jornalistas Clóvis Menezes e Leonardo Dantas Silva, entre outros.

O item 2.2, nomeado de *Carnaval do Recife: organização, normas e desvios*, foi uma cartografia historiográfica das tentativas de normatização da festa carnavalesca. Evidencia-se o panorama de organização do festejo anterior à chegada da Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR) como órgão responsável pela folia de Momo, bem como também busquei dar visibilidade às principais questões que estavam em debate para a emergência do formato de festa momesca nomeado de "Carnaval Espetáculo".

O tópico 2.3 foi intitulado *Os Carnavais da Prefeitura*. Nele, narrei os principais acontecimentos que permitiram a emergência desse órgão como organizador da festa carnavalesca. Busquei tornar inteligíveis as estratégias de seus representantes na construção do "Carnaval Espetáculo". Por meio da leitura dos jornais pude rastrear os principais elementos que compunham o chamado "Carnaval Espetáculo" do Recife.

O tópico seguinte, 2.4, foi nomeado de *Escolas de Samba: a marca do Carnaval Espetáculo*. Nesse item, apresentei ao leitor e à leitora os conflitos em torno da emergência das escolas de samba no Recife e o cenário de crítica intelectual que estavam inseridas. Busquei também estabelecer relações entre a lógica do espetáculo e o desfile dessas práticas culturais. Demonstrei como, por meio da estrutura de desfile das escolas, foram sendo compostas as bases para o chamado "Carnaval Espetáculo" do Recife.

O último tópico do capítulo, 2.5, *O Recife em tempos de transição política e participação carnavalesca*, foi mais uma tentativa de dar visibilidade às relações entre Política e Cultura no Recife. Assim, busquei evidenciar como as ações em torno do Carnaval estavam intimamente relacionadas ao grupo que ascendeu ao poder na cena

política municipal nesse período de redemocratização. Para a construção dos entendimentos sobre esse tópico, busquei narrar, a partir dos jornais, os festejos momescos de 1979 – último ano em que a EMETUR organizou a festa –, pois acredito que por meio dele pude evidenciar melhor a tensão cultural em torno do Carnaval do Recife. Em seguida, foram apresentadas as principais questões para a emergência da Fundação de Cultura Cidade do Recife, que a partir de 1980 passou a ser a instituição organizadora da folia de Momo.

Utilizo basicamente, nesse capítulo, matérias de jornais que circulavam pela capital pernambucana entre 1972 e 1979 e as Leis Municipais que buscaram reger o Carnaval da cidade. Ao escolher "apenas" esses anos dentro de um recorte temporal maior – embora em algumas passagens recorra a exemplos posteriores e anteriores –, objetivei centrar meu olhar no que a imprensa escrita selecionou e determinou para figurar como representativo desse importante debate a respeito dos dias momescos recifenses.

Assim, espero ter deixado claro ao leitor e à leitora os motivos que me levaram a escolher esses temas como objetos para a narrativa histórica deste capítulo. E, como não poderia deixar de ser, convido o leitor e a leitora a caminhar comigo por essas trilhas, embalados ora pelo som do frevo, ora pelo batuque do samba. Apesar de em alguns momentos a narrativa evidenciar conflitos, tensões e disputas, ela também se mostra muito saborosa, regada ao sabor da História! Vamos, embarque comigo nesse bonde, afinal "agora" vai começar a festa! É Carnaval!

2.1 Sentidos e significados de uma festa

*É lindo ver o dia amanhecer,
ouvir ao longe pastorinhas mil,
dizendo bem, que o Recife tem,
o carnaval melhor do meu Brasil.⁴⁴*

Em 28 de fevereiro de 1979, o jornal *Diário da Manhã* trazia a manchete *Carnaval do Recife: o melhor do mundo*. Nela, o colunista Clóvis Menezes destacava a força e a pujança que a festa exercia sobre os pernambucanos, salientou os preparativos e a grande expectativa para os dias de Momo que seriam vividos naquele ano. O

⁴⁴ Trecho do frevo-de-bloco *Último regresso* de autoria de Getúlio Cavalcanti. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/getulio-cavalcanti/1631772/> Acesso em 23/12/2015

jornalista, aparentemente empolgado com a folia, foi extremamente enfático ao afirmar que "os dias gordos" representavam muito mais do que uma "simples" festa:

Para o pernambucano Carnaval é muito mais do que isto é a sua própria vida. Ele passa 1 ano inteiro sofrendo, lutando; trabalhando mas quando chega os três dias de momo "pernas pro ar que ninguém é de ferro". E é com este pensamento que hoje, o folião se embেbede nestes dias.⁴⁵

Ao afirmar que o "Carnaval é a própria vida do pernambucano", o colunista busca dar à festa um aspecto identitário aos habitantes desse estado, o que pode ser interpretado como uma tentativa de tradução dos significados e dos valores contidos nos dias gordos para parcela da sociedade pernambucana, não levando em consideração que o Carnaval é um acontecimento polissêmico e que pode significar coisas diferentes para diferentes pessoas.⁴⁶

Se a festa era evidentemente marcada pela heterogeneidade dos foliões que saudavam Momo pelas ruas, becos e vielas da capital pernambucana, logicamente esses diversos sujeitos poderiam construir sobre ela visões variadas: "Se todos brincavam a mesma festa, certamente construíam para ela significados radicalmente diferentes".⁴⁷

Esses sentidos universalizantes construídos para o Carnaval, algo presente em alguns dos escritos jornalísticos encontrados na pesquisa, são claros exemplos de discursos que, tomados "ao pé da letra", impedem a possibilidade de construção de visões diferentes sobre o festejo pelos diversos foliões que eram mais propriamente os sujeitos da festa. Entretanto, não posso deixar de levar em consideração para quem o jornalista Clóvis Menezes escrevia e os objetivos que tinha ao enunciar tal discurso. Provavelmente, o público que lia sua coluna no jornal *Diário da Manhã* deveria ter concepções semelhantes às suas sobre o festejo carnavalesco.

De modo geral, na leitura dos jornais, pude compreender que em muitos momentos o significado do Carnaval apareceu de forma bem óbvia. Carnaval é festa, é brincadeira, é feriado, são dias de alegria e, para alguns, extravasamento. Diante disso,

⁴⁵ Carnaval do Recife: o melhor do mundo (Coluna do Clóvis Menezes). *Diário da Manhã*, 28 de fevereiro de 1979, p. 02.

⁴⁶ Ao analisar o Carnaval durante a Idade Moderna, o historiador Peter Burke constatou que a festa carnavalesca era um acontecimento polissêmico. Para saber mais, ver: BURKE, Peter. *A Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 260.

⁴⁷ PEREIRA, L. A. M. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2.ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 29.

seus significados dispensariam qualquer tentativa de explicação ou mesmo justificativas. Mesmo numa temporalidade diferente da abordada neste trabalho, a historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo, ao analisar o Carnaval do Recife, deparou-se com definições bastantes universalizantes sobre o festejo:⁴⁸

[...] o Carnaval é comumente definido como a festa da confraternização universal, a festa da democracia social e racial, que une e iguala a todos: brancos e pretos, ricos e pobres. Esta pressuposta universalidade da festa, capaz de destruir as diferenças e desigualdades culturais internas, de unificá-las e de promover a integração social, possibilitou sua conversão em símbolo de identidade.⁴⁹

Entretanto, a referida historiadora teceu críticas a essas definições que buscaram naturalizar a folia momesca como a festa da confraternização social. Em vez disto, propôs que se possa "compreender o processo histórico de formação do conceito e da própria festa enquanto manifestação cultural específica e particularizada"⁵⁰ para que assim possa enunciar as relações que o festejo momesco estabeleceu com seu tempo histórico e com as determinações básicas da sociedade.⁵¹

Outra matéria versava sobre os sentidos e significados do Carnaval do Recife, desta vez publicada em 29 de janeiro de 1978 pelo Diário de Pernambuco. Nessa publicação, o jornalista Leonardo Dantas Silva⁵² afirmava expor as ideias do folclorista Luís da Câmara Cascudo⁵³ a respeito da folia momesca recifense, destacou o festejo local como uma festa de forte participação popular.

⁴⁸ O recorte temporal proposto para o trabalho da historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo foi de 1822 a 1914. ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: Máscaras do Tempo. Entrudo, Mascarada e Frevo no Carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.

⁴⁹ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: Máscaras do Tempo. Entrudo, Mascarada e Frevo no Carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996, p. 19.

⁵⁰ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit., 1996, p. 21.

⁵¹ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit., 1996, p. 23.

⁵² Leonardo Antônio Dantas Silva nasceu em 1945, no Recife-PE. Formou-se em Direito, mas desde cedo dedicou-se ao jornalismo trabalhando no Jornal do Commercio e no Diário de Pernambuco. É um dos mais importantes memorialistas sobre o carnaval do Recife. Escreveu várias obras sobre a história da capital pernambucana, entre elas *Recife: uma história de quatro séculos*. Recife: Prefeitura do Recife - SEC, 1975; *O frevo pernambucano*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana. Centro de Estudos Folclóricos, 1990; *Carnaval do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000. Junto com Mário Souto Maior organizou o livro *Antologia do Carnaval*. SOUTO MAIOR, Mário; SILVA, Leonardo Dantas. *Antologia do carnaval do Recife*. Recife: Massangana, 1991.

⁵³ Luis da Câmara Cascudo foi um escritor e folclorista brasileiro, nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte, em 30 de dezembro de 1898 e faleceu em 30 de julho de 1986. Tem uma vasta produção na área do folclore. Escreveu sobre os mais variados assuntos, com destaque para etnografia, geografia e história.

Para Luís da Câmara Cascudo, o maior folclorista vivo deste país-continente, "O Carnaval dos salões e dos ranchos, **das escolas de samba no Rio de Janeiro não é o Carnaval do Recife, o Carnaval da participação coletiva popular** na onda humana que se desloca, contorce e vibra na coreografia, a um som pessoal e geral do frevo com a sugestão irrecusável de suas **marchas-frevo** pernambucanas, insubstituíveis e únicas".⁵⁴

Leonardo Dantas Silva é um jornalista pernambucano e atualmente trabalha no Instituto Ricardo Brennand. Escreveu vários livros sobre a história de Pernambuco. Ao longo de sua trajetória, tem se dedicado ao estudo das manifestações populares como o Carnaval e os Clubes de Frevo. Possuía uma coluna de nome *Esquina* nos anos setenta no Jornal do Commercio em que escrevia sobre cultura e história. Já na década de oitenta passou a escrever sobre as mesmas temáticas para o Diário de Pernambuco. Ao longo de sua trajetória Dantas combateu fortemente a presença das escolas de samba no Carnaval do Recife.

O Carnaval do Recife apareceu no trecho da matéria do jornal anteriormente citado como uma festa marcada pelo espírito democrático de forte participação coletiva, que unia as classes sociais no período festivo.⁵⁵ A ideia de integração social e universalidade da participação popular não foram especificidades associadas "apenas" ao Carnaval do Recife. Numa outra temporalidade, o filósofo Mikhail Bakhtin, ao analisar a festa carnavalesca na Idade Média a partir da obra de François Rabelais, também destacava essa peculiaridade:

Enquanto dura o Carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o Carnaval, não se conhece outra vida senão a do Carnaval. Impossível escapar a ela, pois o Carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com suas leis, isto é, as leis da liberdade. **O Carnaval possui um caráter universal,** é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação dos quais participa cada indivíduo. **Essa é a própria essência do Carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no intensamente.**⁵⁶

⁵⁴ Nas ruas humanizadas, Carnaval não tem vez. (Texto do Jornalista Leonardo Dantas). *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1978, p. D1. (Grifo do autor).

⁵⁵ Entendo o período festivo como os dias consagrados a Momo dentro do calendário nacional, que vão do Sábado de Zé Pereira à Quarta-feira de Cinzas.

⁵⁶ BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo-Brasília: Hucitec, 1999, p. 06. (Grifos meu).

Não partilho dessa visão da festa com um sentido de universalidade ou mesmo homogeneidade. Defendo que elas devem ser pensadas como acontecimentos recriados e reapropriados, "contendo as paixões, os conflitos, as crenças e as esperanças de seus próprios agentes sociais". Pois assim, por meio do estudo das particularidades dessas festas, possa-se "conhecer melhor a coletividade e a época em que aconteceram".⁵⁷ Como afirmou o geógrafo Felipe Ferreira: "Se a festa carnavalesca possui características que assinalam sua universalidade, será na grande diversidade de suas manifestações que se deve buscar seu sentido."⁵⁸

O Carnaval é um acontecimento de presença marcante na vida de muitos recifenses. As pessoas comentam, vivem, esperam, celebram, comemoram, choram, torcem pela chegada do período festivo consagrado ao deus Momo, mas não para vivê-lo da mesma forma e sim como sujeitos agentes de sua própria história, que criam e recriam hábitos, valores costumes e atitudes diante deste evento.

A folia momesca é uma festa que faz parte do cotidiano do Recife. No entanto, tenho a clareza que a visibilidade das práticas em torno do festejo fica mais latente logo após as comemorações de fim de ano, pois os jornais começam a noticiar com mais frequência os preparativos das agremiações carnavalescas e existe toda uma expectativa na cidade para a chegada dos dias festivos. É como se, aos poucos, a urbe recifense fosse sendo incorporada por uma espécie de "áurea carnavalesca". Sobre isso, o historiador Mário Ribeiro destacou:

Uma ação manifesta que incorpora, na sua constituição, um conjunto de diferentes linguagens artísticas e espaços de sociabilidades, entre os quais se destacam: a dança, a música, o teatro e as procissões desdobradas nos desfiles das agremiações carnavalescas; as fantasias, a decoração das ruas, as sedes e os clubes do centro da cidade; os diferentes cheiros que invadem os ares, entre outras dimensões simbólicas e sociais que dominam os espaços urbanos no período da festa de Momo.⁵⁹

⁵⁷ ABREU, M. C. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p.38.

⁵⁸ FERREIRA, Luiz Felipe. *Inventando Carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005. p. 316.

⁵⁹ SANTOS, M. R. *Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2010. p. 43.

Ainda sobre as concepções em torno do tempo da festa, entendo o Carnaval como um acontecimento que se vive o ano inteiro, inserido em uma lógica cotidiana,⁶⁰ pois para quem "vive a festa" – e aqui me refiro a quem participa das agremiações, os dirigentes dos órgãos públicos que organizam o Carnaval – ela é algo presente o ano inteiro e não apenas como um fenômeno vivido do Sábado de Zé Pereira a Quarta-feira de Cinzas.

Diferente de outros autores, como é o caso do antropólogo Roberto da Matta, não penso a folia momesca como um ritual de inversão, rito de passagem ou ruptura do *continuum* da vida social diária.⁶¹ Tampouco me aproximo das construções do Carnaval como lugar da "democracia social" ou "válvula de escape",⁶² embora percebo que essas fabricações estão presentes na documentação do período da pesquisa.⁶³ Tal como afirmou o jornalista Clóvis Menezes, "o pernambucano passa 1 ano inteiro sofrendo, lutando, trabalhando mas quando chega os três dias de Momo, pernas para o ar que ninguém é de ferro".⁶⁴

⁶⁰ Não penso a festa como a ruptura do *continuum*, como um processo que altera as relações do cotidiano, ao contrário: a compreendo como um elemento inserido na lógica das práticas sociais de um determinado espaço que pode produzir uma determinada identidade.

⁶¹ Ao estudar o Carnaval brasileiro, o antropólogo Roberto da Matta o analisa a partir da concepção de *communitas* ("relações e elementos inversos à vida cotidiana"), esboçado por Victor Turner. Assim, parte do princípio de ser essa festa um acontecimento marcado pelo *ritual da inversão*, em que os comportamentos e as posições sociais dos indivíduos em sociedade são abrandados e invertidos. Nesse sentido, o Carnaval assume para Da Matta os contornos de um festejo anticotidiano da sociedade brasileira. Diante disso, ele vê a festa como uma fuga do cotidiano e de entrada no *communitas*. DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1997 (Grifos meu). Sobre a crítica das análises de Roberto Da Matta a respeito do Carnaval ver, entre outros: RISÉRIO, Antônio. Carnaval: as cores da mudança, In: *Revista Afro-Ásia*, nº 16, 1995, pp. 90-106; SOIHET, R. Reflexões sobre o carnaval na historiografia - algumas abordagens, In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 169-188, 1999; CUNHA, M. C. P. *Ecos da Folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁶² Ao analisar as festas carnavalescas na Europa Moderna, Peter Burke destaca que havia permissão para excessos e exageros, pois as autoridades encaravam essas festividades como uma espécie de válvula de escape da população. O Carnaval funcionava como um canal de extravasamento das tensões acumuladas ao longo do ano pela população. Entretanto, mesmo apontando muitos elementos favoráveis a essa questão, Burke salienta que nem sempre o Carnaval funcionava como válvula de escape, mas, ao contrário disso, serviam como elemento aglutinador de conflitos e contestações à ordem vigente. BURKE, Peter. Op. Cit. 2010, p. 261-277; ainda a respeito das festas carnavalescas como válvula de escape ver também: DAVIS, Natalie Zenon. Razões do desgoverno, In: *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁶³ Destaco as seguintes matérias: O Carnaval que passou (Opinião). *Diário de Pernambuco*, 18 de fevereiro de 1983, p. A8; Carnaval do Recife: o melhor do mundo (Coluna do Clóvis Menezes). *Diário da Manhã*, 28 de fevereiro de 1979, p. 02; Carnavais Passados (Opinião). *Diário da Noite*, 16 de fevereiro de 1980, p. 04; "Carnaval é frevo, é povo, é rua". *Diário de Pernambuco*, 08 de fevereiro de 1982, p. A10; Começou o carnaval do Recife. *Diário de Pernambuco*, 15 de fevereiro de 1982, p. B5; Folião mais velho do Brasil relembra o carnaval do passado. *Diário de Pernambuco*, 17 de fevereiro de 1982, p. B1; Carnaval e Povo. *Diário de Pernambuco*, 20 de fevereiro de 1982, p. A8.

⁶⁴ Carnaval do Recife: o melhor do mundo (Coluna do Clóvis Menezes). *Diário da Manhã*, 28 de fevereiro de 1979, p. 02.

Em contrapartida, defendo que dentro de uma concepção histórica da festa não se pode pensar o Carnaval como um acontecimento marcado por um tempo do eterno retorno. É preciso conceber a folia como um evento marcado por diferentes personagens históricos atados a um tempo e espaço dados. De acordo com a historiadora Martha Abreu, desde quando se tornaram objeto de estudos dos historiadores, em torno das festas desnudaram-se questões acerca de seu movimento e da sua dinâmica, evidenciando-se assim sua própria historicidade, "avaliada através de diferentes variáveis, tais como morfologia, significados e sentidos".⁶⁵ Partilhando da mesma visão, Michel de Vovelle afirmou que como "não há uma História imóvel, não há uma festa imóvel".⁶⁶

Ainda sobre os desafios dos historiadores ao estudar as festas, sejam elas de caráter cívico, religioso ou mesmo carnavalesca, Martha Abreu comentou:

[...] o historiador, ao meu modo de ver, encontra dois grandes desafios: pensar os significados e mudanças das festas em sua própria historicidade, mas, sobretudo, compreender a dinâmica relação das festas com a experiência dos homens e mulheres que as tornaram, em qualquer época e local, autênticas e concorridas.⁶⁷

Nesse sentido tenho a sensibilidade de que não existe o "Carnaval do Recife" como uma festa imóvel, atemporal e homogênea, mas em torno dele foram construídas narrativas e representações. E são por meio dessas fabricações que busco enunciar alguns sentidos e significados desta festa, tendo a consciência de que essas produções não devem ser deslocadas de uma problemática temporal e espacial.

Assim sendo, apresento mais uma matéria do Diário da Manhã de 20 de janeiro de 1972 que tratou do tema do Carnaval do Recife. Nela, mais uma vez o jornalista Clóvis Menezes destacou as concepções de que a folia de Momo local era a mais bonita do Brasil e que foi praticada de uma forma muito peculiar, muito pernambucana. Depreende-se das palavras do articulista a visão de uma festa marcada por elementos definidos como "da terra". Como se pode observar no trecho da matéria destacado abaixo:

⁶⁵ ABREU, M. C. *O Op. Cit.*, 1999, p.38.

⁶⁶ VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 251.

⁶⁷ ABREU, M. C. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p.38.

Muito se discute o que hoje pode chamar de problema - problema do Carnaval pernambucano. **Imbuímo-nos de que era "o mais bonito do mundo", e realmente nenhum outro o sobrepujava nas suas peculiaridades nossas, muito nossas, inteiramente nossas.**⁶⁸

Em torno desse escrito jornalístico foi possível depreender a ideia de relacionar o "ser da festa carnavalesca" ao "ser pernambucano". Essa concepção perpassa fundamentalmente a ideia do que é a "pernambucanidade". Entendo esse conceito como modalidades (discursivas, imagéticas, sonoras) com o propósito de construir uma memória e uma identidade local. É uma forma de construir sentidos e significados sobre determinadas práticas e manifestações.

Ao indagar-se sobre o que representa a "pernambucanidade", o jornalista Nilo Pereira salientou em 1983: "Pode-se entender por essa expressão um estado de espírito. Uma vivência histórica. Um modo de ser. O pernambucano, talvez mais do que qualquer outro brasileiro, tem a sua singularidade [...]".⁶⁹

Estabelecer relação direta entre o Carnaval e o "ser pernambucano" é um caminho para se construir a sensação de pertencimento, é um meio de relacionar, de forma natural, os liames entre festa e povo:⁷⁰ "Para perdurar e se reproduzir a identidade necessita do recurso à memória social, ao jogo simbólico, às cerimônias comemorativas e às festas, aos discursos históricos e mitológicos, à repetição das práticas e dos comportamentos rotineiros do cotidiano".⁷¹

De acordo com Stuart Hall, sabe-se que as identidades não nascem impressas em nossos genes, mas são formadas e transformadas no interior de uma representação:⁷² "Nós só sabemos o que significa ser inglês devido ao modo como a inglesidade (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa".⁷³

Sobre as construções identitárias, Fredrik Barth discorre:

⁶⁸ Carnaval. *Diário da Manhã*, 20 de janeiro de 1972, p. 04. (Grifos meu).

⁶⁹ PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*. Recife: Ed. CEPE, Vol. 01, 1983, p. 167.

⁷⁰ Por outro lado, como afirma o historiador Norberto Luiz Guarinello, "dizer que a festa produz identidade não significa afirmar que produza, necessariamente, consenso, muito pelo contrário. A festa é produto da realidade social e, como tal, expressa ativamente essa realidade, seus conflitos, suas tensões, suas cesuras, ao mesmo tempo que atua sobre eles". GUARINELLO, N. L. Op. Cit., p. 972.

⁷¹ DI MEO, G. *La géographie en fêtes*. Paris: Ed. Geophrys, 2001, apud: BEZERRA, A. C. A. Festa e Cidade: Entrelaçamentos e Proximidades. *Espaço e Cultura* (UERJ), v. 23, p. 7-15, 2009, p. 09.

⁷² HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, p. 50, 2006, p. 47

⁷³ HALL, Stuart. Op. Cit., 2006, p. 49

Se você é balinês, você se vê como balinês. Há identidade, mas também enorme diversidade do que é ou não compartilhado no interior do que essa identidade abrange. [...] Não podemos simplesmente delinear identidades como estamos acostumados a fazer [...] Para mim, essa sempre foi uma falsa maneira de apresentar os fatos.⁷⁴

Assim, ao se tentar construir uma enunciação discursiva, que busque estabelecer ligações identitárias entre a festa carnavalesca, a cidade do Recife e o "ser pernambucano", deve-se ter a consciência da necessidade de compreensão de que esse processo é uma representação que está, fundamentalmente, ligado há um tempo datado, um espaço determinado e ligado a lógica de quem a constrói. Todavia, não se deve esquecer que, enquanto as identidades buscam apagar seus rastros para tornarem-se imemoriais e universais, a história é o lugar das passagens, das mudanças, da transitoriedade e os historiadores têm seu campo de observação marcado pela heterogeneidade, pela diferença e pela descontinuidade.⁷⁵

O Carnaval é um acontecimento que serve muito para se pensar os conflitos, as tensões e as disputas que se produziram no seio de uma cidade e das relações construídas pelos sujeitos sociais em torno desse evento. E, no caso da capital pernambucana, a festa carnavalesca tem sido constantemente utilizada como um dos veículos no qual a identidade local é (re)atualizada e sintetizada.

É inegável que em torno do Carnaval e do Recife foram estabelecidas relações intrínsecas, construídas ao longo do tempo por meio de práticas, mas também de livros, crônicas, narrativas históricas, memórias que se desdobraram na atribuição do título de uma das principais cidades foliãs do Brasil,⁷⁶ pois "[...] os homens elaboram ideias sobre o real, as quais se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não

⁷⁴ BARTH, Fredrik. [Entrevista], In: *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2000, p. 212.

⁷⁵ NEVES, F. C. Prefácio, In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *Nos destinos de fronteiras - memória, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008, p. 11.

⁷⁶ Sobre o trabalho produzido por folcloristas e memorialistas a respeito do Carnaval do Recife, entre eles: LOPES GAMA, Padre Miguel do Sacramento. *O Carapuço*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; COSTA, F. A. Pereira da. *Folk-lore pernambucano*. Subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco. Recife, CEPE Editora, 2004; SETTE, Mário. *Arruar. História pitoresca do Recife antigo*. Rio de Janeiro: Livraria Casa do Estudante, 1948; SETTE, Mário. *Seu Candinho da farmácia*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1984; REGO, José Lins do. *O Moleque Ricardo*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1940. Um balanço historiográfico a respeito do Carnaval do Recife pode ser acompanhado em: GUILLEN, Isabel C. M.; SILVA, A. N. Debates historiográficos em torno do Carnaval do Recife [Introdução], in: GUILLEN, Isabel C. M.; SILVA, A. N. (Orgs.). *Tempos de Folia - Estudos sobre o Carnaval do Recife*. Recife: Massangana, 2017 (Prelo).

somente qualificam o mundo como também orientam o olhar e a percepção sobre essa realidade".⁷⁷

É perceptível que essas narrativas sobre o Carnaval e as práticas carnavalescas de fato tornaram a capital pernambucana conhecida mundialmente. Entretanto, é preciso ir além dessas construções e representações sociais. Deve-se compreender a festa como um campo plural, passível de disputas entre diferentes grupos que podem, a partir de seus desejos, anseios e relações, lançar sobre ela seus projetos e visões de mundo. "Além dessas "funções", ou permeando-as, é preciso acrescentar que a festa apresenta ainda um caráter político, pois na maioria das vezes são utilizadas como forma de legitimação das elites políticas locais".⁷⁸

Assim, se faz importante analisar as relações estabelecidas entre o Carnaval e Estado. Investigar como a festa carnavalesca foi utilizada como veículo de experimentação de estratégias governamentais. Interpretar como no campo da cultura, especificamente, o Carnaval foi utilizado como espaço para a implementação de determinado projeto político de controle e organização da sociedade.⁷⁹ Sobre isso, não posso deixar de destacar um trecho de uma matéria de jornal publicada pelo Diário da Manhã de 1972, em que o articulista destacou que o "controle" sobre o Carnaval do Recife foi a causa de sua derrocada. É o que demonstra abaixo a passagem da matéria selecionada:

[...] **Julga-se que o "controle" estabelecido teria sido o primeiro passo para a derrocada do Carnaval.** Esse controle estabelecido para precisamente ao contrário defender o Carnaval do declive que nele se notava. Foi então que se fundou a **Federação Carnavalesca Pernambucana** que alinhava figuras indispensáveis num momento como esse [...].⁸⁰

⁷⁷ PESAVENTO, S. J. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo (Introdução), in: PESAVENTO, S. J.; SANTOS, N. M. W.; ROSSINI, M. S. *Narrativas, Imagens e Práticas Sociais - Percursos em História Cultural*. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008, p. 13.

⁷⁸ BEZERRA, A. C. A. Festa e Cidade: Entrelaçamentos e Proximidades. *Espaço e Cultura* (UERJ), v. 23, p. 7-15, 2009, p. 12.

⁷⁹ Sobre a relação entre estado e cultura, Lia Calabre discorre: "As políticas culturais, dentro da esfera pública, devem obedecer à mesma lógica de elaboração que rege o conjunto das políticas públicas. Estas, de maneira sintética, podem ser definidas como resultado das atividades políticas - que envolvem diferentes agentes e, assim, necessitam de alocação de recursos de natureza diversa, e possuem caráter normativo e ordenador. CALABRE, Lia. *Políticas Culturais no Brasil - dos anos 1930 ao século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 09.

⁸⁰ Carnaval. *Diário da Manhã*, 20 de janeiro de 1972, p. 04. (Grifos meu).

No entanto, tenho consciência de que a festa não pode ser compreendida apenas como "controle" por meio do poder público, mas que ela também foi construída em cima dos desvios, dos dribles promovidos pelos agentes sociais que recebiam a ação deste poder. É preciso levar em consideração que a imposição a novos mecanismos de disciplinas, as novas submissões, os novos padrões de comportamento ao serem introduzidos numa realidade social devem compor ou negociar com as representações estabelecidas e as tradições partilhadas.⁸¹ Sobre esses conflitos, é preciso atentar para o que destacou o historiador Roger Chartier: "Existe sempre uma distância entre a norma e o vivido, o dogma e a crença, os mandamentos e os comportamentos. É nessa distância que se insinuam reformulações e desvios, apropriações e resistências".⁸²

Todavia, estou interessado em enunciar como o poder público municipal, por meio dos órgãos que administraram a folia momesca ao longo da década de 1970 introduziram políticas públicas de cultura⁸³ que visavam à construção de uma identidade cultural local por meio do Carnaval. Nesse sentido, acredito ser importante rastrear na historiografia e nas matérias de jornais como se operacionalizou essa relação entre a festa carnavalesca e as determinações, as normas e as disciplinas impostas pelo poder público municipal.

2.2. Carnaval do Recife: organização, normas e desvios

O Carnaval é uma manifestação comumente associada à ideia de liberdade. Nesse sentido, afloram definições que a relacionam como uma "festa do povo", "brincadeira popular", "extravasamento da tensão do cotidiano", "dias de loucura", entre outras associações. Entretanto, essa concepção da "liberdade da festa" busca encobrir processos de tentativas de dominação e controle por meio das autoridades estatais.

⁸¹ CHARTIER, Roger. A "Nova" História Cultural Existe?, In: *História e Linguagens: texto, oralidade e representações*. Antônio Herculano, Mônica Pimenta Veloso e Sandra Jatahy Pesavento (ORG.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 38.

⁸² CHARTIER, Roger. Op. Cit., 2006, p. 38.

⁸³ Néstor García Canclini discorreu sobre as problematizações em torno das definições do que são políticas públicas de cultura. Apesar de não chegar a um consenso, defende que esse conceito possa ser assim definido: "Los estudios recientes tienden a incluir bajo este concepto al conjunto de intervenciones realizadas por el estado, las instituciones civiles y los grupos comunitarios organizados a fin de orientar el desarrollo simbólico, satisfacer las necesidades culturales de la población y obtener consenso para un tipo de orden o de transformación social.". CANCLINI, Néstor García. *Definiciones en transición*. Buenos Aires: Clacso, 2001, p.65.

< <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100912035750/5canclini.pdf> > Acesso em 09/11/2016

Sobre as festas enquanto campo de análise de observação das relações e conflitos sociais, a historiadora Rachel Soihet comentou:

A festa constitui, portanto, um cenário privilegiado de observação. Em medida diversa, de acordo com a modalidade, nela estão presentes aspectos expressivos do universo cultural dominante, imbricados em elementos próprios da cultura popular, com suas tradições, seus símbolos e suas práticas.⁸⁴

Ao se investigar a historiografia⁸⁵ sobre o Carnaval no Recife é possível vislumbrar inúmeras tentativas de domínio e aparelhamento da festa por meio do Estado. Diante disso é que afirmou o historiador Mário Ribeiro: "[...] o Estado atua

⁸⁴ SOIHET, R. *A subversão pelo riso. Estudos sobre o Carnaval Carioca. Da Belle Époque ao Tempo de Vargas*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 30.

⁸⁵ A historiografia sobre o Carnaval do Recife vem se modificando. Inicialmente era marcada por trabalhos de folcloristas, memorialistas e jornalistas que davam à festa um sentido unívoco, essencialista e universalizante. Recentemente têm sido produzido, no âmbito dos dois programas de pós-graduação em História do estado, bons trabalhos a respeito do Carnaval da cidade do Recife, que buscam romper com a ideia de uma essência presente na festa. Trabalhos que considero com **uma visão naturalizada da festa**: LIMA, Cláudia. *Evoé: história do carnaval – das tradições mitológicas ao trio elétrico*. 2. Ed. Recife: raízes brasileiras, 2001; MAIOR, Mário Souto. Carnaval, carnavais, In: *Nordeste: a inventiva popular*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978; MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas (Orgs.). *Antologia do Carnaval em Recife*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991; SILVA, Leonardo Dantas. *Carnaval do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade, 2000. **Entre as principais teses e dissertações defendidas no âmbito dos dois programas de pós-graduação em História do Estado de Pernambuco (UFPE e UFRPE)**: IANINO, Marcelo Martins. *O GALO E A POLÍCIA: A trajetória do maior Bloco de Carnaval do Brasil e sua repercussão para a Segurança Pública na atualidade (1978 a 2012)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2012; MELO, D. B. *Brincantes do Silêncio: A atuação do Estado Ditatorial no Carnaval do Recife (1968 – 1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2011; PALMEIRA, J. D. *"Aqui, apesar do frevo, há moralidade": a presença das mulheres no Bloco Carnavalesco Misto do Recife da década de 1920*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2015; SANTOS, M. R. *Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2010; SILVA, A. N. *"Quem gosta de samba, bom pernambucano não é?"*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2011; SILVA, A. N. *Debate Historiográfico em torno das escolas de samba em Recife (1955 – 1970)*. Monografia (Bacharelado em História). Recife: UFPE, 2009; SILVA, L. V. *O carnaval na cadência dos sentidos. Uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 e 1940*. Tese (Doutorado em História) Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009; VIDAL, F. M. C. *A História da Federação Carnavalesca Pernambucana: A água de beber do povo*. Dissertação (Mestrado em História) Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010; SANTOS, R. M. *É na Lei e na marra: a organização do Carnaval do Recife*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), 2016. **No campo da Antropologia, ver**: ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. Op. Cit.1996; REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990. Ver também o trabalho de doutorado do antropólogo Hugo Menezes Neto. MENEZES NETO, H. *Tem Samba na Terra do Frevo - As escolas de samba no Carnaval do Recife*. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2014.

como um importante promotor da festa e utiliza diversos mecanismos de censura para assegurar a ordem diante de um período em que a cidade parece estar em ebulição".⁸⁶

É interessante mais uma vez destacar que tenho a consciência de que as determinações dos poderes públicos nem sempre foram cumpridas em sua integridade. Mesmo a ordem política e econômica impondo uma disciplina, os grupos que estão sob o alcance desse poder não a aceitam passivamente, mas eles a manipulam, a recriam, a modificam, por meio de suas *táticas* e procedimentos. E o desvio torna-se o recurso dos mais fracos.⁸⁷

Entretanto, para este tópico desejo demonstrar como a historiografia sinalizou a relação entre o poder público e o Carnaval do Recife até a emergência da Fundação de Cultura em 1979. Investigar como as tentativas de moldar, de transformar, de disciplinar, de controlar, de ordenar a festa foram implementadas. Esses procedimentos desdobraram-se em narrativas e imagens representativas do festejo e num conjunto de tradições carnavalescas.

Na sucessão de um tempo fluido e contínuo, o historiador depara-se com o desafio de estabelecer referências sem escorregar no puro arbítrio. Sei que não podemos falar de qualquer objeto ou prática cultural em qualquer época, é necessário que existam condições históricas mínimas para que diferentes narrativas possam ser enunciadas.

Entretanto, acho relevante questionar as práticas que se associam aos começos da festa carnavalesca no Recife. E, pelo que pude compreender, é por meio das práticas do entrudo⁸⁸ que a maioria dos pesquisadores que se dedicaram a analisar os dias de

⁸⁶ SANTOS, M. R. O Estado, a festa e a cidade: medidas de controle e ordem nos dias de Carnaval no Recife (1930-1945), In: GUILLEN, Isabel C. M.; SILVA, A. N. *Tempos de Folia - Estudos sobre o Carnaval no Recife*. Recife: Editora Massangana, 2017, p. 61. (prelo).

⁸⁷ Entendo tática a partir das formulações produzidas pelo historiador Michel de Certeau, para quem tática é movimento "[...] dentro do campo do inimigo, como dizia von Bülow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. [...] Em suma a tática é a arte do fraco." (CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, V. 1, 2008, p. 94-95.).

⁸⁸ Segundo a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, este era um folguedo peculiar dos três dias que antecediam a quaresma e consistia basicamente numa brincadeira do molha-molha, em que famílias invadiam a casa uma das outras e promoviam vigorosos combates com água. PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, p. 45, 1992. No entanto, de acordo com a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, aquilo que costumeiramente se rotulou como uma brincadeira que consistia, basicamente, no molha-molha generalizado é muito mais do que isso, incorporava uma série de folguedos de sentidos sociais muito definidos, dependendo da região, cidade ou grupo de indivíduos que o praticava. CUNHA, M. C. P. *Ecos da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 17.

Momo pontuaram os começos desse festejo. A historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo descreveu assim essa prática festiva:

O divertimento – sentido de alegria e de êxtase para grande parte da população, embora desagradassem a alguns – consistia principalmente no jogo de atirar água uns aos outros. Para este intento, utilizavam quartinhas, jarras, vasilhas, seringas e qualquer tipo de recipiente que pudesse conter o *precioso líquido*. O banho d'água era complementado com farinha do reino, goma, tauá e pó. Por vezes, a brincadeira degenerava e materiais pouco recomendados entravam no combate corpo a corpo: urina, lama, frutas podres. Porém, o objeto mais apreciado e mais cobiçado, evocação mesma do brinquedo, eram as delicadas e perfumadas limas, laranjas e limões de cheiro. Também era prática usual dos jogos de Entrudo pregar peças entre amigos e exercitar a troca de pulhas, gracejos e facécias.⁸⁹

As práticas do entrudo, tão peculiares no Brasil a partir de meados do século XIX, começaram a enfrentar críticas mais incisivas por parte de cronistas carnavalescos e intelectuais em diferentes cidades como foi o caso do Recife, do Rio de Janeiro e de Porto Alegre.⁹⁰ A reivindicação do fim da brincadeira das molhadelas era assunto obrigatório nos jornais: o Carnaval deveria ocupar o espaço do antiquado jogo do entrudo. Os dias de festa que antecedem a quaresma deveriam ser alinhados semelhantemente ao que era praticado em cidades europeias como Nice e Veneza. O nascimento das sociedades carnavalescas no Brasil era saudado como o início de uma reforma de costumes que colocaria a cidade do Recife e as suas congêneres à altura das demais urbes civilizadas do mundo.

Segundo a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha foi a partir desse período – final do século XIX – que a palavra "Carnaval" passou a designar "préstitos, bailes, batalhas de confete e outras práticas mais recentes, às quais se atribuía superioridade em face dos folguedos rudes e incultos do entrudo".⁹¹ Antes disso, tanto o Carnaval como o entrudo estavam associados à mesma coisa, ou seja, ao período

⁸⁹ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit., 1996, p. 119. (Grifos da autora).

⁹⁰ Sobre isso ver os trabalhos de: [Porto Alegre] LAZARRI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870 – 1915)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP / Cecult, 2001; [Rio de Janeiro] CUNHA, M. C. P. *Ecoss da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; PEREIRA, L. A. M. *O Carnaval das Letras. Literatura e Folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ªed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004; [Recife] ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. Op. Cit., 1996.

⁹¹ CUNHA, M. C. P. Op. Cit., 2001, p. 25.

marcado por um conjunto de brincadeiras e folguedos realizados quarenta dias antes da páscoa.

Foi a partir da condenação das autoridades políticas e do combate de alguns cronistas carnavalescos a forma de se comemorar a "festa da carne", marcadas pelos sinais do entrudo – entendido por esses como um jogo sujo e selvagem, que fomentava práticas e sentimentos indecentes, excessivos e próprios da loucura e, dessa forma, destoariam dos padrões de civilidade que o Brasil queria se enquadrar – é que se pregou a distinção entre Carnaval e entrudo. A partir desses dias, o período que antecede a quaresma passou a ser denominado de Carnaval – com bailes, máscaras, confetes, serpentinas, desfiles das grandes sociedades, concursos de fantasia, mascarada... – e as práticas da molhadela, de entrudo.

A escolha do modelo substitutivo de festa carnavalesca possuía íntima relação com os projetos de construção do Estado-Nação e da nacionalidade. Foi nesse sentido que as elites brasileiras voltaram-se para a "imitação" das sociedades europeias, procurando copiar valores e comportamentos. Diante disso, os modelos de Carnavais praticado em cidades como Veneza, Nice e Paris foram reproduzidos no Brasil.

E no Recife, como uma urbe que também buscou enveredar pelos signos do que era entendido como uma cidade civilizada, isso não foi diferente. Sobre as práticas carnavalescas nascentes no alvorecer da República na capital pernambucana, o jornalista Leonardo Dantas salientou: "No final do século passado, o Carnaval do Recife era promovido nos salões pelas sociedades recreativas, com seus saraus dançantes, bailes de máscaras e concursos de fantasias [...]".⁹²

Todavia, segundo a historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo, na passagem do século XIX ao XX esse "projeto de Carnaval da elite - Carnaval burguês, espelhado em Veneza, Paris e Nice [...] mostrava sinais de fracasso".⁹³ Em meio à decadência do Carnaval dos grupos dominantes emergiu com força na Recife outro formato de folia momesca produzida pelas camadas populares, tratou-se da festa feita pelos clubes

⁹² SILVA, Leonardo Dantas. Elementos para a História Social do Carnaval do Recife, In: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas. *Antologia do carnaval do Recife*. Recife: Massangana / Fundaj, 1991, p. LXVIII.

⁹³ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Op. Cit.*, 1996, p. 298. O que a autora nomeia de Carnaval burguês, o Carnaval da elite, é um conjunto de práticas carnavalescas representadas pelos bailes, pelas máscaras e por determinadas fantasias, como as do Arlequim, da Colombina e do Pierrô. Esse formato de Carnaval foi introduzido em grandes cidades brasileiras visando à construção de um projeto de nacionalidade, numa clara relação (imitação) com o que era praticado em algumas cidades europeias como Nice, Florença e Veneza. Outra questão é que se buscava no Recife o apagamento das práticas do entrudo, entendido como algo bárbaro e incivilizado. Sobre isso, ver ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Op. Cit.*, 1996. [Especialmente os capítulos II e III, nomeados de "A Entrudança" e "A Mascarada".].

pedestres.⁹⁴ A respeito do Carnaval produzido pelos Clubes Pedestres na capital pernambucana, Rita de Cássia comentou:

Às vésperas e nos dias de Carnaval, os clubes carnavalescos pedestres vinham às ruas, exibiam sua força em pleno centro da cidade e ocupavam os espaços que a elite idealizara para si. A invasão das ruas pelo povo, pelo mísero habitante dos mangues e das marés, era vista com apreensão pelos membros das camadas dominantes. Intimidava-os, amedrontava-os e levava-os a abandonarem os espaços públicos ou a refugiarem-se no interior dos carros e automóveis, divertindo-se no corso, entre famílias.⁹⁵

O Carnaval das camadas populares era feito de uma forma muito livre, os grupos vinham dos bairros mais periféricos até o centro da cidade, se apresentavam em meio às ruas, em frente de algumas residências, comumente com muita alegria e entusiasmo. O itinerário dos grupos carnavalescos frequentemente estava associado a algum acordo firmado entre seus dirigentes e alguns comerciantes, haja vista que os responsáveis pelas agremiações saíam recolhendo donativos pelo comércio, que em troca de sua ajuda pediam que os grupos se apresentassem em locais específicos, podendo ser uma determinada rua ou mesmo em frente de residências. No que tange à organização do Carnaval do Recife ao longo das três primeiras décadas do século XX, o historiador Ivaldo Lima aludiu:

O carnaval recifense dos trinta primeiros anos do século XX era regido pelas comissões carnavalescas das ruas, que organizavam os carnavais de cada logradouro, e pelas autoridades existentes nos bairros (vereadores e políticos ligados ao poder público municipal). Este carnaval era, eminentemente, feito pelas agremiações carnavalescas, que desfilavam nos bairros e no centro da cidade do Recife. Não existiam palanques para a apresentação de artistas, ou qualquer outro tipo de concorrência com as agremiações. Estas dispunham das atenções da sociedade, que aguardava os seus desfiles para a alegria dos foliões e foliãs.⁹⁶

⁹⁴ Os clubes carnavalescos pedestres eram formados em sua maioria por pessoas das classes trabalhadora urbana e pobre. O sucesso desses clubes em Recife estava atrelado a "decadência" do Carnaval de elite, e a ascensão do Carnaval popular por volta de 1880. Após a Abolição da Escravidão o número de clubes pedestres cresceu consideravelmente. Essas agremiações misturavam elementos das corporações militares, religiosas e civis, bem como também reuniam geralmente pessoas da mesma profissão. Para saber mais sobre isso ler, entre outros: ARRAIS, R. P. A. *Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha Salvacionista de 1911*. Natal: EDUFRN, 1998; ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit., 1996.

⁹⁵ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit., 1996, p. 302.

⁹⁶ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit., 2017, p. 180. (prelo).

É interessante perceber o destaque dado pelo historiador Ivaldo Lima a respeito das Comissões Carnavalescas. Esses grupos, em sua maioria, eram formados por populares, líderes comunitários, cabos eleitorais e representantes do poder público municipal, que buscavam, muitas vezes, juntos aos comerciantes, o pecúlio necessário para organizar a folia da rua, do bairro ou mesmo da comunidade. Representantes dessas comissões eram responsáveis pelo controle do chamado "livro de ouro", que passava em meio às lojas do comércio recolhendo donativos para custear as despesas com a organização da folia de Momo. A respeito dessas comissões carnavalescas, o historiador Francisco Vidal discorreu:

[...], no desenrolar das primeiras décadas do século XX, viu-se a reiterada tentativa de se criar instituições mediadoras dos interesses dos diversos grupos envolvidos com o carnaval. A todo o momento, eram propostas novas teses e regulamentações específicas para a “festa da carne”. Cada grupo social, com seu interesse, ainda que não existisse homogeneidade em sua constituição, colaborou como pôde na propositura de ações disciplinares que objetivaram conter possíveis sublevações e render lucros para os cofres públicos.⁹⁷

No início dos anos de 1930, segundo o historiador Francisco Mateus Carvalho Vidal, o Carnaval do Recife era marcado pelos signos da violência. Inúmeros casos de brigas entre os Clubes Pedestres eram registrados pela Polícia. Diante disso, as elites locais e o governo municipal perderam espaço do festejo carnavalesco para o chamado "monstro popular". Assim, as classes mais abastadas economicamente passaram a brincar a folia em meio ao Corso e aos espaços privados. Diante disso, não se demorou muito para que as elites locais clamassem por posturas mais enérgicas em relação ao festejo carnavalesco.

Ao analisar a festa carnavalesca recifense nesses anos de 1930, o historiador Mário Ribeiro afirmou que o Estado interveio de diversas formas, definindo os contornos e limites da própria folia momesca. Como, por exemplo, os lugares da festa, os horários de apresentações de agremiações, músicas que seriam tocadas nos clubes, tipos de fantasias permitidas, entre outras questões. Sobre isso, ele afirmou:

⁹⁷ VIDAL, F. M. C. *A História da Federação Carnavalesca Pernambucana: A água de beber do povo*. Dissertação (Mestrado em História) Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010, p. 41.

No período que antecedia o carnaval e durante os dias da folia, por exemplo, na pauta da imprensa (falada ou escrita), não podia faltar as medidas de normatização da festa. Os alto-falantes, nas ruas de grande movimentação do centro da cidade, encarregavam-se de transmitir e popularizar a programação da festa, os horários e locais do desfile de agremiações, as músicas autorizadas pelo Estado de tocar, impedindo que tocassem todo e qualquer tipo de canção ofensiva ou mesmo alusiva às corporações militares e religiosas. No interior dos lares, os rádios se encarregavam da tarefa de disciplinar a opinião pública para as músicas que podiam ser ouvidas e cantadas.⁹⁸

Uma das primeiras tentativas institucionais de controlar o Carnaval do Recife ocorreu em 19 de janeiro de 1935 com a criação da Federação Carnavalesca Pernambucana (FECAPE).⁹⁹ Este órgão foi idealizado por um grupo de intelectuais, políticos, comerciantes e renomados empresários, que tinham o objetivo de reunir as agremiações que participavam do Carnaval em torno de uma instituição. Sobre a atuação da Federação Carnavalesca Pernambucana, a historiadora Rita de Cássia aludiu:

Centralizadora e elitista, a estrutura administrativa da Federação fora montada de modo a esvaziar, a retirar das mãos dos vários grupos sociais oriundos dos segmentos populares o poder de decidirem não apenas sobre a vida interna dos clubes a que pertenciam, mas também influírem sobre os destinos da festa em geral.¹⁰⁰

De acordo com o historiador Lucas Victor Silva, a emergência da Federação Carnavalesca Pernambucana estava atrelada a uma estratégia pedagógica de controle sobre a organização do Carnaval e das classes trabalhadoras. Afirmou também que para a geração de intelectuais dos anos trinta, a educação e a produção cultural apareciam como ferramentas de controle social, de silenciamento da capacidade de resistência e da

⁹⁸ SANTOS, M. R. Op. Cit., 2017, p. 63-64. (prelo).

⁹⁹ Anteriormente a criação da Federação Carnavalesca Pernambucana em 1935, ocorreram tentativas de criação de outras instituições voltadas ao controle das agremiações carnavalescas no Recife. Como foi o caso da Liga Carnavalesca Pernambucana em 1923 e da Coligação Carnavalesca em 1931, todavia, essas instituições tiveram passagem efêmera na cena carnavalesca local. Sobre isso ver os trabalhos de: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus e Maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias*. Recife, 1930-1945. Recife: Bagaço, 2008. p. 230.

¹⁰⁰ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit., 1996, p. 99.

contestação política.¹⁰¹ E que foi em meio a nesse cenário que a FECAPE emergiu, voltada a disciplinar a folia de Momo recifense.¹⁰² Sobre isto continuou:

[...] foi fundada a Federação Carnavalesca Pernambucana, cuja função seria disciplinar as manifestações carnavalescas do Recife. Festejada por intelectuais, artistas e autoridades municipais e estaduais, a Federação Carnavalesca surgiu, em 1935, como uma entidade aliada no controle de organizações populares e de manifestações culturais, ao sabor da cartilha varguista.¹⁰³

Todavia, para o historiador Francisco Vidal, o surgimento da Federação Carnavalesca Pernambucana esteve, inicialmente, mais associado aos interesses dos grupos de comerciantes de aumentarem seus lucros com a promoção do Carnaval do que ao atendimento das expectativas de controle social do Estado. Só depois, e paulatinamente, sobretudo a partir de 1937, é que os interesses do Estado foram se coadunando com os da Federação.¹⁰⁴

A FECAPE passou a ter papel central na organização da folia momesca da cidade do Recife, pois não só tornou-se o órgão que controlava a verba destinada pelo Estado para organizar a festa carnavalesca, como também era responsável por definir as regras para quem desejasse participar do festejo de Momo. Nesse sentido, essa instituição funcionou como uma tentativa de controle do Estado sobre as massas populares que brincavam o Carnaval. A respeito desse processo, o historiador Francisco Vidal dissertou:

¹⁰¹ SILVA, L. V. O CARNAVAL CONTRA AS "IDEIAS SUBVERSIVAS" E "IDEOLOGIAS EXÓTICAS": a invenção da Federação Carnavalesca Pernambucana na década de 1930. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 34.2, p. 290-312, 2016, p. 294.

¹⁰² "O governo de Vargas tinha um forte esquema de controle. [...] Foi nomeado para interventor de Pernambuco, seu ministro da Justiça e do Trabalho, Agamenon Magalhães, professor do Ginásio Pernambucano e da Faculdade de Direito do Recife. Construiu um secretariado de jovens, na sua maioria, formados em Direito e vinculados à Congregação Mariana. Controlou o movimento sindical, criando os centros educativos operários. Perseguiu os cultos afro-brasileiros. Fundou dois jornais: *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde* para fazer propaganda das suas ideias. Fez como Vargas, usou também da persuasão, dos meios de comunicação de produção cultural, para assegurar seu controle sobre os governados. Muitos que discordavam de sua política mudaram-se para outros estados, como foi o caso de Ulisses Pernambucano, conhecido como grande modernizador do atendimento psiquiátrico no Recife. [...] Agamenon investiu na erradicação dos mocambos, buscou com isso amenizar a situação de miséria em que boa parte da população vivia. [...] A Liga Social Contra o Mocambo, criada em 1939, incumbiu-se de cumprir a difícil missão de atuar na resolução dos graves problemas de moradia. [...] Agamenon nomeou para prefeito do Recife Antônio Novaes Filho, ligado às oligarquias da cana-de-açúcar. Investiu-se, porém, do discurso modernizador, seguindo a linda política do Estado Novo. A sua ação administrativa modificou, sobretudo, a área central do Recife." REZENDE, Antônio Paulo. Op. Cit., 2002, pp. 114-116. (Grifos do autor).

¹⁰³ SILVA, L. V. Op. Cit., 2016, p. 294.

¹⁰⁴ VIDAL, F. M. C. Op. Cit., 2010, p. 52-53.

Outro aspecto importante a ser verificado no Estatuto é associado aos objetivos da Federação Carnavalesca de querer moldar o carnaval aos objetivos do Governo, criando espaço para reprodução de práticas associadas às representações perpetradas pelo Estado nas suas práticas discursivas. Assim, o carnaval passou a encampar um espaço pedagógico para educação dos grupos populares. Essa experiência, considerada pioneira pelos integrantes da Federação, deveria ser exportada assiduamente e, por isso, a necessidade da criação de um Departamento permanente de propaganda do Estado em outros estados e noutro países, a fim de difundir a imagem do carnaval e do próprio regime político adotado.¹⁰⁵

Além disso, a FECAPE desejava também moldar os dias gordos ao que denominava de "tradicionalismo histórico da festa", ou seja, uma prática festiva marcada pela presença do frevo. O grupo da Federação buscou ainda promover e divulgar a folia momesca, criando, para isso, propagandas que visavam o desenvolvimento do turismo estadual. Com esse objetivo, promoveu concursos de frevos com letras que divulgassem e exaltassem os métodos de disciplina e organização da FECAPE. É o que se pode observar abaixo na letra desse frevo-canção:

Evoé, Evoé /O carnaval de Pernambuco, /É vibração, é gozo, é o suco
Graças ao frevo e à Federação /Foliões vivem o prazer /Viva o frevo
original /O ideal é sorrir /E eu passo a aferir /Aderindo ao carnaval
/Evoé, /Evoé ./Carnaval como se faz /Nesta bela capital /Vale a pena
se ver /Pois é bom de doer /É de fato o carnaval /Evoé, /Evoé ./Todo
aquele que negar /O prazer que irão cair /Faça o passo e verá /Que no
mundo não há /Carnaval como daqui.¹⁰⁶

Ao longo dos anos, os representantes da Federação Carnavalesca Pernambucana foram criando estratégias que visavam criar uma diferenciação entre os grupos carnavalescos. Os dirigentes da FECAPE passaram a organizar o Carnaval e determinar que agremiações poderiam ou não participar do festejo a partir do seu estatuto. Para que determinada agremiação pudesse participar da festa era obrigada a seguir regras, tais como provar que participou do Carnaval anterior, ter estatuto em consonância com a federação carnavalesca, ter diretoria idônea em quadro social. Sobre a relação entre as agremiações e a Federação, o historiador Francisco Vidal discorreu:

¹⁰⁵ VIDAL, F. M. C. Op. Cit., 2010, p. 44.

¹⁰⁶ Frevo Evoé, Evoé. Frevo canção de Marambá e Aníbal Portela. Lima, Cláudia. *Evoé: histórias do carnaval - das tradições mitológicas ao trio elétrico*. 2ª. ed. Recife: Raízes Brasileiras, 2001, p. 225.

[...] as diversas estratégias de controle adotadas pela Federação Carnavalesca durante o Estado Novo, no sentido de criar distinções entre os diversos grupos de carnaval, separando os grupos filiados à entidade, daqueles que não o eram. Os que faziam parte da instituição promotora do carnaval foram representados como grupos legítimos e enquadrados na nova ordem social.¹⁰⁷

Com o fim do Estado Novo e o período de democratização vivido no país, a Federação Carnavalesca Pernambucana (que estava intimamente ligada aos grupos políticos que permaneceram no poder no Brasil até 1945) perdeu força. Segundo a historiadora Rosana Santos, com o declínio da FECAPE as agremiações ficaram temerosas de não receber verbas para se apresentarem durante o reinado de Momo.¹⁰⁸ De fato, a referida instituição foi criada e fomentada pelo governo anterior. Diante disso, a Federação foi afetada pela falta de verbas. Foi o que afirmou a referida pesquisadora:

No ano de 1947 a FECAPE deixou de ser também a intermediária entre a Secretaria de Segurança Pública e as agremiações. O Estado passou a ser a entidade organizadora da festa. Em resposta, a Federação se recusou a auxiliar o governo na promoção da festa, deixando visíveis as divergências políticas.¹⁰⁹

A partir do Carnaval de 1948 a Federação Carnavalesca Pernambucana passou a ser uma entidade fiscalizadora da festa, desempenhando um papel inferior na organização do festejo de Momo. Com isso, entrou num processo de declínio, sem o poder e o controle que exercia sobre a folia momesca outrora, haja vista que de 1935 a 1947 a FECAPE era a instituição que detinha o controle da verba destinada pelo Estado para a promoção, divulgação e organização do festejo de Momo. Sobre as mudanças em torno da posição que a Federação Carnavalesca passou a ocupar em 1947, a historiadora Rosana Santos comentou:

Em 16 de setembro de 1947, a Assembleia Legislativa do Estado modifica o Decreto, nº110, de 10 de maio de 1938. Ficando

¹⁰⁷ VIDAL, F. M. C. Op. Cit., 2010, p. 72.

¹⁰⁸ SANTOS, R. M. *É na Lei e na marra: a organização do Carnaval do Recife*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), 2016, p. 51.

¹⁰⁹ SANTOS, R. M. Op. Cit., 2016, p. 52.

estabelecido pelo Decreto nº 11, art 4º que FECAPE se tornava órgão consultivo da Secretaria de Segurança Pública, para assim conceder licença às agremiações carnavalescas. A Instituição teria a função de encaminhar ao Secretário de Segurança Pública toda a documentação das agremiações carnavalescas, para a devida aprovação de participação dos festejos momescos promovidos pelo Estado.¹¹⁰

Diante das mudanças políticas no cenário nacional e local,¹¹¹ emergiram novos grupos na cena carnavalesca recifense, que passaram a disputar a primazia e controle da organização da festa, como foi o caso da Associação de Cronistas Carnavalescos do Recife (ACCR). A ACCR e a FECAPE passaram a disputar a liderança e o controle em torno das agremiações que participavam do Carnaval e do próprio formato de festa a ser implantado. A Associação dos Cronistas propôs, para o Carnaval de 1948, a ideia de uma festa marcada pela suspensão do poder do Estado sobre a brincadeira. Buscaram construir a ideia de uma festa livre. Com a entrada em cena da ACCR emerge (retorna) os sentidos de uma folia democrática, numa clara relação com o cenário político da época. Eram os "ares" da democratização.¹¹² Sobre a atuação da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife nos dias gordos recifenses, o historiador Francisco Vidal comentou:

O modelo de Carnaval que foi apoiado pelo poder público a partir de 1948 foi o do Carnaval livre dos formalismos excessivos. Não era o Carnaval da liberdade e, talvez – possa-se dizer – da liberalidade. O

¹¹⁰ SANTOS, R. M. Op. Cit., 2016, p. 57.

¹¹¹ "O governo de Vargas procurava alternativas para se manter. As ligações de Agamenon Magalhães com o poder central estreitaram-se, mais ainda, quando Vargas o chamou para ocupar o cargo de Ministro da Justiça, no início de 1945, com a finalidade de chefiar a transição para um sistema democrático. Etelvino Lins ficou como seu substituto. [...] Getúlio Vargas foi forçado a deixar o governo, seus planos de continuísmo estavam temporariamente desmontados e a oposição fortaleceu-se, com a vitória dos aliados. Não havia como manter a ditadura. [...] Nas eleições para Presidente da República ganhou o general Eurico Gaspar Dutra, candidato do grupo getulista. No Recife, as eleições tiveram um resultado singular. [...] Barbosa Lima Sobrinho elegeu-se para Governador do Estado de Pernambuco, e embora sua eleição tenha sido contestada juridicamente, terminou por assumir o mandato. Acontecia uma reorganização do bloco que detinha o poder, mas o modelo democrático era frágil." REZENDE, Antônio Paulo. Op. Cit., 2002, pp. 121-122. "É importante frisar que, entre 1946 e 1955, a cidade do Recife foi governada por prefeitos com rápida passagem, muitas vezes inferior a um ano, entre eles Antônio Pereira, Jorge Martins, José do Rego Maciel, Djair Brindeiro. Com a eleição de Pelópidas Silveira, em 1955, o Recife conseguiu que fosse restabelecida sua autonomia política." REZENDE, Antônio Paulo. Op. Cit., 2002, p. 125.

¹¹² Sobre o período de democratização no Brasil iniciado em 1945 ver, entre outros: FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista, In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática. Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, H. M. M. *Brasil: uma biografia*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

novo projeto para o Carnaval articulado pela ACCR reuniu apenas um grupo de intelectuais em torno do projeto de fazer acontecer o Carnaval. Uma ação pretensamente despretensiosa, mas que realçou um caráter político também, sobretudo porque negou o modelo político anterior, afirmando-se como uma nova ordem instaurada.¹¹³

Segundo a historiadora Rosana Santos, a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife passou a organizar o Carnaval da Cidade a partir de 1948 e pautou seu discurso em torno da ideia de que estava promovendo uma festa democrática. Entretanto, logo em seu primeiro ano à frente dos destinos da folia local, o discurso de "festa democrática" passou a entrar em contradição. Pelo que se pode acompanhar nas palavras de Rosana Santos, as práticas da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife demonstravam que sua festa dita "democrática" não dialogava muito com os entendimentos de uma democracia plena. Sobre isso, ela destacou:

A Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, aos poucos entra em contradição no seu discurso de que “estava promovendo um Carnaval democrático, para o povo”. Anualmente a ACCR armava um palanque no Pátio do Paraíso, onde o povo não poderia se aproximar e nem desfrutar daquele espaço, pois o acesso era reservado a jornalistas, autoridades e convidados. As agremiações quando passavam no Pátio do Paraíso tinham por obrigação parar por alguns minutos no palanque da Associação.¹¹⁴

Uma das estratégias da ACCR era divulgar constantemente nos jornais suas ações em torno do Carnaval. O que provocava, evidentemente, na população que lia esse material, um efeito de real. O desejo da Associação dos Cronistas era se consolidar como instituição promotora da festa. Segundo Rosana Santos, "Nos jornais de circulação em meados da década de 1940, é comum encontrar reportagens que remetam o êxito do Carnaval à Associação dos Cronistas".¹¹⁵

¹¹³ VIDAL, F. M. C. Op. Cit., 2010, p. 188.

¹¹⁴ SANTOS, R. M. Op. Cit., 2016, p. 57.

¹¹⁵ SANTOS, R. M. Op. Cit., 2016, p. 60.

2.3 Os Carnavais da Prefeitura

Em 1945 emergiu no Recife o Departamento de Documentação e Cultura (DDC), que se tornou um dos principais órgãos responsáveis pela promoção, divulgação e valorização da cultura na cidade.¹¹⁶ Em 1953 o DDC passou a organizar o Carnaval recifense, sendo auxiliado pela Federação Carnavalesca e Associação dos Cronistas Carnavalescos.¹¹⁷ Interessante perceber que só em 1953 a Prefeitura da cidade toma para si os rumos da organização da festa carnavalesca.

Em 1955 a Prefeitura Municipal do Recife decidiu oficializar a folia de Momo, ainda por intermédio do Departamento de Documentação e Cultura (DDC) passou a organizar, patrocinar e promover o Carnaval da cidade. Para tanto, foi aprovada em 1955 a Lei nº 3.346¹¹⁸, que, entre outras questões, prescrevia que a festa carnavalesca deveria ser realizada dentro dos "moldes folclóricos preservando os Clubes de Frevo, os Maracatus e os Caboclinhos". É o que demonstra abaixo o trecho da referida lei:

O Prefeito do Município do Recife, faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º A Prefeitura Municipal do Recife, por intermédio do Departamento de Documentação e Cultura, organizará, patrocinará e promoverá os festejos carnavalescos do Município, a partir do ano de 1956, dentro dos moldes folclóricos, preservando sobretudo: os clubes de frêvo; os maracatus, em sua forma primitiva e os clubes de caboclinhos.¹¹⁹

O processo de tomar os rumos do Carnaval evidencia a importância que o festejo estava assumindo na cidade. Esse acontecimento pode ser compreendido também como mais uma das estratégias de controle e tentativa de normatizar os divertimentos públicos por meio do poder municipal. A mesma linha de raciocínio fica evidente nas palavras do historiador Ivaldo Lima quando dissertou:

¹¹⁶ "O Departamento de Documentação e Cultura (DDC) era uma repartição Municipal, subordinada ao prefeito da capital pernambucana que substituiu a Diretoria de Estatística e Propaganda e Turismo (DEPT), passando a se chamar Diretoria de Documentação e Cultura, pelo decreto lei 428, de 8 de junho de 1945". SANTOS, R. M. Op. Cit., 2016, p. 61.

¹¹⁷ Sobre isso, ver o Decreto Lei nº 477 de 06 de novembro de 1953. <<http://www.legiscidade.recife.pe.gov.br>> Acesso em 06 de Março de 2016.

¹¹⁸ Lei Municipal (Conhecida como Lei do Carnaval) nº 3.346 de 07 de junho de 1955. <www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 26/12/2015.

¹¹⁹ Lei nº 3.346 de 07 de junho de 1955. <www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 26/12/2015.

A organização do carnaval, por parte da Prefeitura da Cidade do Recife, é prova mais do que suficiente para indicar a importância e o crescimento do tríduo momesco. O poder público começava a dispor, com maior ênfase, de políticas públicas para normatizar o carnaval da cidade.¹²⁰

A Lei Municipal nº 3.346/55 determinava que a partir de 1956 os dias gordos contariam com uma verba dos cofres públicos para toda a sua preparação, organização e promoção. Todo o processo de realização da festa, que envolve desde a ornamentação, iluminação, decoração, financiamento das agremiações e regras do concurso, ficaria a cargo do Departamento de Documentação e Cultura (DDC), restando a instituições, como a Federação Carnavalesca, a União das Escolas de Samba e a Associação dos Cronistas Carnavalescos, "apenas" o auxílio dentro desse processo, como demonstra abaixo o artigo 5º da referida lei municipal.

Art. 5º A Federação Carnavalesca Pernambucana, a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, a União das Escolas de Samba de Pernambuco e outras organizações carnavalescas porventura existentes, serão consideradas como entidades auxiliares do Departamento de Documentação e Cultura na organização do Carnaval do Município do Recife.¹²¹

O leitor ou a leitora podem estar se perguntando: "mas o Carnaval já não vinha sendo subsidiado pelo poder público?". Sim, ele vinha. Mas, diferentemente de outros momentos, a partir de junho de 1955 houve uma lei municipal que obrigou a prefeitura a contribuir. Antes, a contribuição existia, mas não era obrigatória. E não havia regras de como deveria ocorrer esse processo. Diante do novo cenário, a Lei nº 3.346/55 passou a estabelecer que:

§ 1º Sessenta por cento (60%) dessa verba será distribuída às agremiações com existência legal, de acordo com a classificação prévia, sendo a primeira cota antes do carnaval e a segunda depois, se comprovada a despesa da primeira cota após a exibição do Clube, reservando-se os quarenta por cento (40%) restantes para ornamentação, iluminação, divulgação, propaganda e animação das festas carnavalescas.¹²²

¹²⁰ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit., 2017, p. 182. (prelo).

¹²¹ Lei nº 3.346 de 07 de junho de 1955. <www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 26/12/2015.

¹²² Lei nº 3.346 de 07 de junho de 1955. <www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 26/12/2015.

Ao ser sancionada a Lei Municipal nº 3.346/55 pelo prefeito Djair Brindeiro,¹²³ emergiu no Recife um dos mais importantes debates a respeito do Carnaval da cidade. Isso porque na distribuição das verbas públicas a referida lei não fazia distinção entre as agremiações que desfilavam no Carnaval da cidade, tal como demonstra o trecho abaixo:

§ único. Deverá também o Departamento de Documentação e Cultura da Municipalidade, ajudar técnica e financeiramente, todos os blocos, troças, escolas de samba e demais organizações carnavalescas que contribuirão para a animação e grandeza do carnaval do Recife.¹²⁴

E para parcela da intelectualidade¹²⁵ local a folia momesca recifense deveria ser preservada em sua tradicionalidade, ou seja, centrando a força da festa nos clubes de frevo, nos maracatus e nos caboclinhos. Não se poderia colocar no mesmo patamar essas práticas culturais e as escolas de samba, haja vista que, para jornalistas como Mário Melo¹²⁶, as escolas de samba eram consideradas manifestações externas à cultura local.¹²⁷ Sobre isso, o referido jornalista discorreu, em 1956:

[...] incentivar o samba pelo Carnaval, é trabalhar contra o frevo. É tirar o frevo do Carnaval pernambucano, é acabar de vez com o que ele tem de original e metê-lo como reboque no Carnaval carioca. [...] convém que os vereadores pernambucanos meditem nas minhas palavras e, se querem o Carnaval do Recife com sua originalidade, com suas características inimitáveis, evitem qualquer referência, no

¹²³ Djair Falcão Brindeiro foi um Prefeito do Recife. Assumiu o cargo de chefe do executivo municipal em março de 1955 ficando no cargo até dezembro do mesmo ano. Nomeado ao cargo de prefeito pelo governador Cordeiro de Farias. Sua gestão foi marcada pela restauração de obras importantes para o Recife, como fontes do Parque 13 de Maio, Praça da República, Praça Dezesete, Praça Maciel Pinheiro e Praça do Entroncamento. No campo da saúde, criou também o Comando Sanitário para combater as muriçocas. <<http://www.recife.pe.gov.br/pr/galeria/pref28.html>> Acesso em 26/12/2015

¹²⁴ Lei nº 3.346 de 07 de junho de 1955. <www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 26/12/2015.

¹²⁵ Partilho das colocações de Michel Löwy quando compreendeu a intelectualidade como “categoria social definida por seu papel ideológico: eles são os *produtores diretos* da esfera ideológica, *os criadores de produtos ideológico-culturais*”, o que engloba “escritores, artistas, poetas, filósofos, sábios, pesquisadores, publicistas, teólogos, certos tipos de professores e estudantes, etc.”. LÖWY, Michel. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979, p. 01.

¹²⁶ Mário Carneiro do Rego Melo foi um importante jornalista e político pernambucano. Foi Secretário da Federação Carnavalesca. Trabalhou nos jornais *Folha do Povo*, *Correio do Recife*, *Jornal Pequeno*, *A Província*, *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, dentre outros. Escrevia sobre quase tudo nesses periódicos, inclusive Carnaval. Sobre Mário Melo, ver: ROSTAND, Paraíso. *Cadê Mário Melo*. Recife: COMUNIGRAF, 1997.

¹²⁷ Sobre o papel de Mário Melo na Lei do Carnaval, ver o artigo que publiquei na Revista Oficina do Historiador. SILVA, A. N. Mário Melo e os sentidos da Festa. *Oficina do Historiador*, v. 09. n. 01, 2016, p.100-119; ver também meu trabalho de mestrado: SILVA, A. N. Op. Cit. 2011.

projeto às <Escolas de Samba> porque equivalem a um câncer no frevo.¹²⁸

Outros intelectuais se posicionaram também contrários à forma como o processo de oficialização do Carnaval do Recife foi promovido pela Prefeitura da cidade¹²⁹, entre eles estava o jornalista Aníbal Fernandes.¹³⁰ Para ele, havia diferentes formatos de festa carnavalesca pelo Brasil e cada localidade deveria preservar suas particularidades. Nesse sentido, defendia que não seria interessante incentivar escolas de samba em terras pernambucanas. É o que se pode visualizar em seus escritos publicados no Diário de Pernambuco em 1956:

[...] O carnaval do Recife deve ser tipicamente nosso, o que há de estimular são os maracatus, os bumba-meu boi, os frevos, os antigos clubes e cordões com seus estandartes e as suas bandeiras e as suas tradicionais fantasias. Não seria indicado, por exemplo, **estimular, no Recife, escola de samba: simplesmente porque isso não é recifense, é carioca. As melhores escolas de samba são as do Rio de Janeiro;** e o samba desce das favelas, como o frevo desceu dos mocambos [...]. Assim, quem quiser ver um carnaval com samba irá ao Rio e quem quiser ver um carnaval com frevo virá ao Recife. **Cada carnaval guardará o seu caráter próprio.**¹³¹

Os anos de 1955/1956 foram marcados por esse forte debate em torno do processo de oficialização do Carnaval da cidade. Além desses intelectuais mencionados anteriormente, outros foram aos jornais para expor sua opinião sobre esse acontecimento. Comumente, eles também se colocavam contrários à presença das

¹²⁸ Crônica da Cidade (Texto de Mário Melo). *Jornal do Commercio*, 07 de janeiro de 1956, p. 02.

¹²⁹ Sobre o posicionamento dos intelectuais a respeito da oficialização do Carnaval do Recife, ver o artigo que publiquei sobre o tema. SILVA, A. N. Intelectuais e tradição: disputas pelos dias de Momo no Recife (1955-1956), In: SILVA, L. V.; GUIMARÃES, J. F. S.; ARAÚJO, B. M. *História e Contemporaneidade*. 01 ed. Recife: Edufpe, 2015, v.01, p. 10-38.

¹³⁰ Aníbal Gonçalves Fernandes nasceu em Nazaré da Mata, no dia 30 de dezembro de 1894, em Pernambuco. Filho do casal Albino Gonçalves Fernandes e Maria Luzia Lobo Guido Fernandes. Aníbal Fernandes fez seus estudos no Seminário de Olinda e na Faculdade de Direito do Recife, tendo concluído o curso superior em 1916. Foi professor do Ginásio Pernambucano, da Faculdade de Filosofia do Recife, diretor do Museu do Estado e da Inspetoria de Monumentos Artísticos. Entretanto, encontrou no Jornalismo sua plena vocação. Em 1912 passou a ser revisor do Jornal de Pernambuco. Em 1914, no dia 17 de julho, se transferiu para o Diário de Pernambuco, permanecendo até 1952, quando se aposentou, mas continuou escrevendo para a publicação. Faleceu em 12 de janeiro de 1962 com 68 anos de idade. Para saber mais sobre Aníbal Fernandes, ver: FERRAZ, Marilourdes. *Aníbal Fernandes: jornalista – Nos caminhos da liberdade*. Associação da Imprensa de Pernambuco. Recife: CEPE, 1996.

¹³¹ Carnaval e Turismo. (Texto de Aníbal Fernandes). *Diário de Pernambuco*, 05 de janeiro de 1956, p. 04. (Grifos Meu).

escolas de samba na lei que oficializou o festejo.¹³² Entretanto, esse evento não ficou restrito ao campo dos escritos jornalísticos, mas gerou políticas públicas, haja vista que a Lei Municipal 3.346/55 foi alterada por meio da promulgação do Decreto-lei 1.351/56.¹³³

Haja vista que logo que assumiu o cargo de chefe do poder executivo municipal em 1956, Pelópidas Silveira¹³⁴, imbuído das vozes dos intelectuais, decide modificar a lei que havia oficializado o Carnaval da Cidade. Diante disso, ele determina que a Lei nº. 3.346/55 (recentemente aprovada) fosse revista e criada uma espécie de hierarquia para as agremiações desfilantes. Assim, os grupos que se apresentavam nos dias gordos foram classificados por práticas e categorias, em que os Clubes de Frevo ficaram na primeira posição e as escolas de samba figuraram na última colocação entre as agremiações que recebiam o pecúlio dos cofres públicos.¹³⁵ É o que se pode visualizar com o trecho abaixo retirado do Decreto-Lei nº 1.351/56:

Art. 2º A verba orçamentária destinada ao carnaval recifense será utilizada do seguinte modo: a) - 60% para os prêmios em dinheiro e aquisição das taças referentes aos concursos previstos no artigo anterior e seus parágrafos e para distribuição às agremiações com existência legal, observando-se, nessa distribuição, as seguintes percentagens: Clubes de Frevo 35%; Blocos 20%; Maracatus 15%; Caboclinhos 15%; Troças e Ursos 10%; e Escolas de Samba 5%. b) - 40% para atender à ornamentação, iluminação, propaganda e animação dos festejos. Dêsses 40% da verba orçamentária, 25% serão destinados aos serviços extraordinários de limpeza na cidade, durante as festas carnavalescas.¹³⁶

O Decreto-Lei nº 1.351/56 também retirou a União das Escolas de Samba do lugar de instituição auxiliar na organização do Carnaval. Em vez disso, criou uma Comissão, que ficou responsável por discorrer sobre os principais temas referentes ao festejo momesco da cidade. Essa Comissão era formada por diferentes membros que iam desde representantes do poder legislativo municipal – da Federação Carnavalesca,

¹³² Sobre isso, ver o capítulo II do meu trabalho de mestrado: SILVA, A. N. Op. Cit., 2011.

¹³³ Decreto-Lei 1.351 de 23 de janeiro de 1956, regulamentado pelo prefeito Pelópidas Silveira. <www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 26/12/2015.

¹³⁴ Pelópidas da Silveira foi prefeito do Recife. Sua administração foi marcada por uma forte intervenção do poder público na vida da cidade; ao mesmo tempo, ampliava-se a participação popular, com crescimento das associações de bairro e de moradores. REZENDE, A. P. M. Op. Cit., 2002, pp. 131-133.

¹³⁵ Sobre isso, ver os Decretos Lei nº 1351 de 23 de janeiro de 1956 e nº 1363 de 30 de janeiro de 1956, ambos sancionados pelo prefeito Pelópidas Silveira. Disponível em: www.legiscidade.recife.pe.gov.br Acesso em 26/12/2015

¹³⁶ Decreto-Lei 1.351 de 23 de janeiro de 1956. <www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 26/12/2015.

da Associação dos Cronistas Carnavalescos – até as indicações do prefeito. Sobre o papel dessa comissão, destaco o Art. 4º do referido decreto-lei:

Art. 4º Caberá a uma comissão presidida pelo Diretor do Departamento de Documentação e Cultura, e composta dos três vereadores indicados pelo plenário da Câmara Municipal, nos termos do art. 6º da Lei nº 3.346, um representante da Federação Carnavalesca Pernambucana, um representante da Associação dos Cronistas Carnavalescos e dois membros de livre escôlha do Prefeito do Recife, julgar os concursos estabelecidos no art. 1º e seus parágrafos e opinar quanto à ornamentação, iluminação, propaganda e animação dos festejos, bem como quanto à distribuição da verba prevista no art. 2º dêste Regulamento. Das decisões dessa Comissão que serão sempre tomadas por maioria, caberá recurso, por iniciativa do Diretor do D.D.C., para o Prefeito.¹³⁷

Em meio às disputas em torno do processo de oficialização do Carnaval do Recife, ficou evidente a condenação de parcela da intelectualidade local e do poder público municipal às escolas de samba. Essas práticas culturais foram acusadas por intelectuais de macularem a legítima tradição carnavalesca recifense. Entretanto, os sujeitos sociais que construíram as escolas de samba em terras pernambucanas não se abateram, foram à luta e criaram diferentes táticas para enfrentar esse processo de condenação. Mais adiante retornarei com outras questões referentes à história do samba no Recife.

Os anos de 1960 se iniciaram com novas mudanças implantadas na organização da festa carnavalesca recifense. Os dias de folia seriam regidos pela Comissão Permanente do Carnaval (CPC). Os integrantes dessa nova nomenclatura, composta de vários segmentos da sociedade pernambucana, buscaram reordenar as práticas carnavalescas da cidade. É importante salientar ao leitor e a leitora aqui, que essa mesma sigla (CPC) retornará ao Carnaval da cidade em 1972, mas como Comissão Promotora do Carnaval!

Em 1964 os representantes da Prefeitura do Recife instituíram no lugar da CPC (Comissão Permanente do Carnaval) a Comissão Organizadora do Carnaval (COC) por meio da Lei Municipal nº 9.355.¹³⁸ Por meio da COC a prefeitura passou a programar, a

¹³⁷ Decreto-Lei 1.351 de 23 de janeiro de 1956. <www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 26/12/2015.

¹³⁸ Lei 9.355 de 11 de dezembro de 1964, sancionada pelo prefeito Augusto Lucena. Disponível em: www.legiscidade.recife.pe.gov.br Acesso em 26/12/2015

patrocinar e a promover os festejos carnavalescos "dentro dos moldes folclóricos, preservando, sobretudo: os clubes de frevo, os maracatus, em sua forma primitiva e as tribos de caboclinhos".¹³⁹

Essa comissão reunia-se próximo ao período festivo momesco para discutir os encaminhamentos para o Carnaval que se aproximava. A ela cabia o dever de ajudar técnica e financeiramente todos os grupos que participavam do concurso de agremiações carnavalescas durante o período festivo de Momo. A COC era composta de diversos segmentos da sociedade recifense, nem sempre ligados ao Carnaval. É o que evidencia um trecho da Lei nº 9.355/64 que versa sobre a constituição da comissão:

Art. 2º A COMISSÃO ORGANIZADORA DO CARNAVAL (C.O.C.), presidida pelo Secretário de Educação e Cultura do Município, é composta de 5 (cinco) Vereadores, escolhidos pela Câmara Municipal, por maioria de votos; 4 (quatro) membros de livre escolha do Prefeito do Município; 1 (um) representante da Federação Carnavalesca Pernambucana; 1 (um) representante da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife; 1 (um) representante da Associação Comercial de Pernambuco; 1 (um) representante da Federação das Indústrias de Pernambuco e 1 (um) representante do Governo do Estado.¹⁴⁰

A Comissão Organizadora do Carnaval buscou dar continuidade a algumas medidas que já vinham acontecendo na folia recifense, como os concursos de Rei Momo e Rainha do Carnaval, a realização da Semana Pré-carnavalesca e o incentivo a concursos de músicas de frevo. Entretanto, os representantes da COC enfrentaram as críticas de alguns jornalistas sobre o processo de oficialização do Carnaval da cidade.

Entre os críticos desse processo, estava o jornalista Stélio Gonçalves.¹⁴¹ Para ele, o dirigismo da festa retirou a espontaneidade dos grupos carnavalescos, haja vista que antes seus representantes andavam pelos bairros recolhendo donativos, angariando recursos, principalmente junto aos comerciantes, para suprir os gastos com a apresentação das agremiações durante o Carnaval.

¹³⁹ Lei 9.355 de 11 de dezembro de 1964, sancionada pelo prefeito Augusto Lucena. Disponível em: www.legiscidade.recife.pe.gov.br Acesso em 26/12/2015

¹⁴⁰ Lei 9.355 de 11 de dezembro de 1964, sancionada pelo prefeito Augusto Lucena. Disponível em: www.legiscidade.recife.pe.gov.br Acesso em 26/12/2015

¹⁴¹ Stélio Gonçalves é jornalista e se intitula "cronista carnavalesco". Trabalhou em diversos veículos da imprensa local como o Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio e Última Hora. Foi editor da Rádio Clube e TV Tupi. Trabalhou também na Rádio e TV Jornal do Commercio. Hoje é aposentado.

Segundo o Gonçalves, a forma como foi feita a oficialização do Carnaval pela Prefeitura Municipal retirou da festa as marcas da liberdade e autonomia das agremiações, que se encontravam presas ao regulamento oficial. E diante disso, os grupos carnavalescos ficaram muito mais preocupados com o concurso de agremiações, do que promover uma festa em que o folião brincasse alegremente pelas ruas. Em 1968, o jornalista Gonçalves discorreu sobre o motivo do fracasso do Carnaval de Rua do Recife numa matéria publicada no *Jornal do Commercio*:

Os pobres clubes pedestres, que não tem voz ativa em nada, agora são os culpados. Culpados porque, com a oficialização, perderam a contribuição financeira do Comércio, indústria e dos próprios moradores do bairro. Empobrecidos, não puderam renovar os seus quadros dirigentes. Deve-se aos velhos foliões dos clubes ainda existir como agremiações carnavalescas.¹⁴²

As críticas à forma como estava sendo vivenciada a folia de Momo nas ruas do Recife foi algo recorrente nos jornais. Os críticos acusavam que o Carnaval da capital pernambucana estava morrendo e se "descharacterizando".¹⁴³ Sobre isso, destaco abaixo o trecho de uma matéria publicada no *Jornal do Commercio* de 1969:

O carnaval agoniza no grande Recife. Se os modestos clubes ainda ensaiam um débil esforço no sentido de reconstruir a alegria do passado, nas ruas a folia morre paulatinamente. Apenas os velhos moradores têm algo a contar, lembrando-se dos festejos de outrora consagravam o império de momo. Os jovens têm a atenção voltada para o carnaval do Recife, e a animação dos bailes carnavalescos de suas cidades já não conseguem entusiasmar como há três anos atrás. Vários fatores têm sido apontados como causas dessa decadência: o desinteresse dos administradores municipais; a falta de recursos econômicos; o melhoramento das rodovias, ligando ainda mais os pequenos centros à capital; e até mesmo o desgaste progressivo que estaria minando o carnaval em Pernambuco.¹⁴⁴

¹⁴² Carnaval Fracassa com Oficialização. *Jornal do Commercio*, 18 de janeiro de 1968, p. 10.

¹⁴³ O que tem sido nomeado comumente de "descharacterização" ou mesmo "desaparecimento" está associado às transformações e as modificações que a festa carnavalesca foi palco ao longo do tempo. Durante os anos de 1970, um dos principais elementos que intelectuais defensores da tradição vão acusar de está "matando a festa" são as escolas de samba – questão que se manterá ao longo de toda a década de 1980. Para entender melhor esse debate, ver a tese de doutoramento do historiador Ivaldo Lima, especialmente o capítulo IV. LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit., 2010; do mesmo autor ver também: LIMA, Ivaldo Marciano de França. Quem foi que falou em frevo? Em Pernambuco se samba, e muito! *Revista Ágora* (Vitória), v. 16, p. 63-76, 2012.

¹⁴⁴ Folia no passo da decadência. *Jornal do Commercio*, 22 de janeiro de 1969, 2º caderno, p. 01.

Na leitura dos jornais pude visualizar que o Carnaval de Rua do Recife era acusado de fracasso desde meados da década de 1960. Os clubes tradicionais, alguns deles remontam aos chamados "Clubes Pedestres", em muitos anos estamparam as manchetes dos jornais ameaçados de não desfilar e o motivo apresentado foram os problemas financeiros. As muitas matérias destacavam que a causa das dificuldades era a dependência por parte dessas agremiações ditas tradicionais da verba destinada pela prefeitura.¹⁴⁵ Em 1969 o Diário de Pernambuco evidenciou uma situação de dificuldades atribuída ao Clube Vassourinhas:

Vassourinhas completa 80 anos, porém ainda não sabe se desfilará este ano. Completa, este mês, oitenta anos de existência o Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas. [...] O octogenário Vassourinhas luta com dificuldades para assegurar sua presença, este ano, no desfile de agremiações carnavalescas. **Até agora somente cinco fantasias foram confeccionadas por sócios que custearam suas próprias indumentárias. Seus diretores, todavia, aguardam providências das autoridades no sentido de conseguir colaboração financeira para a sua apresentação.** O Clube Vassourinhas foi fundado em 6 de janeiro de 1889, na localidade denominada "Porto da Madeira", em Beberibe. [...] Durante toda a sua existência, o Clube só deixou de sair às ruas nos anos de 1918, em plena guerra, e em dois carnavais. O motivo foram dificuldades financeiras por que atravessava, tendo em vista a compra de um terreno pelo presidente daquela época, Sr. Luis Sales. [...] Os integrantes do Vassourinhas estão indecisos sobre sua participação no Carnaval de rua deste ano, pelas suas constantes dificuldades financeiras. **"Passamos o ano todo promovendo festas para arrecadar dinheiro para nossa agremiação** - declarou - mas, os resultados mal deram para cobrir as despesas do Carnaval do ano passado". "Porém - enfatizou o sr. Raul Xavier - estamos trabalhando para colocar o clube na rua, pois o nosso maior empenho é sair".¹⁴⁶

Entretanto, em outros anos os representantes do Clube Vassourinhas também apareceram nos jornais alegando que a agremiação passava por problemas financeiros, apesar de, mesmo diante do discurso, terem participado do concurso e se apresentado pelas ruas durante o festejo momesco. Não posso afirmar, mas talvez esse processo

¹⁴⁵ Lenhadores volta às ruas com orquestra pra valer. *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1968, I caderno, p. 10; Batutas de São José foi esquecido no auxílio concedido pelo Estado. *Diário de Pernambuco*, 13 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 06; Batutas de São José sem dinheiro sem dinheiro não sai este ano. *Jornal do Commercio*, 23 de janeiro de 1965, p. 08; Amantes das Flores desfilará no carnaval de 1972 graças a amigos. *Jornal do Commercio*, 13 de janeiro de 1972, I caderno, p. 12.

¹⁴⁶ Vassourinhas completa 80 anos, porém ainda não sabe se desfilará este ano. *Diário de Pernambuco*, 05 de janeiro de 1969, p. 06.

tenha sido uma tática do Clube Vassourinhas visando angariar mais recursos de seus admiradores.¹⁴⁷

Pode-se visualizar em passagens da matéria anteriormente citada que o diretor do Clube Vassourinhas, Raul Xavier, declarou que a agremiação promovia "festas o ano todo", visando com isso angariar recursos. Além disso, a publicação destacou também que os próprios sócios confeccionavam suas fantasias. Essas questões evidenciam que havia movimento no Clube e, diferentemente do que apontaram críticos, os grupos não ficaram unicamente dependendo das verbas da prefeitura.

Pude acompanhar na leitura dos jornais que os periódicos destacavam o atraso das verbas. Constantemente apareciam matérias que informavam que elas atrasavam ou mesmo não foram pagas como prometido. O tema das "verbas" foi um dos mais recorrentes ao longo desta pesquisa. Para que o leitor e a leitora possam ter essa dimensão produzi um quadro, "apenas" com as manchetes que foram publicadas no início dos anos de 1970. Para que assim possam compreender a dimensão das problemáticas em torno desse tema.

TÍTULO	JORNAL	DATA
Prefeito promete apoio aos clubes carnavalescos.	<i>Diário da Noite</i>	13 de janeiro de 1970, 2º caderno, p. 01.
Luta é pela verba toda.	<i>Diário da Noite</i>	13 de janeiro de 1970, 2º caderno, p. 01.
Momo com, ou sem dinheiro.	<i>Diário da Noite</i>	14 de fevereiro de 1970, 2º caderno, p. 01.
Prefeitura ainda tem débito com o carnaval de 1969.	<i>Diário da Noite</i>	15 de fevereiro de 1970, 1º caderno, p. 02.
Clubes sem dinheiro, receiam a passarela.	<i>Diário da Noite</i>	17 de janeiro de 1970, capa.
Problema maior é o dinheiro.	<i>Diário da Noite</i>	17 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02.
Todo mundo insatisfeito.	<i>Diário da Noite</i>	17 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02.
Clube recebe ajuda para o carnaval na medida do seu prestígio político.	<i>Diário da Noite</i>	19 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 07.
Prefeito libera mais NCr\$ 48 mil.	<i>Diário da Noite</i>	22 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02.
Ainda não saiu o reforço financeiro da COC.	<i>Diário da Noite</i>	23 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02.
Clubes que não desfilar devolve dinheiro.	<i>Diário da Noite</i>	26 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02.
Mais NCr\$ 50 mil para os clubes.	<i>Diário da Noite</i>	27 de janeiro de 1970, 1º

¹⁴⁷ Falta de verba, motivo único da ausência do vassourinhas. *Diario de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1965, 2º caderno, p.02; Vassourinhas talvez não tenha dinheiro para sair. *Jornal do Commercio*, 15 de janeiro de 1965, p. 08; Vassourinhas continua ameaçado de não desfilar. *Jornal do Commercio*, 27 de fevereiro de 1965, p. 10. Falta de verba prejudica o clube vassourinhas. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 12.

				caderno, p. 02.
Oito clubes sem receber a 1ª cota.	<i>Diário da Noite</i>		28 de janeiro de 1970,	1º caderno, p. 02.
Dinheiro do Frevo é só NCr\$ 160 mil.	<i>Diário da Noite</i>		30 de janeiro de 1970,	1º caderno, p. 02.
Verbas não saíram.	<i>Diario Pernambuco</i>	de	10 de janeiro de 1970,	2º caderno, p. 09.
Pagamento.	<i>Diario Pernambuco</i>	de	17 de janeiro de 1970,	1º caderno, p. 03
COC libera verbas para os clubes recifenses.	<i>Diario Pernambuco</i>	de	02 de fevereiro de 1971,	2º caderno, p. 01.
Agremiações recebem verba na prefeitura.	<i>Diario Pernambuco</i>	de	05 de fevereiro de 1971,	1º caderno, p. 07.
Agremiações carnavalescas recebem recursos da EMETUR.	<i>Diario Pernambuco</i>	de	12 de fevereiro de 1972,	1º caderno, p. 12.
Conselho de turismo pede verbas para agremiações.	<i>Diario Pernambuco</i>	de	13 de janeiro de 1972,	1º caderno, p. 03.
COC pede adiantamento de verba ao governo.	<i>Jornal Commercio</i>	do	08 de janeiro de 1972,	1º caderno, p. 12.
Subvenções.	<i>Jornal Commercio</i>	do	28 de janeiro de 1972,	1º caderno, p. 12.
Agremiações receberão hoje verba para o carnaval.	<i>Jornal Commercio,</i>	do	16 de janeiro de 1970,	1º caderno, p. 12.
Prefeitura entregou ontem a 73 agremiações parcela da verba para o carnaval.	<i>Jornal Commercio,</i>	do	17 de janeiro de 1970,	1º caderno, p. 03.
Cronistas vão a justiça cobrar verba ao prefeito. <i>Jornal do Commercio</i> , 04 de fevereiro de 1970, 1º caderno, p. 12.	<i>Jornal do Commercio,</i>	do		
Secretário garante que clubes receberão verba amanhã.	<i>Jornal Commercio,</i>	do	18 de janeiro de 1972,	1º caderno, p. 12.
Governo entrega verbas às agremiações carnavalescas	<i>Jornal Commercio,</i>	do	19 de janeiro de 1972,	1º caderno, p. 12.
Prefeitura despense Cr\$ 400 mil com momo.	<i>Jornal Commercio,</i>	do	05 de fevereiro de 1972,	1º caderno, p. 12.

Em meio as transformações provocadas no prosclênio político nacional e, conseqüentemente, local em virtude do período da Ditadura Militar, as relações de censura e disciplinamento, tão comuns a esse regime, se fizeram presentes também no Carnaval do Recife. Foi o que destacou o historiador Diogo Barreto ao comentar as posturas da Secretaria de Segurança Pública.

[...] a Lei de Segurança Pública voltada ao divertimento do Carnaval Recifeense foi um instrumento cerceativo de muitas características praticadas há anos pelos brincantes. As autoridades se faziam presentes nos locais de agitação foliã através do discurso que justificava apenas a fiscalização da brincadeira, cabendo ao folião a forma como ele iria se comportar, dando a entender que o Carnaval deveria ser dotado de elementos que reprimissem sensações, exaltações ou qualquer tipo de comportamento considerado subversivo mediante a Portaria Municipal.¹⁴⁸

¹⁴⁸ MELO, D. B. Op. Cit., 2011, pp. 135-136.

Ainda de acordo com o referido historiador as autoridades policiais introduziram mudanças na folia de Momo que não foram bem recebidas por importantes membros da cena carnavalesca local, como foi o caso de Capiba.¹⁴⁹ Todavia, os representantes da Secretaria de Segurança Pública afirmavam que a festa carnavalesca precisava se enquadrar dentro dos preceitos morais e da segurança. Foi nesse sentido que o Secretário de Segurança Pública, o Gal. Adeodato Mont'Alverne, em fevereiro de 1968 baixou a primeira portaria municipal que buscou disciplinar o Carnaval da cidade do Recife.¹⁵⁰ É o que se pode acompanhar abaixo por trechos do referido documento:

Art. 1º:

- Qualquer tipo de brincadeira que fizesse referência ao entrudo, como lança-perfume, goma, sacos d'água, pó, talco e semelhantes;
- A execução, por cântico ou instrumento, de hino nacional ou estrangeiro;
- O uso de bandeira ou símbolo de qualquer instituição, particular ou pública, inclusive a bandeira da Cruz Vermelha;
- O ultraje a crenças religiosas ou instituições nacionais/estrangeiras;
- A apresentação de dísticos ou canções ofensivas a autoridades, corporações militares ou instituições religiosas;
- O uso de vestes que se assemelhem a instituições militares ou religiosas;
- Obrigatoriedade no uso de trajes que façam jus a moral e bons costumes, inclusive nos locais que peçam tal prerrogativa;
- O uso de máscaras após as 20h, salvo se tiver autorização especial para tal;
- O uso de animais para fins carnavalescos, com exceção de bandas de clarins;
- O fornecimento de bebidas alcoólicas a menores de 18 anos e a quem já estivesse embriagado ou a deficientes mentais;
- Qualquer motorista que transportar elemento que conduza consigo objetos nocivos à saúde ou então trajes inadequados;
- A qualquer motorista dar carona a passageiros nos pára-lamas, pára-choques, capotas ou capuzes dos veículos;
- Levar para o Corso, caminhões com peso superior a cinco toneladas;
- Dirigir, em qualquer circunstância, sem os devidos documentos de habilitação;
- Dirigir em estado de embriaguês bem como perigosamente, transgredindo qualquer norma de trânsito;

¹⁴⁹ "Sobre essas modificações, o compositor Capiba escreveu que a experiência vivida em mais de trinta e oito carnavais lhe permitira concluir que não se podiam modificar, de maneira alguma, os festejos consagrados a Momo, suprimindo certos elementos de destaque do Carnaval Recifeense; caso isso ocorresse, as tradições do mesmo estariam morrendo. Elementos característicos da brincadeira como fantasias não eram ao lado das máscaras, as únicas alegorias proibidas, o mesmo exemplo era válido também para minissaias, biquíni e a presença das travestis nos festejos momescos. Na fala do compositor: "[...] não se pode deter a marcha do tempo". "Eu já tenho dito – observou – inúmeras vezes, que é muito perigoso se pensar em modificar os folguedos populares e não se pode impor ao povo o que ele deve fazer para se divertir.". MELO, D. B. Op. Cit., 2011, p. 134.

¹⁵⁰ MELO, D. B. Op. Cit., 2011, pp. 134-135.

- A exibição de qualquer conjunto carnavalesco que não esteja devidamente licenciado pela Divisão de Licenciamento das Diversões Públicas da Secretaria da Segurança Pública;
- O encontro frontal de conjuntos carnavalescos de forma a produzir choques.

Art. 5º:

- Estava proibido o porte de armas desde o dia 23 até o dia 28, salvo se o portador estivesse enquadrado nos serviços de segurança pública e estivesse em efetivo exercício.

Art. 6º:

- Os transgressores serão enquadrados no Código Penal e na Lei de Contravenções Penais em diversos artigos.

Art. 7º:

- A realização de qualquer baile, em âmbito particular, fica a cargo do licenciamento da Divisão de Diversões Públicas, após a satisfação de todas as exigências, inclusive do pagamento de taxa estipulada por lei em vigor.¹⁵¹

Atrelado a esses "problemas", no final dos anos de 1960 a Comissão Organizadora do Carnaval era apontada nos jornais como uma das responsáveis pela falta de êxito da folia momesca local. Muitas matérias de jornais apontavam a ingerência da COC como os motivos para o fracasso do Carnaval do Recife.¹⁵² É possível vislumbrar essa problemática por meio das colocações abaixo do jornalista Antônio Brito, quando escreveu sobre a temática em 1969 para o *Diário da Noite*:

[...] a atual Comissão, em que pesem os esforços da maioria dos seus integrantes está com o seu arcabouço marcado por inúmeros vícios de origem. É o que se observa, ano a ano é a monótona repetição dos mesmos erros, apontados pelos jornais e pelos defensores de nossas mais caras tradições. Percebe-se que o Carnaval, naquilo que tem de mais característico, planejar com mais objetividade, empregando-se mais tempo nesse trabalho. Aliás, esse é o comportamento observado no Rio, onde também se faz um bom Carnaval. [...] Uma das razões, sem dúvida, que contribuiu para o tumulto no qual se transforma o nosso desfile de agremiações de rua - com atrasos sempre reclamados nas apresentações para o público e turistas - é a pressa como é feita a sua planificação. A COC começa a definir as providências poucos dias antes da festa, sem tomar em consideração os principais detalhes, por

¹⁵¹ MELO, D. B. Op. Cit., 2011, p.135.

¹⁵² Destaco algumas das matérias que relacionavam a COC aos problemas do Carnaval do Recife: O que a COC deixou de fazer. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 03; Comissão permanente para carnaval está em estudo. *Diário da Noite*, 20 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 03; Carnaval de laboratório, em 70. *Diário da Noite*, 22 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 04; Geraldo enfrenta o desafio da COC aceitando a renúncia de 5 membros. *Diário da Noite*, 07 de janeiro de 1969, I caderno, p. 03; COC quer planejar para salvar o Carnaval de rua. *Jornal do Commercio*, 25 de fevereiro de 1971, p. capa.

absoluta falta de tempo para maiores apreciações. Outros detalhes da maior importância são também cuidados <<em cima da perna>>, à última hora [...].¹⁵³

Em meio às acusações de que o Carnaval de rua do Recife estava perdendo prestígio, os representantes da COC se deparavam com outra questão da ordem de gerenciamento da festa. O cerne da problemática residia na escolha de um formato de folia para a capital pernambucana, que estilo deveria ser adotado. Os embates circundavam em torno de dois modelos de festa, os nomeados "Carnaval Espetáculo" ou "Carnaval Participação".¹⁵⁴ O memorialista Waldemar de Oliveira,¹⁵⁵ que tinha uma coluna diária no *Jornal do Commercio*, introduziu algumas palavras ao debate em 1970 e que eu reproduzo abaixo alguns trechos das suas colocações:

Espectáculo ou Participação? Já que estamos em pleno Carnaval, seja o assunto, Carnaval. É só escolher. Por exemplo: o secretário Lucilo Ávila Pessoa, em cuja pele não gostaria de estar nesta época difícil, perguntou-me, numa das últimas sessões do Conselho Municipal de Turismo: que critério deve predominar, para o Carnaval de rua do Recife? Espectáculo ou Participação? Em miúdos: deve o Carnaval destinar-se à pura visão e deleite do povo ou ser estimulado para que o povo participe dele? Pegado de surpresa, minha primeira ideia foi que o melhor seria organizá-lo como participação durante o dia e como espetáculo à noite. Está visto que foi uma ideia sem maior consistência pelos muitos inconvenientes que trás, talvez mesmo pela sua quase inexecutabilidade. Considerei, depois que o Carnaval está evoluindo, deixêmo-lo evoluir, o sabor das próprias tendências do povo, restando-nos, apenas, assegurar tanto quanto possível, a continuidade de suas melhores tradições [...].¹⁵⁶

¹⁵³ Comissão Permanente para Carnaval está em estudos. (Coluna Política - Texto de Antônio Brito). *Diário da Noite*, 20 de fevereiro de 1969, I Caderno, p. 03.

¹⁵⁴ Mais adiante discutirei melhor cada formato desses de folia que frequentava as páginas dos jornais pernambucanos ao longo das décadas de 1970 e 1980.

¹⁵⁵ Waldemar de Oliveira nasceu no dia 2 de maio de 1900, na cidade do Recife-PE. Em 1918 foi estudar Medicina em Salvador, onde se formou em 1923, defendendo um trabalho sobre musicoterapia. Regressando ao Recife, passou a escrever no *Jornal do Commercio* e a partir de 1935 manteve a coluna *A Propósito*, dedicada à música e ao teatro. Foi médico, professor, jornalista, teatrólogo, compositor, escritor, crítico de arte, membro da Academia Pernambucana de Letras, da Academia Pernambucana de Médicos, da Academia Pernambucana de Música, do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico. Foi diretor do Teatro Santa Isabel, membro da Comissão Pernambucana de Folclore. Escreveu vários livros, na área do folclore destaque para *A Recriação Popular* (1966); e *Frevo, Capoeira e Passo* (1971), entre outros. Morreu em 18 de abril de 1977, na cidade do Recife, In: MAIOR, Mário Souto. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, p. 178-179, 1999.

¹⁵⁶ Espectáculo ou Participação? (Crônica da Cidade - texto de Waldemar de Oliveira). *Jornal do Commercio*, 08 de fevereiro de 1970, p. 04.

No início dos anos de 1970, as narrativas jornalísticas em torno do Carnaval do Recife destacavam que a festa era marcada pela forte presença das escolas de samba na cidade. Os Maracatus, louvados por parte da intelectualidade como elemento da tradição carnavalesca local, teve seu fim prognosticado por intelectuais como a antropóloga Katarina Real.¹⁵⁷ O Carnaval de rua da capital pernambucana continuava sendo acusado de estar se "descaracterizando", perdendo prestígio e popularidade.¹⁵⁸ As críticas à COC continuavam, acusada de não resolver os problemas que ao Carnaval da cidade estavam relacionados.

Pude acompanhar na leitura dos jornais que entre as principais queixas direcionadas à COC estavam a falta de organização em torno da comissão julgadora dos desfiles, o descaso com horários e estrutura para as agremiações que se apresentavam no Carnaval de Rua do Recife. Diante disso, a Comissão Organizadora do Carnaval (COC) foi extinta.¹⁵⁹ A respeito desse processo, o Diário de Pernambuco destacou o seguinte em 1972:

O Fim da COC

Sem choro nem vela acabou a COC. Os vereadores em geral são indóceis à unanimidade, uns por convicção, outros por contumácia. **Não discordaram quanto ao fim da COC. Todos deram o solene amém à extinção do órgão organizador do Carnaval; era inoperante e, por isso, morreu sem um lamento.** Teria morrido mesmo, sem apelação aos recursos urgentes, a COC? Bem, morreu

¹⁵⁷ REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990, p. 67.

¹⁵⁸ Carnaval de 71: fracasso total já é quase certo. *Diário da Noite*, 09 de janeiro de 1971, I caderno, p. 02; Receita de um secretário para reabilitar o carnaval de rua. *Diário da Noite*, 11 de janeiro de 1969, I caderno, p. 03; Prefeitura vai reformular carnaval de rua do Recife. *Diário da Noite*, 20 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 03; Cronista denuncia decadência do carnaval de rua no Recife. *Diário de Pernambuco*, 23 de janeiro de 1972, I caderno, p.03; Decadência do carnaval do Recife começou há 40 anos. *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1969, II caderno, p. 10; Crônica da Cidade: decadência. (Texto de Waldemar de Oliveira). *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1969, I caderno, p. 04; Prefeitura apoiará o carnaval de rua. *Jornal do Commercio*, 13 de janeiro de 1970, I caderno, p. 12; Comissões e Federações têm contribuído para decadência e morte do carnaval. (Texto de Stélio Gonçalves). *Diário de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 06.

¹⁵⁹ Carnaval entre a COC e a Emetur: onde está a salvação. *Diário da Noite*, 16 de janeiro de 1971, I caderno, p. 03; Fim da COC pode ser o começo da recuperação. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, 2ª. Ed., II caderno, p. 01; Carnaval-empresa, a solução para evitar o fim do reinado de momo. *Diário da Noite*, 25 de fevereiro de 1971, I caderno, p. 03; Prefeito desmente intenção de extinguir a COC. *Diário da Noite*, I caderno, p. 03; Projeto que extingue a COC tem apoio de Alfredo Oliveira. *Diário da Noite*, 24 de janeiro de 1972, II caderno, p. 02; Geraldo Magalhães anuncia a extinção da COC. *Diário de Pernambuco*, 25 de fevereiro de 1971, I caderno, p. 03; Carnaval terá nova comissão. *Diário de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1972, I caderno, p. 03; Vereadores poderão abandonar a COC a qualquer momento. *Diário de Pernambuco*, 25 de janeiro de 1972, I caderno, p. 13; Coisas da cidade: O fim da COC. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1972, I caderno, p. 05; Emetur começará a organizar o carnaval em agosto. *Diário de Pernambuco*, 17 de fevereiro de 1972, capa.

com direito à ressurreição. Em lugar do extinto órgão, criou-se outro. Será o novo tão inútil quanto o falecido? Não direi que seja, não me aventurarei a tanto. Primeiro porque a Comissão Promotora do Carnaval, o órgão que sucede à COC, ainda não deu o ar da sua graça, nem o dará neste incipiente Carnaval. [...] **O novo órgão, a CPC promete, em 73, um Carnaval turístico.** Ora, havendo na Prefeitura a EMETUR a cuidar dos atrativos turísticos de Recife e na sua direção um homem que entende superlativamente do riscado, o confrade Esdras Bispo, causa estranheza não se incorporar os objetivos turísticos da EMETUR a organização, com exclusividade, do Carnaval àquele feitio [...].¹⁶⁰

Em meio as críticas ao formato de festa carnavalesca vivenciado ao longo dos anos de 1960, do fim da COC em 1972, a força e a pujança das escolas de samba e a emergência de novos direcionamentos (turísticos) para a folia de Momo, as bases para o que foi nomeado nos jornais de "Carnaval Espetáculo" estavam lançadas.

Haja vista que, segundo as narrativas dos jornais, foi em torno da ideia de "espetáculo" que o Carnaval do Recife foi vivenciado ao longo de toda a década de 1970. O advento da Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR) como órgão organizador da folia introduziu na festa um aspecto turístico e de espetacularização,¹⁶¹ marcada, fundamentalmente, pelo concurso das agremiações e o desfile das escolas de samba.

A Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR) foi criada em junho de 1968 por meio da Lei Municipal nº. 9.927¹⁶² e passou a organizar as ações voltadas ao turismo na capital pernambucana. Segundo a turismóloga Tâmisia Vicente, "A EMETUR realizou uma série de concursos, como de quadrilha no período Junino, de Pastoril, no ciclo natalino; de fantasias, no carnaval; de ciranda, de fotografia, dentre outros." E, aos poucos, foi "assumindo as funções do COC, e passa a organizar o carnaval como um todo a partir do início da década de 1970".¹⁶³

Foi nesse sentido que em 1972 a organização da folia de Momo passou para a Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR) por meio da Comissão Promotora do

¹⁶⁰ O fim da COC. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1972, p. 05. (Grifos Meu).

¹⁶¹ A noção de espetacularização foi assim definida pelo sociólogo José Carlos Garcia Durand: "carga de efeitos especiais com que se reveste a manifestação artística, a fim de torná-la acontecimento memorável.". DURAND, José Carlos. Cultura como objeto de política pública. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n.2, p. 66-72, 2001, pp. 67-68.

¹⁶² Lei 9.927 de 03 de junho de 1968, sancionada pelo prefeito Augusto Lucena. Disponível em: www.legiscidade.recife.pe.gov.br Acesso em 15/01/2016

¹⁶³ VICENTE, Tâmisia Ramos. Políticas Publicas de Cultura e Turismo - O entrelace das ações nos Órgãos de fomento ao Turismo de Pernambuco - EMPETUR e EMETUR. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, v. 3, p. 25-45, 2009, p. 40.

Carnaval (CPC), que fora criada para organizar a festa. A CPC era representada por membros eleitos para um mandato de dois anos e composta por indivíduos das mais diversas esferas da sociedade, é o que demonstra abaixo o trecho da Lei nº 10.537/72:

[...] fica criada a COMISSÃO PROMOTORA DO CARNAVAL - C.P.C. - que funcionará sob a presidência do Diretor-Presidente da EMETUR e será constituída por representantes dos seguintes órgãos: Quatro (4) do Poder Executivo Municipal; Três (3) da Câmara Municipal do Recife; Três (3) do Govêrno (sic) do Estado, nêstes (sic) compreendidos um (1) da Secretaria Assistente; um (1) da Secretaria da Segurança Pública; e um (1) da Empresa Pernambucana de Turismo EMPETUR; Um (1) da Associação Comercial de Pernambuco; Um (1) da Federação das Indústrias de Pernambuco; Um (1) do Clube de Diretores Lojistas do Recife; Um (1) da Federação Carnavalesca Pernambucana e, Um (1) da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife.¹⁶⁴

O novo grupo que assumiu a organização do Carnaval, por meio da EMETUR, passou a imprimir ao festejo um aspecto turístico. Campanhas publicitárias foram criadas para divulgar a folia momesca do Recife em diversas partes do Brasil. O Carnaval da capital pernambucana virou uma mercadoria que precisava ser vendida e consumida por turistas, tanto de dentro, como de fora do país. Ao longo da pesquisa, pude perceber que os jornais, costumeiramente, divulgavam que a rede hoteleira local comemorava o quantitativo de turistas que estavam lotando os hotéis durante o período festivo de Momo.

Nessa relação festa e turismo, a noção de espetáculo associada ao festejo carnavalesco ganhou força. Ao longo dos anos de 1970 a folia momesca do Recife começou a ser definida nos jornais como "Carnaval Espetáculo". Entretanto, é preciso que o leitor ou a leitura tenha a consciência de que as bases para esse formato de folia foram sendo preparadas ao longo dos anos, mais precisamente na década de 1960 e que a chegada da EMETUR para organizar o festejo de Momo em 1972, apesar de apresentar-se como uma data importante, não pode ser encarada como o início desse processo.

Pela leitura dos jornais compreendi que as bases do que foi definido como "Carnaval Espetáculo" podem ser resumidas em alguns aspectos. Sem ordem de importância, destaco os seguintes pontos: a inserção da folia dentro de uma lógica do

¹⁶⁴ Lei 10.537 de 14 de março de 1972, sancionada pelo prefeito Augusto Lucena. Disponível em: www.legiscidade.recife.pe.gov.br Acesso em 15/01/2016

turismo, em que a festa precisava ser vendida e consumida enquanto mercadoria; o fortalecimento do formato de concurso das agremiações, as quais desfilavam em meio a uma passarela; a própria noção de espetáculo associada à festa, e a força das escolas de samba dentro desse cenário.

Nesse sentido, acredito que a junção desses elementos proporcionou ao festejo carnavalesco seu aspecto de espetacularização. No entanto, as mudanças que eram vivenciadas pelo festejo carnavalesco foram nomeadas nos jornais por intelectuais de "morte da festa", "descharacterização" ou mesmo perda da "autenticidade". Sobre a emergência do Carnaval Espetáculo no Recife, o historiador Ivaldo Lima discorreu:

Durante décadas, o carnaval do Recife foi glorificado por seu caráter “popular” e sua diversidade de manifestações culturais. Também foi aclamado por sua informalidade, pela espontaneidade com que os foliões transitavam pelas ruas com seus blocos, maracatus ou caboclinhos. Um carnaval de rua, com muita improvisação, irreverência e alegria. Este tipo de carnaval, ou esta idealização de uma festa “popular”, naturalmente foi confrontado por outras formas de organização, em que desfiles oficiais, passarelas e arquibancadas remeteram aos espetáculos, turismo e negócios.¹⁶⁵

Diante disso, acredito ser importante apresentar cada elemento que juntos vão compor as bases para o chamado Carnaval Espetáculo no Recife, para que assim o leitor ou a leitura possa entender a emergência desse formato de folia e o debate ao qual esteve associado, haja vista que os jornais da capital pernambucana, ao longo dos anos de 1970, repercutiram com bastante ênfase a crítica que os intelectuais defensores da tradição, faziam a esse modelo de festa.

A Passarela foi instituída no Carnaval do Recife em 1953, por iniciativa de Aristóфанes da Trindade, ex-presidente da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife (ACCR).¹⁶⁶ Com a chegada da passarela, "inovações" foram introduzidas à folia momesca recifense, tais como o fortalecimento do concurso de agremiações, a obrigatoriedade do cumprimento de horário de apresentação dos grupos, um itinerário para os desfiles, entre outras. Essas "novidades" não foram bem vistas pelos defensores da tradição, pois afirmavam que essas medidas faziam parte de um processo que culminaria com a perda da popularidade do festejo carnavalesco recifense. Sobre a

¹⁶⁵ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit, 2017, p. 175 (prelo).

¹⁶⁶ A História da Passarela. *Folha da Manhã*, 13 de janeiro de 1958, p. 02/07.

introdução da passarela no Carnaval do Recife destaquei o seguinte em meu trabalho de mestrado:

A passarela foi institucionalizada no carnaval em Recife e com ela vieram algumas mudanças significativas para a festa. A primeira foi a forma como o espaço público era organizado para os dias de folia. As agremiações teriam que percorrer determinado percurso pelas ruas da capital pernambucana e apresentar-se diante de uma comissão julgadora localizada em frente à passarela.¹⁶⁷

No período de 1953 a 1979 a passarela foi montada em diversos lugares e também modificada. Inicialmente era na Praça do Diário, uma espécie de "alambrado", o "elevado" como alguns indivíduos a definiam. Os foliões, comprimidos nas ruas, observavam as agremiações que se apresentavam em cima do palco e o desfile era por ordem de chegada. Com o crescimento da festa, e como o espaço na Praça do Diário era muito apertado, os organizadores do Carnaval decidiram modificar o lugar onde estava localizada a passarela.

Diante disso, ao longo das décadas de 1960 e 1970, a passarela foi modificada em sua estrutura. Saiu de cena o antigo "elevado" – espécie de palco por onde os grupos carnavalescos se apresentavam – que era localizado na Praça do Diário. Em seu lugar ficou estabelecido que alguma rua ou avenida seria o novo espaço (passarela) por onde as agremiações deveriam se apresentar.

A passarela, do antigo palco elevado, foi transferida para uma avenida, pois se precisava de uma linha reta por onde as agremiações deveriam desfilar. Ao longo do percurso da "nova passarela" foram montadas arquibancadas para o público espectador. Ingressos começaram a ser vendidos e parte do dinheiro arrecadado era repassada às agremiações. O que, evidentemente, tornava o Carnaval com passarela algo interessante e lucrativo para os grupos desfilantes. Com essa nova estrutura, a passarela foi, inicialmente, montada na Avenida Conde da Boa Vista e depois transferida para as Avenidas Guararapes e Dantas Barreto, respectivamente; todos esses locais no centro da cidade do Recife.

Como tenho destacado, ao longo da década de 1970 a presença da passarela fortaleceu um formato de Carnaval pautado em cima do concurso de agremiações. A folia de Momo local louvada em outrora por sua relação com as ruas, cedia espaço

¹⁶⁷ SILVA, A. N. Op. Cit., 2011, p. 79.

nesses anos para esse novo formato de festa e, mais uma vez, as transformações do festejo momesco foi entendida por intelectuais defensores da tradição como algo nefasto à festa e que causaria a morte do "verdadeiro Carnaval recifense".

Nesse sentido, durante a década de 1970, a passarela foi questionada e acusada pelos intelectuais defensores da tradição de macular a "autêntica" cultura carnavalesca recifense e que a sua presença tornava os súditos de Momo como meros expectadores da folia. Intelectuais escreviam nos jornais acusando esse formato de desfile, pois acreditavam que ele favorecia as escolas de samba, em virtude da própria estrutura ritualística dessas agremiações, que necessitam de uma apresentação em formato linear.

2.4 Escolas de Samba: a marca do Carnaval espetáculo

O percurso para que as escolas de samba fossem consideradas as principais agremiações do "Carnaval Espetáculo" do Recife foi marcado por muitos conflitos. Os sambistas percorreram uma trilha marcada pela condenação, mas souberam tirar dela novas possibilidades, se reinventaram e aproveitaram as transformações que eram introduzidas no festejo momesco pelos órgãos responsáveis pela organização da festa.

As escolas de samba estão presentes no Recife há muitos anos. Visualizo, em torno das narrativas sobre o começo dessas práticas na capital pernambucana, uma espécie de "mito fundador", comumente associado à presença de marinheiros que, vindos do Rio de Janeiro, ao atracarem no Recife durante o Carnaval, decidiram criar uma escola de samba e com isso difundiram a prática nessas terras.

As narrativas que se baseiam nesse "mito fundador" seguem uma estrutura linear e passaram a ser vistas e repetidas como ponto inicial da história dos começos das escolas de samba. Esses discursos foram encontrados tanto nos jornais, como em relatos de memórias de alguns sambistas.¹⁶⁸

Sobre as narrativas que buscaram associar a presença dos marinheiros no Recife e os começos das escolas de samba, destaco abaixo o trecho de uma matéria do Jornal do Commercio publicada em 1955 e atribuída ao jornalista Mário Melo. Este indivíduo durante muitos anos apresentou-se como um dos principais críticos das escolas de samba em terras pernambucanas.

¹⁶⁸ Sobre isso ver: LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit., 2010; SILVA, A. N. E o Recife sambou: disputas e conflitos em torno das primeiras escolas de samba. *Saeculum* (UFPB), v. 27, p. 123-141, 2012.

[...] Mais tarde na Segunda Grande Guerra, estando aqui ancorado o Cruzador São Paulo, os marinheiros formaram uma escola de samba e vieram à rua, à moda do carnaval carioca. E quando partiram deixaram aguçado o espírito da imitação. Começaram a surgir escolas de samba. Era a infiltração prejudicial ao nosso folclore. Deixamo-las à parte como quistos. Nunca filiamos nenhuma, por ser prejudiciais ao nosso carnaval típico.¹⁶⁹

O jornalista Mário Melo defendia que a presença das escolas de samba no Recife foi fruto de um processo de transposição cultural do Rio de Janeiro. Partilhava da ideia que marinheiros, ancorados por essas terras, praticaram o samba de escola pela capital pernambucana e quando foram embora deixaram plantado o desejo da imitação nos pernambucanos. Melo entendia a prática das escolas de samba como uma cultura exógena e que prejudicava as tradições locais.

Nos anos de 1960, a antropóloga Katarina Real, que veio ao Recife fazer pesquisas sobre o festejo momesco, e inclusive chegou a trabalhar alguns anos na Comissão Organizadora do Carnaval (COC), também incorporou o discurso do começo das escolas de samba associado à presença de grupos de marinheiros na cidade:

[...] As primeiras escolas apareceram no Recife há mais de 20 anos, geralmente introduzidas por pernambucanos que a serviço das Forças Armadas do país, tiveram de passar alguns anos no Rio e entraram em contato com o samba carioca. De volta ao Recife, esses pernambucanos fundaram escolas de samba, como Garotos do Céu, que, segundo o Prof. Luiz Rodrigues, seu fundador, foi uma das primeiras. Reforçando esses entusiastas do samba, havia as visitas durante a II Guerra Mundial, dos navios da Marinha Brasileira, cujos tripulantes saíam de "batucada" para brincar o Carnaval e ganhavam as simpatias do povo pernambucano.¹⁷⁰

As narrativas de Mário Melo e Katarina Real, apesar de dialogarem quanto à relação dos marinheiros ao começo das escolas de samba na cidade, divergiram quanto à naturalidade desses sujeitos. Para a antropóloga, esses indivíduos eram pernambucanos que estavam no Rio de Janeiro e ao voltarem a Pernambuco criaram os primeiros

¹⁶⁹ Crônica da Cidade (Texto de Mário Melo). *Jornal do Commercio*, dezembro de 1955 *apud*: TELES, José. "Conflitos: um passado de preconceitos". *Revista Continente*, fev. 2011, p. 29.

¹⁷⁰ REAL, Katarina. *Op. Cit.*, 1990, p. 48.

embriões das escolas. Já para o jornalista, eles eram cariocas que vieram para o Recife num navio que por essas plagas atracou.

Arelada a essa história dos marinheiros, estão outros relatos que buscaram associar os começos das escolas de samba no Recife às chamadas "turmas", grupos que tocavam samba e saíam pelas ruas dos subúrbios da capital pernambucana durante o Carnaval. Sobre a relação das chamadas "turmas" com as escolas de samba, o Diário de Pernambuco de janeiro de 1969 destacou:

Quem contou a história do samba em Pernambuco para a gente foi seu Luiz Rodrigues da Silva Melo, um dos seus iniciantes por essas plagas. "Naquele tempo (1936), eu havia chegado do Rio e encontrei por aqui algumas turmas que visitavam casas de família, nas ruas de subúrbio, com uma espécie de batuque diferente, quase iguais ao que lá havia deixado. Ambientei-me com a Turma Quente, Turma Sem Rival e Quem Fala de Nós Tem Paixão, e comecei a acompanhar a rapaziada em seus passos, de preferência até Prazeres. O povo gostava muito e elas foram aumentando. De 30 a 40 participantes algumas vezes alcançou até 100. Eu continuava insistindo que escola de samba não era somente para casa de família, mas também para sair às ruas do centro durante o carnaval. A primeira vez que isto aconteceu foi durante a II Guerra Mundial, quando marinheiros do Tender Belmonte e do Cruzador São Paulo desfilaram pelas ruas com 'Mimosas em Folia' que obteve grande sucesso. O relato, em suas essências, foi confirmado pelo pesquisador, etnógrafo e jornalista Paulo Viana, que acrescentou "Daí então, as turmas viraram Escolas e formaram adeptos".¹⁷¹

Diante disso, é em torno da história dos marinheiros ou mesmo da presença das turmas no Recife que são narrados os começos das escolas de samba na cidade. Independente de como e quando emergiram em terras pernambucanas, essas práticas culturais enfrentaram uma condenação por parte da intelectualidade local, em virtude de sua associação quase imediata ao Carnaval do Rio de Janeiro. Numa região em que se valoriza muito o discurso do tradicional e do autêntico, sua presença e crescimento não foram bem vistos.

No entanto, não vejo importância em se precisar a origem de uma prática. Tampouco estou preocupado em enunciar quem foi a primeira escola de samba ou mesmo quando elas começaram. Acredito sim que seja relevante situar para quem lê este trabalho o debate historiográfico e os conflitos no qual estavam inseridas.

¹⁷¹ No carnaval do Recife cabe o samba também. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 janeiro de 1969, p. 02, III caderno.

Acredito que partilhar desses "mitos fundadores" seria conceber o acontecimento como resultado de um encadeamento natural, teleológico e diante disso não se estaria produzindo uma análise histórica do evento. Defender esse tipo de procedimento termina por banalizar a História, pois traça continuidades esquemáticas e perde-se a dimensão mais rica das descontinuidades e dos múltiplos deslocamentos tão comum às narrativas históricas.

Tenho feito um levantamento nos jornais sobre a presença das escolas de samba no Recife desde os anos de 1940. Entre os grupos que já figuravam neste período, destaco: Santos Dumont; Duvidosas do Samba; Escola de Samba Oriente; Marca O'lhó; Gigantes do Samba; Limonil; Milionários do Ritmo; Molambo da Vila; Mimosas da Folia; Sapato Furado; Estudantes de São José, entre outras. Durante a década de 1970 muitas dessas agremiações já nem existiam mais, entretanto outras foram sendo somadas a essa lista. O que ficou evidente com a pesquisa foi a frequente condenação de parcela de intelectuais à presença desses grupos no Carnaval da cidade do Recife.

Acredito que os sambistas, por terem sua prática carnavalesca combatida durante muitos anos, foram se readaptando, se reinventando a partir das demandas que lhes eram ofertadas. Tomando por base as formulações teóricas de Michel de Certeau, entendo que os sambistas nessas relações de força souberam, enquanto fracos, se utilizarem das "táticas" em meio às "estratégias" do forte para darem o "drible" e produzirem a "trampolinagem" de que nos fala o referido historiador. Ou seja, mesmo em meio a um cenário hostil, com críticas de intelectuais, diminuição das verbas por parte da prefeitura da cidade, os sambistas fizeram das escolas de samba uma das grandes atrações do Carnaval do Recife.¹⁷²

¹⁷² "Chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc)". (CERTEAU, M. de. Op. Cit., 2008, p. 93. Grifos do autor.). "Entendo estratégias como procedimento que nasce de um cálculo das relações de força e que são empreendidas por um sujeito de poder e de querer para atingir objetivos previamente traçados". (ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *História a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 161). Trampolinagem pode ser entendida como "palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, e como trapaçaria, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais. Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente de grupos que, por não ter um próprio devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que 'fazer com'. Nesses estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes dos lances, um prazer em alterar as regras do espaço opressor. Destreza tática e alegria de uma tecnicidade". (CERTEAU, M. de. Op. Cit., 2008, p. 74-75).

Ao longo dos anos de 1960 a disputa pelo título de campeã do Carnaval do Recife ficou mesmo entre as escolas Gigantes do Samba e Estudantes de São José.¹⁷³ Os jornais estampavam suas manchetes em torno dos duelos entre essas duas agremiações. Ressaltavam o sucesso provocado por suas apresentações diante do público brincante e expectador do Carnaval.¹⁷⁴

A escola Gigantes do Samba é uma das mais antigas agremiações carnavalescas da capital pernambucana e foi fundada em 1942. Desde os anos de 1950 figura entre as primeiras posições na disputa do título de campeã do Carnaval recifense. Do bairro de Água Fria, no Recife, os seus membros construíram a história dessa escola a associando ao morro. Morro entendido pelos sambistas como o lugar do samba, espaço composto de gente simples, mas que se dedicava ao Carnaval com garra e amava aquilo que fazia, ou seja, o samba.¹⁷⁵

Já a Estudantes de São José tem sua fundação datada em 1949. Sobre as narrativas em torno da emergência dessa escola de samba, o Jornal do Commercio destacou: "um grupo de rapazes decidiu criar a agremiação para sair nos dias de momo, sem, no entanto, o objetivo inicial de competir pelo título de campeã do Carnaval".¹⁷⁶ Contudo, já no primeiro ano (1959) em que Estudantes de São José disputou o título da Primeira Categoria foi a campeã do Carnaval da cidade. Essa agremiação localiza-se no Bairro de São José, centro do Recife.¹⁷⁷

O sucesso das escolas de samba no Carnaval do Recife ao longo da década de 1960 provocou a críticas de diversos intelectuais da cena cultural pernambucana. Entre eles um dos filhos mais ilustres dessas terras, Gilberto Freyre, que publicou um artigo condenando a presença das escolas de samba na folia de Momo local.

¹⁷³ Lavadeiras de Areias o campeão do carnaval. *Diário da Noite*, 02 de março de 1960, p. 02; "Vassourinhas" e "Batutas de São José" os campeões do carnaval em 1961. *Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1961, p. 05; Clubes, caboclinhos, troças, maracatus e escolas concorrentes. *Diário da Noite*, 02 de março de 1962, p. 07; Blocos e clubes. *Diário da Noite*, 27 de fevereiro de 1963, p. 07; Campeões não tiveram grande concorrência. *Diário da Noite*, 12 de fevereiro de 1964, p. 07; Pás, Batutas, Abanadores, Indiano, Tupinambá, Estudantes no 1º lugar. *Diário da Noite*, 03 de março de 1965, p. 02; Lavadeiras de Areias foi o grande campeão do carnaval do Recife em 66. *Diário da Noite*, 23 de fevereiro de 1966, p. 03; Inocente é bi e Gigante do Samba desbancou Estudantes. *Diário da Noite*, 08 de fevereiro de 1967, 1ª edição, p. 03 e *Diário da Noite*, 08 de fevereiro de 1967 2ª edição, p. 03; Vitória do Clube das Pás foi tranquila. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 03, 1ª edição; Estudantes e Pás ganharam duelo na passarela. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, p. 02, 1º caderno, 1ª edição.

¹⁷⁴ Para saber mais sobre as disputas entre as escolas Gigantes do Samba e Estudantes do São José, ver: SILVA, A. N. É na magia do samba que eu vou! Os duelos de Estudantes e Gigantes no Carnaval do Recife, In: GUILLEN, Isabel C. M.; SILVA, A. N. (Orgs.). *Tempos de Folia - Estudos sobre o Carnaval do Recife*. Recife: Editora Massangana, 2017 (Prelo).

¹⁷⁵ SILVA, A. N. Op. Cit., 2017 (Prelo).

¹⁷⁶ Estudantes de São José quer o Bi-campeonato. *Jornal do Commercio*, 09 de fevereiro de 1966, p. 08.

¹⁷⁷ SILVA, A. N. Op. Cit., 2017 (Prelo).

Para Freyre a força das escolas de samba no Carnaval do Recife estava produzindo uma "carioquização" da folia, colocando-a como reboque do que era feito no Rio de Janeiro.¹⁷⁸ Freyre defendeu num artigo publicado em 1966 que a folia de Momo local passava por um processo de "descaracterização" em virtude da invasão das escolas de samba. Sobre isso, reproduzo abaixo parte desse artigo:

O carnaval do Recife de 66 decorreu sob este signo terrível: perigo de morte! É que o assinalou uma **descaracterização maciça, através da invasão** organizada, dirigida e, ao que parece, até oficializada, dos seus melhores redutos de pernambucanidade: **a invasão das escolas de samba [...]. A traição ostensiva às tradições mais características de Pernambuco no que se refere a expressões carnavalescas. Um carnaval do Recife em que comecem a predominar escolas de samba** ou qualquer outro exotismo dirigido, já não é um carnaval recifense ou pernambucano: **é um inexpressível, postiço e até caricaturesco carnaval sub-carioca** ou sub-isso ou sub-aquilo. **De modo que a inesperada predominância, no carnaval deste ano, do samba sub-carioca, deve alarmar, inquietar e despertar o brio de todo bom pernambucano: é preciso que a invasão seja detida; e que o carnaval de 67 volte a ser espontaneamente recifense e caracteristicamente pernambucano.** Se há algum **calabarismo** a trair o carnaval do Recife, a favor de um carnaval estranho, que seja o quanto antes dominado este calabarismo. Afinal, como se explica a repentina organização de não sei quantas escolas de samba sub-carioca na Cidade do Recife? A que plano obedece tal organização? Com que objetivo ela está se perpetuando? Eleitoralismo disfarçado? Estará havendo politiquice de qualquer espécie através do carnaval? Inocentes úteis estarão em jogo? Ou colapso da tradição carnavalesca no Recife por simples e passivo furor de imitação do exótico furor tão contrário ao brio recifense [...].¹⁷⁹

As palavras de Gilberto Freyre associaram os pernambucanos que estavam participando das escolas de samba com o calabarismo, ou seja, com a traição, no caso, traição das "legítimas tradições carnavalescas" do Estado. Freyre tentou "despertar" nos pernambucanos o sentimento de defesa, pois, se o carnaval de 1967 continuasse com o destaque dado às escolas de samba, essa festa estaria fadada a desaparecer, a morrer.

Numa análise das matérias dos jornais pude compreender que as transformações que a festa momesca fora palco, comumente era vista por parcela dos intelectuais como

¹⁷⁸ A respeito do posicionamento de Gilberto Freyre em relação à presença das escolas de samba no Carnaval do Recife ver: SILVA, A. N. Op. Cit., 2011; ver também o recente trabalho do antropólogo Hugo Menezes Neto: MENEZES NETO, Hugo. Gilberto Freyre entre o frevo e o samba no Carnaval do Recife. *Sociologia & Antropologia*, v. 6, p. 735-754, 2016.

¹⁷⁹ "Recifense, sim, sub-carioca, não". *Jornal do Commercio*, 27 de fevereiro de 1966, p. 04; "Recifense, sim, sub-carioca, não". *Diário de Pernambuco*, 27 de fevereiro de 1966, p. 04, I caderno. (Grifos meu).

a "morte da festa". Foi nesse sentido que a presença de qualquer elemento que destoasse do que era entendido como o conjunto das tradições carnavalescas locais, foi prognosticada como o fim, a morte da festa. E aqui reside uma das chaves as críticas enfrentadas por sambistas na defesa da prática do samba de escola no Recife.

Ao adentrar os anos de 1970, outras escolas passaram a concorrer com Gigantes e Estudantes pelo título de campeã do Carnaval local, com destaque para as participações de Império do Samba.¹⁸⁰ A Escola Império do Samba em 1977 foi a primeira a quebrar a hegemonia das tradicionais Estudantes e Gigantes, antes acostumadas a praticamente sozinhas disputarem o certame.¹⁸¹ Em 1979 mais uma vez a Império do Samba foi a campeã do concurso.¹⁸²

Os desfiles das escolas de samba no Recife eram marcados pelo luxo de suas fantasias e alegorias. Os sambistas, em meio à condenação de sua prática, criaram táticas para reordenaram o cenário hostil que era apresentado. Os jornais relatavam a realização dos "sambões", encontros realizados nas quadras das escolas com o objetivo de angariar recursos para custearem os desfiles. Além disso, contavam com as doações de vereadores e admiradores.

O crescimento e o luxo dos desfiles das escolas de samba voltaram a incomodar Gilberto Freyre. Na década de 1970 o sociólogo escreveu um artigo para o Diário de Pernambuco em que questionava se estava certo destinar às escolas de samba recursos financeiros em detrimento dos clubes de frevo e dos maracatus. Falou de um pretensão sentimento de "pernambucanidade" presente nas práticas carnavalescas que deveria ser defendido e preservado. É o que se pode acompanhar por meio de um trecho do artigo de Freyre que destaco abaixo:

¹⁸⁰ Indiano teve boa vitória. *Diário da Noite*, 11 de fevereiro de 1970 p. 02, 1º caderno, 1ª edição; Indiano teve boa vitória. *Diário da Noite*, 11 de fevereiro de 1970 p. 02, 1º caderno, 2ª edição; O resultado geral. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, p. 02, 1º caderno, 1ª edição; O resultado geral. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, p. 04, 2º caderno, 2ª edição; Resultados do desfile. *Diário de Pernambuco*, 17 de fevereiro de 1972, p. C1; Batutas ganha o duelo com Banhistas por dois pontos. *Diário da Noite*, 08 de março de 1973, capa; Premiados desfilam e recebem glorificação. *Diário de Pernambuco*, 02 de março de 1974, p. C1; Vitoriosos desfilam hoje à noite pelo Centro. *Diário de Pernambuco*, 03 de março de 1974, p. C1; Trabalho da comissão apuradora surpreendeu muitas agremiações. *Diário da Noite*, 14 de fevereiro de 1975, p. 03; Decisão do Júri dá 1ª colocação a Estudantes. *Jornal do Commercio*, 05 de março de 1976, p.12; Império e Gigantes empatados. *Diário da Noite*, 09 de fevereiro de 1978, capa; Na briga do carnaval deu coluna do meio. *Jornal da Cidade*, 11 a 17 de fevereiro de 1978, p. 09.

¹⁸¹ Carnaval pernambucano tem os seus campeões. *Diário de Pernambuco*, 25 de fevereiro de 1977, capa; Gigantes e Estudantes não ganham o carnaval. *Jornal da Cidade*, 26 de fevereiro a 04 de março de 1977, p. 20.

¹⁸² Protesto na escolha dos vitoriosos *Diário de Pernambuco*, 02 de março 1979, capa.

Estará Certo?

Não é da melhor tradição pernambucana o entreguismo passivo ou inerte. Acolher o exótico, o transoceânico, o estranho, o novo, assimilá-lo, adotá-lo é uma coisa: e isto o pernambucano tem feito desde velhos dias. E feito, por vezes, magnificamente. [...] Tais observações ou assimilações só fazem bem a uma cultura regional ou nacional e só fazem honra aos que sabem adotar o exótico, adaptando-se às suas situações e às suas tradições. Arte que tem alguma coisa de ciência. O entreguismo é diferente. Não assimila: entrega-se. Não absorve: é absorvido pelo invasor ou corruptor. **É o que está acontecendo com o carnaval do Recife, célebre pela originalidade dos seus maracatus, dos seus caboclinhos, do seu frevo: está sendo descaracterizado não só tem a justa resistência da parte dos pernambucanos, como com a adesão de alguns dos mais ricos, dos mais influentes, dos mais poderosos, dentre eles, ao samba invasor. Está a despernambucanizar-se. Está a acariocar-se.** Grande parte do dinheiro que se destina à promoção do carnaval não está tendo outro fim entre nós senão este: trazer, a altos preços, risinhos cariocas, mestres do samba, ao Recife, para aqui procederem à despernambucanização de um dos carnavais mais originais do Brasil. Estará Certo? Onde está a pernambucanidade desses ricos? Que justiça haverá em dar-se tão bons dinheiros a esses aliás ilustres cariocas, desprezando-se os nossíssimos Nelsons Ferreiras e Capibas? **Desprezando maracatus e frevos para substituí-los por ‘escolas de samba’, com que turistas contaremos para vir a um Recife assim acariocado no seu carnaval?** Não se diga que é o povo – o Povo Pernambucano: Povo com P maiúsculo – que quer se acariocar, entregando-se de corpo e alma ao carioquismo samba: música e dança de que ninguém nega as virtudes nacionais sendo, como é, para o Brasil, o que na culinária, é a feijoada. O que vem acontecendo, porém, entre nós, é uma sistemática e um tanto misteriosa obra de glorificação do samba em detrimento do carnaval pernambucano – espécie de pitu do Rio Una. Glorificação em artigos nos jornais, em falas nos rádios, em exibições nas televisões. Impossível que essa glorificação assim constante não consiga alguns dos desejados efeitos: um deles, incluir o frevo e o maracatus, passo a marchas, o carnaval verdadeiramente do Recife, entre quadradices vergonhosas para uma cidade ‘progressista’. Este, um aspecto do fenômeno que não deve ser esquecido. Pode ser expressão nacionalista: mas um nacionalismo a custa de uma variante regional de cultura nacional tão válida quanto a carioca. A discriminação pró-samba dá ao que há, na campanha de antipernambucano, um sentido quase sinistro.¹⁸³

Freyre procurou centrar a discussão em torno das diferenças entre “assimilação” e “entreguismo”. Para o famoso sociólogo, os pernambucanos tinham o costume de se adaptar a outras práticas, assimilando “magnificamente [...] desde os velhos dias” o novo “às suas situações e tradições”, com efeitos positivos para a cultura regional.

¹⁸³ Estará Certo? (Texto de Gilberto Freyre). *Diário de Pernambuco*, 20 de fevereiro de 1972, p. 04, I caderno. (Grifos meu).

Entretanto, não era o que estava ocorrendo com o samba, neste caso havia um "entreguismo passivo ou inerte". Para Gilberto Freyre o entreguismo é a aceitação sem resistências, em que não há a assimilação e sim entrega. De acordo com as ideias de Freyre, o Carnaval do Recife estava sendo invadido, absorvido pelo invasor, o que resultava na perda das tradições locais. Nas palavras de Freyre, a folia de Momo da capital pernambucana estava a "despernambucanizar-se" e assumindo seu lugar de "acariocado".

Mesmo diante das críticas de Gilberto Freyre, as escolas de samba continuaram crescendo e, no transcorrer da década de 1980, outra escola de samba emergiu com força à cena carnavalesca recifense, tratou-se da Galeria do Ritmo. Essa agremiação foi fundada em 1962 e sua sede localiza-se no Morro da Conceição, bairro da Zona Norte do Recife. Galeria do Ritmo, ao longo dos anos de 1980, chegou a ganhar diversas vezes o título de campeã do Carnaval local.¹⁸⁴

Com o advento à cena carnavalesca recifense de agremiações como a Império do Samba, a Galeria do Ritmo e também a Samarina, esta última campeã do Carnaval em 1989,¹⁸⁵ visualizo um processo de renovação e crescimento das escolas de samba que, ao longo de toda a década de 1970, afirmaram-se como as grandes atrações da folia momesca local.¹⁸⁶

Acredito que as mudanças promovidas pela EMETUR proporcionaram um crescimento às escolas de samba ao longo da década de 1970. Elas não só aumentavam

¹⁸⁴ Galeria ganha título e faz festa no Morro. *Diario de Pernambuco*, 18 de fevereiro de 1983, capa; Galeria do Ritmo dispara como campeoníssima de 83. *Diario de Pernambuco*, 18 de fevereiro de 1983, p. A5; Pás e Galeria do Ritmo, as campeãs. *Diario de Pernambuco*, 08 de março de 1984, p. A5; Pás Douradas e Galeria do Ritmo levam título. *Diario de Pernambuco*, 07 de março de 1987, capa; Galeria do Ritmo e Clube das Pás vencem carnaval. *Diario de Pernambuco*, 07 de março de 1987, p. A9.

¹⁸⁵ Samarina é a grande campeã. *Diario de Pernambuco*, 10 de fevereiro de 1989, capa; Confirmado: Samarina é a grande campeã. *Diario de Pernambuco*, 10 de fevereiro de 1989, p. A9; Anunciados os campeões do carnaval. *Diario de Pernambuco*, 10 de fevereiro de 1989, p. A12.

¹⁸⁶ Escolas de samba fizeram o sucesso da passarela. *Diario da Noite*, 12 de fevereiro de 1975, p. 06; O desfile das escolas de samba o foi o auge do carnaval. *Diario da Noite*, 12 de fevereiro de 1975, p. 01; Escolas de samba. *Diario da Noite*, 06 de fevereiro de 1975, p. 04; Frevo e samba. *Diario de Pernambuco*, 30 de abril de 1975, 2º caderno, p. 07; Frevo cede terreno para samba. *Diario de Pernambuco*, 06 de dezembro de 1975, 1º caderno, p. 03; Frevo morre: amorfina-se o povo pernambucano? *Diario de Pernambuco*, 26 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 05; Estado atual do frevo. *Diario de Pernambuco*, 29 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 12; Samba e frevo para animar o recifense. *Diario de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1981, p. b9; Defesa do frevo, Paulo Fernando Craveiro. *Diario de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1981, p. A6; Um carnaval em declínio. *Jornal da Cidade*, 09 a 15 de fevereiro de 1975, p. 04; Urbanização e folclore. *Jornal da Cidade*, 23 de fevereiro a 01 de março de 1975, p. 04; O lugar do frevo. *Jornal da Cidade*, 09 de novembro a 15 de novembro de 1975, p. 03; Nascimento não quer a morte do frevo. *Jornal da Cidade*, 07 de dezembro a 13 de dezembro de 1975, p. 14; Carnaval sem frevo, mas com Bilu Tetéia. *Jornal da Cidade*, 08 de fevereiro a 14 de fevereiro de 1976, p. 13; Escolas de samba empolgam na passarela. *Jornal da Cidade*, 07 de março a 13 de março de 1976, p. 12; Capital do frevo? *Jornal da Cidade*, 07 de dezembro a 13 de dezembro de 1976, p. 07.

na quantidade de grupos, como também em número de desfilantes. Os jornais destacavam que nos anos de 1970 as principais escolas, como Gigantes e Estudantes, desfilavam com mais de 1.500 pessoas. Ao que parece, elas provocavam, de fato, uma significativa atratividade entre os foliões.

As escolas de samba vão provocar modificações não só no formato de festa carnavalesca do Recife, como também na forma de se apresentar de outras práticas culturais. Segundo o historiador Ivaldo Lima, o formato de desfile das escolas de samba provocou modificações na estrutura de apresentação das agremiações carnavalescas, como foi o caso dos maracatus. Lima salienta que foi perceptível a influência estética da roupa das baianas na vestimenta das rainhas dos maracatus.¹⁸⁷ Aos poucos os maracatuzeiros tiveram também que se voltar à lógica do espetáculo e ao discurso de que era necessário terem uma maior preocupação com o visual na apresentação de seus grupos. Sobre as transformações em torno do Carnaval do Recife que foi se moldando a lógica do espetáculo, Ivaldo Lima afirmou:

[...] dentro deste contexto em que concepções de carnaval foram pautadas, prevaleceu o modelo de um **carnaval espetacularizado, com as escolas de samba em primeiro plano**. Em outras palavras, os sambistas e as suas escolas de samba souberam manter seus espaços, na medida em que não permitiram a destruição da passarela. Foram, portanto, vitoriosos, apesar de terem sido silenciados.¹⁸⁸

Como é possível o leitor e a leitora perceberem, a lógica do espetáculo foi adentrando e modificando a estrutura do Carnaval do Recife. As escolas de samba tornaram-se o "carro-chefe" da festa e, conseqüentemente, boa parte da estrutura do festejo era voltada para essas agremiações. Foi nesse sentido que o formato de uma festa pautada em cima dos concursos ganhava força. Ao longo dos anos de 1970 a folia momesca recifense foi se moldando aos ramos dos negócios, do lucro e do consumo. Sobre esse processo, mais uma vez destaco as palavras do historiador Ivaldo Lima:

É em meio a este debate que as escolas de samba entram com força, uma vez que o melhor cenário é justamente aquele em que impera a ideia de espetáculo. As escolas são parte de um show, e elas não combinam com a participação desmedida do público. Necessitam de plateia, devem ser admiradas, contempladas de longe, de modo que o

¹⁸⁷ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit., 2010.

¹⁸⁸ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit, 2017, p. 187-188. (prelo). (Grifos meu).

enredo, as fantasias e alegorias possam ser visualmente apreciadas e aplaudidas.¹⁸⁹

Em 1967, Guy Debord lançou o livro a "Sociedade do Espetáculo" no qual realizou uma importante crítica à sociedade contemporânea e, por consequência, àquilo que nomeava das suas bases de sustentação, ou seja, a cultura da imagem, a sociedade do consumo e a introdução da lógica da economia nas mais diversas esferas da sociedade. Debord afirmava que a sociedade contemporânea não poderia fugir à lógica do espetáculo, haja vista que ele estava por toda a parte. E continua: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação”.¹⁹⁰

Debord definiu que o espetáculo "não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens".¹⁹¹ Para o referido autor, a ideia de espetáculo reflete o resultado dos modos de produção existentes na sociedade contemporânea, funciona como uma forma de dominação em favor do capitalismo e da lógica de consumo. Nesse sentido, Debord defende que o espetáculo é uma forma de alienação do público e que esse processo visa não somente o aumento dos lucros da economia, como também transformar as pessoas em seus meros espectadores.

Diante disso, Guy Debord acreditava que a partir da noção do espetáculo as relações entre as pessoas passam a não serem mais autênticas, mas sim de aparência. Debord advoga que o público diante do espetáculo tornou-se passivo e alienado, restando-lhe apenas consumir as imagens e os produtos que lhes são ofertados.

Foi em meio a essas noções e também às críticas em torno da concepção de espetáculo que a festa carnavalesca do Recife estava durante a década de 1970. Os organizadores da pândega buscavam inserir a folia numa lógica de festa a ser consumida, enquanto os críticos viam nesse processo a morte do festejo.

Em meio ao crescimento das escolas de samba e da consolidação do formato do "Carnaval Espetáculo", uma espécie de tensão cultural se afirmava no Recife. Havia um modelo de festa carnavalesca em que, em suas apresentações, as agremiações conseguiam atrair inúmeras pessoas. No entanto, essa forma de se celebrar os dias

¹⁸⁹ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit, 2017, p. 181 (prelo).

¹⁹⁰ DEBORD, Guy. Op. Cit., 1997, p. 13.

¹⁹¹ DEBORD, Guy. Op. Cit., 1997, p. 14.

gordos não era bem vista por parcela significativa de intelectuais e importantes figuras do frevo local, como foi o caso do compositor Capiba. É o que demonstra o trecho de uma matéria abaixo publicada em 1979 pelo Diário de Pernambuco:

Para o compositor Capiba, a passarela da avenida Dantas Barreto continua sendo a **Bastilha do frevo**, "que precisa ser incendiada pelo povo". Frisando que o Carnaval é participação popular, ele se mostra contra a tentativa de se fazer da festa um espetáculo para turistas, como acontece no Rio. E salienta: "Onde existe Carnaval hoje em dia? O único lugar que existia era no Recife, justamente por causa do frevo. No Rio, o que há é um espetáculo, bonito diga-se de passagem, mas não é o Carnaval".¹⁹²

Para Capiba, a passarela era a "Bastilha do Frevo" e conclamava o povo para "incendiá-la". De acordo com a matéria, o famoso compositor teceu duras críticas ao formato de festa carnavalesca que estava sendo conduzido naqueles anos. Lê-se nesse posicionamento uma condenação ao trabalho dos representantes da EMETUR, enquanto organizadores do festejo. Em suas colocações opõe as ideias de "participação popular" e "espetáculo para turistas". Depreende-se de suas palavras que o "verdadeiro Carnaval" deve caminhar junto ao frevo e não a noção de espetáculo que matou a folia de Momo no Rio de Janeiro.

Pela leitura dos jornais, pude visualizar que muitos dos posicionamentos em torno das transformações da festa buscaram associar as metamorfoses do festejo à sua morte. Alguns intelectuais encaravam as modificações que ao Carnaval estavam sendo introduzidas como algo nefasto e que levaria a morte da folia momesca. Entre as vozes que se alinhavam a esse pensamento, passo a destacar as colocações do folclorista Evandro Rabello.

Evandro Rabello foi um pesquisador e folclorista pernambucano. Em minhas pesquisas frequentemente encontro matérias escritas por Rabello nos jornais, comumente contrárias à intervenção do Estado na festa. Além de artigos, publicou alguns livros sobre a cultura popular local.¹⁹³ Quando foi presidente da Subcomissão de Folgedos (Órgão da Comissão Pernambucana de Folclore) dirigiu um manifesto

¹⁹² Para Capiba, passarela é "bastilha do frevo". *Diário de Pernambuco*, 04 de fevereiro de 1979, p. A6. (Grifos do autor).

¹⁹³ RABELLO, Evandro. *Memórias da folia: o carnaval pelos olhos da imprensa (1822-1925)*. Recife: Funcultura, 2004; RABELLO, Evandro. *Ciranda: dança de roda, dança da moda*. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1979.

intitulado *Turismo é o Câncer da Cultura Popular*, contra a interferência de instituições voltadas ao turismo, como é o caso da EMETUR (Empresa Metropolitana de Turismo) e da Empetur (Empresa de Turismo de Pernambuco)¹⁹⁴ na gestão da cultura popular. Para Rabello, essas empresas transformavam as práticas da cultura popular em shows, o que levava à sua "descaracterização". Sobre a atuação de Evandro Rabello no combate à relação do turismo com a cultura popular, a historiadora Déborah Callender destacou:

Em 1978, Evandro Rabello foi presidente da Subcomissão de Folguedos, órgão da Comissão Pernambucana de Folclore. Durante a gestão na Subcomissão de Folguedos, Evandro Rabello divulgou um manifesto contrário à atuação das empresas de turismo em Pernambuco, principalmente à Empresa de Turismo de Pernambuco (EMPETUR) e à Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR). A campanha cujo título "O Turismo é o câncer da cultura popular" defendia a não interferência dessas instituições nas práticas culturais populares, como a ciranda, o Carnaval entre outros. Para o estudioso, as ações e promoções dessas instituições, transformaram o folclore e a cultura popular em shows, resultando em práticas culturais "descaracterizadas", condicionando-as à função de espetáculos.¹⁹⁵

O manifesto *Turismo é o câncer da cultura popular*, encabeçado pelo folclorista Evandro Rabello e publicado em 1978, apresentou-se como um importante mecanismo de combate às ações das empresas de turismo e, conseqüentemente, às determinações que os representantes dessas instituições realizavam no Carnaval da cidade do Recife. Esse acontecimento veio somar-se a outros posicionamentos contrários às ações da EMETUR no tocante à folia momesca local. Sobre os objetivos do manifesto, o folclorista Evandro Rabello deu uma entrevista ao Diário de Pernambuco publicada em agosto de 1978, da qual destaco o trecho abaixo:

O Turismo é realmente importante ou é apenas o responsável pela decadência do folclore e da cultura popular legítima? [...] Para o

¹⁹⁴ "Em Pernambuco, acompanhando as diretrizes estabelecidas pelo Governo Federal, é criada a Empresa de Turismo de Pernambuco (EMPETUR), no dia 3 de novembro de 1967, ligada à Secretária de Indústria e Comércio e com a finalidade de executar uma política estadual de turismo, regida pela Política Nacional de Turismo. Dentro do seu vasto programa de ações, a EMPETUR destaca-se por sua ação nas artes populares. É seu intuito valorizar a Cultura Popular, sob seus múltiplos aspectos de folclore, artesanato, arte popular e gastronomia tendo, como finalidade básica, fazer o turista assistir as manifestações folclóricas, fazer o turista conhecer os objetos de artesanato folclórico.". VICENTE, Tâmisia Ramos. Políticas Públicas de Cultura e Turismo - O entrelace das ações nos Órgãos de fomento ao Turismo de Pernambuco - Empetur e Emetur. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, v. 3, p. 25-45, 2009, p. 34.

¹⁹⁵ CALLENDER, D. G. Op. Cit., 2011, p. 31.

pernambucano Evandro Rabello, um folclorista de 42 anos e que hoje está lançando a "Campanha Pernambucana contra o Turismo [...] o turismo é como coca-cola, vicia e prejudica, mas ninguém abandona o hábito." [...] **"Turismo, segundo os técnicos, é descobrir as diferenças, mas onde encontrar diferenças? Nas escolas de samba, que no Recife estão destruindo o que tínhamos de mais autêntico e mais peculiar, os clubes de frevo? Hermilo Borba Filho tinha razão quando dizia que o turismo é um desserviço para o folclore e que as promoções governamentais que utilizam o folclore para fomentar o turismo são péssimas, sob todos os pontos de vista".** [...] **"Quem mais sofre com o turismo em Pernambuco, continua Rabello, é o Carnaval.** No Brasil, infelizmente, o turismo tem sido um corruptor da cultura e no Rio de Janeiro desapareceram os ranchos e os clubes de frevo já não têm o mesmo esplendor de outros anos, o que não ocorre com as escolas de samba, **no Recife a devastação não tem sido menor, o Carnaval é feito para hipotéticos turistas, com palanques, arquibancadas, passarelas, cordão de isolamento, música ruim, alto falantes estridentes e falta de vibração popular. Somos turistas em nossa própria terra, portanto".** [...] "Apesar de possuir uma variedade imensa de manifestações populares como os clubes, blocos, troças, maracatus de baque solto e baque virado, caboclinhos, ursos e bois, o Carnaval do Recife vem perdendo o prestígio, o conceito e a força, por ser hoje um Carnaval mal dirigido, **uma festa preparada especialmente para as escolas de samba, com passarelas e largas avenidas,** tudo como se faz no Rio de Janeiro. Nosso Carnaval foi forçado a deixar as ruas Nova, Imperatriz e Concórdia, onde sempre habitou, para baixar na Avenida Dantas Barreto. Atualmente temos apenas 14 clubes de frevo e 29 escolas de samba, o que torna patente o processo de descaracterização que atinge o folclore pernambucano". [...] No Carnaval de 76 foram distribuídos Cr\$ 48 mil com 11 clubes de frevo e Cr\$ 115 mil com 14 escolas de samba, cabendo, dente estes e numa demonstração viva do desprestígio do frevo em Pernambuco [...] "Recife não é mais a 'Capital do Frevo' e agora já podemos abolir mais este cultural, que nos comportar como se ainda vivêssemos na época das capitânias e com a mesma mania de sermos os melhores. É o melhor Carnaval do mundo, a maior fogueira e outras besteiras mais, que não retratam a realidade e servem apenas para encobrir os prejuízos que o turismo acarreta [...]"¹⁹⁶.

Foi possível compreender das palavras atribuídas a Evandro Rabello que ele foi muito taxativo em relação ao que estava sendo praticado no Carnaval do Recife naqueles anos. Os principais signos da festa carnavalesca eram acusados de estarem matando a folia de Momo. Nesse sentido foi que Rabello condenou a presença das escolas de samba e a lógica de uma pândega voltada ao turismo. Acusou o Carnaval da

¹⁹⁶ Campanha Pernambucana Contra o Turismo, combatendo o câncer da cultura popular. (Texto de Luzanira Rêgo). *Diário de Pernambuco*, 22 de agosto de 1978, p. B1. (Grifos meu).

cidade de estar voltado para os turistas e não para o que chamou de "vibração popular".

Ao investigar as críticas em torno do Carnaval Espetáculo, Ivaldo Lima destacou:

Ao longo dos anos 1970 os jornais pernambucanos foram palco de uma forte batalha dos defensores “do carnaval pernambucano” contra a passarela. Os desfiles carnavalescos, para estes, não deveriam acontecer no mesmo estilo das escolas de samba “cariocas”. A passarela era acusada de transformar os “pernambucanos” em meros espectadores, ao passo que as agremiações carnavalescas autênticas eram preteridas em nome das escolas de samba, “alienígenas” no carnaval pernambucano. O debate em torno da espetacularização do carnaval de Pernambuco é dos mais violentos, a ponto das arquibancadas serem questionadas ao longo dos anos 1960 e 1970 [...].¹⁹⁷

Esse debate em torno de um formato de festa carnavalesca para o Recife não ficou "apenas" no campo das discussões promovidas por intelectuais, mas reverberou em políticas públicas, criação de leis e de instituições com a finalidade específicas para "cuidar" especialmente da cultura local. É perceptível o interesse que os poderes públicos tinham de intervir na festa para moldá-la ao seu projeto político.

Para exemplificar melhor essa tensão cultural pela qual passou o Recife, convido o leitor e a leitora para acompanhar esse processo nas próximas páginas. É nesse sentido que acredito ser importante acompanhar como os jornais narraram o Carnaval de 1979, o último organizado pela EMETUR no Recife, bem como acompanhar as mudanças políticas que estavam ocorrendo no país e, conseqüentemente, na capital pernambucana para que assim se possa interpretar de que forma essas modificações interferiram na organização da folia momesca local.

2.5 O Recife em tempos de transição política e participação carnavalesca

Numa leitura atenta dos jornais foi possível visualizar que havia um debate em torno da organização da festa. Leitores escreviam às redações dos periódicos destacando a necessidade de mudanças a serem introduzidas no reinado de Momo recifense, principalmente no que tange à apresentação das agremiações na passarela. É o que

¹⁹⁷ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit, 2017, p. 178. (prelo).

destacou o *Jornal do Commercio* em 1979, ao enunciar a opinião da leitora e foliã Marly Montenegro.

O DESFILE DOS CLUBES PRECISA SER ORGANIZADO.

Marly Montenegro, professora, brinca Carnaval todos os anos: "Nessa questão de desfile de agremiações entendo que até certo ponto a organização é válida, para estimular os participantes que podem concorrer a algum prêmio. O aspecto que considero negativo nessa organização é que há uma preocupação dos clubes em se exhibir diante da Comissão Julgadora e depois atravessar a passarela, deixam de se exhibir. Afora desse aspecto de desfile, todos os outros aspectos do Carnaval devem ser mantidos para que seja realmente uma festa livre, espontânea, pois é aí que reside sua característica mais marcante".¹⁹⁸

A leitora Marly Montenegro questiona o fato das agremiações estarem preocupadas "apenas" em se exhibir para a Comissão Julgadora sem se apresentar nas ruas para o público que lhe aguardava. Esse fato evidencia o que venho demonstrando: a força e pujança que a passarela exerceu nesses anos no Carnaval Espetáculo do Recife. A referida foliã defende ainda que a folia momesca deva ser preservada em seus aspectos de liberdade e espontaneidade.

Entre tantos leitores que deveriam escrever para o jornal, porque será que o texto da Marly Montenegro foi escolhido para representar, de certa forma, o pensamento dos demais leitores e conseqüentemente do próprio jornal? É preciso entender que, provavelmente, a Marly Montenegro e seu texto deveriam ter funcionado como uma espécie de "leitor modelo". Como alerta o linguista Dominique Maingueneau, quando se trabalha um texto cujo objetivo é atingir um grande número de leitores, deve-se levar em consideração as aptidões de quem escreve em descrever imagens que os destinatários se identifiquem.¹⁹⁹

Ainda no que tange às colocações da leitora Marly Montenegro, desejo discutir ainda o lugar em que o texto apareceu, na coluna *Opinião*. É preciso ter a consciência de que as opiniões representam aquilo que alguém viu e não podem ser encaradas como o real. Outra questão é que a opinião manifestada publicamente nem sempre corresponde ao que de fato a pessoa pensa, pois as opiniões carregam em si as ilusões. Sobre o papel

¹⁹⁸ "O desfile dos clubes precisa ser organizado.". (Opinião) *Jornal do Commercio*, 07 de janeiro de 1979, I Caderno, p. 11.

¹⁹⁹ MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 47.

das opiniões na sociedade contemporâneas, o historiador francês Pierre Laborie destacou:

A opinião é um processo, um movimento em evolução permanentemente influenciado por múltiplos fatores, o qual exprime uma relação com o tempo e dele decorre. Depende, obviamente, do contexto e das categorias utilizadas, mas também dos regimes de temporalidades, das representações cruzadas entre passado, presente e futuro. O sentido que a memória dominante - ou as diversas memórias sociais - dá ao passado intervém de maneira decisiva nas representações que a opinião faz do presente.²⁰⁰

Sobre o processo de organização dos desfiles na passarela do qual reclamava a leitora Marly Montenegro, o *Jornal do Comercio* destacou a fala do presidente da EMETUR, Reginaldo Guimarães. Para ele, as críticas em torno do Carnaval não diminuam o brilho e a vivacidade da festa. Defendeu o sentido de participação das agremiações, pois são obrigadas a cumprirem as obrigações na passarela, haja vista que recebiam verba pública para se apresentarem. Entretanto, após cumprirem as obrigatoriedades, todas estavam livres para se divertirem e brincarem onde desejassem.

É importante depreender da fala do Presidente da EMETUR o valor que o órgão dava à organização da festa. Na leitura dos jornais pude acompanhar que a ideia de organizar era algo que se contrapunha à concepção de liberdade, de espontaneidade. As matérias dos periódicos destacavam que essas últimas peculiaridades eram entendidas como "características inerentes" a "verdadeira" festa carnavalesca recifense. Todavia, quando o órgão responsável pela festa organizava demais o festejo, se construía um Carnaval enrijecido, enquadrado. Sobre esses conflitos, o *Jornal do Comercio* destacou em 1979:

EMETUR: É PRECISO ORGANIZAR

Reginaldo Guimarães, Presidente da EMETUR: "A organização não tira a espontaneidade do Carnaval porque as agremiações quando deixam a passarela continuam com o povo, podem ir para onde quiserem e fazer o Carnaval espontâneo nas ruas do Recife. **A organização se faz necessária em função da verba pública que é distribuída entre as agremiações que desfilam. Se não houver organização como iremos controlar e constatar até que ponto essas agremiações fizeram uso das verbas que receberam?** Acredito que em alguns municípios que têm menos de dez

²⁰⁰ LABORIE, Pierre. Memória e Opinião, In: *Cultura Política, Memória e Historiografia*. Orgs. Cecília Azevedo...[et al]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 84.

agremiações, como Olinda, Jaboatão, Vitória, Caruaru e outros, possam liberar esse rigor de controle, mas aqui em Recife onde existem nada menos de 126 agremiações registradas na Federação, das quais este ano desfilaram nada menos de noventa, **não há possibilidade de deixá-las inteiramente livre. A não ser que essas agremiações tivessem condições de desfilarem sem receber qualquer ajuda, ou que as verbas fossem ofertadas pelo povo, pela indústria e pelo comércio. Quando se trata de verba pública a responsabilidade é bem maior e existe necessidade de organização.** Apesar de tudo, apesar das críticas e das frases que ouvimos todos os dias de que o Carnaval vai se acabar, ele ainda não acabou e acredito que não acabará nunca".²⁰¹

Para o presidente da EMETUR, Reginaldo Guimarães, a organização se apresentava nesses anos como algo necessário em virtude da verba pública que era investida nos grupos carnavalescos. Pode-se compreender de suas palavras que organizar se opunha a concepção de liberdade, as agremiações não podiam desfilar livremente porque tinham que cumprir as determinações da instituição que promovia o festejo momesco.

O formato de Carnaval com concursos de agremiações, passarelas e arquibancadas, que desde a década de 1960 enfrentava críticas de parcela de intelectuais, viveu no ano de 1979 e início dos anos de 1980 sua mais alta tensão. O ponto crucial desse processo foi a chegada da Fundação de Cultura Cidade do Recife (FCCR) como instituição municipal responsável por organizar os festejos momescos (1980). Este fato provocou a extinção da EMETUR e a emergência de "novas" propostas para "recuperar" a popularidade do Carnaval enunciadas pela FCCR.

Os organizadores dos dias gordos de 1979 buscaram fortalecer o concurso. Para tanto, procuravam criar um seleto grupo de agremiações formado pelos melhores clubes de frevo, blocos, maracatus, escolas de samba e caboclinhos, para que pudessem se apresentar na passarela. O objetivo era criar um Carnaval da Passarela "apenas" com os melhores grupos que se enquadrassem dentro dos contornos da ideia de "Espetáculo" e com isso fortalecer as disputas em torno do concurso. Sobre o processo de escolha das melhores agremiações pela Comissão Promotora do Carnaval em 1979, o Diário da Manhã destacou:

²⁰¹ EMETUR: é preciso organizar. *Jornal do Commercio*, 07 de janeiro de 1979, I Caderno, p. 11. (Grifos meu).

COMISSÃO PROMOTORA DO CARNAVAL FARÁ RELATÓRIO SOBRE O DESFILE

A Comissão Promotora do Carnaval vai fazer um relatório sobre a atuação das agremiações carnavalescas durante o desfile deste ano, na Avenida Dantas Barreto. A avaliação tem como objetivo selecionar os clubes, escolas de samba, blocos, maracatus e caboclinhos que tenham, realmente, condições de fazer parte do chamado carnaval espetáculo. Segundo o presidente da EMETUR e da CPC, Reginaldo Guimarães, o relatório entregue à EMETUR logo após o Carnaval e o seu encaminhamento à Federação Carnavalesca Pernambucana será feito pelo órgão de turismo.²⁰²

Em 1979, o presidente da EMETUR, Reginaldo Guimarães, defendeu nos jornais que o Carnaval do Recife pudesse conviver de forma mais harmônica com os dois formatos em disputas para a festa, tanto o do "Espectáculo", quanto o da "Participação". Acreditava que ambos poderiam contribuir para o engrandecimento da (nossa) maior festa popular da cidade, atraindo turistas e incluindo cada vez mais os foliões locais ávidos pela alegria de Momo. Foi o que destacou o Diário da Noite:

CARNAVAL DE 1979 JÁ ATRAÍ DEBATES

Justificando sua euforia quanto a vitória do próximo Carnaval, Reginaldo Guimarães, presidente da EMETUR, se fundamenta em dois fatores: **"O Carnaval é participação e espetáculo. Tanto um quanto o outro são necessários, principalmente para Pernambuco, onde temos uma grande riqueza folclórica, que tem de ser vista pelo turista e embelezada com a integração de todos os foliões. O Carnaval Espectáculo deve ser organizado, para ser olhado, pois isso contribui para mostrar o nosso autêntico frevo, os maracatus e as danças dos caboclinhos. Quanto ao Carnaval Participação, posso afirmar que é a afluência dos foliões nas ruas da cidade, acompanhando os cordões e troças. E o frevo deve entrar para alegrar as participações de uma ou outra corrente. Todos, portanto, devem ter um brilhante ano carnavalesco, com participação e espetáculo [...]."**²⁰³

Interessante compreender como os representantes da EMETUR tinham uma preocupação com a organização do desfile de agremiações. Pelas matérias dos jornais foi possível depreender que havia interesse de que os grupos desfilantes não só se apresentassem na passarela, como também cumprissem um percurso pelas ruas centrais

²⁰² Comissão Promotora do Carnaval fará relatório sobre o desfile. *Diário da Manhã*, 03 de fevereiro de 1979, p. 03.

²⁰³ Carnaval de 1979 já atraí debates. *Diário da Noite*, 22 de janeiro de 1979, p. 05. (Grifos meu).

do Recife. Essa medida pode ser interpretada como mais uma tentativa de associar a festa carnavalesca realizada naquele ano aos discursos em torno do "Carnaval Participação" e do fortalecimento do que se compreendeu como o "tradicional" Carnaval do Recife. É o que demonstrou abaixo o Diário da Manhã de 1979:

EXIBIÇÕES

O presidente da EMETUR, Reginaldo Guimarães, informou que antes de se apresentarem na passarela, as agremiações inscritas se exibirão em ruas do centro da cidade, cumprindo um roteiro de dois quilômetros de extensão, proporcionando aos foliões oportunidades de maior participação.²⁰⁴

O Diário de Pernambuco destacou que a Comissão Promotora do Carnaval (CPC) tentou dinamizar e valorizar o concurso de agremiações com a permissão da utilização de veículos motorizados pelas agremiações durante o desfile na passarela, medida que visava dar uma maior fluidez à passagem das alegorias dos grupos desfilantes. Ainda sobre o certame das agremiações carnavalescas de 1979, os representantes da EMETUR espalharam a comissão julgadora ao longo da passarela. É o que se pode acompanhar pelo trecho abaixo da matéria publicada no Diário de Pernambuco de janeiro de 1979:

EMETUR divulga as novidades do Carnaval

A Utilização de Veículos motorizados pelas agremiações e a descentralização da Comissão Julgadora na passarela são as principais novidades deste ano no Carnaval conforme ficou decidido na reunião de ontem entre dirigentes da Empresa Metropolitana de Turismo e diretores das agremiações carnavalescas.²⁰⁵

Os conflitos entre esses dois modelos de folia momesca evidenciam a força, as disputas entre os modelos de festa "Espetáculo" e "Participação". A pândega realizada nas ruas pode ser entendida como uma estratégia dos poderes públicos para "recuperar" um formato de folia que recorrentemente nos jornais estava sendo acusado de fracasso e descaracterizado. Já a festa da passarela dialogava com os sinais do chamado "Carnaval Espetáculo".

²⁰⁴ EMETUR vai incentivar Carnaval nos subúrbios. *Diário da Manhã*, 24 de janeiro de 1979, p. capa.

²⁰⁵ EMETUR divulga as novidades do Carnaval. *Diário de Pernambuco*, 04 de janeiro de 1979, p. A6.

Paralelamente a festa realizada na passarela com as melhores agremiações, os organizadores da folia criaram outro formato de pândega, pautado por um "Carnaval mais Popular", relacionado à ideia de "Participação", em que os foliões pudessem brincar pelas ruas, animados pelas agremiações momescas, entretanto sem estas se preocuparem com as regras e os horários de suas apresentações na passarela.²⁰⁶

Os discursos e as práticas em torno do "Carnaval Participação" ganhavam força no Recife. Em Olinda, a cidade vizinha, os jornais noticiavam que se vivia o "verdadeiro Carnaval", o "Carnaval Participação".²⁰⁷ Em outras cidades da região metropolitana do Recife os periódicos também destacavam que Momo era celebrado em meio ao formato da "Participação".²⁰⁸ Aos poucos, o cenário da emergência do "Carnaval Participação" na capital pernambucana estava sendo construído. Sobre isso a força do "Carnaval Participação" em Olinda, jornalista Leonardo Dantas salientou em 1978:

Enquanto o Carnaval do Recife cai: com todas suas passarelas, arquibancadas, palanques, paetés, vidrilhos, miçangas, lantejolas, muito samba e pouco frevo, cresce o Carnaval Participação em Olinda: o Recife tenta realizar um espetáculo e não passa de uma tragédia; enquanto Olinda revive, anualmente, uma verdadeira apoteose com todo um povo nas ruas, demonstrando um estado de espírito que só se registra no Carnaval pernambucano.²⁰⁹

O fortalecimento dos discursos em torno do Carnaval Participação é perceptível quando se analisa os discursos da Empetur, que era responsável pela valorização das práticas nomeadas de "Cultura Popular" em todo o estado. E, obviamente, dentro desse leque de manifestações estava o Carnaval. Na campanha publicitária da Empetur para os dias gordos foi possível se perceber claramente um desejo de relacionar à festa a ideia de Participação. Em torno dessa questão, o Diário de Pernambuco de 1979 destacou:

²⁰⁶ Comissão Promotora do Carnaval apresenta relatório sobre o desfile das agremiações. *Diário da Manhã*, 07 de fevereiro de 1979, p. Capa; Comissão seleciona agremiações que vão desfilar na avenida. *Diário de Pernambuco*, 03 de fevereiro de 1979, p. A8.

²⁰⁷ Deixa que eu conto. *Diário da Noite*, 01 de março de 1979, I Caderno, p. 06; Olinda fez seu melhor Carnaval. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1979, I Caderno, p. 05; Em Olinda carnaval ainda é participação. *Jornal da Cidade*, 19 de fevereiro a 25 de fevereiro de 1977, p. 08; Sai o roteiro do Carnaval Participação. *Diário da Noite*, 30 de janeiro de 1979, II Caderno, p.01; Olinda vive o melhor Carnaval de rua. *Diário da Manhã*, 24 de fevereiro de 1979, p. 09.

²⁰⁸ Nazaré da Mata fará o Carnaval Participação. *Diário da Noite*, 09 de fevereiro de 1979, p. 2.

²⁰⁹ Nas ruas humanizadas Carnaval não tem vez. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1978, p. D1.

A Empresa Pernambucana de Turismo - EMPETUR - estará divulgando, até o dia 20, deste mês a programação oficial do Carnaval deste ano no Estado. "Nós pretendemos promover, neste ano, **Carnaval e Participação** no Recife, onde o povo participe, com orquestras e blocos nas ruas", informou o supervisor do Departamento de Promoções, Eurico Queiroz. [...] **O mais importante para a EMPETUR é promover Carnaval verdadeiramente pernambucano, com a predominância do frevo ritmo nosso. Não estaremos promovendo samba ou outras danças, unicamente o passo", assegurou.**²¹⁰

Outra questão perceptível na leitura dos jornais foi a preocupação da EMETUR em ampliar e incentivar as festividades realizadas no Pátio de São Pedro.²¹¹ O objetivo era promover durante os meses de janeiro e fevereiro exposições de agremiações carnavalescas, seguindo um calendário estabelecido pelo referido órgão municipal. Com as atividades no Pátio de São Pedro, esperava-se uma maior participação popular, ao mesmo tempo em que se divulgava a cultura local para os turistas.²¹² Sobre os destaques promovidos durante o Carnaval no Pátio de São Pedro, o Diário da Manhã de 1979 salientou:

CARNAVAL COMEÇA HOJE NO PÁTIO DE SÃO PEDRO.

Começa hoje a noite, no Pátio de São Pedro, a programação especial de Carnaval elaborada para este mês naquele centro de turismo municipal, pela Empresa Metropolitana de Turismo (Emetur), da Prefeitura. Consta do programa exposições de agremiações carnavalescas e realização de concursos de passistas e de porta-estandartes. A iniciativa integra o conjunto de providências recomendadas pelo prefeito Antônio de Farias, visando estimular a população a uma participação maior no Carnaval de rua e, ao mesmo tempo, mostrar aos turistas as principais manifestações folclóricas da Região. Em fevereiro vão se exibir no Pátio de São Pedro, o Clube

²¹⁰ EMPETUR divulga até dia 20 programação do Carnaval de 79. *Diário de Pernambuco*, 03 de janeiro de 1979, p. A6. [Grifos meu].

²¹¹ "Data desse período a inauguração do primeiro centro turístico do estado, sediado no Pátio de São Pedro, no centro da cidade do Recife, aproveitando as características barrocas do pátio, que se forma diante da Co-catedral de São Pedro dos Clérigos, construída na passagem do século XVIII para o XIX". VICENTE, Tâmisia Ramos. Op. Cit., 2009, p. 36.

²¹² Programação especial de Carnaval já começou no pátio de São Pedro. *Diário da Manhã*, 04 e 05 de fevereiro de 1979, p. capa; Pátio de São Pedro mostra o Carnaval. *Diário da Manhã*, 27 de janeiro de 1979, p. capa; EMETUR concentra agremiações no Pátio de São Pedro. *Diário da Manhã*, 27 de janeiro de 1979, p. 03; Concursos de Passo, porta-estandarte e desfile no Pátio. *Diário de Pernambuco*, 02 de fevereiro de 1979, p. A7; Pátio de São Pedro terá carnaval já no dia 1º. *Jornal do Commercio*, 27 de janeiro de 1979, 2 caderno, p. 1; Passistas hoje no Pátio de São Pedro. *Jornal do Commercio*, 02 de fevereiro de 1979, 2 caderno, p. 1; Programa de Carnaval começa hoje no Pátio. *Jornal do Commercio*, 03 de fevereiro de 1979, 2 caderno, p. 1; Carnaval começa amanhã no Pátio de São Pedro. *Diário da Noite*, 02 de fevereiro de 1979, p. 5.

Lavadeiras de Areias, as troças Cachorro do Homem do Miúdo, Abanadores do Arruda e Transporte em Folia, além de caboclinhos e maracatus. A promoção será animada pela orquestra de frevo do Pátio.²¹³

Além da apresentação de agremiações, eram promovidos os concursos de passo e porta-estandartes, Obedecendo, com isso, às recomendações do prefeito Antônio Farias, que visava estimular uma maior participação popular em torno dos certames. Esses concursos buscavam também cumprir o que prescreviam as leis municipais, ao determinarem a obrigatoriedade de concursos de passistas na programação do festejo. É como mostra o artigo 10º da Lei Municipal 10.537 de 1972, que, naquele momento, era a que regulamentava a festa:

Art. 10. A programação abrangerá:

- I - ornamentação e iluminação de praças, ruas, avenidas e outros logradouros públicos;
- II - realização de concursos de músicas carnavalescas das categorias de frêvo de rua, frêvo de bloco, frêvo canção e maracatus;
- III - concurso de passistas;
- IV - realização de bailes populares;
- V - incentivos aos clubes de alegorias;
- VI - organização de desfiles de agremiações;
- VII - concurso de viaturas, devidamente ornamentadas;
- VIII - concurso de fantasias;
- IX - realização do baile municipal; e
- X - instalação de palanques, devidamente iluminados para promoção do Carnaval nos subúrbios. (sic)²¹⁴

Outro ponto em consonância com a lei municipal em vigor que regulamentava o Carnaval foi o incentivo às festas carnavalescas que aconteciam no subúrbio. Descentralizar o Carnaval sempre foi um problema para as autoridades municipais, dificuldades de deslocamento e volta para a casa, eram outras questões enfrentadas pelos organizadores da folia. Diante disso, incentivar que a população festejasse Momo brincando em seus bairros parecia ser uma alternativa bem interessante e viável. É o que demonstrou o Diário da Manhã de Janeiro de 1979:

²¹³ Carnaval começa hoje no pátio de São Pedro. *Diário da Manhã*, 02 de fevereiro de 1979, p. capa.

²¹⁴ Lei Municipal 10. 537 de 1972, disponível em: <http://www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso 07 de março de 2016.

EMETUR vai incentivar Carnaval nos subúrbios.

A Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR), da prefeitura do Recife, adotará critério de seleção para a distribuição de auxílio destinado à realização dos Carnavais de Subúrbio. Com a medida serão contemplados os bairros onde os festejos se realizam com mais intensidade. A iniciativa visa melhorar o nível do Carnaval nos bairros e estimular maior participação dos foliões nos festejos programados para o centro da cidade.²¹⁵

Em torno do que os jornais noticiaram sobre o último Carnaval da EMETUR, é importante atentar para o destaque dado ao aumento do valor das verbas distribuídas pela prefeitura para os grupos participantes do festejo, o desejo de associar algumas práticas carnavalescas aos discursos em torno do "Carnaval Participação" e ao fato de que os dirigentes da EMETUR afirmavam que as decisões tomadas em torno dos dias gordos eram primeiramente apresentadas aos representantes das agremiações, discutidas, para só depois serem implantadas.

Essas questões são interessantes, pois evidenciam conflitos em torno daquilo que a Fundação de Cultura Cidade do Recife enunciou nos periódicos no início da década de 1980 como sendo suas "inovações" no primeiro ano do seu "Carnaval Participação" e que vou apresentar no próximo capítulo desse trabalho.²¹⁶ É o que se pode acompanhar pela matéria abaixo publicada no Diário de Pernambuco de janeiro de 1979:

PMR GARANTE MELHOR CARNAVAL

A Prefeitura do Recife vem adotando uma série de providências para assegurar o maior brilhantismo ao Carnaval deste ano. Além de ampliar as subvenções destinadas às agremiações que participarão do desfile na Dantas Barreto, nos três dias de folia, o Governo Municipal já autorizou à Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR) adotar, juntamente com a Secretaria de Viação e Obras, medidas indispensáveis ao reforço da iluminação nas principais ruas e avenidas da cidade, sobretudo nas áreas por onde vão passar as agremiações. [...] O prefeito Antônio Farias recomendou que o órgão municipal de turismo desenvolvesse todos os esforços no sentido de recuperar o Carnaval recifense, o que tem sido feito não só através de providências que movimentam recursos financeiros, como também através de contatos em que são discutidos com dirigentes de clubes e escolas de samba os principais problemas das agremiações. Este ano, a EMETUR vai reativar os folguedos procurando, o quanto possível,

²¹⁵ EMETUR vai incentivar Carnaval nos subúrbios. *Diário da Manhã*, 24 de janeiro de 1979, p. capa.

²¹⁶ Ao emergir como organizadora da folia de Momo do Recife, a Fundação de Cultura enuncia uma série de medidas como sendo suas inovações e o que era necessário para se recuperar o Carnaval da cidade. No entanto, ao ler os jornais de 1979 foi possível visualizar que muitas dessas medidas já vinham sendo feitas pela EMETUR.

ampliar as atrações programadas para o centro da cidade e oferecer ao público um espetáculo digno das nossas tradições carnavalescas.²¹⁷

De acordo com algumas matérias de jornais, as mudanças apresentadas pela prefeitura para o reinado de Momo de 1979 causaram expectativa entre uma parcela dos foliões. Leitores escreveram para os periódicos, como foi o caso de Genildo Lopes da Silva que publicou seus escritos no *Diário de Pernambuco* louvando algumas posturas adotadas pela EMETUR como organizadora da folia.

CARNAVAL DO RECIFE

O Carnaval do Recife, este ano, promete ser um dos melhores, pois a EMETUR, está cuidando com mais rigor de sua organização, graças ao esforço do Sr. Reginaldo Guimarães e toda sua equipe. Funcionou o bom senso do presidente da EMETUR, quando procurou reunir os presidentes das escolas de samba recifenses e fez sentir aos mesmos que o engrandecimento do Carnaval pernambucano, depende muito da união de todos aqueles que são responsáveis por tal evento, só faltando agora para a alegria dos foliões que os responsáveis por estas entidades cumpram o acordo firmado com as autoridades responsáveis pela organização do nosso Carnaval. Quanto as outras agremiações carnavalescas que realmente representam o nosso folclore (troça, clubes, caboclinhos e maracatus) estas, graças a colaboração que a EMETUR, recebe dos seus dirigentes e do modesto e incansável folião Mário Orlando, vêm se desdobrando com a finalidade de fazer um bonito Carnaval. Para não praticar injustiças, quero ressaltar aqui a substancial ajuda dada aos foliões pernambucanos, principalmente as agremiações sediadas aqui no Recife, pelo Governador Moura Cavalcanti e o Secretário do Trabalho e Ação Social, Joaquim Francisco, ao liberarem todas as verbas, consignadas pelos deputados, em favor das entidades carnavalescas.²¹⁸

Entretanto, nem tudo foram flores para o último Carnaval organizado pela EMETUR. Leitores também escreveram aos jornais questionando os rumos que a folia de Momo estava seguindo. Se para o folião da matéria anteriormente citada os dias gordos prometiam ser uma festa animada, o leitor Antônio Dantas não compactua da mesma opinião. Para Dantas, faltou incentivo ao frevo e os organizadores da folia precisavam deixar a festa mais solta, sem tanta organização, sem cordão de isolamento: "A EMETUR [...] vem [...] enterrando de ano para ano o outrora animado e contagiante

²¹⁷ PMR garante melhor Carnaval. *Diário de Pernambuco*, 23 de janeiro de 1979, p. A6.

²¹⁸ Carnaval do Recife (Opinião). *Diário de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1979, p. A10.

Carnaval do Recife".²¹⁹ Ainda sobre as colocações do leitor Antônio Dantas, reproduzo abaixo mais algumas passagens de suas colocações publicadas no Diário de Pernambuco de 1979:

NÃO PÕE NO MEU

Ouvindo o samba de João Bosco e Aldir Blanc, "não põe corda no meu bloco / não vem com teu carro-chefe / não dá ordem ao pessoal / não traz lema divisa / **que a gente não precisa / que organizem nosso Carnaval** [...]", lembrei-me dos burocratas da EMETUR a tentar colocar cordão de isolamento no Carnaval do Recife. Por cima de tudo vem a URB, do alto dos seus tamancos, a proibir o trânsito de carnavalescos nas chamadas ruas humanizadas durante os dias dedicados ao Carnaval. A EMETUR, com uma dúzia de politiqueiros, cabos-eleitorais de vereadores e deputados, unvida de todos os poderes, vem, de braços dados com a Federação Carnavalesca Pernambucana, enterrando de ano para ano o outrora animado e contagiante Carnaval do Recife. Como diz o samba, que bem merecia ser um frevo-canção, estamos a lutar por um Carnaval "que derrube esse coreto / com passistas à vontade / que não dancem o minueto / por um bloco sem bandeira ou fingimento / que balance e bagunce / o desfile e o julgamento / por um bloco que aumente o movimento / que sacuda e arrebe / o cordão de isolamento [...]". Em vez de bloco, leia-se: frevo.²²⁰

A preservação do frevo foi outro debate constante ao longo dessa pesquisa, e isso não foi diferente no ano de 1979. Recorrentemente foram encontradas matérias que defendiam um maior incentivo à música considerada "da terra". Foi em meio a esse cenário que o crescimento das escolas de samba foi combatido, pois os defensores da dita pernambucanidade acreditavam que a presença e destaque dessas práticas por terras recifenses era um claro sinal de desprestígio do frevo.

Os defensores do frevo acusaram as autoridades que organizavam o Carnaval do Recife, a EMETUR, de não incentivarem que as emissoras de Rádios e TVs locais divulguem o ritmo "da terra". Sobre isso, o leitor Severino Ramos Gomes de Oliveira enviou uma carta ao Diário de Pernambuco em 1979 defendendo uma maior divulgação do frevo, pois acreditava que incentivar este ritmo era trabalhar em favor do brilhantismo do próprio Carnaval Recifense. É o que se pode acompanhar pelo trecho da matéria abaixo:

²¹⁹ Não põe no meu (Opinião). *Diário de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1979, p. A10.

²²⁰ Não põe no meu (Opinião). *Diário de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1979, p. A10. (Grifos meu).

QUEREMOS FREVO

Mais uma vez, volto a abordar o problema do Carnaval de Pernambuco, no que se refere à programação das músicas carnavalescas pelas nossas emissoras de rádios e de TVs. **Não se compreende como sendo nosso Estado a terra do Frevo, e passamos todo o ano sem quase nada de escutar sobre o citado ritmo.** Sinceramente, ninguém sabe se existe algum horário destinado ao Frevo e quem desejar sentir a nossa verdadeira música, fica a matutar e procurar nos aparelhos radiofônicos qual a hora destinada ao mesmo. **E quando chegamos em pleno mês de janeiro, há poucos dias do tríduo momesco, a história continua a mesma, sem a divulgação que se faz necessária à referida música. Somos daqueles que acham que a maior promoção do nosso Carnaval será a divulgação das nossas músicas Carnavalescas,** pois tal fato desperta no ânimo dos pernambucanos e dos brasileiros de uma maneira geral para não se falar dos turistas estrangeiros, o desejo de vir a Pernambuco e participar da nossa frevança. Porém sem que as emissoras toquem as nossas músicas, a situação dificulta, pois o povo se "esfria" e quando chegar os dias de Carnaval, a animação já não mais existe, e o fracasso será inevitável. Que haja de fato e de verdade a divulgação do nosso Frevo e o resto "tudo será dado por acréscimo", com o sucesso garantido do nosso Carnaval, pois o principal é a música da época. Mas, como se cantar e tocar mesma, se ela é totalmente desconhecida do grande público. Vamos animar os foliões pernambucanos, fazendo com que eles escutem as músicas de Carnaval deste e dos outros anos, pois o tríduo momesco está já se aproximando. Que ele chegue, com o povo animado e "quente", e não desanimado e "frio".²²¹

Mesmo diante da acusação de alguns de não haver incentivo ao frevo por parte da EMETUR, foi possível encontrar acontecimentos que evidenciam o contrário, como foi o caso da emergência da Fábrica de Discos Rozenblit. Esta foi a primeira gravadora do Brasil fora do eixo Rio-São Paulo e funcionou no Recife entre os anos de 1954 e 1984. A preocupação com a música regional marcou a produção dessa gravadora. Nas palavras dos pesquisadores Lucas Victor e Amilcar Bezerra:

A partir de 1972, a fábrica pernambucana iniciou a produção das chamadas *Antologias* de grandes compositores carnavalescos. Segundo Leonardo Dantas Silva, funcionário da gravadora na época, foi quando se realizaram várias antologias de Edgar Moraes, Levino Ferreira e de Raul e João Valença. Essa produção concorreu para a melhor divulgação da música pernambucana.²²²

²²¹ Queremos frevo (Opinião). *Diário de Pernambuco*, 12 de janeiro de 1979, p. A10. (Grifos meu).

²²² BEZERRA, A. A.; SILVA, Lucas V. *Evoluções! Histórias de Bloco e de Saudade*. 1. Ed. Recife: Bagaço, 2006, p. 89. [Grifos do autor].

Durante os anos de 1970 até o seu fechamento, em 1984, a fábrica de discos Rozenblit lançava LPs com músicas de Frevo para o Carnaval. E visando divulgar o "ritmo da terra", no Carnaval de 1979 a EMETUR, segundo o Diário de Pernambuco, mais uma vez patrocinou o LP com as músicas vitoriosas do concurso de frevo que havia promovido.

A EMETUR lançou um LP com as doze músicas vitoriosas no concurso que havia patrocinado para o Carnaval deste ano. É uma boa notícia e nos permite, entre outras coisas, voltar a bater uma velha tecla: por que se divulga, tão pouco, o nosso frevo, nos meios de comunicação de massa? Os rádios estão cheios de ritmos estrangeiros. O colonialismo cultural aliado à poluição sonora. Já se gritou mil vezes essa triste verdade, mas, os nossos órgãos culturais possuem outras metas, que envolvem, como sabemos, as altas preocupações da censura. A fita descarregou nossos músicos, a alienação esteriliza nessas tradições. Pelo menos, agora, na época pré-carnavalesca, voltemos ao nosso frevo e maracatu. Deixemos que a grande música do povo retome o domínio das programações. Libertemo-nos da cacofonia selvagem e indigente das discotecas. Saiamos menos macacos.²²³

Sabe-se que desde os anos de 1930 o frevo foi sendo construído como a música que deve servir aos contornos de uma identidade pernambucana e também do próprio Carnaval local.²²⁴ Entretanto, segundo Paula Valadares, "[...] a partir da década de 1980, verifica-se que o frevo já foi legitimado como símbolo da cultura pernambucana, constando sua expressão em orelhões públicos em formas de sombrinhas [...], cartazes turísticos, suvenires [...] ou monumentos [...]".²²⁵

Assim, esses anos – final da década de 1970 e início da de 1980 – foram cruciais para os contornos do que é definido como uma identidade carnavalesca recifense. Muitas imagens representativas desse festejo foram construídas e alicerçadas nesse momento.

Neste ano de 1979, os jornais noticiaram que o principal motivo para o não pleno sucesso do frevo no Carnaval da capital de Pernambuco era a passarela. Ela era entendida como a "inimiga" de uma folia momesca espontânea e livre, como foi o caso

²²³ Frevo. *Diário de Pernambuco*, 20 de janeiro de 1979, p. A10.

²²⁴ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit., 1996; ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit., 2008; SANTOS, M. R. Op. Cit., 2010; SANTOS, R. M. Op. Cit., 2016; SILVA, L. V. Op. Cit., 2009; SILVA, L. V. Op. Cit., 2016; VIDAL, F. M. C. Op. Cit., 2010.

²²⁵ VALADARES, Paula. V. R. *O Frevo nos discos da Rozenblit - Um olhar de designer sobre a representação da indústria cultural*. Dissertação (Mestrado em Designer). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007, p. 65.

das colocações do compositor e presidente do Bloco da Saudade,²²⁶ o jornalista Marcelo Varella, publicadas pelo Diário de Pernambuco:

BLOCO QUER ABOLIÇÃO DO DESFILE OFICIAL

Com o objetivo de que seja abolido o desfile oficial nas passarelas armadas no centro da cidade, a Presidência do Bloco da Saudade promoverá, nesta quinzena, uma assembleia - denominada "Pacote de Momo" - que contará com a participação de autoridades municipais, diretores de clubes, compositores, músicos e interessados no assunto. "O que vemos, atualmente, é que os desfiles de Carnaval é nada mais que um desfile cívico, feito à base de dinheiro de políticos sem atender as reais necessidades das agremiações e dos foliões", disse o jornalista Marcelo Varella, presidente do Bloco da Saudade. **Segundo ele, as diretorias dos clubes são contra estes desfiles, principalmente, as antigas, que sentem na pele o peso da responsabilidade diante dos próprios admiradores. "Ao mesmo tempo, para poderem desfilar, elas tem que receber ajuda de políticos e com isto ficam lhes devendo favores e o que vemos como resultado são clubes carnavalescos fazendo propaganda política",** continuou. [...] "Isto está fazendo com que, principalmente de uns dez anos para cá, não exista mais no Recife um Carnaval Participação e sim **político-empresarial**. A assembleia terá ainda o objetivo de valorizar os músicos pernambucanos que estão entregues as baratas". [...] "Diante de todos estes problemas, o que as autoridades municipais já devem ter sentido de perto, o Carnaval do Recife está morto. **Mas, ainda há uma maneira de ressuscitá-lo, basta que se dê liberdade as agremiações, que se derrubem os palanques oficiais",** disse o jornalista. Na assembleia, será discutida a importância dos clubes continuarem saindo nas ruas, como era antigamente sem palanques, cordões de isolamento. "É importante que haja um roteiro e até julgamento, se acharem necessário. Neste caso, os membros da comissão julgadora deverão ficar espalhados pela cidade e as agremiações sempre dando o melhor de si e não apenas caprichando nos poucos metros da passarela", finalizou o jornalista Marcelo Varella.²²⁷

Como se pode acompanhar pelo teor da matéria anteriormente citada, há fortes indícios de que havia no Recife da década de 1970 discursos que associavam a folia momesca a uma festa política, patrocinada por membros do poder legislativo e que colocava as agremiações como redutos eleitorais. Obviamente, alguns dos grupos que

²²⁶ Sobre o Bloco da Saudade, Amílcar Bezerra e Lucas Victor afirmam: "Fundada em 1983, a agremiação carnavalesca tinha como objetivo recriar a folia dos blocos, tendo como referencial um estilo peculiar de manifestação surgido no início da década de vinte. A criação daqueles blocos 'ancestrais' [...] trouxe consigo uma leva de compositores que elegeu a saudade como um de seus temas principais". BEZERRA, A. A.; SILVA, Lucas V. Op. Cit., 2006, p. 06.

²²⁷ Bloco quer abolição do desfile oficial. *Diário de Pernambuco*, 04 de janeiro de 1979, p. A6. (Grifos meu).

não coadunavam com tal prática, foram aos jornais criticar a postura das autoridades municipais.

Mesmo em meio às críticas à passarela, os representantes da EMETUR, responsáveis por organizar o Carnaval, determinam a sua ampliação. Foi o que demonstrou o Diário da Manhã. De acordo com esse periódico, em 1979 o espaço onde as agremiações se apresentaram foi um dos maiores dos últimos anos, com capacidade para abrigar cerca de 8 mil expectadores. É o que se pode acompanhar pelo trecho da matéria abaixo:

O desfile será um dos maiores dos últimos anos. A EMETUR vem adotando providências para que o Carnaval pernambucano obtenha êxito, como ocorreu no ano passado. A passarela da Avenida Dantas Barreto será ampliada com capacidade para abrigar oito mil espectadores. Participarão do desfile de abertura do Carnaval, 19 agremiações - blocos, escolas de samba e maracatus.²²⁸

Na leitura dos jornais sobre o Carnaval do Recife de 1979, o último organizado pela EMETUR, foi perceptível que as narrativas em torno da concepção de "Carnaval Participação" ganhavam força de forma considerável. Em meio a esse processo, os discursos associados ao "Carnaval Espetáculo" perdiam prestígio. A concepção de uma festa marcada por passarelas, arquibancadas e escolas de samba foi fortemente criticada por estar relacionada a um formato de folia considerado engessado e externo.

A Fundação de Cultura Cidade do Recife, ao emergir, em 1979, como instituição responsável pela organização do festejo carnavalesco, propôs trazer a festa exatamente o que os críticos afirmavam que estava desaparecendo: sua espontaneidade e sua popularidade.²²⁹ Recuperar os áureos tempos dos carnavais do passado foi a premissa central do "novo" órgão municipal que nascia em 1979.

Assim, será em meio ao debate sobre a extinção do formato "Carnaval Espetáculo" e da (re)criação de um novo modelo de folia momesca, que a Fundação de

²²⁸ EMETUR divulga apresentação das escolas de samba. *Diário da Manhã*, 17 de janeiro de 1979, p. 03.

²²⁹ Apresento algumas matérias que destacavam esse processo de "decadência" que o Carnaval do Recife vivenciava: Nelson Ferreira: velhos carnavais (1), *Jornal da Cidade*, 12 a 18 de janeiro de 1975, p. 04. Nelson Ferreira: velhos carnavais (2), *Jornal da Cidade*, 19 a 25 de janeiro de 1975, p. 06. Em 75 um carnaval de música velha, *Jornal da Cidade*, 12 a 18 de janeiro de 1975, p. 07. Eis o nosso carnaval, *Jornal da Cidade*, 29 de dezembro de 1974 a 05 de janeiro de 1975, p. 07. Um carnaval em declínio, *Jornal da Cidade*, 09 a 15 de fevereiro de 1975, p. 04. Frevo cede terreno para samba, *Diário de Pernambuco*, 06 de dezembro de 1975, 1º caderno, p. 03; Frevo morre: amorfina-se o povo pernambucano? *Diário de Pernambuco*, 26 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 05; Estado atual do frevo, *Diário de Pernambuco*, 29 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 12.

Cultura Cidade do Recife (FCCR) emergiu. Ela foi criada com o objetivo de restabelecer a identidade da festa carnavalesca local. E, evidentemente, para quem dirigia essa instituição, os contornos da festa não poderiam estar associados à passarela, às arquibancadas e às escolas de samba. Todavia, é preciso compreender que a entrada em cena de uma instituição com claros objetivos em torno da cultura na cidade do Recife não pode ser interpretado de forma natural.

Diante disso, acredito que seja importante vislumbrar o cenário político nacional e interpretar como suas determinações reverberaram na esfera política local, e consequentemente interferiram sobre os destinos da cultura no Recife. Para tanto, é mister identificar o grupo político que emergiu ao poder na capital pernambucana nesses anos, rastrear seus sinais, percorrer suas trilhas, investigar suas redes de sustentação para que assim possa-se construir uma narrativa passível de inteligibilidade histórica.

Em 15 de março de 1979 assumia o poder no Brasil o general João Baptista Figueiredo, com mandato indo até o ano de 1985, marcando com isso a história como o último presidente militar no país. Em seu governo, Figueiredo tinha o objetivo de consolidar o processo iniciado pelo general Ernesto Geisel que era o de manter "o controle das forças favoráveis aos 'ideais de 1964' sobre o poder no período presidencial seguinte".²³⁰ Duas importantes medidas foram aprovadas pelo Congresso Nacional logo no início do governo Figueiredo: a Lei de Anistia e a Reforma Partidária.²³¹

²³⁰ AARÃO REIS FILHO, D. A vida Política. In: AARÃO REIS FILHO, D. (Org.). *Modernização, Ditadura e Democracia, 1964-2010*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva/Fundación Mapfre, 2014, p. 104.

²³¹ A Lei de Anistia permitiu a libertação de forma rápida dos presos políticos e exilados. No dizer da historiadora Carla Simone Rodeghero: "Desde sua aprovação, em 1979, a lei vem sendo aplicada de maneira a impedir a abertura de processos judiciais contra civis e militares que reconhecidamente foram responsáveis por sequestros, torturas, desaparecimentos, mortes de pessoas consideradas inimigas do regime pós-1964". RODEGHERO, C. S. A Anistia de 1979 e seus significados, ontem e hoje, In: AARÃO REIS FILHO, D.; MOTTA, R. P. S.; RIDENTI, M. S. (Orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil - 50 anos do Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 173; Sobre a legislação partidária, Marcelo Ridenti destaca: "No final de 1979 encaminhou ao Congresso um projeto de reforma partidária que foi aprovado contra a vontade do MDB, embora desse vazão a desejos de setores oposicionistas de assumir sua particularidade. O projeto impôs o fim das legendas Arena e MDB e definiu normas para a constituição de novos partidos, mas excluindo a possibilidade de legalização dos comunistas. RIDENTI, M. S. As oposições à ditadura: resistência e integração, In: AARÃO REIS FILHO, D.; MOTTA, R. P. S.; RIDENTI, M. S. (Orgs.). Op. Cit. 2014, p. 42; ainda sobre a legislação partidária, o historiador Daniel Aarão Reis destacou: "A Arena transformou-se em Partido Democrático Social (PDS), mantendo-se coesa. As oposições fragmentaram-se. O MDB bifurcou-se em duas alas: a liderada por Ulysses Guimarães e Franco Montoro, no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), e outra, mais moderada, por Tancredo Neves, no Partido Popular (PP). Os partidários do trabalhismo também se dividiram entre o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), liderado por Ivete Vargas e favorável ao diálogo com o governo, e o Partido Democrático Trabalhista (PDT), sob a direção de Leonel Brizola. Finalmente, o Partido dos Trabalhadores (PT) reunia lideranças sindicais, militantes católicos e ex-partidários das organizações revolucionárias dos anos de 1960 e 1970, pretendendo exprimir os movimentos sociais que irrompiam na sociedade". AARÃO REIS FILHO, D. A vida Política. In: AARÃO REIS FILHO, D. (Org.). Op. Cit. 2014, p. 104-105.

O governo de Figueiredo teve de enfrentar uma forte inflação, desgastes – seja de sua própria imagem ou mesmo do governo dos militares –, greves – de 1979 a 1981 houve manifestações grevistas que foram organizadas em todos os estados da Federação –, desempregos, lutas pela redemocratização do país, atentados – como o do Riocentro –, demissão de Golbery de Couto e Silva e seu próprio infarto. Além disso, a gestão do General Figueiredo ficou marcada também pelas eleições para governadores em 1982 (as primeiras desde 1965) e para novos parlamentares. Sobre esse cenário, o historiador Daniel Aarão Reis comentou:

Vencida a ameaça da direita extrema, o primeiro teste da nova paisagem político-partidária ocorreu nas eleições de novembro de 1982, para governadores e prefeitos, Congresso Nacional, assembleias legislativas e câmaras municipais. Havia ali desafios, não apenas pelo caráter geral do pleito, mas também porque, pela primeira vez desde 1965, seriam diretas as eleições para os governos estaduais.²³²

O Brasil passava por um processo denominado por especialistas como o período da "Transição Democrática" ou da "Redemocratização" que para alguns só se encerraria em 1985 com a volta das eleições para prefeito nas capitais brasileiras e para Presidente com Tancredo Neves; já outros afirmaram que a ditadura no país se estenderia ainda até a aprovação da nova Constituição em 1988.²³³ Mais uma vez busco estabelecer diálogos com as colocações do historiador Daniel Aarão Reis que afirmou:

²³² AARÃO REIS FILHO, D. Op. Cit., 2014. p. 140.

²³³ Para o Historiador Francisco Carlos Teixeira, a ditadura militar no Brasil chegou ao fim "em 15 de janeiro de 1985, quando o Colégio Eleitoral consagra Tancredo Neves como Presidente do Brasil [...]. A ditadura iniciada 21 anos antes, com um golpe contra a República constitucional chegava ao fim". TEIXEIRA DA SILVA, F. C. Crise da ditadura militar e o processo de abertura Política no Brasil (1974-1985), In: *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. (O Brasil Republicano - Volume 4). FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.). 6.^a. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 279. Já o historiador Daniel Aarão Reis afirma: "Nossa escolha recai em 1979, quando deixou de existir o estado de exceção, com a revogação dos Atos Institucionais, e foi aprovada a anistia, ensejando a volta do exílio dos principais líderes das esquerdas brasileiras. Daí em diante, abriu-se um período de transição, até 1988, quando a aprovação de uma nova Constituição restabeleceu as condições de um pleno estado de direito em nosso país". AARÃO REIS FILHO, D. *Ditadura militar, esquerdas e sociedades*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 11. Em outro momento sobre as discussões em torno do fim da ditadura militar, Daniel Aarão sustenta que: "Entretanto, a particularidade do caso brasileiro é que não se estabeleceu desde então um regime democrático. Já não havia ditadura. Mas não existia *ainda* democracia. E não haveria até 1988. Por esta razão, parece-me adequado chamar o período de 1979 a 1988 de 'transição democrática'. *Ainda* havia o entulho autoritário, criado pela ditadura. Mas esta *já* não existia mais, substituída pelo Estado de Direito. AARÃO REIS FILHO, D. A vida Política. In: AARÃO REIS FILHO, D. (Org.). Op. Cit. 2014, p. 103, (Grifos do autor); do mesmo autor ver também: AARÃO REIS FILHO, D. *Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 125; AARÃO REIS FILHO, D. A

É interessante observar as controvérsias sobre o fim da ditadura no Brasil: 1979? 1985? 1988? Evidenciam o caráter "transnacional" do processo. Iniciado no governo ditatorial de Geisel (1974-1979), com a "abertura lenta, segura e gradual", ganhou dinâmica própria com a intervenção de atores imprevistos, fugiu do controle dos governantes até configurar-se a Constituição de 1988, depois de uma "transição democrática", quando se sucederam dois governos: o do general João Figueiredo, de 1979 a 1985, já sem instrumentos de exceção; e o de José Sarney, entre 1985 e 1988, quando foi aprovada a nova Constituição e o país passou a viver numa democracia reconhecida.²³⁴

Foram tempos de mudanças. Os alicerces que davam sustentação ao regime militar no Brasil não demonstravam a mesma força de outrora. Não havia mais o apoio da sociedade civil. Os mais diversos grupos (militantes, operários, intelectuais) se organizavam para protestar contra os militares, clamando por democracia, liberdade e direito às eleições diretas. Novos ares pairavam sobre a cena política e social brasileira.

No cenário estadual, durante os anos de 1980 o Recife também assistiu a algumas importantes transformações em seu prosclênio político. Em 1979 ocorre a nomeação do Prefeito Gustavo Krause,²³⁵ pelo então Governador do Estado Marco Maciel.²³⁶ Krause pode ser definido, de acordo com as palavras do historiador Denis Bernardes, como o "homem momento", pois mesmo ainda sendo escolhido de forma indireta, seu governo "marcaria uma verdadeira virada na gestão urbana".²³⁷ Ainda sobre a atuação de Gustavo Krause, o referido historiador comentou:

ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estatista, in: AARÃO REIS FILHO, D.; MOTTA, R. P. S.; RIDENTI, M. S. (Orgs.). Op. Cit. 2014, p. 11.

²³⁴ AARÃO REIS FILHO, D. Op. Cit., 2014, p. 104.

²³⁵ De acordo com o pesquisador Antônio Sérgio Araújo Fernandes: "Gustavo Krause era um jovem tecnocrata, iniciando a carreira política, que até então tinha exercido o cargo de secretário da Fazenda do estado de Pernambuco, durante a gestão do governador Moura Cavalcanti, da Arena, entre 1975 e 1978. Longe de ser um político de esquerda, ele pertenceu à Arena na época, depois PDS e hoje é membro do PFL. Suas decisões como prefeito, de estimular a participação social, causaram surpresa tanto pelo lado dos segmentos mais conservadores do seu partido, como pelo lado dos grupos sociais e políticos ligados ao PMDB e à esquerda, que desconfiavam de suas escolhas como prefeito e o acusavam de populista". FERNANDES, Antônio Sérgio A. *Gestão Municipal e participação social no Brasil: a trajetória de Recife e Salvador (1986-2000)*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004, p. 92.

²³⁶ Marco Antônio de Oliveira Maciel nasceu no dia 21 de julho de 1940. Filho de José do Rego Maciel e Carmem Sylvia Cavalcanti de Oliveira. Em 1963 iniciou sua vida pública como presidente da União Metropolitana dos Estudantes. Realizou seus estudos acadêmicos na Universidade Federal de Pernambuco, onde se formou em Direito. Em 1966 se elegeu Deputado Estadual. Em 1978 Marco Maciel foi indicado Governador de Pernambuco pelo então Presidente Ernesto Geisel e em 15 de março de 1979 foi empossado. SANTANA, Jorge José B. *Os Governadores de Pernambuco - Breve História*. Recife: FacForm Gráfica, 2015, pp. 187-208.

²³⁷ BERNARDES, D. A. M. *Recife, o caranguejo e o viaduto*. 2. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, pp. 113-14.

Há um estilo novo de governo, cuja expressão, mais que simbólica, está na informalidade do Prefeito despachando em mangas de camisa e nas suas caminhadas nas ruas, ladeiras, morros e mangues, indo ao contato direto com os problemas da população e chegando onde o poder nunca chegará, a não ser sob a forma repressiva de batidas policiais.²³⁸

De acordo com o historiador Denis Bernardes, o prefeito Gustavo Krause, indicado para um mandato de quatro anos, buscou estabelecer como marca registrada de sua gestão um contato mais "próximo" com os "populares".²³⁹ Sobre seu governo à frente da prefeitura do Recife, a economista Suely Leal destaca: "[...] fazia parte da estratégia de atuação da prefeitura o planejamento com participação popular, o que significava a inserção da população no processo decisório".²⁴⁰

Ou seja, mesmo a direita, nesse período, estava imbuída dos “ares democráticos” e também afirmava a necessidade que de os políticos estivessem mais próximos da população. A estratégia de Krause – despachar em mangas de camisa, caminhar pelas ruas da cidade ouvindo o povo, dentre outras medidas – foi discursivamente proclamada como “participação popular”.

Havia nesses anos um claro interesse (necessidade) de ouvir o povo, ou mesmo, de que fosse criada a impressão de que as classes populares estavam sendo ouvidas e seus desejos colocados em prática. Diante disso, a partir de 1979, como afirma o historiador Allan Luna, passaram a ganhar visibilidade no Recife as Associações e Conselhos de Moradores de Bairros – em sua maioria, incentivados pela Igreja Católica, por meio das Comunidades Eclesiais de Base – como novos atores da cena política local.²⁴¹ Sobre esse "desejo" de ouvir a população, foram publicadas algumas matérias no Diário Oficial do Município, como a de janeiro de 1980 que destaco um trecho abaixo:

²³⁸ BERNARDES, D. A. M. Op. Cit., 2013, p. 114.

²³⁹ BERNARDES, D. A. M. Op. Cit., 2013, p. 114.

²⁴⁰ LEAL, S. M. R. *Para "além" do Estado: tendências, limites e alcance das novas formas de gestão urbana a nível local*. Tese (Doutorado em Ciência Econômica). Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP - Instituto de Economia), 1994, p. 74.

²⁴¹ O historiador Allan Luna entendeu as Associações de Bairros como "[...] sujeitos políticos centrais na cena política recifense do período, a ponto de pautarem demandas, fossem materiais ou simbólicas, e de decidirem eleições em nível municipal.". LUNA, Allan. *O DISCRETO CHARME DA DEMOCRACIA: os movimentos de bairro e o festim da participação popular nas periferias do Recife (1979-1988)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2014, p. 14.

[...] - As formas tradicionais de planejamento, de cima para baixo, têm se mostrado ineficientes, porque nem sempre sintonizam com a realidade, disse o prefeito Gustavo Krause, na manhã de ontem, ao presidir reunião com o pessoal da equipe técnica no Núcleo de Ação Comunitária do Coque, inaugurado naquele momento. Ele reiterou sua diretriz de governar com o povo: da periferia para a Prefeitura da Cidade do Recife, ao recomendar à equipe técnica que discuta com as lideranças comunitárias do Coque as melhores soluções para os problemas daquele aglomerado. E garantiu que as soluções indicadas terão sua execução através das diversas secretarias municipais.²⁴²

Como está sendo possível observar, o tema da participação popular foi central nas várias esferas do governo de Gustavo Krause na prefeitura do Recife.²⁴³ Sua gestão não se resumiu apenas a ouvir e atender as demandas das lideranças das Associações de Bairros, mas também projetou a criação de um projeto cultural para o Recife.²⁴⁴ Sobre isso, o historiador Denis Bernardes discorreu:

Dois aspectos essenciais marcam a gestão Krause, enquanto definição de objetivos: a prioridade dada aos problemas sociais da cidade e a preocupação em explicitar um projeto cultural para o município, afirmando buscar valorizar, promover e proteger sua identidade cultural própria. Mas o importante a assimilar não é somente essa afirmação programática, mas sim, a maneira de procurar realizá-la,

²⁴² Prefeito reitera propósito de administrar com o povo. *Diário Oficial*, Ano XI - Nº 13, 19 de Janeiro de 1980, p.01. Sobre a mesma problemática destaco ainda a seguinte matéria: Prefeito diz no alto da favela que seu governo ouve o povo. *Diário Oficial*, Ano XI - Nº 18, 26 de Janeiro de 1980, p. 01.

²⁴³ "No Brasil, os projetos de gestão participativa iniciados nos anos oitenta, se situam no momento histórico vivenciado pelo Estado brasileiro quando da democratização do país, onde os chamados setores da esquerda passaram a ter a oportunidade de colocar em prática visões estratégicas diferenciadas acerca do seu projeto de Estado e de Sociedade. [...] Na maior parte dessas experiências, podem ser identificados alguns princípios norteadores de caráter bastante inovador. O aspecto maior e mais frequente deu-se no plano da democratização da relação Poder Público/Sociedade, através da instauração de práticas de participação popular na gestão das políticas públicas". LEAL, S. M. R. *Fetichismo da Participação Popular: novas práticas de planejamento, gestão e governança democrática no Recife - Brasil*. Recife: Ed. do autor, 2003, p. 26-27.

²⁴⁴ Denis Bernardes destaca que a cultura passou a ganhar novo fôlego das administrações municipais do Recife a partir de 1975 com a indicação de Ariano Suassuna para Secretaria de Educação e Cultura "e toda a ação cultural por ele desenvolvida a partir das concepções presentes no chamado Movimento Armorial". BERNARDES, D. A. M. Op. Cit. 2013, p. 111. Sobre o que foi o Movimento Armorial, a historiadora Déborah Callender destaca que "[...] sob a liderança de Ariano Suassuna um grupo de intelectuais voltou a se reunir e a debater questões referentes à cultura popular, a partir da criação do Movimento Armorial, no qual a cultura popular novamente centralizava o manancial dos elementos mais "autênticos" das "raízes" culturais brasileira. [...] o Movimento Armorial visava à realização de uma arte erudita, partindo das "raízes" populares da cultura brasileira, pressupondo que a expressão mais "autêntica" da cultura brasileira estaria enraizada na cultura popular". CALLENDER, D. G. *Quem deu a ciranda a Lia? A história das mil e uma Lias da ciranda (1960 - 1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011, p. 70-72. Para saber mais sobre o Movimento Armorial, ver também: MORAES, M. T. D. *Emblemas da sagração armorial: Ariano Suassuna e o movimento armorial (1970-76)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2000.

incluindo aí um agudo senso da importância de certos atos, da realização de gestos e ações carregados de simbolismo.²⁴⁵

De acordo com Bernardes, o campo da cultura ganhou especial atenção da gestão do Prefeito Gustavo Krause. O discurso do governo era de induzir, preservar, despertar, incentivar, executar e realizar medidas de promoção à identidade cultural local. Nesse sentido é que foram valorizadas ações com o objetivo de proteger práticas que estavam sendo acusadas de descaracterização ou mesmo ameaçadas a desaparecer. Diante disso, o Carnaval recebeu atenção especial, segundo as colocações do historiador Dennis Bernardes:

Quanto ao carnaval, que, no período autoritário, foi sempre apresentado como moribundo - apesar de todo o esforço oficial para revitalizá-lo - volta a ganhar visibilidade de seus melhores momentos, o que é indissociável da gradativa redemocratização do país.²⁴⁶

O novo grupo político que ascendeu ao poder no Recife, com a indicação de Gustavo Krause para prefeito da cidade e a proposta de renovar e recuperar as práticas do verdadeiro Carnaval recifense, buscou alinhar-se com as críticas que o festejo momesco recebeu durante toda a década de 1970. Até mesmo para que pudesse validar as inovações que introduziram no plano cultural do município, em que o Carnaval recebeu atenção especial.

No plano da cultura, o Carnaval da capital pernambucana passava por um processo de tensão. Fortes críticas permeavam o festejo carnavalesco, que era acusado por intelectuais de se descaracterizar e perder a sua popularidade. O modelo de festa dos anos anteriores, pautado na ideia de "Espetáculo" não era bem visto pelos defensores do que era nomeado nos jornais da "legítima cultura pernambucana".

Com o objetivo de estabelecer um projeto cultural para a cidade, o governo lançou mão em 1979 (por meio da Lei Nº. 13.535)²⁴⁷ da criação da Fundação de Cultura da Cidade do Recife (FCCR). Essa instituição é um órgão ligado à prefeitura municipal e passou a ser responsável pela organização, promoção e valorização da cultura local, substituindo a EMETUR. Abaixo segue um trecho da Lei pela qual a FCCR foi criada e estabelecia suas funções.

²⁴⁵ BERNARDES, D. A. M. Op. Cit., 2013, p. 114.

²⁴⁶ BERNARDES, D. A. M. Op. Cit., 2013, p. 117.

²⁴⁷ Lei Municipal nº 13.535 de 26 de abril de 1979, sancionada pelo prefeito Gustavo Krause. Disponível em: <http://www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 18/12/2015.

Art. 2º A Fundação de Cultura Cidade do Recife terá por finalidade a *indução* das atividades culturais, com ênfase na cultura popular, consubstanciada no desempenho das seguintes atividades: *preservar* o universo cultural e a memória Nacional, nos limites da Cidade do Recife; *despertar* na comunidade o gosto e o amor por sua própria cultura, através de eventos culturais e programas de participação comunitária; *incentivar* a produção artística e literária, de modo a desenvolver o gosto e a preservação da cultura em suas diversas formas e manifestações; *executar* programas de recuperação e preservação de documentos, sítios e monumentos históricos da Cidade do Recife; e *realizar* programas de criação, recuperação e manutenção das casas de espetáculos da Cidade.²⁴⁸

O jornalista Leonardo Dantas Silva foi escolhido pelo Prefeito Gustavo Krause para ser o primeiro presidente da Fundação de Cultura da Cidade do Recife e teria como sua principal missão à frente da instituição "recuperar" o Carnaval. Numa matéria publicada no Diário de Pernambuco de 1978, Dantas afirmou que a ideia de "Participação", algo comum à festa, segundo suas palavras, estava desaparecendo, cedendo lugar à noção de "Espetáculo" e esse equívoco precisava ser corrigido. E sobre isso afirmou:

A participação foi cedendo ao chamado "espetáculo". O Carnaval passou a ser trágico-cômico, com o povo preso como gado num curral sem qualquer possibilidade de participação. O policiamento aumenta de ano a ano, e o povo cada vez mais reprimido. O que era participação é hoje um lamento silencioso, com o carnaval perdendo, ano a ano, a sua razão de ser.²⁴⁹

Investimentos, incentivos, divulgação, campanhas publicitárias, entre outras medidas não foram poupadas em seu primeiro ano à frente da organização do Carnaval pela Fundação de Cultura, tudo para que narrativas de sucesso de público e crítica fossem criadas em torno dos dias de folia do Recife.²⁵⁰ Foi o que destacou o Diário Oficial de janeiro de 1980:

²⁴⁸ Lei Municipal nº 13.535 de 26 de abril de 1979. Disponível em: <http://www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 18/12/2015. (Grifos meu).

²⁴⁹ Nas ruas humanizadas Carnaval não tem vez. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1978, p. D1.

²⁵⁰ Prefeito prestigiará todas as festas carnavalescas do ano. *Diário Oficial*, Ano XI - Nº 05, 09 de Janeiro de 1980, p. 01; Prefeitura oferece o máximo de atrações carnavalescas ao povo. *Diário Oficial*, Ano XI - Nº 29, 12 de Fevereiro de 1980, p. 01; Prefeitura também incentiva novos passistas. *Jornal do Commercio*, 22 de janeiro de 1980, p. 6; Carnaval de 80 pode ter grande animação. *Jornal do Commercio*, 23 de janeiro de 1980, p. 06; Gustavo Krause incentiva prévias de Carnaval. *Diário da Manhã*, 17 de

A campanha não só buscará uma participação mais efetiva dos foliões, mas se enquadra no objetivo do Governo - estimular um carnaval que corresponda às melhores tradições do Recife e que não seja apenas um espetáculo, mas uma festa popular espontânea, alegre e contagiante.²⁵¹

Assim, uma série de medidas foi tomada pela FCCR a partir de 1980 com o objetivo, segundo suas próprias narrativas, para "recuperar" o Carnaval. Esse processo passava fundamentalmente pelo combate às práticas associadas à ideia de "Espetáculo". Durante os primeiros anos da década de 1980 a Fundação buscou promover no Recife o chamado "Carnaval Participação", visando "resgatar" a participação popular como ocorria no passado.²⁵² Sobre isso o Diário da Manhã de 1980 destacou:

O Carnaval do Recife este ano, não terá passarela nem cordões de isolamento, para que o *povo* possa participar livremente, acompanhando suas agremiações preferidas, anunciou ontem o prefeito Gustavo Krause. Ressaltou que o objetivo da Prefeitura é reativar nossa maior festa popular, tornando-a o "*melhor carnaval do mundo*".²⁵³

O modelo denominado "Carnaval Participação" não se restringiu "apenas" a administração de Gustavo Krause (1980/1982 na Prefeitura do Recife, mas ultrapassou esses limites adentrando outras gestões municipais, como foi o caso dos governos de Jorge Cavalcante (1982/1983) e de Joaquim Francisco (1983/1985). Sobre essas administrações municipais, o historiador Denis Bernardes destacou:

Elas não apresentam relevo especial e, em grande parte, dão continuidade, de forma menos impetuosa e dentro do estilo de cada um, a alguns projetos e definições programáticas tão enfaticamente definidas na gestão Krause. Os problemas sociais da cidade evidentemente que não poderiam mais ser relegados, mas se sente que, entre 1982/1985, eles dividem os recursos da Prefeitura com outras áreas, deixando de ser a propriedade das propriedades.²⁵⁴

janeiro de 1980, p. 03; Prefeitura lança campanha para divulgar Carnaval. *Diário da Manhã*, 23 de janeiro de 1980, p. capa.

²⁵¹ Prefeitura inicia campanha para reativar o carnaval. *Diário Oficial*, Ano XI - Nº 16, 24 de Janeiro de 1980, p. 01.

²⁵² Fundação prepara-se para tríduo de momo, *Diário de Pernambuco*, 03 de janeiro de 1980, p. A-13.

²⁵³ Carnaval este ano não terá desfiles e será improvisado com o povo. *Diário da Manhã*, 08 de Janeiro de 1980, p. capa. (Grifos meu).

²⁵⁴ BERNARDES, D. A. M. Op. Cit. 2013, p. 120.

O jornalista e presidente da Fundação de Cultura, Leonardo Dantas, afirmou que o formato de folia nomeado de "Carnaval Participação" buscava trazer de volta ao festejo tudo o que se viveu no passado. Em torno das medidas implantadas era construído o discurso de retorno ao passado, para que assim as determinações se revestissem de uma áurea de legitimidade. Sobre isso, o referido jornalista comentou:

A partir de 1980 a Fundação de Cultura Cidade do Recife resolveu reviver o Carnaval Participação do Recife, calcado nos antecedentes vividos nos anos 50, quando este era consagrado como "o melhor Carnaval do mundo".²⁵⁵

Nesse sentido, os representantes da Fundação de Cultura Cidade do Recife buscaram (re)criar uma série de práticas carnavalescas e o conjunto delas nomeou de "Carnaval Participação". Os dias momescos, no início dos anos de 1980, seriam marcados por aquilo que seus dirigentes nomeavam de "volta aos carnavais de antigamente". O folheto promocional do Carnaval de 1980 anunciava os preparativos e a organização do festejo com o slogan *Nada de novo. Tudo, de novo.*²⁵⁶ Sobre os primeiros anos do Carnaval Participação, Leonardo Dantas afirmou:

É o Carnaval Participação que retorna. Com todos os seus primitivos e delirantes ingredientes. Como um presente ou um desafio da Prefeitura da Cidade do Recife. Sem fórmulas especiais nem segredos.²⁵⁷

O "novo" modelo de festa carnavalesca, denominado "Carnaval Participação", introduziu uma série de mudanças aos dias gordos local. Inovações que geraram relevante debate nos jornais, que resultaram nos mais diversos formatos de disputas sociais. Foram as lutas pela construção de uma memória sobre a cidade do Recife e, evidentemente, em torno do Carnaval que estavam em jogo naqueles anos. Sobre o cenário de disputas em torno da folia momesca de 1980, o Diário da Noite salientou:

²⁵⁵ SILVA, Leonardo Dantas. Elementos para a História Social do Carnaval do Recife, In: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas. *Antologia do carnaval do Recife*. Recife: Massangana / Fundaj, 1991, p. XCII.

²⁵⁶ Frase atribuída a Vicente do Rego Monteiro, citado em: SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit. 1991, p. LXXXVIII.

²⁵⁷ Folheto do Carnaval de 1980, texto atribuído a Aldemar Paiva. Citado em: SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit. 1991, p. LXXXVIII-LXXXIX.

O Presidente da Fundação de Cultura, o jornalista Leonardo Dantas Silva, disse que estimulará a participação do povo na nossa festa maior como acontecia no passado. "É um desafio que nós enfrentaremos e temos a certeza de que vamos vencer", conclui.²⁵⁸

Assim, convido o leitor e a leitora a acompanhar comigo os embates, os conflitos e as tensões em torno do "Carnaval Participação" da Fundação de Cultura. Entretanto, não espere encontrar no próximo capítulo o que foi o "Carnaval Participação do Recife", mas sim discursos e práticas que procuraram representá-lo. Sendo mais claro, esperem encontrar aquilo que os jornais julgaram como digno de figurar em suas páginas como elementos indicadores do que foi esse "Carnaval Participação do Recife" do início dos anos de 1980.

²⁵⁸ Frevo, frevo. *Diário da Noite*, 03 de janeiro de 1980, p. 05.

CAPÍTULO 2

3. A FUNDAÇÃO DE CULTURA E O “CARNAVAL PARTICIPAÇÃO” DO RECIFE: experiências e expectativas de uma festa (1980-1983)

Neste segundo capítulo busquei analisar o que chamo de experiências e expectativas em torno do "Carnaval Participação". Chamo de experiências as diversas maneiras pela qual o passado atua no presente, sejam elas memórias, vestígios, permanências. No caso da investigação aqui em tela, esse processo se deu por meio das matérias de jornais que tratavam da festa carnavalesca recifense. Ao cartografar e analisar esse corpus documental compreendi que os representantes da Fundação de Cultura afirmavam que o festejo de Momo vivenciado entre os anos de 1980 e 1983 era o "verdadeiro Carnaval do Recife", pois estavam resgatando a folia vivida num passado distante, um passado em que a pândega local era conhecida como "a melhor do Brasil". Ao utilizar a palavra "experiências", tomei como base as formulações elencadas pelo historiador Reinhart Koselleck que a definiu como:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia. Neste sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias.²⁵⁹

Diante disso é que busquei compreender, por meio das narrativas dos jornais, como os representantes da Fundação de Cultura Cidade do Recife fabricavam o presente a partir dos sentidos que atribuíam ao passado, pois, como bem destacou Koselleck, a experiência não só elabora acontecimentos passados, como tem o poder de torná-los presentes e nesse sentido ela está saturada de realidades.²⁶⁰

Já as expectativas são formulações que visam o futuro. Podem ser compreendidas como um conjunto de sensações e antecipações que se referem ao que ainda está por vir. Os desejos, os anseios, as visões de mundo, as inquietudes, os medos,

²⁵⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, pp. 309-310.

²⁶⁰ KOSELLECK, Reinhart. Op. Cit., 2006, p. 312.

as (des)confianças, ou seja, todas as expectativas que levam os sujeitos a fabricarem uma relação com um tempo futuro, com um "horizonte de expectativas". Mais uma vez, ao utilizar a palavra "expectativa", tomo por base as construções elaboradas por Koselleck, que a definiu:

"[...] ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao impessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem".²⁶¹

As expectativas podem ser compreendidas como processos que os sujeitos sociais fabricam sobre o futuro que se aproxima. Esse procedimento leva em consideração as sensibilidades, as subjetividades, as curiosidades e análises racionais que os indivíduos lançam sobre esse futuro, tendo a consciência de que nesse futuro há algo, mas não se sabe exatamente o que é. Como afirmou Koselleck, as expectativas são tudo aquilo por meio da qual no presente os homens visam o futuro, constituindo-se naquilo que chamou de "horizontes de expectativas".

Diante disso é que tomo a concepção de expectativas para afirmar que a experiência sobre o festejo de Momo realizado entre os anos de 1980 e 1983 pelos representantes da Fundação de Cultura pode ser entendida como o desejo que aqueles sujeitos tinham de construção do que seria a festa no futuro. A folia momesca que se fazia naquele passado histórico pode ser encarada como desejo da festa que seria realizada no futuro histórico. Entretanto, como afirmou Koselleck, não se pode deduzir as expectativas apenas na experiência, mas equivoca-se quem por ela não se baseia. A diferença entre essas duas categorias remete a uma questão estrutural no campo da História, que ele definiu da seguinte forma:

Na História sempre ocorre um pouco mais ou um pouco menos do que está contido nas premissas. Este resultado nada tem de surpreendente. Sempre as coisas podem acontecer diferentemente do que se espera: esta é apenas uma formulação e subjetiva daquele resultado objetivo, de que o futuro histórico nunca é o resultado puro e simples do passado histórico.²⁶²

²⁶¹ KOSELLECK, Reinhart. Op. Cit., 2006, p. 310.

²⁶² KOSELLECK, Reinhart. Op. Cit., 2006, p. 312.

Tenho consciência de que as formulações históricas só são possíveis a partir da leitura e análise das fontes. Diante disso, sei que aquilo que chamo de experiências e expectativas estão atreladas ao que os jornais elegeram nesses anos como digno de ser dito e nomeado como "Carnaval Participação". A narrativa do historiador é sempre mediada pela documentação que usa e pela forma que a manuseia. Diante disso foi que estabeleci a divisão dos tópicos desse capítulo, a fim de que por meio da organização proposta possa construir uma narrativa de inteligibilidade histórica.

O primeiro tópico desse capítulo é *Traduzindo a Participação*. Trata-se de uma análise de como os jornais e a historiografia compreendiam a concepção de "Participação" atrelada ao Carnaval. Busquei rastrear os sentidos e significados da palavra, observar seus pertencimentos e suas ordenações. Interpretar de que forma seus sentidos foram utilizados e empregados pelos representantes do poder público municipal.

Mas o que foi mesmo a passarela no "Carnaval Participação" apresenta-se como um debate das modificações em torno da passarela. A passarela e o seu formato corriqueiro, com palanques e arquibancadas, foram contentados nesses anos. Esse processo gerou interessante debate nos jornais e esse tópico buscou reproduzir e interpretar essa discussão.

O terceiro tópico do capítulo é *A passarela do samba*. Compreender a força e a pujança das escolas de samba no cenário do "Carnaval Participação" é crucial para os entendimentos sobre esse processo. A retirada das passarelas atingia fundamentalmente a prática dos sambistas. E eles não foram passivos nesse processo: lutaram, negociaram até que conseguiram atingir parte dos seus objetivos.

Entretanto, não foram só as disputas entre sambistas, passarelas e organizadores do "Carnaval Participação" que frequentou as páginas dos periódicos nesses anos. Outras práticas e discursos também foram representados pelos periódicos. Assim, o tópico *A Fundação de Cultura: as (re)encenações e as (re)ordenações de uma festa* buscou dar conta desse processo.

E o último tópico desse capítulo foi nomeado de "*Carnaval Participação*": *uma festa do frevo e da frevioca*. Uma das principais queixas que os jornais retratavam em torno do Carnaval do Recife foi sobre a não valorização e incentivo ao frevo. Diante disso, a Fundação de Cultura quando assumiu a organização do festejo, buscou criar mecanismos que pudessem valorizar o ritmo considerado como "da terra". Para tanto, o jornalista Leonardo Dantas, diretor do referido órgão municipal, criou uma orquestra

volante em cima de um caminhão, ao qual deu o nome de "Frevioca". Acompanhar como os jornais retrataram esse acontecimento foi o foco principal desse tópico.

Espero que esse resumo do que o leitor e a leitora vão encontrar nas linhas que se seguem os tenha convencido a continuar a leitura. Convido a vir comigo e compreender um pouco mais das disputas em torno do Carnaval do Recife. E, para finalizar essa pequena introdução, parafraseio a letra de um samba da Mocidade Independente de Padre Miguel: "invade e se joga na felicidade, fazendo a vontade do seu coração, hoje é o dia, vem se acabar, deixa a minha história te levar!".²⁶³ Hoje é o dia!

3.1 Traduzindo a Participação

Primeiramente, é preciso problematizar os sentidos em torno da própria palavra "Participação". Como já procurei demonstrar antes, segundo o historiador Denis Bernardes, a concepção de "Participação Popular" foi recorrente na gestão do Prefeito Gustavo Krause à frente da prefeitura da cidade.²⁶⁴ Diante disso, não posso deixar de aventar a possibilidade de relações entre a palavra "Participação" como prática fundamental aos sentidos que os Carnavais do início dos anos oitenta assumiram e a "Participação" como uma diretriz política/ideológica que a administração municipal empregou nesses anos.

Parte da historiografia relaciona a palavra "Participação" atrelada ao Carnaval como uma prática que se posiciona de forma contrária aos sentidos do modelo "Carnaval Espetáculo".²⁶⁵ São análises pautadas numa relação dicotômica, opondo os dois formatos de festa. Entretanto, após as evidências de que o governo de Gustavo Krause, na prefeitura do Recife, tomou como diretriz a concepção de "Participação

²⁶³ Samba-enredo de 2015 da Mocidade Independente de Padre Miguel. A letra original da música é: "Invade... Se Joga... Na Felicidade / Fazendo A Vontade Do Seu Coração / Hoje É O Dia... Vem Se Acabar" /Deixa A Mocidade Te Levar!"

²⁶⁴ BERNARDES, D. A. M. Op. Cit., 2013, p. 114.

²⁶⁵ MENEZES NETO, H. Notas sobre a batalha frevo-samba no carnaval de Recife-PE. *Revista Enfoques* (Rio de Janeiro), v. 10, p. 01-15, 2011; MENEZES NETO, H. Tem samba na terra do frevo!: a batalha frevo x samba no carnaval multicultural do Recife. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares* (Impresso), v. 7, p. 45-59, 2010; MENEZES NETO, H. *Tem Samba na Terra do Frevo. Escolas de Samba no Carnaval do Recife*. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS, 2014; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit. 2017 (Prelo); LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit. 2010; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit. 2012; SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit. 1991; SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit. 2000.

Popular", conjecturo que o vocábulo simbiótico "Carnaval Participação" poderia também estar associado a esta diretriz política.

Nas palavras do jornalista Leonardo Dantas Silva, o "verdadeiro Carnaval Participação", com o conjunto de práticas que o definiram, foi vivenciado no Recife entre os anos de 1980 e 1983. Saliento que esse também foi o período que o referido jornalista passou na direção da Fundação de Cultura Cidade do Recife, órgão responsável pela organização do festejo carnavalesco. É possível depreender das palavras de Dantas que, se ele afirma que nesse período se viveu o "verdadeiro" é porque, provavelmente, em outros anos podem ter existido discursos que evocavam se viverem outros "Carnavais Participação". Segundo Leonardo Dantas:

Entre 1980 e 1983, reinou no Recife o verdadeiro *carnaval participação*, com suas multidões frevolentas se arrastando no acompanhamento da *Frevioca* e das agremiações carnavalescas, a partir da segunda-feira da semana pré-carnavalesca e explodindo na manhã do sábado com a saída do *Clube de Máscaras O Galo da Madrugada*, como a demonstrar aos descrentes e fracos de espírito que a *Capital do Frevo* não carece de imitações e, muito menos, de importações outras. Os ritmos criados pelo seu povo são o suficiente para a sua animação [...].²⁶⁶

O historiador Ivaldo Marciano de França Lima afirmou que o discurso do "Carnaval Participação" foi preparado ao longo de boa parte da década de 1970 e que uma das bases para as críticas ao Carnaval que se vivia naqueles anos foi o sucesso das escolas de samba. Sobre o que foi esse modelo de "Carnaval Participação", o pesquisador afirmou:

[...] “carnaval participação”, em que o público participava junto com a agremiação carnavalesca, “fazendo o passo” em meio aos desfilantes do grupo, não havendo separação entre desfilantes fantasiados e foliões ensandecidos pela “loucura de momo”. Essa ideia de “carnaval participação” foi “preparada” ao longo dos anos de 1976, 1977, 1978 e 1979, sendo reforçada a cada carnaval com as críticas ao sucesso das escolas de samba junto ao público e o desprestígio das agremiações de frevo e maracatu.²⁶⁷

²⁶⁶ SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit. 2000, p. 300. (Grifos do autor).

²⁶⁷ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit., 2016, p. 179. (prelo).

O antropólogo Hugo Menezes Neto também afirmou que o "Carnaval Participação", vivenciado no Recife do início dos anos de 1980, pode ser definido como uma festa de rua em que, teoricamente, todos participavam. Afirma ainda que esse novo formato de festa emergiu para se contrapor ao modelo do "Carnaval Espetáculo", marcado por desfiles de passarela e com destaques para a apresentação das escolas de samba. Sobre isso ele afirmou:

“Carnaval participação” – traduzido como carnaval de rua, sem competições ou espaços exclusivamente para desfiles, em que, teoricamente, não existiriam espectadores, e todos participam da festa – em oposição ao “carnaval espetáculo”, derivado do modelo de desfile carioca com suas passarelas e arquibancadas para contemplação.²⁶⁸

Ainda sobre o debate em torno das concepções de "Participação" e "Espetáculo" associadas a modelos de festas carnavalescas estabelecidas pelos órgãos responsáveis pelo festejo momesco, o antropólogo Hugo Menezes Neto discorreu:

Outrossim, há um deslocamento do termo “espetáculo” atribuindo-lhe sentidos negativos, imputando uma falsa ideia de mera contemplação para os brincantes do samba. [...] A dicotomia participação – espetáculo é resultado da produção de diferenças entre o frevo e samba. [...] o frevo foi historicamente relacionado à primeira categoria (participação), que se desdobra em tradicional e popularidade; enquanto a imagem das escolas de samba à segunda (espetáculo) e, por sua vez, desdobra-se em moderna e excludente.²⁶⁹

Interessante compreender como em torno da noção de espetáculo foram construídas concepções negativas. Persiste sobre ela a ideia de que quem participava dos desfiles na passarela não participava da festa, apenas a observava. Entretanto, mesmo em outra temporalidade, ao analisar o Carnaval na Idade Média, a partir da obra de François Rabelais, Mikhail Bakhtin esboçou outros caminhos: "Na verdade, o Carnaval ignora toda distinção entre atores e espectadores. [...] Os espectadores não assistem ao Carnaval, eles o vivem [...]".²⁷⁰

²⁶⁸ MENESES NETO, H. Op. Cit., 2010, p. 50.

²⁶⁹ MENESES NETO, H. Op. Cit., 2014, p. 109-110.

²⁷⁰ BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo-Brasília: Hucitec, 1999, p. 06.

Um dos motivos da crítica à noção de espetáculo no Carnaval do Recife era sua associação com a festa vivenciada no Rio de Janeiro. No entanto, ao se investigar a folia momesca carioca praticada ao longo dos anos 1970 e início dos anos 1980, percebe-se que não havia muitas similaridades com a pândega realizada na capital pernambucana. Ao se tomar por base a participação das escolas de samba no festejo da capital fluminense, sabe-se que imperava, em meio aos desfiles: o processo de verticalização dos carros; a inserção do mecenato do jogo do bicho; a predominância estética dos aspectos plásticos e visuais; a comercialização dos desfiles;²⁷¹ um debate em torno da construção de um espaço específico para a apresentação das escolas, que vai reverberar no aparecimento do sambódromo, e a emergência de figuras emblemáticas da festa espetáculo, como o carnavalesco Joãozinho Trinta.²⁷² Sobre as transformações a respeito do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro nesse período, a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti aludiu:

Os Sambas-Enredos, [...] já eram gravados em disco comercial desde 1972. [...] Em 1983, foi feito o primeiro contrato da Associação das Escolas de Samba com a televisão para a transmissão do desfile. [...] No início da década de 1980, destacava-se com nitidez em seu conjunto o grupo das "grandes" escolas, nas quais esses processos amplos de forma mais acabada, estabelecendo simultaneamente um padrão almejado de desenvolvimento para todas as demais. A construção da Passarela do Samba em 1984 coroou essa evolução, e representou o reconhecimento e a extraordinária ampliação do potencial econômico dos desfiles.²⁷³

O jornalista Valdi Coutinho,²⁷⁴ que tinha uma coluna no Diário de Pernambuco chamada *Cena Aberta*, diariamente discutia temas relacionados ao papel da cultura – fundamentalmente a local –, foi um dos poucos a defender a presença das escolas de samba no Carnaval da cidade. Não via como problema a ideia de "Espectáculo" e, sobre os sentidos da "Participação" na folia de Momo, ele discorreu em 1980:

²⁷¹ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca. Dos bastidores ao desfile*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006, p. 25.

²⁷² CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1996.

²⁷³ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca. Dos bastidores ao desfile*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006, pp. 42-43.

²⁷⁴ Valdi José Coutinho, nascido em 25 de outubro de 1942 na cidade de Aliança - PE. Jornalista e Teatrólogo. Foi, durante muitos anos, ligado ao jornal Diário de Pernambuco, no qual ingressou em 1968 permanecendo até 1998, quando se aposentou. Informações colhidas junto à entrevista realizada por mim com o referido jornalista em 24 de junho de 2010.

Tudo é uma questão de mudança de terminologia: agora, o Carnaval não tem mais organização e sim participação. Mas, se formos analisar direitinho a coisa terminou sendo a mesma: os donos da cultura querendo dar linhas diretivas às manifestações populares. **Mudaram os rótulos, mas o Carnaval continua sendo o mesmo, e desta vez, mais dirigido ainda, sendo que "participar" é a palavra de ordem. Tanto assim que organizaram tudo visando obrigar o folião recifense a participar.** [...] infelizmente, agora a palavra de ordem é só "Participação". De uma coisa temos certeza: a palavra vai se desgastar muito facilmente, pois já veio rotulada e programada. Mais do que isso, desvirtuada e mutilada, porque esqueceram que **"ver" também é participar, tudo depende de quem mostra e de quem olha, a interação.** Se não fosse assim, o que dizer de manifestações artísticas como a pintura, a dança, a escultura, a fotografia, etc., em que o espectador olha/vê e, através do processo de interação com a criatividade, participa dela. **Saber mostrar e olhar o Carnaval também é uma forma de participação.**²⁷⁵

Interessante compreender como o articulista acima defende a ideia de que "ver" também é "participar", buscando quebrar a lógica argumentativa dos representantes da Fundação de Cultura que opunham as referidas palavras e seus significados. O jornalista teceu críticas ao dirigismo da festa, ou seja, a intervenção do Estado na folia de Momo. Para Valdi Coutinho, as tensões em torno do Carnaval do Recife eram apenas disputas de terminologias, entre as palavras "Participação" e "Espetáculo", pois a festa carnavalesca em si continuava sendo a mesma.

Outro jornalista a se posicionar sobre o "Carnaval Participação" foi Arthur Malheiros.²⁷⁶ Integrante, durante muitos anos, da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife (ACCR), fez parte também da Comissão Promotora do Carnaval (CPC), ou seja, do grupo responsável pela afirmação na capital pernambucana do chamado "Carnaval Espetáculo". Sobre a introdução do "Carnaval Participação" da Fundação de Cultura em 1980 ele afirmou:

No carnaval de 1980 parece que a vontade desses adeptos do "carnaval-participação" prevalecerá apenas não se sabendo que resultado dará essa festa sem passarela, sem desfile para turistas, sem competição entre as agremiações. [...] Em que pese o respeito que

²⁷⁵ "Carnaval Participação": mais um rótulo cultural. *Diário de Pernambuco*, 16 de fevereiro de 1980, p. C9. (Grifos meu).

²⁷⁶ Arthur Malheiros foi um jornalista pernambucano que trabalhou durante muitos anos nos jornais e na TV do Grupo Jornal do Commercio. Ao longo dos anos 1970 tinha uma coluna, *Território Livre*, no Diário da Noite e depois no Jornal do Commercio. Ao longo das décadas de 1960 e 1970 foi responsável pelo Departamento de radiojornalismo da TV Jornal do Commercio. Nasceu em 2 de novembro de 1917 e faleceu em 15 de junho de 1990.

sempre tive pela opinião de todos, sou dos que acham que o "Carnaval-espetáculo" nunca atrapalhou o "Carnaval-participação", porque o verdadeiro folião, em qualquer época, sempre "participou". Em qualquer dia, em qualquer hora e em qualquer lugar durante o Carnaval e até fora dele; bastando só houvesse música de frevo ou de samba ele estava dançando, pulando ou gingando.²⁷⁷

É possível depreender das palavras do articulista que ele buscou quebrar a lógica dos significados da participação construídos pelos representantes da Fundação de Cultura Cidade do Recife, pois para ele o "folião sempre participou da festa", diferente do formato apresentado. Malheiros questionou também os sentidos de uma festa que não estivesse voltada ao turismo e sem a lógica da competição entre as agremiações.

O jornalista Arthur Malheiros levantou uma questão interessante: como é possível compreender o sentido de um concurso sem a lógica da disputa entre as agremiações? Ao ler os jornais, percebi que as agremiações, as que desfilariam nesse Carnaval de 1980, deveriam cumprir um itinerário estabelecido pela Fundação de Cultura e desfilar em volta ao povo sem cordão de isolamento, ou seja, havia regras comuns. Talvez a lógica de disputa que o jornalista tenha se referido deveria estar muito presa aos sentidos de uma festa em meio à passarela, onde as agremiações necessitam de uma apresentação singular, em que seriam julgadas isoladamente por meio de critérios previamente estabelecidos.

Valdemar de Oliveira, jornalista e pesquisador de cultura popular, em seu livro *Frevo, Capoeira e Passo*, teceu comentários sobre o sentido de "Participação" que deveria estar associado ao Carnaval do Recife. Para ele, "Participação" é frevo! E o frevo não combinava com "Espetáculo". Sobre isso comentou:

Compreendam-se bem as razões: frevo não é espetáculo, que nem as escolas de samba, mas participação do povo. Se não há povo participante, em quantidade e, sobretudo, em qualidade, que lhe dê corpo e alma, desfilará um ajuntamento de *virtuosi* ou *pseudo-virtuosi*, não frevo. Aproveito a "deixa": uma das causas do declínio do frevo, no Recife, é que, aos desfiles carnavalescos, a "onda" não comparece. É, pelo visto, proibida. Quer dizer: de participante, o povo passou a espectador.²⁷⁸

²⁷⁷ Carnaval 80. *Jornal do Commercio*, 10 de janeiro de 1980, p. 02.

²⁷⁸ OLIVEIRA, Valdemar. *Frevo, Capoeira e Passo*. 2. Ed. Recife: Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 1985, p. 56.

Quando o jornalista Valdemar de Oliveira destacou a palavra a "onda" estava se referindo a massa de foliões que costumeiramente acompanhavam os clubes de frevo pelas ruas em suas apresentações durante os dias gordos. As narrativas de Oliveira em torno dos sentidos da "Participação" coadunavam com as estratégias criadas pelos representantes da Fundação de Cultura sobre a palavra.

Os escritos de Valdemar de Oliveira datam de 1985, ou seja, estavam envoltos a essa tensão cultural que o Carnaval da cidade estava mergulhado. Provavelmente, o texto foi preparado em meio aos conflitos e às disputas por um formato de folia para o Recife e o jornalista não quis ficar de fora desse relevante acontecimento em torno da mais importante festa popular da capital pernambucana.

Os jornais também destacaram as vozes dos foliões sobre o "Carnaval Participação". Os leitores escreviam cartas à redação dos periódicos contendo suas opiniões sobre o acontecimento. Sobre isso, o Jornal do Commercio publicou as colocações do leitor Carlos Garcia, que buscou defender as medidas tomadas pelo governo do Prefeito Gustavo Krause em 1980:

CARNAVAL PARTICIPAÇÃO

O Recife prepara-se para seu "carnaval participação". Vai dar certo? Tenho minhas dúvidas. Certeza mesmo tenho é que, do jeito que estava indo o carnaval de rua recifense - outrora o mais animado do mundo - dentro de poucos anos se limitaria ao desfile das escolas de samba e alguns clubes, maracatus, caboclinhos e ursos, formados por foliões profissionais pagos pela Prefeitura e empresas de turismo, porque espontaneamente não iria mais ninguém. Desfile de escola de samba no Recife é uma das coisas mais tristes que já vi. Constitui uma tentativa de querer imitar o Rio. Recife não tem tradição e recursos sequer para chegar aos pés do "show" carioca, este sim um dos mais belos espetáculos da terra. Não que o samba não seja nosso. Em 1842 o padre Carapuceiro já registrava sua presença em Pernambuco. Acredita-se mesmo que o samba nasceu aqui no Nordeste. O que não é nosso é o desfile, invenção puramente carioca, que a mania de papaguear trouxe para o Recife das últimas décadas. Como disse acima, tenho minhas dúvidas sobre o sucesso do "carnaval participação". Agem bem o Gustavo Krause e o Leonardo Silva mexendo no que está errado. Afinal é uma tentativa de ressuscitar o quase moribundo carnaval do Recife. Mas não sei se vai dar certo. O carnaval de rua recifense era muito animado quando a cidade tinha 300, 400 mil habitantes e todo mundo se conhecia: no carnaval confraternizava-se nas ruas ao som dos frevos e das marchas. Hoje, os

quase dois milhões de habitantes tornam isso impossível e a confraternização é indispensável. É alegria. Voltarei ao assunto.²⁷⁹

Em suas colocações, o leitor Carlos Garcia levantou questões interessantes. A primeira delas foi em torno da ideia de espontaneidade do Carnaval. Por suas palavras pode-se depreender que ele questionou o sentido de espontâneo presente na festa carnavalesca. Entretanto, o que seria essa "espontaneidade" defendida pelo Garcia? Não foi possível encontrar a resposta em seus escritos. Simplesmente, ao que parece, ele destacou que a presença dos órgãos estatais na folia momesca minou essa tal espontaneidade.

Interessante perceber como ele não fez crítica ao samba enquanto gênero musical, o problema estava com o desfile das escolas de samba. Que foi considerado por Carlos Garcia como exógeno e "imitação carioca". E, por fim, destacou o fato de que o formato de Carnaval desejado por muitos estava atrelado a outra lógica de viver e sentir a cidade, que o Recife, em virtude do crescimento populacional, não se enquadrava mais.

Acredito que o leitor e a leitora já puderam perceber os conflitos em torno da emergência do chamado "Carnaval Participação". Os jornais ficaram repletos de matérias que buscavam discutir os caminhos que a folia momesca na cidade do Recife estava vivenciando. E, nesse sentido, foi que diversos jornalistas e leitores buscaram expor suas opiniões sobre o fato.

Somam-se a esse debate nos jornais o modelo de festa carnavalesca que era vivenciado na cidade vizinha do Recife, sua coirmã Olinda. Nas ruas enladeiradas e tortuosas de Olinda, afirmavam se viver o "verdadeiro Carnaval Participação", isso desde meados da década de 1970.

Segundo as narrativas dos jornais, no tríduo momesco olindense os foliões saudavam o deus da galhofa espremidos uns aos outros pelas estreitas ruas da cidade e agremiações, como Pitombeira dos Quatro Cantos e Elefante, se apresentavam em meio ao público sem a passarela.²⁸⁰ Sobre o Carnaval de Olinda em 1980, reproduzo abaixo um trecho de uma matéria publicada no *Jornal do Commercio*:

²⁷⁹ Carnaval Participação. (Opinião). *Jornal do Commercio*, 27 de janeiro de 1980, p. 02.

²⁸⁰ Troça Carnavalesca Mista Pitombeira dos Quatro Cantos, fundada em 17 de fevereiro de 1947. Segundo o memorialista José de Ataíde, o grupo surgiu em meio a brincadeiras de um grupo de jovens que saíam pelas ruas da Cidade Alta, em Olinda, durante o Carnaval, com galhos de pitombeira na

OLINDA, CAPITAL DO FREVO

Enquanto o carnaval de rua morre no Recife, na velha cidade de Olinda, a folia pega fogo. Ali a animação é tão grande quanto a multidão que enche suas ladeiras e ruas estreitas, tornando difícil o acesso à cidade em qualquer espécie de veículo. Tornou-se impossível, este ano, apreciar o Carnaval de Olinda, passeando de carro. O jeito era deixar o veículo fora da cidade, entrar a pé e cair na folia. Com muita música ao vivo, orquestras de frevo e baterias de escolas de samba tocando dia e noite, os foliões não param e a animação nas ruas é a mesma a qualquer hora. E, assim, Olinda, a primeira Capital de Pernambuco, retornou seu título e reassumiu a liderança. A Velha Marim dos Caetés é hoje novamente capital - CAPITAL DO FREVO - revivendo seus melhores dias de glórias passadas, como reduto que se tornou do melhor Carnaval que se brinca em Pernambuco.²⁸¹

O articulista da matéria acima destacou o fato de que a cidade de Olinda durante o Carnaval tinha "muita música ao vivo, orquestras de frevo e baterias de escolas de samba tocando dia e noite, os foliões não param e a animação nas ruas é a mesma a qualquer hora." Os jornais destacavam que na Cidade Alta se vivia o "Carnaval Participação". Ao que parece, na Marim dos Caetés²⁸² o problema não eram as escolas de samba e sim o formato de um desfile carnavalesco com passarela.

Evidentemente, a comparação entre o Carnaval recifense e o vivenciado em Olinda deve ter sido imediata. Diante disso, acredito ser relevante pensar que as práticas eleitas para figurarem como definidoras do que foi o "Carnaval Participação" do Recife pudessem tomar como exemplo o que estava sendo praticado em Olinda durante a década de 1970. No entanto, na capital pernambucana, além da retirada das passarelas, combatiam-se as escolas de samba.

cabeça, fruta típica do Nordeste do Brasil. Clube Carnavalesco Misto Elefante, fundado em 12 de fevereiro de 1952 por um grupo de rapazes da Cidade Alta que num Carnaval, na Rua do Bonfim, com um biscoí representando um paquiderme saiu às ruas cantando uma composição feita de improviso exaltando o animal. MELO, José Ataíde de. *Olinda, Carnaval e Povo (1900-1981)*. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1982.

²⁸¹ Olinda assume liderança no Carnaval Pernambucano. *Jornal do Commercio*, 21 de fevereiro de 1980, p. 06.

²⁸² Marim dos Caetés é um dos nomes pelo qual a cidade de Olinda também é conhecida. Quando o donatário Duarte Coelho chegou à região de Pernambuco em 1535, à procura de um lugar adequado para a edificação de uma povoação e que pudesse ser erguido o centro administrativo. Encontrou esse lugar nas sete colinas de frente ao mar, que hoje corresponde ao território de Olinda. Todavia, essa localidade era habitada pela tribo "Marim dos Caetés".

Nesse sentido, acredito ser relevante pensar as relações da palavra "Participação" com outros contextos, pois, creio que o vocábulo "Participação" poderia estar associado a outras vertentes além da oposição já estabelecida com as noções de "Espetáculo" ao referir-se ao novo formato de folia momesca implantado no início dos anos oitenta no Recife.

Sabe-se que "Participação" é uma palavra polissêmica, ou seja, pode significar coisas variadas para diferentes pessoas.²⁸³ Ao longo do tempo, a palavra pode ter permanecido, no entanto seus sentidos culturais, sociais e históricos podem ter se alterado, modificando com isso o próprio ser da palavra. Nesse sentido, é preciso desassociar a palavra da coisa, o significante do significado.

Diante disso, concordo com o alerta que fez o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira sobre os nomes em torno da festa carnavalesca, pois eles "podem não ser bons para pular Carnaval, mas certamente são bons para pensá-lo".²⁸⁴ É preciso desnaturalizar a sensação de homogeneidade em torno da palavra "Participação", pois ela esconde uma questão muito óbvia: toda a festa tem História!

A partir de 1980 os jornais começaram a noticiar que o Carnaval da capital pernambucana, em paralelo ao processo de abertura política que o país vivia, passaria a dialogar com os ideais da democracia. E, de acordo com os organizadores da folia momesca, para que uma festa democrática pudesse reinar na cidade, deveriam ser abolidos a passarela, as arquibancadas e os cordões de isolamento. Acreditavam os dirigentes da folia que assim os foliões podiam brincar mais livremente. É o que demonstra o trecho abaixo de uma matéria do Diário Oficial publicada em 1980 que transcrevo a seguir:

O Carnaval do Recife, este ano, não terá passarela nem cordões de isolamento, para que o povo possa participar livremente, acompanhando suas agremiações preferidas, anunciou o prefeito Gustavo Krause. Ressaltou que o objetivo da Prefeitura é reativar nossa maior festa popular, tornando-a o "melhor carnaval do mundo".²⁸⁵

²⁸³ Ao analisar a cultura popular na Europa moderna, o historiador Peter Burke destaca os problemas em torno da utilização do termo "Participação". Sobre isso afirma: "Algumas dificuldades estão associadas ao termo 'participação', que é mais vago do que pode parecer, pois é usado geralmente para referir-se a um leque de atitudes que variam da total imersão à observação desinteressada". BURKE, Peter. *Op. Cit.* p. 19.

²⁸⁴ PEREIRA, L. A. M. *Op. Cit.* 2004, p. 25.

²⁸⁵ Nem passarela, nem isolamento. *Diário Oficial*, 09 de Janeiro de 1980, Ano XI, Nº 05, p. 01.

Interessante compreender, a partir do trecho da matéria anteriormente citada, o entendimento do que foi essa "participação popular" no Carnaval. Os criadores desse formato de festa entendiam que o folião só participava da folia se estivesse nas ruas entre as agremiações, pulando, brincando, dançando, festejando. O indivíduo que estivesse numa arquibancada vendo, assistindo à festa (entendido como o folião expectador), não era compreendido como um sujeito que participava dos festejos momescos.

Assim, os organizadores do "Carnaval Participação" se propuseram a construir uma festa na qual não haveria distinção entre público brincante e integrantes das agremiações. O objetivo foi reunir todos os foliões pelas ruas estreitas do Recife, sem restrição, sem isolamento, sem distinção. Nos dias gordos de 1980, os súditos de Momo teriam a oportunidade de se entregar à liberdade e brincar com alegria a maior festa popular do estado. A gestão de Krause entendia que assim estava reativando o aspecto popular do Carnaval do Recife.²⁸⁶

3.2. O que foi mesmo a passarela no "Carnaval Participação"?

Passarela é o espaço simbólico de consagração dos desfiles. Por meio dela, as agremiações carnavalescas são julgadas e se apresentam ao público. É instalada numa rua ou avenida do centro da cidade, onde são levantadas arquibancadas, instalados banheiros públicos, erguidos palanques tanto para a comissão julgadora, como para as autoridades. Toda essa estrutura junta forma o que denominam de a "passarela".

Entretanto, esse elemento foi motivo de relevante debate sobre os destinos que o Carnaval do Recife deveria tomar, principalmente no início dos anos de 1980, pois acusavam a passarela de ser o motivo dos ditos "infortúnios" que o Carnaval do Recife era palco. O jornalista Leonardo Dantas e outros intelectuais acreditavam que as práticas do "Carnaval Participação" recuperariam as glórias do passado do festejo momesco recifense. Sobre as expectativas em torno do novo formato de folia, o *Jornal do Commercio* publicou a seguinte matéria em 1980:

²⁸⁶ Recife terá carnaval sem passarela, arquibancada ou cordão de isolamento. *Jornal do Commercio*, 10 de Janeiro de 1980, p. 05.

ALGUNS ACREDITAM MESMO NO CARNAVAL-PARTICIPAÇÃO

Apontado durante muito tempo como o melhor do Brasil, o Carnaval do Recife perdeu, nos últimos anos, essa classificação para as cidades de Olinda e Salvador, que fazem um *Carnaval sem passarelas*, palanques e cordões de isolamento, para que o povo possa livremente cair na folia. Desde o final do ano passado campanhas passaram a ser feitas pelos órgãos de turismo e pela prefeitura da cidade, visando reconquistar a antiga classificação. O que impedia a mistura das pessoas com as agremiações - cordões de isolamento e passarelas - foi abolido para dar lugar ao "Carnaval-Participação".²⁸⁷

Diante dessas questões, o grupo que assume a organização do Carnaval no Recife em 1980, comandado por Leonardo Dantas, decidiu retirar as passarelas dos desfiles momescos na capital pernambucana. Esse elemento era encarado como um entrave à plena participação popular nos dias gordos. Sobre isso, destaco a matéria do Diário de Pernambuco de janeiro de 1980:

O público está fazendo fé no "Carnaval Participação" que o Recife poderá viver este ano, conforme promessa do prefeito Gustavo Krause. Sem passarela, acredita-se que realmente os festejos de Momo venham a ser os mais animados nos últimos tempos, com o povo nas ruas e as agremiações sem aquela obrigação de chegar à Avenida Dantas Barreto na hora certa, sob pena de serem desclassificadas. Na opinião do funcionário público Wanderlan Guedes, residente no Ibura, "Participação se não houver sérias modificações. Se isso acontecer, poderemos voltar até a viver os Carnavais de antigamente, com o povo nas ruas, todo mundo brincando descontraidamente, sem aquelas coisas de arquibancadas, passarelas ou coisas assim. Acho que a participação do povo deve ser ativa, pois quem faz Carnaval realmente é ele".²⁸⁸

A Passarela era entendida por intelectuais, como o folclorista Evandro Rabello e o jornalista Leonardo Dantas, como um entrave ao "verdadeiro Carnaval do Recife". Ao assumir a direção da organização dos festejos momescos, por meio da Fundação de Cultura, Leonardo Dantas afirmou que o modelo de festa implantado, o denominado "Carnaval Participação", iria "recuperar os dias de momo vividos na década de 1950".²⁸⁹ No entanto, a passarela foi introduzida no Carnaval da cidade exatamente nos anos

²⁸⁷ Alguns acreditam no carnaval-participação. *Jornal do Commercio*, 17 de fevereiro de 1980, p. 05. [Grifo meu].

²⁸⁸ Recife Crê na volta do "Carnaval Participação". *Diário de Pernambuco*, 03 de janeiro de 1980, p. A13.

²⁸⁹ SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit., 1991, p. XCII.

cinquenta.²⁹⁰ Ao que parece, o "bom Carnaval" para esses intelectuais eram os Carnavais do passado, mas uma concepção de passado presa às memórias de quem os vivenciou.

Para realizar uma medida de relevante impacto nos contornos da folia momesca local, como foi o caso da retirada das passarelas, os jornais noticiaram que o Prefeito Gustavo Krause fez uma consulta popular para saber o que a população achava da "novidade". O resultado da pesquisa foi publicado no Diário Oficial e no Diário de Pernambuco e demonstraram que o povo foi amplamente a favor da despassarelização.²⁹¹

Sessenta e um por cento dos recifenses são contrários ao desfile dos clubes em passarela e declaram que o Carnaval não deve ser dirigido, mas espontâneo, possibilitando ao povo brincar à vontade, sem nenhuma limitação de espaço. A informação consta de pesquisa de opinião, realizada este mês, por determinação da Prefeitura da Cidade do Recife, através das Secretarias do Governo e Educação para saber como a população encarava a extinção da passarela da Dantas Barreto de modo a permitir que o Carnaval volte às suas características antigas. Cinquenta e sete por cento afirmaram que o carnaval está em decadência de ano para ano, por excesso de controle e precisava ser modificado. A pesquisa foi encomendada pela Prefeitura e teve o objetivo de avaliar a impressão que tem os recifenses sobre a animação da sua cidade, o comportamento com relação aos festejos populares e o desempenho da Prefeitura no trabalho de valorização das manifestações culturais do povo. O Secretário de Governo, Admaldo Matos, disse que "o resultado da pesquisa revelou, de forma científica, aquilo que por intuição já sabíamos: que na opinião da grande maioria do povo o Carnaval do Recife vinha piorando de ano para ano e que deveria ser modificado para se buscar a espontaneidade e a animação das ruas".²⁹²

Não encontrei matérias nos jornais que criticassem essa pesquisa ou mesmo que apresentassem outros resultados. Tratou-se de uma pesquisa encomendada e que por "coincidência" ou não veio confirmar exatamente o que a prefeitura estava colocando

²⁹⁰ Sobre a presença da passarela no Carnaval do Recife, destaco ainda as seguintes matérias: A História da Passarela. *Folha da Manhã*, 13 de janeiro de 1958, p. 02/07; O caso da Passarela está no judiciário. *Folha da Manhã*, 06 de fevereiro de 1958, p. 05; Justiça autorizou a armação da "passarela". *Folha da Manhã*, 07 de fevereiro de 1958, p. 05; Fora com a Passarela! (Mário Melo). *Jornal do Commercio*, 12 de fevereiro de 1957, p. 02.

²⁹¹ Pesquisa diz que foliões são contra clubes na passarela. *Diário Oficial*. Ano XI - Nº 20. 30 de Janeiro de 1980, p. 01; Povo contra a passarela. *Diário de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1980, p. A-10.

²⁹² Pesquisa diz que foliões são contra clubes na passarela. *Diário Oficial*. Ano XI - Nº 20. 30 de Janeiro de 1980, p. 01.

em prática. De acordo com os resultados, a população criticava o dirigismo da festa, o excesso de controle por parte do poder público. E o que faziam os representantes da Fundação de Cultura não era exatamente um controle e um dirigismo da festa?

Provavelmente, ao se fazer uma pesquisa que buscou validação na opinião pública, os representantes da prefeitura do Recife buscavam legitimação do seu discurso. Uma decisão importante e que iria modificar a estrutura da festa carnavalesca local, precisava rodear-se de todas as legitimações possíveis. E, como se sabe, as opiniões têm papel relevante na fabricação e credibilidade dos discursos. Sobre a importância dos fenômenos de opinião, o historiador Pierre Laborie discorreu:

Os fenômenos de opinião refletem representações do presente que, apesar das aparências, não exprimem unicamente a relação dos atores sociais com esse mesmo presente. Eles traduzem as reações cambiantes do sentimento coletivo diante das interrogações ou dos acontecimentos do presente, mas também diante de questões atemporais reformuladas ao presente. Nas hierarquias de importância ligadas ao contexto, eles remetem, pois ao mesmo tempo, à visão do presente, às interpretações do passado e às expectativas do futuro.²⁹³

Na pesquisa que empreendi junto aos jornais, encontrei uma matéria do jornalista Paulo Couto Malta, que buscava apresentar a opinião do leitor, Temístocles Xavier. A publicação data de 1º de fevereiro de 1980 e a matéria com os resultados da pesquisa foi publicada em 30 de janeiro, ou seja, esta última primeira. Diante disso, pode ser que o leitor não tivesse lido a informação que a prefeitura já havia encomendado uma pesquisa de opinião sobre o Carnaval da cidade. Ou até mesmo seria esta ação mais uma estratégia do poder público para legitimar seus discursos em torno da retirada das passarelas? Em todo o caso, é interessante compreender o sentido de “participação” defendido pelo leitor, que questiona a concepção dos organizadores do “Carnaval Participação” de que quem observa não participa. Vejam o que diz a matéria abaixo publicada no Diário de Pernambuco de 1980:

Para o leitor Temístocles Xavier, a morte da passarela só devia ser decretada depois de consulta à opinião pública; que os promotores da pesquisa ouvissem foliões de ruas, de clubes, de bairros - todos os que participam do Carnaval e os que o apreciam, a distância do mela-mela. O leitor Temístocles, segundo revela, deixou de brincar Carnaval há

²⁹³ LABORIE, Pierre. Memória e Opinião, In: *Cultura Política, Memória e Historiografia*. Orgs. Cecília Azevedo...[et al]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, pp. 80-81.

25 anos. Já não participa dele, mas gosta de observar o popular, nas ruas, democrático e abrangente. Aduz a esse respeito: "**Estou certo hoje de que ver é tão válido quanto participar, desde que, para isso, facultado lhe seja um mínimo de conforto**". Nesse mínimo de conforto inclui a participação, sentado, nos desfiles. Quem aguenta oito horas de desfile sem ter onde colocar o traseiro? Se ele, caboclo da terra, se priva de assento, não o há de ter, para que não se abra a descabida exceção, o forasteiro aqui abicado para deleitar os olhos no "maior carnaval do mundo". No tempo das vacas gordas, aqui floresceu o melhor, jamais o maior. Pois o leitor Temístocles (Caixa postal, 709, PE) não estará fisicamente apto à observação, em pé, oito horas seguidas, de clubes e blocos. O forasteiro, que não é de ferro, também. Deseja o missivista saber, como se isso valesse alguma coisa, a opinião deste moço quanto à retirada da passarela. Não está o moço por dentro de tão melindroso assunto, e nele recusa meter o bedelho. Jamais assistiu ao desfile de clubes, a não ser ocasionalmente pelo tempo que, sentado ou em pé, isso era possível. Razão tem o Temístocles quanto à comodidade, mesmo pagando para tê-la. Passar oito horas a fio em calçada, variando o peso do corpo pé e noutra, é façanha para atleta ou praticante de ioga. Para o apreciador de momento, a posição vertical não chega a comprometer a aprovação do desfile até aquele ponto - que não é permanente - de participar indiretamente da sua expressibilidade.²⁹⁴

E, para justificar a morte da passarela, dois argumentos básicos foram utilizados. A ideia de que o Carnaval precisava reviver seus melhores momentos e, logicamente, que estes estavam no passado. Nesse passado não havia passarelas. É a concepção de que a passarela com arquibancadas retira o sentido de participação do folião. Imperava o entendimento de que quem via a festa da arquibancada, mesmo que brincando e se divertindo, não participava do Carnaval.

As críticas à passarela iam além de sua associação ao formato do "Carnaval Espetáculo". Os jornais noticiam desde os anos 1960 diversos tipos de dificuldades relacionadas a ela. Os problemas iam do mau uso dos banheiros, a insegurança dos palanques, a invasão pelos expectadores, os vendedores ambulantes e a superlotação do espaço.²⁹⁵ No entanto, esses conflitos apresentados estavam muito mais na ordem da má gestão do que propriamente de um modelo de Carnaval.

²⁹⁴ Pró e Contra à passarela (Opinião). *Diário de Pernambuco*, 01 de fevereiro de 1980, p. A11. (Grifos meu).

²⁹⁵ Povo teve dificuldade para ver o desfile. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, 2ª edição, 2º caderno, p. 01; Comissão Julgadora, a confusão na passarela. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, 2ª edição, 2º caderno, p. 01; Crônica da cidade: passarela no chão. (Texto de Waldemar de Oliveira). *Jornal do Commercio*, 11 de fevereiro de 1967, p. 05; Carnaval deve ser do povo. *Diário da Noite*, 24 de janeiro de 1972, 2º caderno, p.02; Félix: carnaval agora é „para“ e não „do“ povo. *Diário da Noite*, 23 de janeiro

Em meio a todo esse debate, acredito que o cenário estava posto para o fortalecimento dos discursos que defendiam a ideia de tradição e dessem sustentação para que o modelo de "Carnaval Participação" pudesse ganhar força, tendo em vista que uma folia momesca em que não há participação popular não dialogava muito com os sentidos criados para essa festa ao longo do tempo.

A retirada das passarelas no Carnaval do Recife em 1980 provocou relevante debate nos jornais, talvez um dos mais fortes e acalorados em torno dos dias momescos locais. Diversas matérias foram publicadas, que retratavam as vozes contrárias ou a favor do processo de retirada das passarelas que estava em curso nos anos 1980. Sobre isso, produzi um quadro para que o leitor e a leitora tenham a dimensão da importância desse debate nos jornais da capital pernambucana:

TÍTULO	JORNAL	DATA
Sambistas contra o projeto da prefeitura.	<i>Diário da Noite</i>	08 de janeiro de 1980, p. 05.
Império e Gigantes fora do carnaval.	<i>Diário da Noite</i>	09 de janeiro de 1980, capa.
Escolas de samba não vão sair. É o protesto.	<i>Diário da Noite</i>	15 de janeiro de 1980, capa.
Samba: vai haver desfile.	<i>Diário da Noite</i>	16 de janeiro de 1980, capa.
Sou contra a passarela, boca do povo.	<i>Diário da Noite</i>	16 de janeiro de 1980, p. 04.
Carnaval e passarela (Coluna de Fátima Bahia).	<i>Diário da Noite</i>	16 de janeiro de 1980, p. 14.
Passarela pro samba, carnaval.	<i>Diário da Noite</i>	17 de janeiro de 1980, p. 05.
O samba e a passarela.	<i>Diário da Noite</i>	26 de janeiro de 1980, p. 04.
O samba longe de Recife.	<i>Diário da Noite,</i>	11 de janeiro de 1980, p. 05.
Neves: passarela está "sepultada"	<i>Diario Pernambuco</i>	de 27 de fevereiro de 1981, p. A11.
Carnaval de rua não terá cordões nem passarelas.	<i>Diario Pernambuco</i>	de 08 de janeiro de 1980, p. A11.
O fim da passarela, cartas à redação.	<i>Diario Pernambuco</i>	de 10 de janeiro de 1980, p. A10.
Julgamentos continuam mesmo sem passarelas.	<i>Diario Pernambuco</i>	de 11 de janeiro de 1980, p. A6.
Escolas de samba não querem desfilar sem as passarelas.	<i>Diario Pernambuco</i>	de 13 de janeiro de 1980, capa.
Sambistas querem passarela.	<i>Diario Pernambuco</i>	de 13 de janeiro de 1980, p. A7.

de 1968, p. 02; Passarela no chão. *Jornal do Commercio*, 11 de fevereiro de 1967, p. 05; Folclorista é contra desfile na passarela. *Diário da Noite*, 13 de janeiro de 1972, I caderno, p. 03; Fora da Passarela. *Diário da Noite*, 16 de fevereiro de 1972, I caderno, p. 02.

Passarela vira frevo. (Texto de João Alberto).	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	14 de janeiro de 1980, p. C3.
Império não sai sem passarela.	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	17 de janeiro de 1980, p. A7.
Carnaval sem passarelas. (Coluna de opinião).	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	22 de janeiro de 1980, p. A9.
Despassarelização. (Coluna de opinião).	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	24 de janeiro de 1980, p. A11.
Carnaval sem passarela, cartas à redação.	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	28 de janeiro de 1980, p. A6
Povo contra passarelas/ Previsão.	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	30 de janeiro de 1980, p. A10.
Banhistas não sai, mas é contra a passarela.	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	31 de janeiro de 1980, p. A6.
Recife será a passarela.	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	01 de fevereiro de 1980, p. A7.
Pró e contra a passarela. (Coluna de opinião).	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	01 de fevereiro de 1980, p. A11.
Arquibancadas saem e frevo ganha ruas.	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	05 de fevereiro de 1980, p. A8.
Capiba: o pernambucano não aceita passarela.	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	09 de fevereiro de 1980, p. A7.
Recife a favor do adeus à passarela (Texto de Paulo Fernando Craveiro).	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	13 de fevereiro de 1980, p. A6.
Capiba esperou 40 anos pelo carnaval livre de passarela.	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	21 de fevereiro de 1980, p. A4.
Guerra Peixe elogia extinção da passarela.	<i>Diario Pernambuco</i>	<i>de</i>	23 de fevereiro de 1980, p. A6.
O fim da passarela. (Cartas à redação).	<i>Diario Pernambuco,</i>	<i>de</i>	28 de fevereiro de 1980, p. A10.
Pesquisa diz que foliões são contra clubes na passarela.	<i>Diário Oficial.</i>		Ano XI - Nº 20. 30 de Janeiro de 1980, p. 01.
Recife terá carnaval sem passarela, arquibancada ou cordão de isolamento.	<i>Jornal Commercio</i>	<i>do</i>	10 de janeiro de 1980, p. 5.
Carnaval/80 não tem passarela.	<i>Jornal Commercio</i>	<i>do</i>	08 de janeiro de 1980, p. 06.
Fim da passarela tem repercussão negativa.	<i>Jornal Commercio</i>	<i>do</i>	09 de janeiro de 1980, p. 08.
Escolas se unem em favor da passarela.	<i>Jornal Commercio</i>	<i>do</i>	12 de janeiro de 1980, p. 05.
Escolas de samba insistem na passarela.	<i>Jornal Commercio</i>	<i>do</i>	13 de janeiro de 1980, p. 05.
Escola de samba decide desfilar sem passarela.	<i>Jornal Commercio</i>	<i>do</i>	16 de janeiro de 1980, p. 04.
Samba terá uma passarela bem no centro do Recife.	<i>Jornal Commercio</i>	<i>do</i>	17 de janeiro de 1980, p. 08.

Pelo que se pode observar, realmente foram muitas matérias que discutiam a saída de cena da passarela do Carnaval do Recife e a grande maioria se colocava a favor

da medida implantada pela Fundação de Cultura. Entretanto, o que se nomeava de "retirada das passarelas" na realidade seria a extinção das arquibancadas. Processo confirmado também pelo historiador Ivaldo Lima:

[...] O debate em torno da espetacularização do carnaval de Pernambuco é dos mais violentos, a ponto das arquibancadas serem questionadas ao longo dos anos 1960 e 1970, terem deixado de existir em alguns anos na década de 1980 e se firmarem como "reivindicação das agremiações" no final dos anos 1980.²⁹⁶

Entre as vozes que se colocaram nos jornais a favor da retirada das arquibancadas estava o jornalista, editor-chefe da Rede Tupi, Stélio Gonçalves e o folclorista Evandro Rabello que, juntos, defenderam uma posição contrária ao formato de "Carnaval Espetáculo" durante toda a década de 1970 e no início dos anos 1980 comemoraram nos jornais a volta do "Carnaval Participação" e a consequente extinção das arquibancadas.²⁹⁷ O Diário de Pernambuco relatou o episódio:

Stélio Gonçalves, editor de jornalismo da TV Tupi-Recife, é uma das pessoas que mais tem vibrado com o Carnaval/Participação de 1980, no Recife. E sua alegria tem um motivo muito justo: quando todos os chamados "críticos carnavalescos", dirigentes de agremiações e até políticos defendiam com unhas e dentes a passarela, ele, juntamente com o folclorista Evandro Rabello, mostrava a necessidade de "se devolver a festa ao povo". Foram duas vezes que gritavam. Entre amigos e adeptos do movimento carnavalesco, nas emissoras de rádio e televisão e nas matérias que assinavam nas páginas do Diário de Pernambuco. Recife perdera a sua condição de carnaval livre, com o frevo longe de suas ruas estreitas, mas tradicionalmente carnavalescas. Então era preciso que alguém tomasse uma posição de defesa. Posição corajosa. Stélio e Evandro não recuaram um só instante. Chegaram até a ser ridicularizados, mas sabiam que não poderiam ser mais conscientes ao defender o Carnaval sem "portas ou porteiras".²⁹⁸

Ao que parece, o jornalista Stélio Gonçalves ficou bastante eufórico com a retirada das arquibancadas do Carnaval do Recife, pois segundo a matéria abaixo do Diário de Pernambuco de 1980, ele compôs, juntamente com Alcides Leão, uma música, *Rompe a Barreira*, para comemorar o fim das arquibancadas no Carnaval de

²⁹⁶ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit., 2010, p. 248.

²⁹⁷ Stélio: Carnaval/Participação não tem dono. *Diário de Pernambuco*, 13 de fevereiro de 1980, p. C4.

²⁹⁸ Stélio: Carnaval/Participação não tem dono. *Diário de Pernambuco*, 13 de fevereiro de 1980, p. C4.

1980. Todavia, encontrei a letra da referida música no Diário da Noite. E reproduzo abaixo trechos das duas matérias:

Numa prova da sua euforia, e do seu autêntico ponto de vista, Stélio fez uma letra com música de Alcides Leão, transformando a união poética/melódica numa das músicas mais inteligentes e bonitas do Carnaval-80: Rompe a Barreira. E essa música comemora, com justa razão, a retirada da passarela e a devolução da rua ao povo.²⁹⁹

ROMPE A BARREIRA

Rompe a barreira.
deixa o frevo entrar
deixa a onda estourar
abre a porta da porteira
rompe a barreira
deixa a cheia chegar
Na passarela da vida
e que eu não quero ficar
quando eu chegar na avenida
Pra frevar
Rompe a barreira
no descompasso do passo
Sou água, rio, sargaço
Sou caldo, cana, bagaço³⁰⁰

Essa não foi a única música composta para celebrar a extinção das arquibancadas no Carnaval do Recife. Segundo matéria do Diário de Pernambuco de 1980, o compositor de frevos João Santiago também produziu uma música, *Fim da Passarela*, exatamente para comemorar a ocasião. Segue a letra da música:

PASSARELA VIRA FREVO

A nova orientação do Carnaval no Recife, assunto que vem sendo objeto dos mais variados comentários sobre os que se dizem especialistas na nossa maior festa popular, já tem um frevo de bloco que será gravado, cujo título é "Fim da Passarela". Seu autor é João Santiago e a letra - para quem quiser aprender é a seguinte: "Capiba amanheceu cantando/As melodias tradicionais/É nosso fervo que volta fervendo/São os passistas nas ruas a pular/Tudo hoje é alegria/A passarela se foi para nunca mais voltar/Você pode crer/Oh querida Zezé/Nosso Capiba/Sabe bem o que quer/Neste Leão do Norte/É suporte forte/Tradição e fé".³⁰¹

²⁹⁹ Stélio: Carnaval/Participação não tem dono. *Diário de Pernambuco*, 13 de fevereiro de 1980, p. C4.

³⁰⁰ Rompe a barreira. *Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1980, p. 10.

³⁰¹ Passarela vira frevo. *Diário de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1980, p. C3.

O folclorista Evandro Rabello também se colocou nesse debate a favor da retirada das arquibancadas. Rabello via nesse elemento um entrave ao pleno desenvolvimento de uma festa carnavalesca "autenticamente" recifense. Diante disso, louvou, numa matéria publicada no Diário de Pernambuco de 1980, as medidas adotadas pelo Prefeito Gustavo Krause e pelo jornalista Leonardo Dantas:

Louvo a aceita medida tomada pelo prefeito Gustavo Krause, acabando com a maldita passarela, responsável por tantos males a clubes, blocos, troças, maracatus, lá ursos, bois, caboclinhos e ao próprio passo, com os dançarinos impedidos de terem acesso à passarela (passarela, com a licença da má palavra). A famosa onda do frevo tão vibrante tinha desaparecido dentro do carnaval que inventaram em 1935; carnaval este realizado de costas para as mais legítimas manifestações pernambucanas e com tudo preparado para homenagear o samba. A posição assumida pelo prefeito, depois de ouvir a Fundação de Cultura da Cidade do Recife, representada pelo jornalista Leonardo Silva, acredito que tem o amplo apoio dos carnavalescos pernambucanos que assim esperam um bom carnaval em 1980. - Jogo pedra, bosta e o que for na passarela. Deixa o frevo rolar.³⁰²

Uma das mais importantes figuras da cena cultural pernambucana, o compositor de frevos Lourenço da Fonseca Barbosa, conhecido como Capiba³⁰³ também se mostrou a favor das medidas da Fundação de Cultura e do seu "Carnaval Participação". Afirmou que a retirada das arquibancadas traria o folião de volta às ruas e com isso o Carnaval ressurgiria das cinzas. Sobre isso, reproduzo abaixo um trecho da matéria publicada no Diário de Pernambuco em fevereiro de 1980:

"A queda da passarela foi a melhor coisa que se fez pelo Carnaval do Recife, nos últimos trinta anos". A afirmação é de Capiba, o mais premiado compositor pernambucano que veio hipotecar solidariedade ao programa traçado pela Prefeitura do Recife, através da Fundação de Cultura. Lourenço Fonseca Barbosa, conhecido nacionalmente como Capiba, é novamente, neste ano de 1980, o autor do maior sucesso do Carnaval com o frevo "É eu drumo?!", gravado por Expedito Baracho, a música mais cantada em todas as prévias. Afirmou Capiba preferir

³⁰² Acabou em tempo. *Diário de Pernambuco*, 10 de fevereiro de 1980, p. A12.

³⁰³ Lourenço da Fonseca Barbosa, conhecido como Capiba, nasceu em 28 de outubro de 1904 na cidade de Surubim – PE, filho de Severino Athanásio de Souza Barbosa de quem recebeu a influência musical. O apelido de "Capiba" herdou do avô paterno. Desde criança começou a tocar instrumentos musicais. Ainda na infância mudou-se com a família para a Paraíba. Aos 26 anos de idade voltou para seu Estado natal, residindo no Recife, onde passou a trabalhar no Banco do Brasil. Em 1938 formou-se em Direito, mas nunca chegou a exercer a profissão. Capiba foi um dos mais conhecidos compositores de frevo do país. Morreu no Recife em 31 de Dezembro de 1997. ABRANTES, Teresa Maria Otranto. *Capiba: a expressão da tristeza e da saudade na máscara do folião*. Recife: Bagaço, 2006.

classificar as modificações implantadas pela Fundação de Cultura Cidade do Recife de "retorno ao verdadeiro Carnaval de Pernambuco". Para ele, "estamos a viver uma época importante na vida cultural do Recife com a queda da passarela, abertura dos cordões, supressão dos tapumes e retorno do povo às ruas estreitas do Recife, verdadeiros corretores do frevo pernambucano". Disse ainda o renomado compositor que a decisão da Prefeitura vai ao encontro dos anseios populares, "uma vez que a queda da passarela sempre foi uma velha aspiração dos verdadeiros foliões de Pernambuco". Eu tiro inclusive por mim - finalizou -, pois isso foi a primeira coisa que eu pedi ao Prefeito Gustavo Krause, quando ele me fez uma visita, dias após a sua posse. Isso trará de volta os foliões às ruas e o verdadeiro Carnaval ressurgirá das Cinzas".³⁰⁴

Outro importante membro da cena cultural do Estado, o escritor Waldemar Valente, também se posicionou a respeito das mudanças em torno do Carnaval do Recife. Valente entende que a passarela funcionava como um entrave à construção de uma festa democrática, pois impedia os foliões de brincarem livremente pelas ruas do Recife. Salienta ainda que a festa carnavalesca estava perdendo sua popularidade em virtude da intervenção dos órgãos estatais. Sobre seu posicionamento reproduzo abaixo um trecho da matéria publicada no Diário de Pernambuco de 1980:

Carnaval sem passarelas

Será o Carnaval de 1980 livre, aberto, dele participando o povo sem as anteriores intervenções restritivas? Um carnaval sem dirigismos discursivos, sem palanques discriminatórios, sem cordas de isolamento? A inexistência de tais contenções, que só faziam diminuir o esplendor folclórico da festa mais popular do Recife, não significa que desapareça o respeito que deve garantir a própria liberdade de brincar e se divertir-se. Que não se permitam os abusos capazes de atentar contra a integridade física dos componentes de clubes de rua e de bem intencionados foliões. Levando em conta as notícias dos jornais impressos, falados e televisionados tudo indica que neste ano de 1980 o Carnaval recifense recuperará sua tradicional popularidade. Sua riqueza folclórica, nos seus ritmos musicais, nas suas coreografias, nas suas cores. Que acontecerá sem as passarelas sofisticadoras, democraticamente o povo se misturando, na música frenética dos frevos e dos maracatus, nas melodias românticas das canções de bloco, sem as separações de raça ou cor, de condições socio-econômicas e políticas, numa confraternização que une e coloca todas as pessoas num mesmo plano de igualdade. A festa carnavalesca que, sem saudosismos cafonas, representa uma liberação das preocupações e problemas que ocorrem durante o ano, estava perdendo com o tempo e sob a influência poderosa de órgãos oficiais

³⁰⁴ Capiba: o pernambucano não aceita a passarela. *Diário de Pernambuco*, 09 de fevereiro de 1980, p. A7.

que, a troca de assistência financeira, acobertando interesses político-partidários, suas autenticidade e animação.³⁰⁵

Os jornais também destacaram a opinião do compositor Genildo Lopes, que defendeu a retirada das arquibancadas. Lopes afirmou que o desejo dos organizadores da festa momesca recifense é preservar a cultura local, representada pelo frevo. E não há nada demais nisso, haja vista que no Rio de Janeiro se preserva o samba porque essa é sua cultura e no Recife se deveria preservar o frevo. Sobre isso, reproduzo trecho de uma matéria publicada no *Jornal do Commercio* em janeiro de 1980:

COMPOSITOR REBATE CRÍTICAS DE SULISTAS

- Acho que chegou a hora de se reprimir os ataques que estão sendo feitos pelos representantes da música carioca em nosso Carnaval pernambucano, que são os nossos clubes de frevos, as escolas de samba, com exceção de Estudantes de São José e outras menores, que em boa hora reconheceram o valor da volta do Carnaval Participação, decidido pela Fundação de Cultura Cidade do Recife. A declaração é do compositor Genildo Lopes, esclarecendo que "eles enxovalharam a honra de modestos dirigentes, chamando-os de desonestos, e querem incompatibilizar os mesmos diante das autoridades quando estes, a custa de muitos sacrifícios, inclusive até de sobrevivência de suas famílias, têm lutado ano a na para que ninguém sepulte o frevo definitivamente". [...] "O que devemos fazer no próximo ano - prosseguiu - é fortalecer o nosso frevo da mesma maneira que o carioca fortalece o seu samba. As agremiações daqui devem receber da Prefeitura do Recife uma ajuda financeira mais eficaz, sempre maior do que as concedidas às escolas. É assim que é tratado o frevo no Rio de Janeiro. Lá, representantes de clubes não têm o mesmo tratamento dos representantes do samba. Espero que o jornalista Leonardo Silva tenha forças para continuar firme na sua batalha incansável a favor do nosso frevo, que também dê o seu apoio moral aos modestos presidentes de agremiações carnavalescas, que, como seres humanos, merecem o devido respeito dos seus semelhantes". [...] Faço daqui um apelo aos representantes de escolas, para que respeitem mais os dirigentes das agremiações. Estes sim, são os verdadeiros donos do nosso Carnaval, porque lutam permanentemente pela defesa da nossa música, inclusive, sem hostilizar esta música importada e introduzida em nosso Carnaval que é o samba. Apesar de respeitá-lo como uma boa música, pois sou brasileiro, sou muito pelo ditado que diz "Cada macaco no seu galho". [...] "Se Pernambuco é do frevo, deixem o samba para lá".³⁰⁶

³⁰⁵ Carnaval sem passarelas. (Texto de Waldemar Valente). *Diario de Pernambuco*, 22 de janeiro de 1980, p. A9.

³⁰⁶ Compositor rebate críticas de sulistas. *Diario de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1980, p. A5.

Percebe-se que o compositor Genildo Lopes buscou estabelecer uma disputa no Carnaval do Recife entre o samba e o frevo. Criticou os incentivos dados pela prefeitura às escolas de samba e defendeu que, por terras pernambucanas, o ritmo a ser incentivado deveria ser o frevo. Aludiu que os Estados guardam suas especificidades culturais e elas devem ser divulgadas: "se Pernambuco é do frevo, deixem o samba para lá".

Na pesquisa, encontrei matérias que destacavam que a retirada das arquibancadas poderia ocasionar um novo "problema" para os dirigentes da folia. Isso porque se não havia passarelas, as agremiações desfilariam pelas ruas, então como seria feito o julgamento? Alguns grupos poderiam aproveitar a ocasião e desfilarem com velhas fantasias.³⁰⁷ Sobre essa problemática o *Jornal do Commercio* destacou em 1980:

O carnaval deste ano poderá perder sua beleza, uma vez que muitos dirigentes carnavalescos vão se aproveitar do carnaval participação anunciado pelo prefeito Gustavo Krause, colocando nas ruas da cidade apenas alguns desfilantes, com fantasias de outros carnavais e uma charanga. Alguns desses carnavalescos, conhecidos cabos eleitorais de políticos recifenses, já confidenciaram que este ano, "ao contrário dos anteriores, quando sempre tivemos prejuízos, será, o ano de lucro". Eles querem receber a subvenção e não ter despesas, uma vez que não haverá passarela nem julgamento.³⁰⁸

O jornalista Leonardo Dantas, presidente do órgão responsável pela organização do Carnaval, declarou que haveria sim um julgamento e que a comissão com os jurados ficaria espalhada em seis palanques montados ao longo do percurso que as agremiações teriam que cumprir pelo centro do Recife. Foi o que destacou o *Jornal do Commercio* de 1980:

A Comissão julgadora ficará distribuída em seis palanques, a serem instalados os três primeiros nas esquinas das ruas do Hospício e Imperatriz, Nova e Palma, Independência e Largo do Rosário. Os outros três ficarão no Pátio do Terço, Rua de São José e Praça Joaquim Nabuco. Espera-se, assim, que as agremiações desfilem com muita animação, porque vão receber de cada membro da comissão uma nota.³⁰⁹

³⁰⁷ Promissória é garantia. *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1980, p. 05; "Galeria" e "Gigantes" irão à avenida. *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1980, p. A5.

³⁰⁸ Tríduo deste ano pode perder beleza, mas vai dar lucro. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1980, p. 06.

³⁰⁹ Carnaval/80 não tem passarela. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1980, p. 06.

A proposta de um Carnaval sem arquibancadas foi acompanhada da retirada dos cordões de isolamento. Esses elementos representavam, para os dirigentes da Fundação de Cultura, um entrave ao Carnaval popular e democrático que desejavam construir e o sentido de "participação" que desejavam imprimir ao festejo não coadunava com um item que dividiria foliões entre desfilantes e demais brincantes.

Os representantes das escolas de samba fizeram críticas a esse sentido de participação do Carnaval, que não separa desfilantes de demais brincantes. Os sambistas afirmavam que não poderiam desfilar sem uma separação entre os diferentes foliões. Apontavam que muitas de suas apresentações, como a exibição do casal de mestre-sala e porta-bandeira, seriam prejudicadas e inviabilizadas. Como demonstrou abaixo a matéria do *Jornal do Commercio* de 1980:

[...] Os dirigentes das escolas de samba estão aguardando um pronunciamento do prefeito Gustavo Krause para tomar uma decisão, mas algumas já afirmaram que não desfilarão. "Não temos condições de comprar corda de isolamento, uma vez que uma escola de samba de primeira categoria desfila com mais de três mil pessoas e, para isso, serão necessários mais de quatro mil metros de corda para fazer o isolamento [...]"³¹⁰

Também apareceram nos jornais outras vozes que criticaram a medida adotada pelo Prefeito Gustavo Krause de retirar as arquibancadas. O jornalista Valdi Coutinho, por exemplo, comentou essa questão tecendo críticas aos organizadores da folia de Momo, a quem nomeou de "experts em Cultura Pernambucana". Coutinho questiona se os riscos em acabar com os elementos que representavam o "Carnaval Espetáculo" do Recife valeriam mesmo a pena. E continuou:

Será que acabar, simplesmente, com a passarela (coitada, foi até batizada de "Bastilha") roubando a um considerável número de foliões a mostrar suas fantasias, exibir seu talento de passista, malabarista, frevista, enfim, de todas as manifestações rítmicas e folclóricas, comprimindo seus figurantes no meio do suor e calor da multidão, é a atitude mais aconselhável para obrigar o povo a brincar do jeito que os "experts" em cultura pernambucana querem?³¹¹

³¹⁰ Tríduo deste ano pode perder beleza, mas vai dar lucro. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1980, p. 06.

³¹¹ "Carnaval Participação": mais um rótulo cultural. *Diário de Pernambuco*, 16 de fevereiro de 1980, p. C9.

Para o jornalista Arthur Malheiros, que possuía uma coluna no Jornal do Commercio nomeada de *Território Livre*, a retirada das passarelas do Carnaval de 1980 foi comparada à ausência de uma das principais agremiações carnavalescas da cidade, o Bloco Misto Batutas de São José.³¹² Em 12 de janeiro de 1980, ele publicou a seguinte questão:

Tão lamentável quanto o aviso de que teremos, em 1980, um carnaval sem passarela, arquibancada, cordão de isolamento e desfile de agremiações para turistas é a notícia dada pelo velho Paulo Wilson de que o Bloco Batutas de São José não vai sair às ruas no próximo tríduo momesco.³¹³

A posição dos representantes da Fundação de Cultura de retirar as arquibancadas coadunava com o projeto de transformar as ruas do Recife, durante o Carnaval, numa imensa passarela natural. Os dirigentes da FCCR alegavam que, dessa forma, todos os recifenses poderiam saudar Momo à vontade, sem espaços limitados.³¹⁴ Nesse sentido, a passarela não deixou de existir nesses anos, mas sim as arquibancadas. A passarela foi transformada e ressignificada, foi o que destacou o Jornal do Commercio de janeiro de 1980:

[...] Essa decisão foi tomada pelo prefeito Gustavo Krause com o objetivo de fazer renascer o carnaval do Recife, até o ano passado limitado à avenida Dantas Barreto, onde se instalavam as arquibancadas, e promover o frevo, ritmo essencialmente pernambucano que estava sendo relegado a segundo plano, uma vez que as escolas de samba eram as atrações principais na passarela. Assim, a Fundação de Cultura da Cidade do Recife, órgão da Prefeitura, foi designada para elaborar o esquema do carnaval, de modo a reunir todos os ingredientes que até os anos 50 fizeram com o que carnaval do Recife fosse considerado um dos melhores do país. Para isso, a primeira providência foi abolir, definitivamente, a passarela e os cordões de isolamento, transferindo o carnaval para as ruas onde ele sempre existiu, situadas nos bairros de São José, Santo Antônio e Boa Vista. Com isso, as ruas centrais, inclusive as

³¹² O Bloco Carnavalesco Misto Batutas de São José foi criado em 5 de junho de 1932, no Pátio de São Pedro, no Recife: "os blocos, denominados carnavalescos mistos e, os mais recentes, chamados líricos, são, sem dúvida, obra da mescla e criatividade da gente recifense, povoada por atributos reais e imaginários que permeiam desejos, o verossímil e o sobrenatural. Sua sintaxe visual, muito mais que uma composição artística e estética, explicita diversos discursos, conteúdos sociais e emotivos, explorados em imagens e representações, nem sempre captadas pelo observador." [Apresentação - Eduardo Sarmiento]. LÉLIS; Carmem; MENEZES NETO, H.; NASCIMENTO, Leilane. *B.C.M. Batutas de São José (1932-2012): Sabe lá o que é isso!* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2012, p. 07.

³¹³ Carnaval 80 (III). *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1980, p. 02.

³¹⁴ Krause paga subvenções a Clubes Carnavalescos. *Diário de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1980, p. A6.

"humanizadas", serão abertas aos foliões nos quatro dias de carnaval e por elas desfilarão, 116 agremiações entre clubes e blocos de frevo, escolas de samba, troças, maracatus e caboclinhos.³¹⁵

O projeto de retirada das passarelas, como venho demonstrando, causou polêmicas. O prefeito Gustavo Krause e o presidente da Fundação de Cultura, Leonardo Dantas, propuseram uma mudança de sentido do que é a passarela. Em vez de um espaço com toda a estrutura de arquibancadas, palanques e banheiros públicos, a passarela agora seria as ruas. Seria o que Krause nomeou, no Diário de Pernambuco de 1980, de uma "passarela natural".³¹⁶

[...] "pois a extinção da passarela foi objeto de discussão, mas eu quero dizer que o Carnaval estava morrendo e precisava de algumas modificações para reconquistar seu prestígio. Por isso estamos proporcionando a vocês uma passarela natural - as ruas da cidade - onde todos poderão brincar à vontade, sem espaços limitados".³¹⁷

Ao que parece, a grande mudança nos Carnavais do início dos anos de 1980 não foi a retirada das passarelas, enquanto espaço para as agremiações passarem, mas sim a retirada de toda a estrutura que estava em volta desse elemento, principalmente as arquibancadas. Diante disso, não defendo a ideia de que houve uma "despassarelização", como alegam os jornais e alguns pesquisadores,³¹⁸ mas a retirada das arquibancadas. Sobre a retirada das arquibancadas do Carnaval do Recife em 1980, o historiador Ivaldo Lima aludiu:

No período de 1980 a 1983 houve carnavais em que as arquibancadas não existiram, prevalecendo as teses dos defensores do "carnaval participação" ou o carnaval de rua considerado mais autêntico e pernambucano, ao passo em que noutros momentos as reivindicações de parcelas da população e das agremiações carnavalescas resultaram na construção das arquibancadas e da passarela.³¹⁹

³¹⁵ Recife terá carnaval sem passarela, arquibancada ou cordão de isolamento. *Jornal do Commercio*, 10 de Janeiro de 1980, p. 5.

³¹⁶ Recife será a passarela. *Diario de Pernambuco*, 01 de fevereiro de 1980, p. A7

³¹⁷ Krause paga subvenções a Clubes Carnavalescos. *Diario de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1980, p. A6.

³¹⁸ MENEZES NETO, H. Op. Cit., 2010; MENEZES NETO, H. Op. Cit., 2011; MENEZES NETO, H. Op. Cit., 2014; SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit., 2000; SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit., 1991.

³¹⁹ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit., 2010, p. 258-259.

Pela leitura dos jornais é exatamente isso que compreendo também: as arquibancadas é que foram retiradas. Sobre a extinção das arquibancadas, o Diário de Pernambuco de fevereiro de 1980 reproduziu a opinião do compositor Joel Santos, afirmando que as arquibancadas são pouco confortáveis e foram introduzidas no Recife como cópia dos festejos momescos realizados no Rio de Janeiro.

ARQUIBANCADAS SAEM E FREVO GANHA RUAS

Quando tantas opiniões se dividem a favor e contra a extinção de passarela no Recife, o compositor Joel Santos, autor de "Eu não sou gato", vem a público esclarecer: "A passarela de que se fala na verdade são as arquibancadas da Avenida Dantas Barreto". "Sou contra a existência dessas arquibancadas e não da passarela", afirma Joel. (E neste sentido, o próprio prefeito Gustavo Krause afirmou, durante a entrega das subvenções às agremiações semana passada, que na verdade, substituía-se a passarela oficial pelas ruas do Recife, uma passarela natural)". Conta o compositor Joel que veio para o Recife em 1940 "e desde então vejo passarelas, umas delas aqui mesmo na Pracinha. Mas de uns 12 a quinze anos para cá, criou-se a arquibancada, que são pouco confortáveis para se assistir a qualquer espetáculo. E se pretendia copiar os Carnavais do Rio, devo dizer que não sou contra a imitação daquilo que é bom, mas desde que se possa imitar. Não deixo de reconhecer a boa vontade de nossos sambistas, mas eles não têm verba para fazer um bom espetáculo".³²⁰

O formato da passarela associado ao formato do "Carnaval Espetáculo" foi desfeito. Entretanto, havia um lugar por onde as agremiações desfilariam e, nesse sentido, esse espaço pode ser nomeado de passarela. Assim, o que foi retirado dos Carnavais do Recife no início dos anos 1980 foram as arquibancadas. Segundo o antropólogo Hugo Menezes, as críticas às arquibancadas se relacionavam ao fato de estarem associadas ao desfile das escolas de samba.

O desfile das escolas de samba está ligado às arquibancadas, o que, erroneamente, foi relacionado à mera contemplação e à negação do "verdadeiro espírito pernambucano de brincar o carnaval". As arquibancadas, que delimitam o espaço de uma passarela, são consideradas elementos da festa do Rio de Janeiro, não figuram na memória dos "carnavais saudosos, dos tempos ideais do velho Raul Moraes", destoam do entendimento do carnaval de rua que consagrou a imagem da festa recifense. Na batalha frevo x samba, a passarela é o

³²⁰ Arquibancadas saem e frevo ganha ruas. Diário de Pernambuco, 05 de fevereiro de 1980, p. A8.

símbolo dos desfiles das escolas de samba, o espaço ritual e a viabilização concreta e oficial do concurso.³²¹

Há controvérsias de quando as arquibancadas voltam ao Carnaval do Recife. O historiador Ivaldo Marciano afirmou que elas voltaram em 1984:

A proibição da passarela e a reformulação dos concursos não se mantiveram por toda a gestão do prefeito Gustavo Krause. As reações movidas pelas escolas de samba, além das críticas de alguns intelectuais e jornalistas, a exemplo de Valdi Coutinho, que mantinha uma coluna diária no Diário de Pernambuco, intitulada Cena Aberta, foram mais fortes no sentido de fazer com que a passarela e as arquibancadas retornassem já no carnaval de 1984.³²²

Entretanto, em minhas pesquisas encontrei matérias que relataram que as arquibancadas voltaram ao Carnaval do Recife em 1982, que não só voltaram como foram ampliadas e receberam potente iluminação, como mostra abaixo a matéria do Jornal do Commercio de fevereiro de 1982:

CONDE DA BOA VISTA VAI TER ARQUIBANCADA DURANTE O CARNAVAL

O prefeito Gustavo Krause reuniu-se sexta-feira à noite no Teatro de Santa Isabel, juntamente com o secretário de Educação, Edson Wanderley Neves, com o presidente da Fundação de Cultura do Recife, Leonardo Silva e com diretores das escolas de Samba e grupos carnavalescos da cidade e decidiu colocar 120 metros de arquibancadas ao longo da Conde da Boa Vista, além de melhorar a iluminação do centro para o Carnaval de 1982.³²³

De acordo com os jornais, as arquibancadas voltam com força para o Carnaval do Recife. Cerca de seis mil ingressos foram colocados à venda, os valores da arrecadação seriam divididos entre as agremiações desfilantes. Sobre isso o Diário de Pernambuco de fevereiro de 1982 destacou:

[...] Cerca de seis mil ingressos de arquibancadas para o desfile dos clubes e escolas de samba foram postos à venda pela Federação

³²¹ MENESES NETO, H. Op. Cit., 2010, p. 50

³²² LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit., 2010, p. 259.

³²³ Conde da Boa Vista vai ter arquibancada durante o carnaval. *Jornal do Commercio*, 07 de fevereiro de 1982, p. 10.

Carnavalesca de Pernambuco. A Cr\$ 600,00 poderão ser adquiridos na sede da Federação (no Pátio de São Pedro). A renda será revertida em prol das agremiações. A arquibancada da Conde da Boa Vista tem capacidade para duas mil pessoas e fica localizada em frente ao Detran, entre as ruas Gervásio Pires e Hospício. Ao lado, são cerca de 120 metros de arquibancada, sendo 80 em frente ao Detran e 40 do lado oposto.³²⁴

Segundo uma publicação do Diário de Pernambuco de fevereiro de 1983, as arquibancadas foram mantidas em 1983 e continuaram crescendo em tamanho e importância no Carnaval do Recife:

ARQUIBANCADAS SERÃO BEM MAIORES

As arquibancadas da Avenida Conde da Boa Vista serão este ano maiores do que as do ano passado, a fim de melhor acomodar aqueles que desejarem apenas assistir ao desfile dos clubes, troças, caboclinhos, maracatus e escolas de samba. Ao todo serão armados 180 metros de arquibancadas - 90 de cada lado da avenida - permitindo melhor acomodação das pessoas. Os ingressos serão vendidos pela Federação Carnavalesca Pernambucana e a renda distribuída entre os clubes.³²⁵

Mesmo em meio às modificações do "Carnaval Participação", em que foram retiradas dos festejos de Momo por não se enquadrarem com o formato de festa carnavalesca implantado, os defensores de uma folia com as arquibancadas saíram vitoriosos desse processo. As arquibancadas retornaram à folia recifense e, segundo as matérias dos jornais, com muita força e vigor.

Dentro desse processo, não posso deixar de relatar a contribuição dos sambistas, que, mesmo em meio a um cenário hostil de sua prática, souberam resistir, lutar e dialogar para que as escolas de samba não submergissem diante de um cenário de clara condenação. Diante disso, faz-se importante acompanhar o posicionamento dos sambistas no processo de retirada das arquibancadas e de transformação da passarela.

³²⁴ Pracinha: o QG do frevo. *Diário de Pernambuco*, 21 de fevereiro de 1982, p. A10.

³²⁵ Donzelos animarão Rua da Concórdia. *Jornal do Commercio*, 19 de janeiro de 1983, p. 08.

3.3 A Passarela do Samba

O grande questionamento em torno da passarela repousava no fato de sua forte relação com as escolas de samba. Ao longo das décadas de 1960 e 1970 as escolas de samba foram se consolidando como uma das grandes atrações da folia momesca recifense. Outras tentativas de "minar" a força do samba na cidade já haviam sido introduzidas – como foi o caso da diminuição do valor do patrocínio destinado às escolas pela prefeitura: elas recebiam a menor porcentagem entre todas as agremiações em 1955/56 –, mas sem o sucesso esperado. Diante disso, a retirada das passarelas e das arquibancadas (local fundamental para a apresentação das escolas) foi mais uma estratégia que visava à diminuição da força do samba no Carnaval do Recife. Sobre esse processo, o historiador Ivaldo Lima afirma:

Ressalte-se o fato de que a proibição das arquibancadas e da passarela em 1980 não foi recebida com aplausos ou passividade por parte das agremiações, principalmente entre os integrantes das escolas de samba, que representaram as vozes mais fortes e com maior dissonância perante o poder público municipal. No período de 1980 a 1983 houve carnavais em que as arquibancadas não existiram, prevalecendo as teses dos defensores do “carnaval participação” ou o carnaval de rua considerado mais autêntico e pernambucano, ao passo em que noutros momentos as reivindicações de parcelas da população e das agremiações carnavalescas resultaram na construção das arquibancadas e da passarela.³²⁶

Assim que foram divulgadas pelo prefeito Gustavo Krause e pelo presidente da Fundação de Cultura, Leonardo Dantas, o pacote de medidas para os dias momescos, nomeado de "Carnaval Participação". Os jornais buscaram demonstrar a posição dos sambistas em relação a esse fato. De acordo com os periódicos, os representantes das escolas afirmaram não serem contra o novo formato de festa, mas que eles precisavam da passarela para suas apresentações. É o que destacou a matéria do Jornal do Commercio de 1980 e que reproduziu um trecho abaixo:

NÃO É CONTRA

Carlos Gilberto afirma que as escolas não são contra o "Carnaval Participação", mas entendem que é inviável para as escolas de samba: "Há dois meses afirmei que se a passarela fosse extinta deixaria de

³²⁶ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit. 2017, p. 186. (Prelo).

desfilar no Recife. Hoje confirmo minhas palavras". Ele apresentou dois motivos, para ele importantes: com o "Carnaval Participação", ninguém vai proteger a integridade física e moral dos desfilantes. As escolas de samba desfilam com alegorias e estas, pela insegurança poderão vir a ser destruídas.³²⁷

Durante a década de 1980 as escolas de samba já haviam afirmado suas apresentações em torno de uma passarela – entendida enquanto um espaço linear por onde essas agremiações narravam seus desfiles por meio de alegorias e fantasias – e das arquibancadas – local necessário às apresentações, pois as escolas, em seu formato, necessitam do público para desenvolver seu processo ritualístico, pautado em aspectos de contemplação, visual, alegórico e dramático. Nesse sentido, o desejo dos organizadores do Carnaval de querer acabar com as passarelas e arquibancadas não podia ser bem aceito entre os sambistas. É o que demonstra a matéria do *Jornal do Commercio* de 1980:

FIM DA PASSARELA TEM REPERCUSSÃO NEGATIVA

A decisão do prefeito Gustavo Krause de acabar com a passarela vem tendo repercussão negativa junto às escolas de samba, que estão ameaçando não desfilar este ano. A primeira a se rebelar foi a bicampeã (sic) Império do Samba. Seu presidente, Carlos Gilberto, revoltado, afirmou: "sem passarela os foliões recifenses não verão Império". Declarava-se profundamente desgostoso com a Fundação de Cultura de Recife: "A intenção dos que organizam o carnaval de Pernambuco é acabar com o samba, como se ele fosse uma música estrangeira. Com isso eles querem esconder a desorganização e a decadência do frevo, não por culpa dos dirigentes dos clubes e troças, e sim por falta de uma melhor estruturação, o que não ocorre com as escolas de samba". [...].³²⁸

A notícia da retirada das passarelas e arquibancadas provocou forte reação entre os sambistas. Os representantes das escolas se reuniram para fazer pressão ao prefeito Gustavo Krause e às decisões do presidente da Fundação de Cultura Leonardo Dantas. Segundo os jornais, o presidente da escola Império do Samba, Carlos Gilberto, afirmou que a retirada das passarelas foi um mecanismo dos organizadores da folia momesca para encobrir a decadência do frevo, que em muito tinha a ver com as más

³²⁷ Fim da passarela tem repercussão negativa. *Jornal do Commercio*, 09 de janeiro de 1980, p. 08.

³²⁸ Fim da passarela tem repercussão negativa. *Jornal do Commercio*, 09 de janeiro de 1980, p. 08.

administrações da festa de anos anteriores. Sobre isso, o *Jornal do Commercio* de janeiro de 1980 destacou:

ESCOLAS SE UNEM EM FAVOR DA PASSARELA

A reunião com os dirigentes das escolas de samba foi confirmada na tarde de ontem. A iniciativa partiu do presidente de Império do Samba, Carlos Gilberto. Ele foi o primeiro a declarar guerra, quando disse que a Império não participará do carnaval: - Prefiro levar o samba autêntico para o interior, do que me sujeitar a imposições esdrúxulas. Querem esconder a queda vertical do frevo acabando com o samba, como se esse fosse um ritmo estrangeiro. Mas isso não acontecerá. Os dirigentes do samba afirmam que não são contra o frevo e o consideram como autêntico carnaval pernambucano. - Não queremos tomar o lugar do frevo. Sabemos que ele é nosso e o carnaval pernambucano é reconhecido além das fronteiras por causa desse ritmo contagiante. No entanto, queremos um lugar ao sol e por isso lutaremos até o fim. Durante a reunião serão tratados diversos assuntos e três se destacam: a luta pela volta da passarela; a desfiliação da Federação Carnavalesca Pernambucana e a consequente criação da **União das Escolas de Samba de Pernambuco**.³²⁹

No trecho da matéria anteriormente citada se destaca o desejo dos sambistas da criação de um órgão que representasse as agremiações do samba. Entretanto, em minhas pesquisas encontrei matérias que retrataram como data da criação da União das Escolas de Samba de Pernambuco (UNESPE) no ano de 1948, conquistando autonomia jurídica em 1954.³³⁰ Um material distribuído pela Federação das Escolas de Samba de Pernambuco (FESAPE, criada em 1988) descreve o ano de 1954 como o da criação da UNESPE.³³¹

A União das Escolas de Samba de Pernambuco foi fundada em 28 de fevereiro de 1954, onde foi criado um estatuto pelos sambistas Manoel José da Silva, Hermegildo Batista da Silva e Antônio Batista da Silva (todos já falecidos). Seu primeiro presidente foi o Sr. Danilo Vieira da Silva. **Mesmo organizada a UNESP não conseguiu apoio político para seu crescimento, pois, naquela época, havia um grande preconceito em relação aos sambistas.** A maioria da imprensa condenava o samba com unhas e dentes, preferindo sempre divulgar o ritmo da terra – O Frevo. O samba era considerado um intruso no carnaval de Pernambuco. No ano de 1988 o presidente da UNESP, Sr.

³²⁹ Escolas se unem em favor da passarela. *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1980, p. 05.

³³⁰ Sobre isso ver as seguintes matérias: União das Escolas de Samba de Pernambuco. *Jornal do Commercio*, 24 de janeiro de 1948, p. 04; União das Escolas de Samba de Pernambuco. *Diário da Noite*, 07 de fevereiro de 1948, p. 05; Será fundada a União das Escolas de Samba. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1948, p. 03.

³³¹ Para saber mais sobre isso ver: SILVA, A. N. Op. Cit., 2011, p. 171-172.

Ranulfo Silva (já falecido), convocou uma reunião na Rua da Concórdia, Nº 20, surgindo daí, o nome do Professor Newton Elias de Santana para assumir os destinos da Entidade. Em 1988, durante uma Assembleia Geral realizada no Sindicato da Construção Civil, localizado na Rua da Concórdia, Nº 829, a UNESP – transformou-se em FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA DE PERNAMBUCO – FESAPE, para euforia dos sambistas presentes.³³²

Como forma de protesto pela retirada das passarelas e arquibancadas, a escola de samba bicampeã do Carnaval recifense, Império do Samba, decidiu não desfilar em terras pernambucanas em 1980. Entretanto, segundo uma publicação do *Jornal do Commercio*, a Império foi desfilar no Rio de Janeiro.

ESCOLA DO RECIFE PROTESTA E IRÁ DESFILAR PARA OS CARIOCAS

A escola Império do samba, bi-campeã (sic) do carnaval pernambucano e que não desfila este ano em protesto pela extinção da passarela da Avenida Dantas Barreto, vai participar do carnaval carioca, representada por suas melhores alas. "A exportação do samba pernambucano é uma demonstração que o ritmo tem que ser olhado com mais carinho pelas autoridades que fazem o carnaval do Recife". A informação é do próprio presidente da escola da Imbiribeira, Carlos Gilberto de Pádua, depois que comunicou à Fundação de Cultura a desistência da agremiação em não participar do carnaval recifense este ano.

DUAS ALAS

Império do Samba, devido a suas apresentações nos últimos carnavais é considerada a "Beija-Flor" do Nordeste, uma vez que conseguiu acabar com a hegemonia de Gigantes do Samba e Estudantes de São José. Segundo Gilberto, Império exportará duas de suas alas. A ala Desacato desfilará pela Escola de Samba do Salgueiro e a ala Imperial pela Império Serrano. O sambista Wilton Condé, também de Império, integrará a Escola de Samba de Vila Isabel. Todo o pessoal da escola de samba da Imbiribeira seguirá de avião no próximo dia 15.³³³

O primeiro jornalista que encontrei na pesquisa a nomear esse processo de retirada das arquibancadas e morte da passarela de "Despassarelização" foi Sebastião Vila Nova³³⁴. Ele escrevia para o *Diário de Pernambuco*. Em seus escritos afloraram

³³² Jubileu de Ouro 1954-2004. Publicação da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco – FESAPE.

³³³ Escola de samba do Recife protesta e irá desfilar para os cariocas. *Jornal do Commercio*, 31 de janeiro de 1980, p. 06.

³³⁴ Sebastião Vila Nova nasceu em Rio Largo, Alagoas, em 18 de janeiro de 1944. Formado em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco

comentários sobre os mais diversos assuntos do cotidiano da cidade. Sobre a retirada das arquibancadas e dos conflitos da passarela com os sambistas, ele comentou:

DESPASSARELIZAÇÃO

Tenho dito aqui e acolá a respeito do descontentamento do pessoal das escolas de samba do Recife com a despassearelização do nosso Carnaval. E esse pessoal prometeu não desfilar no próximo Carnaval. Ora, se há uma medida digna de todo o nosso respeito e admiração no que se refere às folganças do nosso povo, não resta dúvida de que essa é a extinção da passarela no Carnaval do Recife. É o que eu acho. Se mesmo no Rio de Janeiro as escolas de samba já são uma contrafação da brincadeira do povo, imagine o que não significa a escola de samba no Carnaval do Recife. Mas acontece que escola de samba e passarela são indissociáveis. Uma não existe - ao menos do modo que as escolas existem hoje - sem a outra. [...] adoção da escola de samba no nosso Carnaval resulta da cópia ingênua de formas de brincadeira que nada tem a ver com a nossa tradição local, mas que aparecem como superiores aos olhos do povo simplesmente por se originar da metrópole econômico-cultural do País. [...] Porque acho que a despassearelização é uma das medidas para assegurar ao nosso Carnaval o brilho que ele sempre teve. Para impedir que o nosso povo - como, uma vez, me disse o Evandro Rabello - seja obrigado a ser turista na sua própria terra. Que é o que tem acontecido desde a passarelização. E é até mesmo possível que o povo já esteja habituado a essa passividade. E, mais do que tudo, a medida é importante para dar ao povo o seu Carnaval. Aí - que é que há? - eu não posso estar agora ao lado do pessoal das escolas. A medida está tomada. Vamos à experiência dessa retomada do verdadeiro carnaval de rua no Recife.³³⁵

Nos escritos de Sebastião Vila Nova fica evidente seu posicionamento a favor da retirada das arquibancadas e da reordenação dos sentidos da passarela. Retoma o discurso de que as escolas de samba no Recife são cópias do Rio de Janeiro e que sua presença é uma forma de colocar o folião recifense na condição de turista em sua própria terra.

Entretanto, o pessoal das escolas de samba não se colocou como passivos nesse processo. Ao contrário, pois tomando por base o que foi publicado no *Jornal do Commercio*, os representantes das escolas de samba se reuniram, discutiram, elencaram suas prioridades e propuseram uma reunião com o Prefeito Gustavo Krause para

(UFPE). Foi professor na UFPE e na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Em 2002 recebeu o título de cidadão de Pernambuco, concedido pela Assembleia Legislativa do Estado. Colaborava com matérias para os jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*.

³³⁵ Despassearelização. *Diário de Pernambuco*, (Opinião) 24 de janeiro de 1980, p. A11.

reivindicarem o direito à volta da passarela. Sobre isso o *Jornal do Commercio* de 1980 destacou:

VÃO PEDIR UMA AUDIÊNCIA A GUSTAVO KRAUSE

Os dirigentes das escolas de samba ainda têm esperanças de que o prefeito Gustavo Krause revogue sua resolução de extinguir a passarela. Ontem resolveram manter uma audiência com o Chefe do Executivo quando explicarão seus motivos porque "estamos lutando por um lugar ao sol e não com intenção de querer acabar com o frevo, como andam falando". [...] A extinção da passarela, não dando condições para o desfile das escolas, foi o único assunto discutido, todos representantes fizeram questão de mostrar seu repúdio ao que vem fazendo o diretor da Fundação de Cultura, Leonardo Silva. "Ele pediu sugestões durante a reunião no Teatro Santa Isabel, mas ficou o tempo todo nos levando ao ridículo e no final impôs sua autoridade, não aceitando nossas ponderações". [...] O presidente de Samarina, Amaro Torres, afirmou ser contra a extinção da passarela porque "o samba não pode se apresentar sem um local adequado". "Gostaria que o Sr. Leonardo Silva - continuou - nos respondesse como poderemos desfilar com nossas alegorias em ruas estreitas, na rua Direita por exemplo". Outro argumento do dirigente carnavalesco é quanto à segurança: - Não teremos a mínima garantia para desfilar. Não haverá isolamento e o carnaval participação, no centro da cidade, será mais um corredor da morte. As agremiações vão passar em fila indiana e as baterias das escolas não poderão tocar". Quanto à posição da escola será a da maioria, segundo seu presidente: "O que ficar resolvido aqui, acataremos. Temos a nossa posição firmada, mas devemos nos unir e para isso Samarina está aqui representada". [...] Na próxima terça-feira, as escolas de samba do primeiro grupo tentarão uma audiência com o prefeito Gustavo Krause. Depois desse encontro é que elas decidirão o que fazer. Todas estão com o firme propósito de realizar seu próprio carnaval, possivelmente em Jaboatão. Se conseguirmos isso, mostraremos que temos prestígio no carnaval do Recife. Todo mundo irá para Jaboatão para ver a beleza e o gingado do samba.³³⁶

De acordo com a matéria, mesmo diante de muitas críticas ao formato do desfile das agremiações carnavalescas no "Carnaval Participação", os sambistas conseguiram uma reunião com o Prefeito Gustavo Krause e decidiram desfilar.³³⁷ Entretanto, conseguiram um espaço reservado para suas apresentações. De acordo com os jornais, os sambistas ganharam uma "passarela do samba", que foi instalada na Conde da Boa Vista. Sobre esse processo, o *Jornal do Commercio* de janeiro de 1980 destacou:

³³⁶ Escolas de samba insistem na passarela. *Jornal do Commercio*, 13 de janeiro de 1980, p. 05.

³³⁷ Escolas confirmam participação. *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1980, p. A5.

Gigantes do Samba, Galeria do Ritmo, Samarina e Império do Asfalto, confirmaram ontem, depois de quase uma hora de reunião com o prefeito Krause, que vão desfilar no carnaval deste ano, mesmo sem passarela. Durante o encontro, o prefeito disse aos dirigentes das escolas que não tem qualquer preconceito contra o samba, "e se extinguímos a passarela foi com a intenção de revigorar o carnaval do Recife, para que o povo participe diretamente desta festa. E não podemos prescindir das escolas de samba que já estão consagradas em nosso carnaval". No início da reunião o dirigente da Gigantes do Samba, Severino Antônio Bezerra, sugeriu que durante o percurso as escolas não fossem julgadas, uma vez que era muito difícil fazer uma apresentação completa nas ruas estreitas. Alegou também que como as escolas desfilam com 2 a 3 mil pessoas, se torna impossível ouvir a bateria num longo percurso o que prejudicaria a apresentação dos sambistas. Por sua vez, o dirigente de Galeria do Ritmo, Severino Souza, sugeriu que a Prefeitura reservasse uma área, numa rua larga onde as escolas pudessem se apresentar para julgamento e a ideia foi aceita pelo Prefeito Gustavo Krause e pelo presidente da Fundação de Cultura, Leonardo Silva, que vão estudá-la para constatar sua viabilidade.³³⁸

As escolas de samba foram as únicas agremiações que seguiam um itinerário de desfile diferente. Antes de realizarem o mesmo percurso que os demais grupos do Carnaval, elas se concentravam na Rua Gervásio Pires, seguiam pela Avenida Conde da Boa Vista, entravam à direita pela Rua do Hospício até chegar à Praça Maciel Pinheiro de onde seguiam o roteiro oficial dos desfiles. É o que demonstra a matéria do *Jornal do Commercio*:

SAMBA TERÁ UMA PASSARELA BEM NO CENTRO DO RECIFE

As escolas de 1ª e 2ª terão meia hora para desfilar. A avenida Conde da Boa Vista, entre as ruas Gervásio Pires e do Hospício, será destinada exclusivamente para a apresentação das escolas de samba de primeira categoria, cujo desfile acontecerá na segunda-feira de carnaval. Nesse local, conforme ficou acertado durante reunião, as escolas deverão se apresentar com todos seus integrantes, inclusive com as alegorias. Todo o trecho da avenida será isolado para que as escolas se apresentem. A comissão julgadora ficará em frente ao Colégio Marista e as agremiações - seis de primeira e cinco de segunda - terão 30 minutos para exibição.

ITINERÁRIO

Depois da apresentação para o julgamento, as escolas de samba terão que cumprir todo o itinerário traçado pela Prefeitura. Seguirão pela Rua do Hospício, Imperatriz, Nova, Praça da Independência, 1º de

³³⁸ Escola de samba decide desfilar sem passarela. *Jornal do Commercio*, 16 de janeiro de 1980, p, 04;

Março, Rua do Imperador, da Praia, do Porão, terminando no Pátio do Terço.³³⁹

Nessas disputas por formatos de Carnaval para o Recife, tomando por base o que foi publicado nos jornais, acredito que os sambistas saíram vitoriosos desse processo, haja vista que tiveram um espaço para se apresentarem mesmo sem as arquibancadas, mas puderam fazer suas evoluções de forma tranquila, sem o risco de serem "atrapalhados" pelo público que estava nas ruas.³⁴⁰ É o que se pode acompanhar pela matéria publicada no *Jornal do Commercio* de fevereiro de 1980:

SAMBA FOI O ÚNICO PRIVILEGIADO NO CARNAVAL DO FREVO. PÚBLICO DIFICULTOU DESFILES

As escolas de samba foram as maiores privilegiadas dentre as agremiações carnavalescas desfilantes este ano no Recife: elas tiveram um local para julgamento, com cordões de isolamento e comissão de jurados, o que não aconteceu com relação aos clubes, blocos, troças, maracatus, caboclinhos, ursos e bois. Estes últimos não tiveram a mínima condição de se apresentar, com os foliões prejudicando o desfile. O Carnaval-80 foi encerrado ontem, com o desfile da charanga "A Jaula" pelas ruas de Olinda, às 15h. Os organizadores da agremiação não permitiram a presença de jovem de topless, alegando ser uma desmoralização. Originalmente, essa charanga foi criada para as pessoas que perderam o carnaval, por terem sido detidas e liberadas somente na Quarta-feira de Cinzas. [...].³⁴¹

Mesmo em meio a um cenário hostil, os sambistas lutaram por sua prática. Souberam se impor, mostraram a força que construíram ao longo dos anos. Os jornais retratavam que as escolas eram uma das maiores atrações do Carnaval e, nesse sentido, em algum momento essa força tinha que se fazer presente. Foi o que aconteceu com as escolas diante das inovações da prefeitura da cidade com o seu "Carnaval Participação".³⁴² E, ao que parece, parte da imprensa escrita do Recife também concordou com isso.

³³⁹ Samba terá uma passarela bem no centro do Recife. *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1980, p. 08.

³⁴⁰ Escolas desfilarão na Conde da Boa Vista. *Jornal do Commercio*, 18 de fevereiro de 1980, p. 05.

³⁴¹ Samba foi o único privilegiado no carnaval do frevo. *Jornal do Commercio*, 21 de fevereiro de 1980, p. 1.

³⁴² "Galeria" e "Gigantes" irão à avenida. *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1980, p. A5; Escolas de samba vão desfilarem. *Diário de Pernambuco*, 18 de janeiro de 1980, p. A7.

NO FINAL, BOM MESMO FOI PARA AS ESCOLAS

Apesar das pressões que sofreram, as escolas de samba foram as privilegiadas entre todas as agremiações desfilantes. Só elas tiveram local especial para exibição, com a comissão julgadora em um único palanque, o que não aconteceu com clubes, blocos, troças, maracatus, caboclinhos, ursos e bois. Enquanto as escolas de primeira e segunda categorias desfilavam tranquilamente numa passarela da Avenida Conde da Boa Vista, protegidas por cordões de isolamento, as demais agremiações enfrentavam os foliões das ruas da Imperatriz e Nova, sem espaço para suas evoluções. A maioria passava em filas indianas entre os milhares de carnavalescos que vieram ao centro para assistir ao desfile. As escolas de samba fizeram excepcional exibição, mostrando beleza visual, o que não aconteceu com as demais agremiações, que se aproveitaram do "Carnaval Participação" - principalmente os clubes e blocos - para exibirem fantasias de carnavais passados.³⁴³

Entretanto, mesmo com um "certo" sabor de vitória, as representações que permanecem nas memórias de muitos sambistas sobre esse acontecimento é de um momento de dificuldade e perseguição. Os sambistas sentiram-se perseguidos, condenados, exilados em seu próprio Estado, "apenas" por defenderem uma prática que, para os organizadores do Carnaval de 1980, não se enquadrava com os ideais de folia que desejavam. Sobre essa questão, o antropólogo Hugo Menezes afirmou:

Na memória carnavalesca do mundo do samba, contudo, está registrada a despassarelização como marco representativo da falta de reconhecimento, por parte do poder público, e da importância social e simbólica do potencial de atração de público e mobilização comunitária das escolas de samba. Então, a passarela torna-se, para o samba, um símbolo que remonta a ressentimentos, a conflitos e às ações históricas; ganha outra dimensão atrelada às questões estruturais do desfile.³⁴⁴

Porém, não foi só das disputas entre sambistas e os organizadores da folia, passarelas e arquibancadas que o "Carnaval Participação" foi definido nos jornais. Outras questões, outros conflitos envolveram essa festa. Continue a leitura que ainda há muitas histórias momescas pela frente.

³⁴³ No final bom mesmo foi para as escolas. *Jornal do Commercio*, 21 de fevereiro de 1980, p. 09.

³⁴⁴ MENEZES NETO, H. 2014, p. 113.

3.4. A Fundação de Cultura Cidade do Recife: as (re)encenações e as (re)ordenações de uma festa

Os discursos em torno do "Carnaval Participação" buscaram associar suas práticas a uma festa do povo, diferente dos contornos do que foi o modelo de folia anterior, marcado pela noção de "Espetáculo", associado a uma festa para "turista ver". Esse foi mais um dos discursos que buscaram a legitimidade do formato "Carnaval Participação" como mostrou a matéria abaixo publicada no Jornal do Commercio.

Sem passarela, arquibancadas ou cordões de isolamento, o carnaval deste ano, no Recife, deixará de ser um espetáculo para *turista ver*, transformando-se numa festa verdadeiramente popular, onde o *povo* terá condições de *brincar* com suas agremiações favoritas, sem pagar ingresso ou conseguir convites para vê-las desfilar.³⁴⁵

O "Carnaval Participação" no Recife foi vivenciado nas ruas estreitas, entre os bairros que formam a região central da cidade. Durante o tríduo momesco, as agremiações carnavalescas obedeceram ao seguinte itinerário: concentração na Praça Maciel Pinheiro, de lá seguiram pela Rua da Imperatriz, cruzaram a Ponte da Boa Vista, foram pelas ruas Nova, 1º de Março, do Livramento, Vidal de Negreiros, da Concórdia e terminavam suas apresentações na Praça Joaquim Nabuco. Sobre o itinerário das agremiações, o Jornal do Commercio publicou a seguinte matéria:

[...] O esquema traçado para o carnaval será submetido aos dirigentes das agremiações carnavalescas para que eles possam dar sugestões e discutir a melhor maneira de animar o carnaval. Mas a ideia original prevê a abertura oficial no sábado de Zé Pereira, às 7h, com o desfile, pelas ruas do bairro de São José da troça "O Galo da Madrugada" fazendo renascer a animação, o clima carnavalesco, logo no sábado, como acontecia nos carnavais antigos. Antes, já na semana pré-carnavalesca, as agremiações desfilarão todas as noites pelo Pátio de São Pedro, ruas do Fogo, 1º de Março, Marquês do Recife, Avenida Dantas Barreto, Rua Nova, Ponte da Boa Vista, Rua da Imperatriz e Praça Maciel Pinheiro, ponto final das apresentações. No tríduo momesco, os desfiles obedecerão ao seguinte itinerário: Praça Maciel Pinheiro, Rua da Imperatriz, Ponte da Boa Vista, Ruas Nova, 1º de Março, do Livramento, Direita, Vidal de Negreiros, Da Condórdia e Praça Joaquim Nabuco. Entre 9 e 16h, quando a movimentação diminui no Centro, a Prefeitura, visando manter a animação, vai

³⁴⁵ Recife terá carnaval sem passarela, arquibancada ou cordão de isolamento. *Jornal do Commercio*, 10 de Janeiro de 1980, p. 05. [Grifos meu].

colocar orquestras volantes para que os foliões sejam motivados a ficar nas ruas dos bairros de São José e Santo Antônio até o reinício dos desfiles a partir das 19h.³⁴⁶

As agremiações desfilariam pelas ruas estreitas do Recife, cumprindo o itinerário estabelecido pela Fundação de Cultura. Desfilariam em meio ao povo, sem distinção entre público brincante e os desfilantes (integrantes das agremiações). O jornalista Valdi Coutinho teceu críticas ao itinerário proposto pela Fundação e a escolha das ruas no *Diário de Pernambuco*:

Prova disso é o desfile das agremiações que, necessariamente, terá que ser pelas ruas estreitas, partindo da Praça Maciel Pinheiro e seguindo, Rua da Imperatriz, Rua Nova, Praça da Independência, Rua Duque de Caxias e sai por aí. Como se percebe, o negócio é enfileirar a massa pelas ruas estreitas, porque assim, fica parecido com o Carnaval baiano, e também, com o de Olinda, muita gente apinhada nas ruas, tomando conta de toda a artéria, aquela multidão. Utilizando esse recurso, forçando esse itinerário, os organizadores da participação darão a impressão de que o Recife ficou tomado de foliões, lotado de gente, como antigamente. Aí está o grande mal dos donos da cultura - como antigamente... esquecendo que a cidade, hoje, tem características urbanas que diferem totalmente da antiga Salvador e da vela (sempre ardente e nova) Marin dos Caetés. É uma cidade de largas avenidas, a Dantas Barreto, a Conde da Boa Vista, a Guararapes, só para citar as do Centro. Não somente de pontes, mas também de viadutos. Enfim, os tempos mudaram e com ele o Carnaval [...].³⁴⁷

Para o jornalista Valdi Coutinho, portanto, essa seria uma estratégia dos representantes da Fundação de Cultura para causar a impressão de que a cidade foi tomada de foliões. Entretanto, mesmo em meio às críticas, os desfiles de agremiações ocorreram pelas ruas estreitas dos principais bairros de Santo Antônio, São José e Boa Vista, todos no centro do Recife. Nas palavras de Leonardo Dantas, o Carnaval de rua que se fazia no Recife em 1980 "recuperava e revivia o prestígio das velhas e tradicionais folias de momo do Bairro de São José".³⁴⁸

O bairro citado por Dantas foi, durante muitos anos, notadamente marcado por ser celeiro de muitas agremiações carnavalescas. Muitas delas carregam em si o nome

³⁴⁶ Carnaval/80 não tem passarela. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1980, p. 06.

³⁴⁷ "Carnaval Participação": mais um rótulo cultural. (Texto de Valdi Coutinho). *Diário de Pernambuco*, 16 de fevereiro de 1980, p. C9.

³⁴⁸ Promissória é garantia. *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1980, p. 05.

da localidade ou mesmo tem sede no bairro. Essa peculiaridade foi possível em virtude da região ser reduto de muitos "populares" que habitavam o lugar. Sobre as relações desses "populares" com o bairro, as historiadoras Isabel Guillen, Maria Ângela Grillo e Rosilene Farias discorreram:

O bairro de São José, considerado eminentemente popular, com suas ruas estreitas e sobrados sóbrios de porta e janela, sofreu durante décadas intervenções públicas que visavam modernizá-lo e higienizá-lo, tornando-o conforme os padrões pretendidos por uma elite que queria ver o Recife como espelho da modernidade europeia. Mas foi este o bairro em que os poderes públicos tiveram mais dificuldade em intervir para retirar os "populares" das ruas, os vendedores de peixe, frutas, verduras e legumes, artesanato doméstico e comidas prontas, quitutes e guloseimas.³⁴⁹

Concentram-se no bairro de São José importantes agremiações carnavalescas, entre elas, o Clube de Máscaras Galo da Madrugada; a Escola de Samba Estudantes de São José; o Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas, entre outros grupos que têm sedes na localidade. Mesmo ao longo da década de 1980, quando as agremiações do bairro de São José vinham perdendo força, no que tange ao Concurso, os jornais ainda destacavam a pujança carnavalesca da região. É o que se pode observar por meio da matéria abaixo publicada pelo Jornal do Commercio:

O Bairro de São José concentra em suas ruas uma boa parte das agremiações que todos os anos alegram o Carnaval recifense. São blocos, escolas de samba, clubes de frevo, vivendo neste período que antecede o Carnaval, a agitação dos preparativos das fantasias e afinação dos instrumentos.³⁵⁰

É interessante destacar que ocorria no Bairro de São José, paralelamente ao "Carnaval Oficial", outra festa momesca, assentada sobre o discurso da irreverência, do improviso e da liberdade. Na leitura dos jornais pude acompanhar que muitos sujeitos sociais preferiram criar agremiações para festejarem Momo sem as regras do concurso oficial. E, diante disso, angariavam seus próprios recursos (já que como não participavam do concurso não tinham como pleitear a cota de verbas da prefeitura),

³⁴⁹ GUILLEN, I. C. M.; GRILLO, M. A. F.; FARIAS, Rosilene Gomes. *Mercado de São Jose. Memória e História*. 1. ed. Recife: FADURPE, 2010, p. 10.

³⁵⁰ Saberé é atração do Carnaval de bairros. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1982, p. 10.

organizavam os ensaios, preparavam as fantasias, afinavam os instrumentos musicais, tudo isso para que durante o período festivo pudessem saudar Momo de forma irreverente e livre, sem as regras comuns às outras agremiações.

Entre essas agremiações irreverentes, localizei, nos jornais, "Os Fofinhos de São José", bloco formado por rapazes que saíam às ruas de forma descontraída, animando a cidade durante o período festivo de Momo. Segundo o Diário da Noite, essa agremiação não aceitava participar de nenhuma programação oficial da prefeitura ou mesmo obedecer a horários preestabelecidos:

Os Fofinhos não aceitam de maneira alguma participar de qualquer programação oficial, pois como uma agremiação essencialmente carnavalesca, não queremos obedecer horários ou itinerários pré-determinados. "Apesar de marcarmos um caminho com antecedência, na hora do desfile tudo poderá ser modificado, dependendo da vontade da maioria", afirmou Maninho.³⁵¹

De acordo com o jornal Diário da Noite, o desfile do bloco Os Fofinhos de São José já estava se tornando uma tradição no Carnaval da cidade, pois apresentavam-se como uma "agremiação essencialmente carnavalesca", sem respeito a regras e determinações. Muitos foliões esperavam com entusiasmo o festejo de Momo para, junto com o bloco, se entregarem à alegria e se esbaldarem ensandecidos pelas ruas da capital pernambucana, festejando o deus da galhofa. Sobre a presença do grupo no Carnaval de 1979, o Diário da Noite comentou:

Tudo já está pronto para o desfile da sexta-feira da semana pré-carnavalesca do bloco Fofinhos de São José, que estará apresentando o tema-enredo "Exaltação ao índio brasileiro". As fantasias já estão prontas e vão representar pela primeira vez na passarela, o verdadeiro índio brasileiro. Os Fofinhos, formados por rapazes do bairro de São José, têm como único objetivo brincarem e ajudarem a animar as ruas da cidade durante a semana pré-carnavalesca. Este desfile do bloco já está se tornando uma tradição no Carnaval do bairro, que é considerado como o mais animado de Pernambuco. [...] Esta será a terceira vez que os Fofinhos estarão nas ruas do bairro e segundo seus diretores, o bloco será acompanhado por uma grande multidão, pois além de visitar as ruas do bairro, irá até a Avenida Guararapes e

³⁵¹ Tudo já está pronto para o desfile dos Fofinhos de São José. *Diário da Noite*, 14 de fevereiro de 1979, I Caderno, p. 2.

possivelmente, Avenida Conde da Boa Vista, onde ficará concentrado o Carnaval de rua.³⁵²

Os jornais destacavam também o sucesso que uma agremiação em especial causava durante o período festivo a Momo no Recife. Tratava-se da Escola de Samba Traquinas de São José, formada unicamente por mulheres. Ao longo do ano, os jornais destacavam que o grupo organizava concorridos ensaios que movimentavam a cidade e durante o período festivo de Momo saía pelas ruas do bairro arrastando uma multidão de foliões. Sobre as Traquinas, o *Diário de Pernambuco* destacou em janeiro de 1980:

A Escola de Samba Traquinas de São José, a única do Brasil formada apenas por mulheres, vai comemorar o seu quarto aniversário, no dia 11 deste mês com uma festa "Carnaval em amarelo e preto", no Clube Náutico Capibaribe, com a participação de orquestra de frevos e uma escola de samba. Durante o grito de Carnaval, haverá uma apresentação das batuqueiras da Escola, que está realizando ensaios todas as quartas e sábados em sua sede na Avenida Dantas Barreto, 1230, São José. "Este ano, a bateria da Escola vai se apresentar de maneira brilhantes, pois os ensaios estão sendo efetuados desde o mês de novembro e as meninas já estão em ponto de bala". Afirmou entusiasmado o diretor de bateria, Arlindo de Dona Biu. [...] "Nossa Escola de Samba, formada apenas por garotas do bairro, começou de uma brincadeira mas hoje, depois de termos participado de três carnavais, a agremiação cresceu e nos obrigou a uma série de providências para o desfile do domingo de Carnaval. Esta nossa festa de aniversário, além de servir para o conagraçamento entre todas as componentes das Traquinas, será o primeiro passo para a organização de nossa apresentação". No Carnaval deste ano, as "Traquinas de São José" vão apresentar o tema "Ciganas Estilizadas", com mais de duzentas sambistas da ala de frente e cerca de 40 meninas na bateria. Em seu desfile, a agremiação anima as ruas do bairro de São José, apresentando-se no quartel general do frevo, na Pracinha do Diário.³⁵³

Visualizei outras duas agremiações que não participavam do Certame Oficial, mas que, segundo a narrativa dos jornais, contagiavam inúmeros súditos de Momo. Refiro-me aos blocos Os Donzelos e As Donzelas, ambos do bairro de São José. Sobre esses grupos, destaco dois trechos de matérias de jornais, uma do *Diário da Noite* de 1979 e outra do *Jornal do Commercio* de 1982:

O bloco das Donzelas de São José, que vai sair no domingo da semana pré-carnavalesca às 10 horas, já tem o seu samba-enredo para este

³⁵² Tudo já está pronto para o desfile dos Fofinhos de São José. *Diário da Noite*, 14 de fevereiro de 1979, I Caderno, p. 2.

³⁵³ "Traquinas" comemoram 4 anos com Carnaval. *Diário de Pernambuco*, 03 de janeiro de 1980, p. A13.

ano, composto pelo sambista Edvaldo Uchoa, o popular Prego, com o tema "Donzelas no Havai". Em 79, é a terceira vez que as Donzelas vão às ruas do bairro de São José. E todas as vezes, as meninas convidam Prego para que ele componha o samba. Na primeira vez que desfilaram, as meninas apresentaram o tema Jardineira e, no ano passado, desfilaram vestidas de ciganas. "Este ano", explica a presidente Edjane, "vamos desfilarmos com 200 meninas, que serão acompanhadas pela bateria da turma do Saberé. Nós estamos com quase tudo preparado para o desfile que vai acontecer no domingo, dia 18, saindo da Rua dos Pescadores, 61".³⁵⁴

No próximo domingo, o bloco Donzelos de São José estará realizando o seu primeiro ensaio de rua, com vistas ao Carnaval que se aproxima. O movimento tem início previsto a partir das 12h, segundo informou o presidente Waldir que, aproveitando o ensejo, convida todos os donzelos a comparecerem à sede do clube na rua da Concórdia, de onde sairá o bloco. Idêntico convite parte do diretor de bateria a todos os batuqueiros.³⁵⁵

Além desses, os jornais relataram também a presença do grupo de samba, Turma do Saberé. Segundo os periódicos, essa agremiação foi fundada em 20 de janeiro de 1960, na casa de Dona Rica e no Bar do Petrônio. Mesmo não participando do Concurso Oficial, o bloco desfilava pelas ruas do bairro de São José e os jornais comumente relatavam que uma multidão acompanhava o grupo. Para o ano de 1982, o *Jornal do Commercio* relatou que o grupo saiu com mais de 400 integrantes e 110 batuqueiros.³⁵⁶ Sobre o nome, Turma do Saberé, o *Guia do Folião*, publicação da Prefeitura do Recife apresentou o seguinte relato:

O nome do grupo vem do peixe denominado Saberé, conhecido por beliscar a isca e não ser capturado. Segundo Fabiano Cezar, diretor de eventos, na década de 1950, existia no bairro de São José, "um grupo de amigos que durante o Carnaval visitava a vizinhança do bairro, comia, bebia e ia embora". Em analogia ao peixe, espertalhão, os amigos passaram a ser conhecidos como "os saberés".³⁵⁷

Voltando ao Carnaval oficial. Ainda nos preparativos do festejo momesco de 1980, a Fundação de Cultura propôs que as agremiações vitoriosas do certame

³⁵⁴ Donzelas de São José já têm samba-enredo de 79. *Diário da Noite*, 08 de fevereiro de 1979, I Caderno, p. 2.

³⁵⁵ Donzelos realiza o primeiro ensaio. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1982, p. 10.

³⁵⁶ Saberé é atração do Carnaval de bairros. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1982, p. 10.

³⁵⁷ Escolas de samba. *Guia do folião*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2007, p. 158-159.

voltassem a se apresentar ainda durante a folia momesca do ano em curso. Diante disso, enunciava estabelecer a "Terça da Vitória", em que todos os grupos vencedores seriam conhecidos pela manhã e à noite já voltariam às ruas do Recife numa festa de comemoração do título. Os grupos vitoriosos recebiam os prêmios em dinheiro pagos pela prefeitura da cidade.³⁵⁸ Sobre essas "inovações" para o Carnaval de 1980, o *Jornal do Commercio* afirmou:

A municipalidade montou um esquema através da Fundação de Cultura Cidade do Recife, para maior animação popular. Bailes Populares, orquestras volantes, campanha publicitária para motivação e informação aos foliões e o Carnaval da Vitória no 3º dia do Reinado de Momo, são algumas das inovações. Ao invés de troféus, a Prefeitura dará prêmios em dinheiro às melhores agremiações. E a entrega será feita na terça-feira, pra que os dirigentes das agremiações vitoriosas possam comemorar o evento no próprio Carnaval.³⁵⁹

Entretanto, na leitura dos jornais, encontrei referência de que já havia indícios da “terça-feira da vitória” em outros momentos. Em 1978, o jornalista Leonardo Dantas Silva foi entrevistado pelo *Diário de Pernambuco* sobre o cenário do Carnaval do Recife ao longo dos anos, mais especificamente sobre a folia que era vivenciada na década de 1970. Na ocasião, ele afirmou que desde 1973 não havia mais o evento "terça-feira da vitória" quando "todas as agremiações carnavalescas voltavam ao centro já sabendo quem eram os vitoriosos".³⁶⁰ Diante disso, a Fundação de Cultura não poderia afirmar que esse acontecimento foi uma inovação nos anos de 1980, quando na realidade ele já havia ocorrido em outros anos. Talvez, pudessem afirmar que estavam reinserindo práticas que haviam desaparecido do festejo momesco.

Segundo a narrativa dos jornais, os representantes da Fundação de Cultura Cidade do Recife buscou honrar figuras ilustres da cena cultural pernambucana, vinculando o nome do indivíduo à folia momesca do ano. Assim, durante o "Carnaval Participação" várias pessoas foram homenageadas: em 1981, Capiba (Lourenço da Fonseca Barbosa); em 1982, os Irmãos Valença (João Vitor do Rego Valença e Raul do Rego Valença³⁶¹) e em 1983 as grandes músicas e os grandes compositores de frevo.³⁶²

³⁵⁸ Carnaval de 80 pode ter grande animação. *Jornal do Commercio*, 23 de janeiro de 1980, p. 06.

³⁵⁹ Recife será a passarela. *Diário de Pernambuco*, 01 de fevereiro de 1980, p. A7.

³⁶⁰ Nas ruas humanizadas, Carnaval não tem vez. (Texto do Jornalista Leonardo Dantas). *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1978, p. D1.

³⁶¹ Compositores e instrumentistas pernambucanos conhecidos como "Irmãos Valença", filhos de João Bernardo do Rego Valença Filho e Maria Martins do Rego Valença, nasceram em 2 de abril de 1890 e 7

A Fundação de Cultura denominou a "Semana Pré-Carnavalesca", que já ocorria em outros anos, de "Ensaio Geral". Nela, as agremiações desfilariam pelas ruas do Recife, durante as semanas que antecediam o festejo. O objetivo foi criar na cidade o clima momesco que as pessoas vivenciariam durante os dias gordos. Os grupos carnavalescos realizavam suas apresentações de acordo com um calendário previamente estabelecido pelos organizadores do Carnaval e seguiam o roteiro por onde deveriam passar.³⁶³ O Jornal do Commercio destacou:

AGREMIações VIRÃO DA PRAÇA MACIEL PINHEIRO

Abertura da semana pré-carnavalesca, hoje, com desfile de diversas agremiações no Pátio de São Pedro, é a principal atração no centro e nos subúrbios, tendo o carnaval como tema. Será realizado o Ensaio Geral, com desfile das agremiações carnavalescas pelas ruas dos bairros onde são sediadas. Cinco agremiações estão incluídas nesse programa: Folhas Douradas (Coelhos), Abanadores do Arruda (Rua Antônio Meira), Maracatu Estrela Brilhante (Água Fria), Escola de Samba Estudantes de São José (Rua da Concórdia), Caboclinhos Sete Flechas (Água Fria). Essas associações desfilarão, inclusive, no centro da cidade, cumprindo roteiro que começa na Praça Maciel Pinheiro, seguindo pela Rua da Imperatriz, Ponte da Boa Vista, Rua Nova, Praça da Independência, Avenida Dantas Barreto e Pátio de São Pedro. O Bloco "As Donzelas" sairá hoje, pela manhã, de sua sede, na Rua dos Prazeres, em São José, para desfilar pelas ruas do centro. [...].³⁶⁴

O evento "Ensaio Geral" foi descrito pelos jornais como um sucesso, que atraía muitas pessoas e dava a tônica de como seria o Carnaval do ano em curso. O bairro de São José, mais especificamente o Pátio São Pedro, era o espaço destinado para a finalização das apresentações das agremiações, funcionava como o palco (lugar) da festa, lugar destinado para abrigar eventos populares e folclóricos.³⁶⁵

de agosto de 1894, respectivamente. Em 1928, os irmãos compuseram a marcha carnavalesca "Mulata", sucesso nos clubes do Recife. Em 1932, o músico carioca Lamartine Babo adaptou a música e mudou o título para "O teu cabelo não nega". A composição dos irmãos Valença é um dos maiores sucessos do Carnaval até hoje. João Valença faleceu em 7 de agosto de 1983 e Raul em 16 de julho de 1977.

³⁶² Cavalcante define modo do Carnaval. *Jornal do Commercio*, 02 de janeiro de 1983, p.07.

³⁶³ Clubes fazem ensaio geral pela cidade. *Jornal do Commercio*, 23 de fevereiro de 1981, p. 10; Ensaio Geral marca folia em São José. *Jornal do Commercio*, 23 de janeiro de 1980, p. 06; Ensaio Geral reúne clubes. *Diário de Pernambuco*, 01 de fevereiro de 1980, p. A7; Ensaio Geral hoje no pátio. *Diário de Pernambuco*, 13 de fevereiro de 1980, p. A5; Prévias deixam recifenses já em clima de Carnaval. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1983, p. capa; Agremiações fazem hoje Ensaio Geral. *Diário de Pernambuco*, 09 de fevereiro de 1983, p. capa; Ensaio geral reúne as agremiações do bairro de São José. *Diário da Manhã*, 02 de fevereiro de 1980, p. capa.

³⁶⁴ Semana pré carnavalesca inicia-se hoje no pátio. *Jornal do Commercio*, 10 de fevereiro de 1980, p. 08.

³⁶⁵ A historiadora Zélia Lopes discute os diferentes sentidos forjados para os festejos carnavalescos ocorridos nas ruas do Rio de Janeiro e São Paulo, no decorrer dos anos 20 do século XX. Demonstra como determinados espaços foram sendo, gradativamente, ocupados por grupos populares, que em torno

Os "Carnavais Participação" podem ser lidos como acontecimentos que buscaram estabelecer um diálogo com os tempos. A relação passado/presente foi uma evocação constante. Isso não só do ponto de vista discursivo (enunciar) como prático também. Um claro exemplo dessa relação foi a presença do que foi nomeado nos jornais de Mela-Mela. Essa manifestação estava associada a práticas carnavalescas do passado. Segundo os jornais, o Mela-Mela apresentou-se como um dos assuntos mais debatidos nas reuniões dos representantes da Fundação de Cultura, como demonstra a matéria abaixo do *Jornal do Commercio*:

[...] O assunto que mais chamou a atenção dos participantes da reunião foi o problema do mela-mela por tratar-se de uma tradição de nosso Carnaval e que fora abolida durante o governo de Eraldo Gueiros e restaurado no de Moura Cavalcanti, com permissão em áreas predeterminadas. [...] ³⁶⁶

Mais uma vez, em 1980 o governador do estado decreta que a prática do Mela-Mela deveria ser proibida no Carnaval. Evidentemente, se foi proibida era porque estava sendo praticada e era atrativa para os foliões. O Mela-Mela consiste numa brincadeira de lançar sobre as pessoas que transitavam pelas ruas água (suja ou limpa), gasolina ou mesmo urina, misturada com talco ou farinha de trigo. E, evidentemente, isso gerava conflitos. Mesmo cerceadas e combatidas, as práticas do molha-molha permaneceram nas ruas do Recife e permanecem até hoje. No entanto, em 1980 o Mela-Mela foi proibido na capital pernambucana porque os organizadores da folia acreditavam que ela não se enquadrava com os contornos do que foi o "Carnaval Participação". Foi o que demonstrou o *Jornal do Commercio*:

CARNAVAL SEM MELA-MELA

Ainda que deixando alguns descontentes, mesmo entre os verdadeiros foliões, porque bem intencionados, não vêem (sic) maldade na brincadeira, agiu muito bem o governador do Estado, ao determinar que seja proibido o chamado <<Mela-Mela>> no Carnaval de 1980. E o fez tornando público, através da Secretaria de Segurança, não caber, principalmente em face da experiência de outros anos em que foi permitido, a interpretação de que se enquadre no conceito de <<Carnaval Participação>>. [...] ³⁶⁷

deles construíam significados simbólicos. SILVA, Z. L. Os espaços da festa: o carnaval de rua do Brasil dos anos 20. *História & Ensino* (UEL), Londrina-PR, v. 4, p. 153-172, 1998.

³⁶⁶ Maciel decide sobre a liberação do discutido mela-mela. *Jornal do Commercio*, 02 de fevereiro de 1980, p. 03.

³⁶⁷ Carnaval sem mela-mela (Opinião). *Jornal do Commercio*, 08 de fevereiro de 1980, p. 02.

A brincadeira do Mela-Mela foi recorrentemente associada aos tempos do Entrudo, ou seja, entendida como uma prática selvagem e incivilizada. Nesse sentido foi violentamente combatida pelas autoridades por destoarem dos padrões de festa defendidos pelas elites para o Brasil. Mesmo proibido, durante o reinado de Momo as ruas do Recife ficavam repletas de foliões que atiravam uns nos outros jatos d'águas por meio das bisnagas, bem como talco e farinha de trigo. O importante era deixar o outro "todo melado" ou mesmo molhado.³⁶⁸

As proibições para o "Carnaval Participação" não se restringiram à prática do Mela-Mela. Outras manifestações também receberam o mesmo tratamento, como foi o caso do uso do lança-perfume. Segundo os jornais, alguns foliões saíam de suas casas, munidos dos tubos do produto, para as chamadas "batalhas de cheiro", que foi uma das maiores atrações da folia nesses anos. Os rapazes costumavam "flertar" com as garotas borrifando o líquido em seus pescoços. Os organizadores do "Carnaval Participação" e as autoridades policiais acreditavam que o fato de alguns foliões aspirarem éter durante os dias momescos e, assim, cometerem atos indevidos, bem como o mau uso do recipiente do produto, poderia prejudicar a imagem do carnaval recifense, que buscava recuperar o título de "melhor do mundo".³⁶⁹

Mais uma vez o tema das verbas estampou grande parte das manchetes das matérias de jornais ao longo do recorte temporal proposto para esse capítulo (1980-1983). As discussões em torno do valor da subvenção destinado pela Prefeitura do Recife às agremiações desfilantes, recorrentemente, figuravam nas matérias dos periódicos. Para tanto, projetei um quadro com as principais matérias que encontrei na pesquisa sobre o debate em torno das verbas da prefeitura:

³⁶⁸ Mela-mela será liberado durante a festa de momo. *Diario de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1980 p. 01; mela-mela será liberado. *Diario de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1980 p. A10; o mela-mela. *Diario de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1980 p. A10; Higino proíbe mela-mela no carnaval. *Diario de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1982, p. capa; Higino proíbe o mela-mela nos três dias de folia. *Diario de Pernambuco*, 20 de fevereiro de 1982, p. A7; Mela-mela, a brincadeira inevitável. *Diario de Pernambuco*, 21 de fevereiro de 1982, p. A12; Mela-mela. *Diario de Pernambuco*, 01 de fevereiro de 1983, p. A8; Brincadeira do mela-mela. *Diário de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1982, p. A19; Indefinida a liberação do Mela-mela. *Diário da Noite*, 09 de fevereiro de 1981, p. 06; Higino proíbe mela-mela em todo o estado. *Diario de Pernambuco*, 21 de fevereiro de 1981, p. capa; Mela-mela (Opinião). *Diario de Pernambuco*, 22 de fevereiro de 1981, p. A10; Prática do mela-mela é de novo vetada pela SSP. *Diario de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1983, p. A6.

³⁶⁹ Recifense favorável à volta do Lança-perfume. *Diario de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1982, p. A20; Lança perfume dá prisão para diretor de clube. *Diário da Manhã*, 03 de fevereiro de 1983, p. capa; Clubes prometem à SSP agir com rigor contra uso de lança. *Diario de Pernambuco*, 11 de fevereiro de 1983, p. capa.

TÍTULO	JORNAL	DATA
Prefeitura destina 231 mil para os clubes vencedores.	<i>Diário da Manhã</i>	01 de fevereiro de 1980, p. 08.
Prefeitura destina verba de Cr\$ 4,436 milhões para o Carnaval.	<i>Diário da Manhã</i>	31 de janeiro de 1980, p. 03.
Carnaval: tudo sobre as verbas.	<i>Diário da Noite</i>	08 de janeiro de 1980, p. capa.
Dois milhões: e adianta?	<i>Diário da Noite</i>	08 de janeiro de 1980, p. 05.
As verbas para o Carnaval.	<i>Diário da Noite</i>	28 de janeiro de 1980, p. 04.
Verbas de Carnaval.	<i>Diário de Pernambuco</i>	18 de janeiro de 1983, p. A8.
Verbas de Carnaval: 4 milhões.	<i>Diário de Pernambuco</i>	30 de janeiro de 1980, p. A10.
Cota do desfile sai já: 16 milhões para 163 clubes.	<i>Diário de Pernambuco</i>	14 de janeiro de 1983, p. A7.
Agremiações devem prestar contas.	<i>Diário de Pernambuco</i>	17 de fevereiro de 1981, p. capa
Clubes recebem a verba do Carnaval.	<i>Diário de Pernambuco</i>	27 de fevereiro de 1981, p. A11.
Prêmios: 138 clubes disputam Cr\$ 753 mil.	<i>Diário de Pernambuco</i>	28 de fevereiro de 1981, p. A10.
Clubes receberão mais de 8 Cr\$ milhões.	<i>Diário de Pernambuco</i>	09 de janeiro de 1982, p. A10
Verba para Carnaval sairá de uma só vez.	<i>Diário de Pernambuco</i>	10 de janeiro de 1982, p. A16.
Clubes desmotivados com pequenas verbas.	<i>Diário de Pernambuco</i>	19 de janeiro de 1982, p. A10
Pagamentos de Clubes amanhã.	<i>Diário de Pernambuco</i>	19 de janeiro de 1982, p. A10.
Dirigentes estão animados.	<i>Diário de Pernambuco</i>	20 de janeiro de 1982, p. A19.
Verbas do Carnaval.	<i>Diário de Pernambuco</i>	18 de janeiro de 1983, p. A8.
Agremiações recebem 100 milhões.	<i>Diário de Pernambuco</i>	25 de janeiro de 1983, p. A7.
Falta de verba ameaça desfile de agremiações.	<i>Diário de Pernambuco</i>	03 de fevereiro de 1983, p. capa.
Verbas da PMR acabam queixas.	<i>Diário de Pernambuco</i>	31 de janeiro de 1980 p. A6.
Dirigentes pedem maiores verbas para as agremiações.	<i>Jornal do Commercio</i>	18 de fevereiro de 1983, p. 08.
Clubes recebem cota da prefeitura.	<i>Jornal do Commercio</i>	05 de janeiro de 1983, p. 08.
Escassez de verbas deixa clubes preocupados.	<i>Jornal do Commercio</i>	06 de janeiro de 1983, p. 08.
Cota sai dia 15.	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de janeiro de 1983, p. 08.
Clubes vão ao prefeito pedir ajuda.	<i>Jornal do Commercio</i>	05 de janeiro de 1982, p. 10.
Clubes pedem mais ajuda municipal.	<i>Jornal do Commercio</i>	07 de janeiro de 1982, p. 10.
Krause aumenta em 80% as verbas para os carnavalescos.	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de janeiro de 1982, p. 10.
Ajuda para clubes subiu 82 por cento.	<i>Jornal do Commercio</i>	09 de janeiro de 1982, p. 03.

Ajuda a clubes é paga de uma vez.	<i>Jornal do Commercio</i>	13 de janeiro de 1982, p. 13.
Clubes já podem entrar em ação. Dinheiro em caixa.	<i>Jornal do Commercio</i>	21 de janeiro de 1982, p. 10.
Prefeitura já começou a pagar as subvenções.	<i>Jornal do Commercio</i>	18 de fevereiro de 1982, p. 10.
Agremiações recebem prêmios de 753 mil dados por Fundação.	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de fevereiro de 1981, p. 14.
Prefeitura concede novas doações a clube carnavalesco.	<i>Jornal do Commercio</i>	17 de fevereiro de 1981, p. 10.
Troça não recebe subvenção oficial.	<i>Jornal do Commercio</i>	23 de fevereiro de 1981, p. 10.
Agremiação melhor cotada recebe prêmio de Cr\$ 62 mil.	<i>Jornal do Commercio</i>	06 de fevereiro de 1981, p. 10.

Segundo os jornais, logo em seu primeiro Carnaval como prefeito, Gustavo Krause buscou aumentar o valor destinado à organização e à preparação da folia momesca. Objetivando, provavelmente, uma maior aceitação das "novas" medidas que buscou implantar nos dias momescos recifenses. As matérias dos periódicos descreveram que era marcado um evento em que seriam entregues os cheques da subvenção aos dirigentes das agremiações pelo próprio chefe do poder executivo local.³⁷⁰

Pude analisar que não havia um critério muito específico sobre o valor a ser pago para cada prática cultural (maracatus, escolas de samba, caboclinhos etc.). Da leitura dos jornais foi possível compreender que os Clubes de Frevo e as Escolas de Samba recebiam comumente o maior valor, respectivamente. Entretanto, não está explícita, nessa documentação, a justificativa porque grupo "A" recebia determinado valor e grupo "B" outro. Ao que parece, a distinção ocorria em virtude de relações políticas dos grupos, que poderiam modificar de ano para ano.

Além da cota da prefeitura, havia também outra subvenção destinada aos grupos carnavalescos, que era entregue via os vereadores. Cada parlamentar tinha direito a um valor (também não específico e que modificava de ano para ano) que ele destinava às agremiações, comumente dos bairros dentro da sua esfera política.³⁷¹ Talvez, por isso se

³⁷⁰ Krause paga subvenções a Clubes Carnavalescos. *Diario de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1980, p. A6; Prefeito entrega cotas. *Diario de Pernambuco*, 20 de janeiro de 1982, p. A19; Prefeito entrega cheques a clubes, trocas e blocos. *Diario de Pernambuco*, 02 de fevereiro de 1982, p. A10; Krause reúne-se com dirigentes de clubes. *Diario de Pernambuco*, 03 de fevereiro de 1982, p. A10; Agremiações recebem cota de Carnaval. *Diario de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1983, p. capa; Prefeito entrega cotas às agremiações que irão desfilar. *Diario de Pernambuco*, 15 de janeiro de 1983, p. A7; Agremiações recebem cheques. *Jornal do Commercio*, 15 de janeiro de 1983, p. 08.

³⁷¹ Denunciada orgia política com verbas do carnaval de 83. *Diario de Pernambuco*, 11 de janeiro 1983, p. A5; Subvenção para o carnaval é ostensivamente política. *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de

evidencie ao longo da pesquisa críticas a uma concepção do que os jornais nomeavam de "Carnaval Político".

Mesmo com o pagamento do valor das subvenções, algumas agremiações nomeadas de tradicionais pelos jornais, não desfilarão. Como foi o caso do Batutas de São José e do Banhistas do Pina. Os motivos apresentados pelos grupos eram reforma de sede ou mesmo compromissos com a liquidação das dívidas dos Carnavais anteriores.³⁷²

Os representantes da Fundação de Cultura, logo em seu primeiro ano (1980) como organizadores do Carnaval, buscaram incentivar a folia momesca por meio da (re)criação de alguns concursos, como foi o caso dos de passo³⁷³ e de estandartes,³⁷⁴ realizados no Pátio de São Pedro, dentro da programação do "Ensaio Geral".³⁷⁵ O

1980, p. 03; Agremiações recebem mais de Cr\$ 100 milhões de vereadores. *Jornal do Commercio*, 25 de janeiro de 1983, p. 08; Carnaval Político. *Diário de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1980 p. A10.

³⁷² Banhistas não sai, mas é contra a passarela. *Diário de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1980, p. A6; Batutas não sai, Banhistas também não. *Diário da Noite*, 09 de janeiro de 1980, p. 05; Falta de verbas ameaça Madeiras. *Jornal do Commercio*, 02 de fevereiro de 1980, p. 03; Batutas não desfilará vestido de chitão. *Jornal do Commercio*, 02 de fevereiro de 1980, p. 03; Arrasta tudo reclama da verba. *Jornal do Commercio*, 13 de fevereiro de 1980, p. 05; Banhista não sai, mas elogia Krause pela sua coragem. *Diário da Manhã*, 31 de janeiro de 1980, p. 06.

³⁷³ O passo é a dança que se dança com o frevo. "Passo - no sentido puramente recifense [...] é o conjunto de passos que caracterizam o bailado solista executado, nas ruas características do Recife, sob o estridor metálico de uma orquestra de frevo". OLIVEIRA, Valdemar. *Frevo, Capoeira e Passo*. Recife: CEPE, 1971, p. 61. "O passo surgiu de um processo de elaboração lento e espontâneo. Os populares que acompanham os passeios das agremiações - mas que não pertenciam às mesmas e não participavam das ensaiadas manobras - sentiam-se contagiados pelas marchas excitantes, executadas pelas orquestras. Incorporavam o ritmo vibrante das músicas e deixavam fluir os passos da dança, quase sempre individual, a sugerir agressividade e defesa. Os movimentos ágeis e definidos dos corpos, por sua vez, retornavam aos músicos e inspiravam novos acordes, num processo incessante de troca, improvisação e criação coletiva". ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit. 1996, p. 362.

³⁷⁴ "O estandarte é uma bandeira retangular, cuja parte mais estreita é presa a um varão de metal, que forma uma cruz ao ser sustentado por uma haste do mesmo material. Tem a dimensão que varia, por vezes 250 por 135 centímetros, e atinge a altura superior a quatro metros quando fixado ao talabarte do seu condutor. Um estandarte chega a pesar, quando armado, de 40 a 50 quilos requerendo do porta-estandarte singular habilidade, de modo a manter o pavilhão da agremiação carnavalesca sempre no alto e em destaque sobre a multidão frevolenta que acompanha o préstito, saracoteando ao som de uma fanfara de metais quase sempre formada por três dezenas de músicos". SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit. 2000, p. 243.

³⁷⁵ Porta-Estandarte tem 1º concurso no sábado. *Jornal do Commercio*, 16 de janeiro de 1980, p. 04; Concursos de porta estandarte no pátio de São Pedro. *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1980 p. A5; Porta estandarte disputam final. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1980 p. A12; Estandartes no pátio dia 3. *Diário de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1980 p. A6; Troféu estandartes para os campeões dos desfiles. *Diário de Pernambuco*, 11 de fevereiro de 1982, p.B1; Porta Estandarte é atração três dias. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1982, p.A6; Fundação dará Cr\$ 60 mil em prêmios a porta-estandartes. *Diário de Pernambuco*, 22 de janeiro de 1983, p.A6; Sugerido concurso de passo. *Diário de Pernambuco*, 23 de janeiro de 1980 p. A7; Prefeitura também incentiva novos passistas. *Jornal do Commercio*, 22 de janeiro de 1980, p. 06; Concurso de estandarte terá seu final amanhã. *Jornal do Commercio*, 01 de fevereiro de 1980, p. 03; Porta-Estandartes podem se inscrever em concurso. *Jornal do Commercio*, 04 de fevereiro de 1981, p. 10; Concursos movimentam Recife antes do Carnaval. *Jornal do Commercio*, 05 de fevereiro de 1981, p. 09; Porta-Estandarte será atração hoje no Pátio. *Diário da Manhã*, 13 de janeiro de 1980, p. 08; Porta-Estandartes são classificados para finalíssima. *Diário da*

certame do passo consistia na escolha do melhor passista de frevo. Os concorrentes se inscreviam e passavam por uma série de eliminatórias até a escolha final do melhor candidato dias antes da abertura do Carnaval. Sobre esses concursos, o *Diário da Noite* destacou:

[...] a Fundação de Cultura Cidade do Recife promoverá, neste fim de semana, outros concursos estando o frevo em evidência. Hoje, haverá uma competição, à noite, entre passistas, o que deverá se repetir todas as semanas, premiando aqueles que melhor se apresentarem.³⁷⁶

Os estandartes são elementos importantes na história do Carnaval do Recife. Estão associados aos clubes pedestres. Em torno dos estandartes há algo de sagrado. É um símbolo que emite sinais de respeito e veneração. Como definiu Waldemar Valente, "são símbolos dotados de forte poder significativo capazes de encarnar a própria instituição que representam".³⁷⁷ A respeito da importância dos estandartes no Carnaval do Recife, a historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo discorreu:

Havia algo de sagrado nos estandartes, algo que evocava respeito e veneração de seus significados e admiradores. Por outro lado, tinham o poder de despertar a ira e os ressentimentos de seus inimigos e rivais. Os estandartes cumpriam importante função ritual nas passagens dos cortejos carnavalescos pelas ruas. Eram eles que se curvavam à frente de instituições, personalidades e sociedades congêneres, em sinal de cumprimento e de respeito, ou silenciavam, indicando protesto e hostilidade.³⁷⁸

E os estandartes foram uma boa oportunidade para que os representantes da Fundação de Cultura se alinhassem ao discurso da tradição, haja vista que esses elementos se filiam a uma memória oficial e positiva do Carnaval do Recife. E, provavelmente, foi num diálogo com esses sentidos que os concursos de estandartes foram criados.

Manhã, 31 de janeiro de 1980, p. 03; Porta-Estandarte terão concurso no Pátio. *Diário da Manhã*, 16 de janeiro de 1980, p. 03; Porta-Estandarte voltam ao Pátio e disputam título. *Diário da Manhã*, 26 de janeiro de 1980, p. 03.

³⁷⁶ Frevo e Porta-Estandartes. *Diário da Noite*, 11 de janeiro de 1980, p. 05.

³⁷⁷ VALENTE, Waldemar. Gonfalões, Bandeiras e Estandartes, In: SOUTO MAIOR, Mário. SILVA, Leonardo Dantas (Orgs.). *Antologia do Carnaval do Recife*. Recife: Editora Massangana, 1991, p. 377.

³⁷⁸ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit., 1996, pp. 339-340.

O concurso de estandarte tinha por objetivo a escolha do mais belo e criativo pavilhão dentre todas as agremiações desfilantes. Os grupos escreviam seus representantes que participavam das seletivas até a escolha do vencedor. Esse certame também era realizado durante a semana pré-carnavalesca.³⁷⁹ Sobre como foi realizado esses concursos em 1980, o *Jornal do Commercio* publicou a seguinte matéria:

A Fundação de Cultura também promoverá, domingo, no Pátio de São Pedro, a segunda eliminatória do concurso de porta-estandartes reunindo candidatos das principais agremiações carnavalescas desta capital.³⁸⁰

Entretanto, os certames não ficaram restritos apenas aos marmanjos, as crianças também tiveram a oportunidade de participar de concursos, como os de Passo Mirim, nos moldes do realizado pelos adultos, e de um Baile Infantil. Os certames eram realizados durante o período pré-carnavalesco, sempre nas tardes de domingo na Praça do Derby.³⁸¹ Sobre o concurso das crianças em 1980, o *Jornal do Commercio* discorreu:

Dois concursos de passo, no Pátio de São Pedro - para adultos - e outro na Praça do Derby - para crianças - estão movimentando os foliões desta Capital, numa promoção da Prefeitura, através da Fundação de Cultura. O concurso de passo para adulto realizado todas as sextas-feiras no Pátio de São Pedro, está na segunda eliminatória e o infantil vem se realizando com sucesso aos domingos, à tarde, na Praça do Déربي (sic). As duas promoções objetivam incentivar o carnaval de rua do Recife, que este ano será de participação. No concurso serão distribuídos valiosos prêmios aos principais classificados.³⁸²

Essas foram as principais questões que os periódicos noticiaram como as práticas que representaram o "Carnaval Participação" do Recife que, segundo Leonardo Dantas, "existiu no Recife de 1980 a 1983".³⁸³ Na leitura dessa documentação, pude compreender que o objetivo central do novo órgão, criado especificamente para cuidar do festejo momesco, a Fundação de Cultura foi tentar "recuperar" o Carnaval de rua do Recife.

³⁷⁹ Concurso de Porta-Estandarte no Pátio de São Pedro. *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1980, p. A5.

³⁸⁰ Prefeitura também incentiva novos passistas. *Jornal do Commercio*, 22 de janeiro de 1980, p. 6.

³⁸¹ Melhor folião mirim ganhará bicicleta. *Diário de Pernambuco*, 27 de janeiro de 1980, p. A15.

³⁸² Prefeitura também incentiva novos passistas. *Jornal do Commercio*, 22 de janeiro de 1980, p. 6.

³⁸³ SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit., 2000, p. 300.

E o "resgate" do Carnaval de rua passava fundamentalmente pela "recuperação" do frevo que, como expressavam as matérias de jornais, havia perdido espaço nas ruas para os concursos de agremiações ocorridos na passarela e decaído no prestígio popular para as escolas de samba, que cresciam vertiginosamente no Recife.

3.5. "Carnaval Participação": a festa do Frevo e da Frevioca

O Frevo é uma manifestação cultural associada ao Estado de Pernambuco. Segundo o folclorista Evandro Rabello, a palavra "Frevo" apareceu pela primeira vez na imprensa pernambucana em 9 de fevereiro de 1907 por meio do Jornal Pequeno que, ao destacar o repertório do Clube Carnavalesco Empalhadores Feitosa mencionou, entre as músicas a serem tocadas pela orquestra, a marcha "O Frevo".³⁸⁴ Para os pesquisadores Lucas Victor Silva e Amilcar Bezerra:

A palavra nasceu como corruptela de "ferver" e designava, nas primeiras décadas de uso, o cortejo em ebulição formado pelas multidões carnalizadas que se apertavam nas ruas do Recife ao acompanharem os "clubes pedestres", que viriam dar origem aos atuais "clubes de frevo".³⁸⁵

O Frevo, enquanto ritmo musical, nasceu em meio às apresentações dos Clubes Pedestres. Essas agremiações têm sua emergência associada ao pós-Abolição. São formadas, em sua maioria, por pessoas pobres, oriundas das categorias de trabalhadores urbanos, como os estivadores, os carpinteiros, os funileiros, os verdureiros, entre outros. Os nomes dos grupos comumente referem-se ao cotidiano do mundo do trabalho (Pás, Vassourinhas, Caiadores, Espanadores). Sobre a formação dos Clubes Pedestres, a historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo comentou:

Os clubes reuniam geralmente pessoas de uma mesma profissão, ocupação ou local de trabalho - uma fábrica, uma casa comercial, uma rua onde se concentrassem trabalhadores de um mesmo ofício. Outras vezes, estruturavam-se tendo por base laços de parentescos,

³⁸⁴ RABELLO, Evandro. *Memórias da folia: o carnaval pelos olhos da imprensa (1822-1925)*. Recife: Funcultura, 2004, p. 167. Sobre isso ver também o artigo que Evandro Rabello publicou no Diário de Pernambuco em 11 de fevereiro de 1990.

³⁸⁵ SILVA, L. V.; Bezerra, A. A. Op. Cit., 2006, p. 82.

participando homens, mulheres e até crianças, ou então, de vizinhança - moradores de uma mesma rua, quadra ou freguesia.³⁸⁶

As músicas desses clubes pedestres eram tocadas pelas bandas do Exército ou da Polícia e, ao se apresentarem, misturavam sonoridades de diversos gêneros por eles executados. Foi desse amálgama que o Frevo começou a "frever" no Recife. Sobre isso os pesquisadores Lucas Victor Silva e Amilcar Bezerra discorreram:

A marcha instrumental que deu origem ao "frevo-de-rua" surgiu como fusão de peculiaridades das polcas, valsas, maxixes, tangos, quadrilhas, marchas, modinhas e dobrados existentes no eclético repertório destes grupos. O repertório dos "clubes pedestres" era um amálgama musical forjado nos bocais, paletas e baquetas dos livres pobres e, provavelmente, ex-escravos, e até ex-capoeiras, que faziam parte das bandas militares. Podemos dizer que a música que seria rebatizada de "frevo de rua" foi fruto do encontro de tradições musicais europeias com o sotaque musical de herdeiros do caldo cultural de ex-escravos e pobres livres de um centro urbano como o Recife nos fins do Império.³⁸⁷

Em suas apresentações, os clubes pedestres passaram a atrair valentões, capoeiras, gatunos e muitos outros que pertenciam ao mundo da desordem.³⁸⁸ Os jogadores de capoeiras, com gingados e habilidades exerceram forte influência na criação dos passos do frevo e tiveram logo seu jeito de dançar seguido pelos outros foliões. E, desse processo emerge o "passo", a dança do frevo.

A consolidação do frevo, enquanto gênero musical que se conhece, deve-se ao maestro Zuzinha (José Lourenço da Silva). Por volta de 1916 ele fixou diferenças significativas entre a nova "marcha-frevo" e a antiga "marcha-polca".³⁸⁹ Mais tarde, outras diferenças do ponto de vista da sonoridade foram incorporadas ao frevo pelos compositores Levino Ferreira, Capiba e Nelson Ferreira, influenciados, provavelmente, pelo jazz.³⁹⁰

E somente por volta da década de 1930 foi que se estabeleceu a subdivisão do ritmo em frevo-de-rua, frevo-de-bloco e frevo-canção. O frevo-de-rua é meramente

³⁸⁶ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit., 1996, pp. 341-342.

³⁸⁷ SILVA, L. V.; Bezerra, A. A. Op. Cit., 2006, pp. 82-83.

³⁸⁸ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Op. Cit., 1996, p. 367.

³⁸⁹ DINIZ, André. *Almanaque do Carnaval: a história do Carnaval, o que ouvir o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008, p. 128.

³⁹⁰ SILVA, L. V.; Bezerra, A. A. Op. Cit., pp. 82-83.

orquestral, sem letra e executado para a dança. Já o frevo-canção é uma introdução ao frevo comum, tem uma parte cantada em andamento mais próximo à marcha. Já o frevo-de-bloco é composto para ser tocado pelas orquestras de pau e corda.³⁹¹

Segundo a historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo, foi durante as primeiras décadas da República que o frevo se consagrou plenamente como expressão pública e popular do Carnaval do Recife³⁹² e na década de 1930, por meio da emergência da Federação Carnavalesca, foram lançadas as bases para a ascensão do frevo enquanto símbolo de uma identidade cultural pernambucana.

As leis que buscaram normatizar a festa carnavalesca desde 1955, quando a Prefeitura do Recife assumiu a organização do Carnaval, determinavam que as instituições responsáveis pelo festejo deveriam criar e incentivar concursos de músicas de frevo e de dança (passo). É o que destaca o artigo 2º da Lei Municipal nº 3.346/55:

Art. 2º Caberá ainda ao Departamento de Documentação e Cultura instituir anualmente concursos de: música (frêvos (sic) e frêvos canções (sic)) e passo.

§ único. Os Autôres (sic) das músicas classificadas e bem assim os passistas serão premiados, de acôrdo (sic) com o que fôr (sic) previamente estabelecido pelo Prefeito do Recife.³⁹³

A partir de 1964 essas leis prescreviam que os concursos de músicas passassem a distinguir os tipos de frevo (de rua, de bloco e canção) e incluir também o Maracatu.³⁹⁴ Entretanto, essa determinação não era seguida em sua integridade. Os concursos de música de frevo não tinham muita efetividade e as "novas" composições não caíam no gosto popular.

³⁹¹ DINIZ, André. *Almanaque do Carnaval: a história do Carnaval, o que ouvir o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008, pp. 129-130.

³⁹² ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: Máscaras do Tempo. Entrudo, Mascarada e Frevo no Carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996, p. 400.

³⁹³ Lei Municipal Nº 3. 346, de 07 de junho de 1955, sancionada pelo prefeito Djair Brindeiro. Disponível in: <http://www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 18/12/2015.

³⁹⁴ A Lei nº 9.355 de 11 de dezembro de 1964, sancionada pelo prefeito Augusto Lucena, que instituiu a Comissão Organizadora do Carnaval (COC) e determinava que: "Art. 5º A c.o.c. instituirá, também, anualmente, concursos para passistas e de músicas, nas categorias de: I - frevo de rua; II - frevo de bloco; III - frevo canção; IV - maracatu (sic). Parágrafo único. Os campeões de passo e autores das músicas classificadas serão premiados de acordo com o que for previamente estabelecido, em regulamento, pela C.O.C.". Em 1972 a Lei Municipal nº. 10. 537 de 14 de março, sancionada pelo prefeito Augusto Lucena, que instituiu a Comissão Promotora do Carnaval (CPC) e prescrevia que caberia a essa comissão: "realização de concursos de músicas carnavalescas das categorias de frêvo (sic) de rua, frêvo (sic) de bloco, frêvo (sic) canção e maracatus". Leis municipais disponíveis em: <http://www.legiscidade.recife.pe.gov.br> Acesso em 18/12/2015.

Evidentemente, sabe-se que as novas músicas de frevo não tinham grande inserção, pois não se enquadravam no perfil defendido pela Indústria Cultural. As principais gravadoras estavam no eixo Rio-São Paulo e o que era consumido enquanto mercadoria deveria dialogar com essas localidades.

Some-se a isso o fato de que o frevo, durante a década de 1970, já assentado como símbolo de uma cultura local, foi perdendo espaço para outros ritmos musicais. Foi em meio a esse debate que os jornais comumente relatavam a defesa de intelectuais locais ao "ritmo da terra", que estava sendo desprestigiado e ameaçado por uma cultura externa, no caso as escolas de samba.

Em meio a essas questões, e visando atender à solicitação das leis municipais que regulamentavam o festejo carnavalesco, o presidente da Fundação de Cultura, Leonardo Dantas Silva, criou, em 1979, o Encontro Nacional do Frevo e do Maracatu, conhecido como Frevança. Sobre esse concurso, o referido jornalista escreveu:

O Concurso Oficial de Músicas Carnavalescas, previstos nas legislações, recebeu de mim a marca *Frevança: Encontro Nacional de Frevo*, para o qual iniciamos as inscrições em junho. Como uma co-produção (sic) da Rede Globo Nordeste, [...] o primeiro *Frevança* veio a tornar-se realidade nos dias 14, 21 e 28 de setembro, além de uma finalíssima em 4 de outubro daquele ano de 1979, no Teatro do Parque que fora transformado num imenso salão de festas.³⁹⁵

O objetivo da criação do concurso foi de renovar, de promover e de divulgar o frevo. Essa medida pode ser encarada como mais uma tentativa do poder público municipal, por meio dos representantes da Fundação de Cultura, de criar estratégias que visavam (re)inserir o frevo no lugar de prestígio que, segundo as narrativas dos jornais, tinha sido perdido ao longo da década de 1970.

A Fundação de Cultura premiava os frevos vencedores do concurso "Frevança" com a gravação de um LP, numa tentativa de incentivar o crescimento do ritmo. E foi dentro desse cenário de expectativas para o lançamento do disco que o festival Frevança apareceu nos jornais no período da pesquisa.

Debates sobre a demora na gravação, divulgação e qualidade das músicas frequentavam as manchetes dos periódicos. Os LPs eram produzidos pela Fábrica de

³⁹⁵ SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit. 1991, p. LXXXIX. (Grifos do Autor).

Discos Rozenblit.³⁹⁶ Entretanto, a referida gravadora estava em vias de fechar as portas no início da década de 1980. Nessa situação, atrasava-se a produção e divulgação das obras, o que provocou queixas, não só de compositores de frevo, como também do próprio prefeito da cidade. Sobre esses conflitos, em 1983, o *Diário de Pernambuco* destacou:

- A divulgação das músicas carnavalescas torna-se difícil face ao desinteresse das emissoras de rádio FM, que preferem músicas de compositores e intérpretes do Sul por causa da qualidade da gravação. Disse o compositor Getúlio Cavalcanti, para quem, também, falta apoio oficial permanente. - A Fundação de Cultura do Recife, promoveu, em setembro, concurso de música carnavalesca e só em janeiro deste ano o disco foi editado, ou seja, 30 dias antes do Carnaval. É impossível aprender, num espaço de tempo tão curto, 12 músicas. [...].³⁹⁷

"É preciso que o frevo seja incluído nas programações de rádios e TVs desde agora e não apenas nos três dias de folia". Foi o apelo feito, ontem, pelo prefeito Jorge Cavalcante aos diretores das emissoras de rádio e televisão do Estado, quando apresentou à Imprensa o Plano do Carnaval do Recife. [...].³⁹⁸

Ao que parece, as estratégias de divulgação do frevo criadas pelos representantes da Fundação de Cultura não surtiram muito efeito. Para o jornalista José Teles: "De nada adiantaram esforços como os festivais, Frevança, promovido pela Prefeitura do Recife, nos primeiros anos, e depois pela TV Globo Nordeste, os Recifrevoé, promovidos pela Prefeitura do Recife com a TV Jornal".³⁹⁹ De acordo com Teles, essas medidas em nada ajudaram o frevo a se renovar.

Dentro desse processo de renovação e incentivo ao frevo do início dos anos de 1980, os jornais relataram que um dos grandes sucessos que apareceram durante o "Carnaval Participação" foi uma orquestra volante composta por 28 músicos. Esta saía pelas ruas do Recife, no período momesco, tocando e cantando frevos sob regência do

³⁹⁶ A Rozenblit, na década de 1980, vivia do seu parque gráfico, os estúdios tornaram-se obsoletos. Atingida por mais duas grandes inundações, em 1975 e 1977, a empresa, que já estava afundada em débitos, viu seus equipamentos desaparecer sob a lama trazida pelo Rio Capibaribe. TELES, José. *O Frevo Rumo à modernidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008, p. 84.

³⁹⁷ Getúlio Cavalcanti condena boicote das estações de FM. *Diário de Pernambuco*, 26 de janeiro de 1983, p. A7

³⁹⁸ Prefeito pede que rádio e TV toquem frevo. *Diário de Pernambuco*, 07 de janeiro de 1983, p. Capa.

³⁹⁹ TELES, José. Op. Cit., 2008, p. 83.

maestro Ademir Araújo,⁴⁰⁰ tendo como cantor Claudionor Germano.⁴⁰¹ Essa nova criação da folia foi a que recebeu de Leonardo Dantas o nome de "Frevioca".⁴⁰²

Ao atribuir o nome "Frevioca", o presidente da Fundação de Cultura afirma ter se inspirado nas descrições do folclorista Pereira da Costa, que a conceitua como "pândega, folia, divertimento; *club* (sic), troça, cordão carnavalesco: 'essa bem feita frevioca dos *Carregadores de Piano* prepara-se cada vez mais para os dias de Carnaval".⁴⁰³ Sobre o que foi a Frevioca, o jornal Diário da Noite publicou matéria em 1980 com o título "Que danado é a Frevioca?":

Novo vocábulo vem tomando conta da cidade do Recife, neste Carnaval. Ele movimentava as massas de foliões, sendo pronunciado por todo mundo com alegria, levando euforia aos ambientes onde é anunciado. Mas afinal, o que vem a ser FREVIOCA? O nome está na boca de todo mundo, mas o que é mesmo a FREVIOCA? Um carro alegórico, profusamente iluminado, com a figura de dois passistas (3,60m cada uma), em cada um dos lados. A Orquestra Popular do Recife, com 28 músicos comandados pelo maestro Ademir Araújo, uma orquestra de pau e corda (típica dos blocos do Recife), um sistema de som com 1.500 watts de potência e o consagrado cantor Claudionor Germano. É a grande novidade da Fundação de Cultura Cidade do Recife para este Carnaval.⁴⁰⁴

Os jornais descrevem que a Frevioca foi um grande sucesso durante o "Carnaval Participação": ela arrastava multidões por onde passava. O carro volante, embalado pelo som do frevo, se apresentou diariamente nas noites da semana pré-carnavalesca,

⁴⁰⁰ Ademir Souza Araújo, conhecido como "Maestro Formiga", iniciou sua carreira em meados dos anos de 1950. Foi aluno de figuras importantes da cena musical pernambucana, como Jaime Diniz e Guerra Peixe. Membro da Comissão Pernambucana de Folclore. Recebeu o título de "Memória viva de Pernambuco". Foi um dos homenageados do Carnaval do Recife de 2008. Atualmente integra a Academia Pernambucana de Música.

⁴⁰¹ Claudionor Germano da Hora nasceu no Recife em 19 de abril de 1932, iniciando sua carreira artística na Rádio Clube. É um dos mais importantes cantores de frevo do Recife, o preferido de muitos dos compositores de música para o Carnaval, como Capiba e Nelson Ferreira.

⁴⁰² Sobre isso ver as seguintes matérias: Frevioca animará as ruas. *Diário de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1980, p. A8; A Frevioca arrasta povo. *Diário da Manhã*, 20 de fevereiro de 1982, p. capa; "Frevioca" vai estrear este ano no Carnaval do Recife. *Diário da Manhã*, 05 de fevereiro de 1980, p. 03; Frevioca e Bloco Azul formam nas ruas o "Volante do Frevo". *Diário da Manhã*, 08 de fevereiro de 1980, p. 03; Frevioca alegre o Carnaval. *Jornal do Commercio*, 06 de fevereiro de 1980, p. 05.

⁴⁰³ SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit., 2000, p.295.

⁴⁰⁴ Frevioca. Que danado é isso aí? *Diário da Noite*, 14 de fevereiro de 1980, p. 05.

cumprindo rigorosamente um roteiro, previamente já estabelecido pela Fundação de Cultura. Durante os dias festivos, ela se apresentava tanto à tarde como à noite.⁴⁰⁵

A força desse novo elemento foi tão grande que Leonardo Dantas chamou os dias momescos entre 1980 e 1983 dos "Carnavais da Frevioca".⁴⁰⁶ Em 1983, a Frevioca já era nomeada pelos jornais como uma prática "tradicional" da festa carnavalesca recifense, recebendo, inclusive, patrocínio do Banco do Estado de Pernambuco (Bandepe) para suas apresentações.⁴⁰⁷ E pelo que pude acompanhar junto aos jornais, a Frevioca continuou um sucesso de público e crítica. Sobre a importância desse elemento para o Carnaval do Recife na segunda metade da década de 1980, o cronista carnavalesco Stélio Gonçalves comentou o seguinte, numa matéria do Suplemento Cultural de 1990:

[...] existe algo que está minando essa falta de frevo. É a Frevioca. "Foi uma invenção que deu certo. Não é um trio elétrico, é uma orquestra no alto de um veículo. E pode rodar por vários lugares. Atualmente, no Recife, existem duas. E o mais importante, elas tocam principalmente nosso frevo".⁴⁰⁸

É importante perceber na narrativa atribuída a Stélio Gonçalves que ele procurou construir um lugar bem específico para a Frevioca. Ela era algo que estava "salvando" o frevo, haja vista que este comumente apareceu na documentação como ameaçado de desaparecimento. Outra questão foi que o articulista buscou: marcar as diferenças da Frevioca para com o trio elétrico. Como se sabe, o trio elétrico foi uma construção baiana e, para Stélio Gonçalves, algo externo não poderia ter destaque no Carnaval

⁴⁰⁵ "Frevioca" é a maior atração da semana. *Jornal do Commercio*, 18 de fevereiro de 1981, p. 10; Orquestra volante vai alegrar as ruas da capital. *Jornal do Commercio*, 19 de fevereiro de 1981, p. 10; Frevioca estará nas ruas em fevereiro. *Jornal do Commercio*, 25 de janeiro de 1983, p. 08; Carro alegórico da frevioca já está pronto para o desfile. *Jornal do Commercio*, 02 de fevereiro de 1983, p. 08; Frevioca anima Carnaval de Rua. *Jornal do Commercio*, 09 de fevereiro de 1983, p. 08; Frevioca sai as 20 horas. *Diário de Pernambuco*, 16 de fevereiro de 1982, p. A10; Frevioca clímax da folia. *Diário de Pernambuco*, 2 de fevereiro de 1982, p. A13; Frevioca será a atração da semana pré-carnavalesca. *Diário de Pernambuco*, 15 de janeiro de 1983, p. A7; Frevioca todas as noites. *Diário de Pernambuco*, 23 de janeiro de 1982, p. A7; Frevioca poderá sair em outras festas do ano. *Diário da Noite*, 17 de março de 1982, p. 08; Frevioca faz a folia na pracinha. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1980, p. capa; Frevioca. *Diário de Pernambuco*, 19 de fevereiro de 1981, p. A11; Frevioca, grande atração. *Diário de Pernambuco*, 27 de janeiro de 1982, p. A7; De novo Frevioca. *Diário de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1983, p. A5; Frevioca começa arrancada amanhã. *Diário de Pernambuco*, 06 de fevereiro de 1983, p. A15; Frevioca leva alegria ao centro. *Jornal do Commercio*, 16 de janeiro de 1983, p. 17.

⁴⁰⁶ SILVA, Leonardo Dantas. Op. Cit., 2000, p.295.

⁴⁰⁷ Fundação da Cultura com programação pronta. *Jornal do Commercio*, 05 de janeiro de 1983, p. 08; Cavalcante define modo do Carnaval. *Jornal do Commercio*, 02 de janeiro de 1983, p.07.

⁴⁰⁸ A Passarela da incompetência (Texto de Helena Sales). *Suplemento Cultural*, Março de 1990, p. 9.

local, haja vista que no Recife só poderia ser louvado aquilo que estivesse enquadrado dentro do "conjunto das tradições carnavalescas".⁴⁰⁹

Ainda sobre o destaque da Frevioca na segunda metade dos anos de 1980, destaco uma matéria do Diário de Pernambuco de 1985. Nela, o articulista procurou destacar a relevante atratividade que o elemento provocava nos foliões durante as celebrações ao deus da galhofa.

Uma ideia feliz é essa que se está implantando em veículo de tração motora transformado em um bonde, com orquestras e cantores, na tentativa de, percorrendo as ruas da cidade, durante o período momesco, animar o Carnaval recifense. O velho Recife de Santo Antônio e de São José começou a ferver nesta semana pré-carnavalesca, **com a "Frevioca", uma versão bem pernambucana dos trios elétricos, com vantagens outras que aos poucos há de pegar. Não há de ter exigido investimentos maiores, pois tudo se exhibe com tradições do Carnaval pernambucano.** A "Frevioca" promove assim um reencontro com temas recifenses: o bonde, a orquestra, o solista, o frevo, enfim, arrastando multidões, sob o ritmo contagiante da música genuinamente pernambucana. Pelas previsões, haveremos de ter um dos mais animados carnavais dos últimos anos, apesar das tremendas dificuldades. Mas é como diz o poeta: ninguém é de ferro.⁴¹⁰

Interessante compreender alguns conflitos em torno da Frevioca. Tenho demonstrado como esse elemento foi retratado pelos periódicos como uma relevante novidade do "Carnaval Participação" no início da década de 1980, bem como apresentado o sucesso que, segundo as narrativas dos jornais, causou durante os dias gordos. Entretanto, o editorial anteriormente citado, publicado no Diário de Pernambuco, retratou a Frevioca em 1985 como uma novidade, mesmo já tendo se passado cinco Carnavais desde a sua estreia pelas ruas do Recife.

⁴⁰⁹ Carlos Sandroni, ao discutir as manifestações populares em Pernambuco, mais especificamente os Maracatus de Baque Virado, afirma que "para enfatizar o conflito e as relações de poder, seria possível falar também em 'hierarquia' ou 'estrutura' da tradicionalidade". Assim, levando em conta essa "hierarquia" dentro do campo das tradições, acredito que no Carnaval essa questão também se faz presente, em que o frevo deve ocupar o primeiro posto do que é entendido como "conjunto das tradições carnavalescas local" e os Maracatus, o segundo lugar, relegando às demais práticas os postos subsequentes. Para saber mais sobre as discussões do professor Carlos Sandroni, ler: SANDRONI, Carlos. Tradições e suas controvérsias no Maracatu de Baque Virado, In: GUILLEN, Isabel. C. M. (Org.). *Inventário Cultural dos Maracatus*. Recife: Ed. da UFPE, 2013, p. 37.

⁴¹⁰ Frevioca. *Diário de Pernambuco*, 13 de fevereiro de 1985, p. A6. (Grifos meu).

Outra questão é que o editorial associa a Frevioca a "[...] uma versão bem pernambucana dos trios elétricos [...]". Num cenário de fortes defesas da pernambucanidade, a presença de um elemento associado aos carnavais baianos não parece ter provocado grandes alaridos. Isso, talvez, porque essa prática baiana ainda não causava grande atratividade na população local e com isso não "ameaçava" macular o que intelectuais nomeiam da legítima "tradição carnavalesca recifense". Além disso, destaca a Frevioca "com vantagens outras que aos poucos há de pegar", ou seja: o sucesso relatado anteriormente não parece se evidenciar aqui, retratando com isso um cenário diferente do enunciado por outras matérias.

Os indícios da presença dos trios elétricos no Carnaval recifense sinalizam outra questão. Bem próximo ao centro do Recife, mais especificamente na orla da praia de Boa Viagem, desde meados da década de 1970 emergia uma tímida festa carnavalesca. Com o passar dos anos e a chegada da Fundação de Cultura em 1985 para organizar aquela folia, ela começou a ganhar proporções bem maiores.

O Carnaval da praia de Boa Viagem se apresentava nos jornais como uma festa moderna, era para lá que a juventude acorria e lotava os eventos durante a semana pré-carnavalesca e o próprio período festivo de Momo. Entre as peculiaridades dessa festa temos a presença dos trios elétricos e, no final dos anos de 1980, da "axé music".

A pândega do centro do Recife continuou sendo marcada pela força das escolas de samba. Ao longo da década de 1980 a passarela, as arquibancadas e a força dos concursos de agremiações foram retomadas. Ou seja, as marcas do "Carnaval Espetáculo" retornaram ao festejo momesco. Durante esses anos a folia de Momo recifense foi abalizada por esses dois pólos: o centro, marcado pelo desfile de agremiações, e a orla da praia de Boa Viagem com seu Carnaval dos trios elétricos.

Assim, convido o leitor e a leitora a conhecerem um pouco mais sobre a emergência, as disputas e os conflitos em torno do Carnaval da praia de Boa Viagem. Essa festa se apresentou nos jornais como mais um modelo de folia vivenciado na capital pernambucana ao longo da década de 1980. Este trabalho já foi embalado pelo som do samba e do frevo. E agora será a vez da "axé music"? Será que o canto da cidade do Recife será mesmo esse? Bem, essas são perguntas que só saberá responder quem virar a próxima página e seguir adiante. Vamos embora! Afinal não chegou a quarta-feira ingrata, ainda são dias de festa! É Carnaval no Recife!

CAPÍTULO III

4. O CARNAVAL DE BOA VIAGEM: a baianização da festa?

(1979-1990)

Busco, nessas linhas, apresentar ao leitor e à leitora o que os jornais elegeram como acontecimentos relevantes em torno do Carnaval que se fazia na orla da Boa Viagem. Diante disso, fiz uma leitura cuidadosa das matérias contidas nos periódicos e descrevi os principais cenários enredados.

Para a construção do argumento, busco intercalar, entre as análises empreendidas, trechos das matérias dos jornais. Objetivo deixar claro ao leitor e à leitora o formato da narrativa construída pelos periódicos, para que assim possam ter acesso à linguagem utilizada e aos elementos que foram priorizados na construção dos discursos.

Em muitos momentos, o leitor ou a leitora poderá observar que há vários trechos de matérias que dizem coisas semelhantes, todavia, são de diferentes jornais. Intenciono, com isso, demonstrar que o acontecimento descrito teve importante repercussão na imprensa local, sendo retratado por diferentes publicações.

Início esse capítulo com o que chamo de *O Carnaval dos Bairros, o caso de Boa Viagem*. Nesse tópico busquei analisar os primeiros sinais (dentro do recorte temporal proposto para esta pesquisa, 1980-1990) do tríduo momesco realizado na orla da famosa praia recifense. Conto como foram organizadas as primeiras folias da década de 1980 e qual o cenário construído pela imprensa para aquela festa. Importante é perceber aqui os indícios de uma festa que começou timidamente com as orquestras de pau e corda e, aos poucos, sua feição foi modificada com a entrada em cena dos trios elétricos até assumir o posto de um dos mais relevantes polos da cena carnavalesca recifense.

O segundo tópico do capítulo, *Ei pessoal, ei moçada, o Carnaval começa com o Galo da Madrugada*, se propôs a analisar a introdução do Galo da Madrugada na folia de Boa Viagem. O iniciei narrando um pouco a própria história do afamado Clube de Máscaras e suas principais atividades ao longo da década de 1980. Para tanto, esquadrinho os primeiros momentos desta agremiação naquela pândega e quais foram os desdobramentos de sua presença. Acredito que a presença da agremiação, que era apresentada pelos jornais como umas das principais forças da cena carnavalesca local, foi para reforçar e promover a folia na localidade de Boa Viagem.

No terceiro tópico, *Boa Viagem ou Olinda: novos Carnavais?*, destaco a chegada da Fundação de Cultura Cidade do Recife para organizar a festa da famosa praia. Acredito ser esse um momento de importantes modificações nesta folia que, em seus desdobramentos, modificaram o próprio cenário da festa. Dito de outra forma, quero sinalizar que ao assumir os festejos de Boa Viagem, a FCCR introduziu elementos que transformaram aquela folia. Essas modificações colocaram em cena as disputas entre a folia realizada naquela localidade e a pândega promovida em Olinda.

Em *Trios elétricos: entre a tradição e a baianização da festa* busco demonstrar como a folia da famosa praia recifense foi sendo modificada pela presença de elementos comumente associados ao Carnaval baiano. Diante disso, cartografei, nas matérias dos jornais, os primeiros sinais da emergência dos trios elétricos em Pernambuco. Busquei acompanhar como essas práticas foram se consolidando pelo Carnaval de Boa Viagem, chegando ao ponto de serem consideradas elementos tradicionais desta folia.

Espero ter deixado claro as principais questões que abordei nesse capítulo e que caminhos optei para contar essas histórias. Desejo que os rastros lançados nestas linhas iniciais possam ter aguçado a curiosidade do leitor e da leitora para que possam seguir em frente na leitura.

Se continuarem a leitura vão encontrar narrativas que envolvem conflitos e tensões em torno das disputas pelas políticas de identidade e de autenticidade implantadas no Recife dos anos 1980, mas essas histórias serão contadas em ritmo de festa, pois foram tempos de folia em Boa Viagem. Ave, César! É Carnaval!

4.1 O Carnaval dos bairros, o caso de Boa Viagem

Pela leitura dos jornais, pude visualizar que desde meados da década de 1970 os organizadores do Carnaval não tinham que pensar "apenas" na festa em si, havia outros problemas da cidade que deveriam ser levados em consideração. Com o crescimento populacional do Recife e da própria festa, era necessária toda uma estrutura que a cidade não tinha ou não se preparava para ter.

Recorrentemente as publicações destacavam que os organizadores da festa carnavalesca tinham de enfrentar os problemas com o transporte público. Como os desfiles encerravam-se pela madrugada, os foliões tinham dificuldades em voltar para casa. Outra questão envolvia o transporte dos integrantes das agremiações. Muitos desses grupos se localizavam em lugares distantes do centro da cidade, onde ocorriam

os desfiles. E, para que os desfilantes pudessem se apresentar, toda uma estrutura deveria ser montada, o que não ocorria e isso, obviamente, gerava reclamações. Segundo os jornais, a solicitação de ônibus ao prefeito foi uma das principais reivindicações dos dirigentes dos grupos carnavalescos.⁴¹¹

Provavelmente, pensando nesses problemas, quem organizava a festa decidiu incentivar o Carnaval de bairro ou dos subúrbios para que nas próprias regiões periféricas pudesse se realizar a festa carnavalesca. E, com isso diminuía o quantitativo de pessoas que se deslocavam ao centro do Recife para se entregarem à folia momesca.⁴¹² Sobre a organização dos Carnavais do subúrbio em 1980, o *Diário da Noite* publicou a seguinte matéria:

CARNAVAL SUBURBANO

O Carnaval suburbano neste ano de 1980 deverá receber da Fundação de Cultura Cidade do Recife, o necessário apoio para sua recuperação, pois, o ilustre jornalista Leonardo Silva, presidente da entidade acima citada, juntamente com o dinâmico prefeito Gustavo Krause, estudará um meio para que seja concedida uma ajuda financeira às tradicionais Comissões Organizadoras dos carnavais suburbanos, dando às mesmas, o apoio que merecem, proporcionando assim, aos moradores destes distantes subúrbios, que não têm as devidas condições para locomover-se até o centro da cidade e que graças à promoção dos desfiles carnavalescos organizados por estas entidades é que, os carnavalescos suburbanos divertem-se com a folia momesca até a quarta-feira de cinzas. [...]⁴¹³

Além disso, os jornais destacavam que, ao se incentivar a criação de diversos polos de folias pela cidade, os organizadores da festa carnavalesca tinham como estratégia o "resgate" ao Carnaval de rua da capital pernambucana, que desde o início

⁴¹¹ Ônibus rodam no centro nos dias de momo. *Diário de Pernambuco*, 22 de janeiro de 1980, p. capa.

⁴¹² Sem agremiações, em Tejió não se pôde brincar. *Diário de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1982, p. A7; Subúrbios tem carnaval fraco e povo reclama. *Diário de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1982, p. A7; Linha do tiro já se arruma. *Diário da Noite*, 25 de fevereiro de 1981, p. 04; Tejió conclui seus preparativos da folia. *Diário da Noite*, 26 de fevereiro de 1981, p. 04. Subúrbios: quem ficou em casa também brincou. *Diário da Noite*, 04 de março de 1981, p. 04; Prefeitura apoia folia de bairros. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1980, p. A8; Carnaval suburbano começou a pegar fogo na sexta-feira. *Jornal do Commercio*, 21 de fevereiro de 1982, p. 10; Comissões de Subúrbio decoram ruas e praças. *Jornal do Commercio*, 01 de fevereiro de 1980, p. 03; Folia Oficial em 17 subúrbios. *Jornal do Commercio*, 17 de fevereiro de 1980, p. 03; Folia incendeia o subúrbio. *Diário de Pernambuco*, 21 de fevereiro de 1982, p. A10.

⁴¹³ Carnaval Suburbano. *Diário da Noite*, 10 de janeiro de 1980, p. 04.

dos anos de 1970 vinha sendo noticiado que estava em decadência.⁴¹⁴ E, concomitantemente, ao se criar esses novos polos de folias espalhados pela cidade, se (re)criava o Carnaval de rua do Recife. Essas foram algumas das principais perspectivas que se evidenciaram nos jornais para justificar o incentivo às folias de bairro, como foi o caso de Boa Viagem.

Agora, o que comumente se entende por "Carnaval de rua"? Ou melhor: o que se entende por "Carnaval de rua do Recife"? Segundo pude acompanhar pelos jornais, esta era uma festa feita pelas agremiações que se apresentavam em meio ao povo, saudando Momo, pelas vias centrais da Cidade Maurícia.⁴¹⁵ Nessas apresentações não havia distinção entre o público participante das agremiações (fantasiados ou não) e os demais foliões.

Durante os anos de 1980, a cidade de Olinda era apresentada pelos jornais como o lugar onde o Carnaval de rua exercia força e atratividade entre os foliões. Espontaneidade e improvisação eram as tônicas dessa folia. Sobre o que foi esse "Carnaval de rua" da Marin dos Caetés, a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz discorreu:

[...] cantava-se e dançava-se livremente nas ruas durante quatro dias seguidos, diziam eles; o frevo corria solto; não eram obedecidas as normas sociais habituais, quedando esquecidas as distinções étnicas, econômicas, de sexo e outras. A espontaneidade e a improvisação reinavam, nenhum plano prévio organizava o desenrolar da festa; alegria a anarquia, estas eram as principais qualidades.⁴¹⁶

⁴¹⁴ Nelson Ferreira: vamos colocar o carnaval do Recife em seu lugar de destaque. *Diário da Noite*, 13 de janeiro de 1971, 1º caderno, p. 03. Carnaval entre a COC e a EMETUR: onde está a salvação. *Diário da Noite*, 16 de janeiro de 1971, 1º caderno, p. 03. Capiba: nosso carnaval não está morrendo, mas sofrendo as transformações do tempo. *Diário da Noite*, 26 de janeiro de 1971, 1º caderno, p. 03. Carnaval do Recife ameaçado de fracasso total. *Diário da Noite*, 04 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 03. Mudou a folia ou mudaram os homens? *Diário da Noite*, 22 de janeiro de 1972, 1º caderno, p.06. Comércio se ressentido também com decadência do carnaval. *Diário da Noite*, 01 de fevereiro de 1972, 1º caderno, p. 03. Prefeito forma comissão para salvar carnaval pernambucano. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, 1º caderno, p. 03. O fim do carnaval. *Diário da Noite*, 17 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 04. Quem é o culpado da morte do carnaval pernambucano? *Diário da Noite*, 22 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 06. Ex rei momo: antigamente era melhor. *Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1969, 1º caderno, p. 06. Velho saudosista diz que bom era carnaval antigo. *Diário de Pernambuco*, 28 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 06. Relembrando velhos carnavais. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1972, p. 05, suplemento cultural.

⁴¹⁵ Cidade Maurícia ou Mauriciópolis foi o nome da cidade do Recife durante o período de dominação holandesa. Esse também é um dos nomes pelo qual a cidade do Recife é conhecida.

⁴¹⁶ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992, p. 187.

A definição da socióloga nos ajuda a pensar essa particularidade da festa. De fato, esse não era mais o Carnaval vivenciado nos anos 1980 no Recife, pois desde meados da década de 1960, com o evidente crescimento das escolas de samba e do concurso das agremiações, a festa se modificava. E isso, evidentemente, era acusado por alguns intelectuais como uma "descaracterização" e "perda de autenticidade" da "verdadeira" folia momesca.

Nesse cenário, como já demonstrei anteriormente, emergia um formato de Carnaval recifense marcado pelos concursos das agremiações, que desfilavam nas passarelas, perante uma comissão julgadora, diante de um público expectador que se aglomerava nas arquibancadas. Arelado a isso havia também as festas realizadas pelos clubes sociais da cidade, o que atraía também outros foliões.⁴¹⁷

Assim, evidentemente, com a emergência dessas duas esferas de festa carnavalesca, as ruas ficavam quase esvaziadas, pois muitas agremiações (a maioria delas) preferiam se apresentar na passarela e participar dos concursos, haja vista que queriam se inserir nas disputas pelo título de campeã do Carnaval do Recife e, assim, ganhar os prêmios oferecidos pelo poder público municipal. Diante disso, abandonavam as ruas ou apenas por elas passavam, sem lhe dar o esmero de outrora. As ruas não eram mais o grande palco de folia; ele, naqueles anos, era a passarela.

Em 1978, o jornalista Leonardo Dantas discorreu sobre a decadência do Carnaval de rua do Recife e as medidas implantadas na festa pelos órgãos responsáveis pela organização do festejo. Para ele, o objetivo das medidas não foi melhorar os dias gordos, mas sim enquadrar a folia do Recife aos sentidos turísticos, ou seja, transformar o Carnaval num espetáculo para o turista ver. Por meio de um trecho da matéria é possível acompanhar que o poder público municipal fez um esquema de apresentação por agremiações carnavalescas e não por categorias, como era feito anteriormente. E essa mudança, causou estranheza no referido jornalista. É o que se pode acompanhar pelo trecho da matéria abaixo, publicado pelo Diário de Pernambuco em 1978:

Em nome do **turismo** (sempre a mesma tecla) o então secretário de Educação e Cultura, Alfredo de Oliveira, instituiu em **1973 a modalidade que cada agremiação só viria ao centro da cidade em um só dia**. Acabou o sistema antigo: domingo, trocas, clubes de frevos e blocos; segunda-feira, bumba-meu boi, La ursa, escolas de samba, maracatus e caboclinhos; terça-feira, todas as agremiações

⁴¹⁷ Clubes sociais já se prepararam para o Carnaval de 80. *Diário de Pernambuco*, 01 de janeiro de 1980, p. A5.

carnavalescas voltavam ao centro já sabendo quem eram os vitoriosos. Até hoje os desfiles são mesclados e as agremiações desfilam apenas um só dia no centro da cidade.⁴¹⁸

É preciso depreender do texto acima que um dos objetivos da medida do poder público foi permitir que as agremiações carnavalescas se apresentassem também em suas localidades, promovendo, com isso, a folia em diversos pontos do Recife. Todavia, o jornalista Leonardo Dantas apontou novamente outros caminhos para a questão: para ele a ação tinha claros fins políticos. Logo em seguida, afirmou que a criação dos "Carnavais suburbanos" estava atrelada ao objetivo de atender a comunidades consideradas redutos eleitorais de vereadores. Sobre isso, destaco mais um trecho da matéria escrita por ele no Diário de Pernambuco de janeiro de 1978:

O Carnaval do Recife passou a ser uma festa política. "Os Carnavais dos subúrbios", em sua maioria controlados por vereadores e chefes políticos, transformaram o **Carnaval participação em Carnaval a óleo diesel** (a agremiação descia do ônibus, fazia uma curta apresentação e ia embora), esvaziando por completo o centro da cidade.⁴¹⁹

O que o jornalista Leonardo Dantas quis evidenciar com essas colocações foi a relação entre as agremiações carnavalescas e representantes do poder legislativo, haja vista que muitos desses grupos têm sede em locais que funcionam como redutos eleitorais de determinados políticos.⁴²⁰ Todavia, percebi que muitos vereadores custeavam o traslado e parte da preparação dos desfiles de algumas agremiações. E, talvez, por isso justifique-se a determinação da apresentação dos grupos em um só dia.

⁴¹⁸ Nas ruas humanizadas, Carnaval não tem vez. (Texto do Jornalista Leonardo Dantas). *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1978, p. D1. (Grifo meu).

⁴¹⁹ Nas ruas humanizadas, Carnaval não tem vez. (Texto do Jornalista Leonardo Dantas). *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1978, p. D1. (Grifo meu).

⁴²⁰ É interessante perceber como em 1980, ano em que a Fundação de Cultura Cidade do Recife organizou o seu primeiro Carnaval na capital pernambucana e o jornalista Leonardo Dantas Silva era presidente do órgão, os jornais continuaram noticiando que a distribuição de verbas as agremiações estava associada a questões políticas. Sobre isso, o *Jornal do Commercio* noticiou: "A Câmara Municipal do Recife está provando que o carnaval político está em plena efervescência. Enquanto a subvenção da Prefeitura, para distribuição entre as 117 agremiações é de apenas Cr\$ 2.370 mil, os vereadores forneceram suas verbas para 83 clubes, troças, escolas de samba, maracatus, caboclinhos, ursos e troças, num total de Cr\$ 2.540.500,00". Subvenção para o carnaval é ostensivamente política. *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1980, p. 03. Sobre isso, ver também: Verbas para o Carnaval. *Diário da Noite*, 28 de janeiro de 1980, p. 4.

O Carnaval de Boa Viagem, como todas as outras folias dos bairros, estava atrelado ao processo de descentralização da festa. Essa pândega apresentou-se no início da década de 1980 como uma das mais importantes prévias carnavalescas e foi se consolidando com o passar dos anos como um dos principais focos e ponto de atração dos dias momescos recifense.

Boa Viagem é um bairro elitizado. Lá se fazia o Carnaval da Zona Sul. Uma festa que se iniciou já na segunda metade da década de 1970, organizada pela Empetur, e que até o início dos anos 1980 foi marcada pelas apresentações das orquestras ou bandas de pau e corda⁴²¹, como demonstra abaixo o trecho da matéria do Diário de Pernambuco:

Frevo sábado em Boa Viagem.

Com o apoio do DIARIO DE PERNAMBUCO e repetindo o sucesso dos anos anteriores, a Empresa Pernambucana de Turismo - **EMPETUR, estará promovendo, a partir do próximo sábado, o grande Carnaval da praia da Boa Viagem**, sob a legenda "Carnaval de Pernambuco - Só Falta Você". O encontro dos foliões das praias da Zona Sul do Grande Recife será em plena Avenida Boa Viagem, imediações do Hotel Jangadeiro, onde palanque especial será instalado, juntamente com o perfeito serviço de uma grande orquestra de frevo. O diretor Pedro Belo, da EMPETUR, anuncia que para garantir os festejos foi contratada a **Banda de Pau e Corda** que, das 16 às 21 horas do sábado, domingo, segunda e terça-feira de Carnaval, comandará a folia na Boa Viagem. [...].⁴²²

Esse Carnaval da Praia da Boa Viagem até o início dos anos de 1980, comumente, era uma matinê, animada pelas orquestras ou bandas de pau e corda, em que a população da Zona Sul se divertia ao ritmo de frevo. É o que se pode acompanhar pelo trecho abaixo retirado de uma matéria publicada pelo Jornal do Commercio de março de 1981:

⁴²¹ As matérias de jornais ora nomeiam as apresentações dos grupos em Boa Viagem de Banda de Pau e Corda, ora Orquestras de Pau e Corda. Pelo que pude compreender, as bandas são grupos de músicos que se apresentam principalmente com instrumentos de sopro. Já as orquestras de Pau e Corda têm sentido mais amplo: aos instrumentos de sopro somam-se os de corda, que dão a proeminência no conjunto. As orquestras se apresentam "com seus violões, cavaquinhos, banjos, bandolins, flautas, clarinetes, pandeiros e percussão, bem típico dos saraus e serenatas". SARMENTO, L. E. P. Blocos de Pau e Corda: encruzilhada de sentidos e práticas sociais, In: MENEZES NETO, H.; LÉLIS, Carmem; NASCIMENTO, Leilane Pinto. *80 anos - Bloco Carnavalesco Banhistas do Pina e Bloco Carnavalesco Batutas de São José*. 1. ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2012. v. 1. p. s/p.

⁴²² Frevo sábado em Boa Viagem. *Diário de Pernambuco*, 10 de fevereiro de 1980, p. A18. (Grifo meu).

Pau e Corda deu o som para Boa Viagem brincar. Os moradores da Zona Sul dançaram o **frevo ao som da Banda de Pau e Corda** que animou durante quatro dias a população de Boa Viagem com uma matinê ao ar livre que começou no sábado de Zé Pereira e se estendeu até a terça-feira de Carnaval. A orquestra da Banda de Pau e Corda tocou durante o Carnaval para uma multidão compacta que dançou a valer. A banda ficou localizada na Avenida Beira Mar, nas proximidades do Othon Hotel e o Hotel Savaroni - dando oportunidade aos turistas de conhecerem a força do nosso frevo e a euforia dos foliões pernambucanos fazendo o passo.⁴²³

Ainda sobre a emergência desse lócus de folia, segundo a pesquisadora Cláudia Lima, esse processo esteve associado ao objetivo de se construir uma festa para um público mais jovem. O Carnaval dessa localidade apresentou-se como a possibilidade da festa para a juventude, que comumente, se divertia nas praias de Boa Viagem.

O Carnaval de Boa Viagem foi criado [...] para atender à faixa jovem na semana Pré-carnavalesca. A Banda de Pau e Corda, que era, na ocasião, a identificação regional da juventude, foi a atração de abertura desse foco carnavalesco. Deu tão certo, posteriormente, estendeu-se até a quarta-feira de cinzas, para ali convergindo as formas mais variadas de músicas e danças do público jovem, seu principal frequentador.⁴²⁴

Os jornais noticiavam que nem só da apresentação das orquestras ou bandas de pau e corda o Carnaval de Boa Viagem era marcado. Foi recorrente nos periódicos a citação de alguns conjuntos carnavalescos, que tinham sede naquela localidade e que também animavam a folia pelas ruas do afamado bairro. Entre os principais grupos, as publicações destacam a escola de Samba Birinaite Classe A e o Bloco Cata-Cata. É possível acompanhar a festa promovida por essas agremiações por meio da matéria publicada no Diário da Manhã de 1985:

Carnaval de Boa Viagem

O bairro de Boa Viagem está vivendo uma das melhores prévias carnavalescas de todos os tempos. Uma verdadeira multidão tem comparecido à Zona Sul para brincar um alegre Carnaval todas as noites. Vários blocos e troças têm saído pela avenida como o

⁴²³ Pau e Corda deu o som para Boa Viagem brincar. *Jornal do Commercio*, 05 de março de 1981, p. 10. (Grifos meu).

⁴²⁴ LIMA, Cláudia. Op. Cit., 2001, p. 179.

Birinaite, Balança a Rolha, Verde e Branco, Costa Brava e **Cata-Cata**. [...].⁴²⁵

A Escola de Samba Birinaite Classe A foi fundada em 1970 e era representada pelas cores preta e branca. Segundo os jornais, esse conjunto carnavalesco foi um dos mais recorrentes nesse polo da folia. Tinha sua sede em Boa Viagem e seus desfiles eram marcados pelo improviso, pois, apesar de anualmente ter um enredo, permitia que qualquer pessoa vestida de preto e branco participasse de suas apresentações. Sobre a presença dessa escola de samba em 1980 no bairro de Boa Viagem destaco abaixo o trecho da matéria do Diário de Pernambuco:

Birinaite comanda a folia.

"A Escola de Samba Birinaite Classe A vai novamente comandar o Carnaval de Boa Viagem, como vem acontecendo nos últimos 10 anos. No Carnaval de 1980, nós vamos desfilar apresentando o tema 'Boa Viagem em ritmo de samba', com cerca de 250 figurantes e 50 batuqueiros, comandados pelos mestres Alex e Valdormiro". A informação é de um dos organizadores da agremiação preta e branca da Zona Sul, Tércio Donato Rodrigues, que está entusiasmado com a animação do pessoal. "O Carnaval de Boa Viagem, neste ano, será dos mais quentes, pois todo mundo está vibrando com nossos desfiles no domingo e na terça-feira", afirmou. [...].⁴²⁶

A partir de leitura sistemática das matérias dos jornais ano a ano (1980-1990) foi possível perceber que a Escola de Samba Birinaite Classe A passou a ter um maior destaque no noticiário. O crescimento do Carnaval de Boa Viagem esteve atrelado ao sucesso dessa agremiação, uma coisa intimamente imbricada à outra. É o que destacou, em 1986, o jornal Diário de Pernambuco:

Folia em Boa Viagem é a melhor.

[...] **A Escola de Samba Birinaite Classe A tem papel importante nesse contexto, pois foi a primeira agremiação a destacar-se na folia da orla marítima da Zona Sul.** Para o tríduo momesco deste ano, Birinaite está com tudo praticamente preparado, como garante Tércio Donato, um dos dirigentes da agremiação: "Vamos desfilar com cerca de 300 integrantes e uma bateria de 100 batuqueiros, comandados pelo maestro Valdomiro, apresentando o tema Natureza,

⁴²⁵ Carnaval de Boa Viagem. *Diário da Manhã*, 16 de fevereiro de 1985, p. 6. (Grifos meu).

⁴²⁶ Birinaite comanda a folia. *Diário de Pernambuco*, 23 de janeiro de 1980, p. A7. (Grifos meu).

do carnavalesco Paulo Lima". Explicou ele que "um dos principais fatores do prestígio que Birinaite Classe A tem entre os foliões pernambucanos é a participação nos dias de Carnaval, pois desfila para todos, sem se preocupar com itinerários, horários, ou desfiles oficiais. Apesar de sermos uma escola de samba, formamos uma agremiação genuinamente pernambucana".⁴²⁷

É interessante perceber a fala do dirigente de Birinaite Classe A, especificamente o trecho reproduzido pelo jornal. Ao analisar seu conteúdo, é possível compreender que ainda persiste a oposição a presença de uma escola de samba no Carnaval do Recife – pela simples associação desta com o Rio de Janeiro –, mesmo que sua apresentação esteja muito mais semelhante ao que as agremiações carnavalescas pernambucanas realizavam, – estas tidas como legítimas e autênticas da terra –, do que suas congêneres cariocas. Ou seja, a apresentação deste grupo estava mais próxima ao que as agremiações de frevo faziam, do que as escolas de samba.

Além da escola de samba Birinaite Classe A, os jornais noticiam, na década de 1980, a participação do Bloco Cata-Cata como uma das principais agremiações do Carnaval de Boa Viagem. Outro grupo que, segundo os periódicos, tinha suas apresentações marcadas pela irreverência. Cata-Cata era representada por uma boneca de pano com seis braços enormes, que simbolizava uma dona de casa que tinha ficado de ponta-cabeça por causa dos dias de folia, deixava seus afazeres domésticos e saía pelas ruas "catando" os foliões para participarem de seu cortejo em homenagem a Momo.⁴²⁸ Sobre a expectativa para o desfile do Bloco Cata-Cata no ano de 1986, o *Jornal do Commercio* discorreu:

Boa Viagem torna-se opção para a folia
Para hoje é grande a expectativa criada em torno da saída do "Cata Cata", considerado um dos mais animados do bairro já começando a criar tradição pela maneira como esquentam a alegria dos foliões. Hoje é a vez do "Cata Cata" e é de se esperar que a animação aumente mais ainda chegando ao máximo amanhã quando desfilarão o "Birinaite Classe A" e o "Sai da Lama Jacaré", comprovando que a Zona Sul está definitivamente firmada como mais uma opção de Carnaval de rua em nossa região.⁴²⁹

⁴²⁷ Folia em Boa Viagem é a melhor. *Diário de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1986, p. A9. (Grifos meu).

⁴²⁸ Dona Cata-Cata volta às ruas do Recife na folia. *Diário de Pernambuco*, 17 de janeiro de 1986, p. A8. (Grifos meu).

⁴²⁹ Boa Viagem torna-se opção para a folia. *Jornal do Commercio*, 06 de fevereiro de 1986, p. 07. (Grifos meu).

Com a presença dessas agremiações, o Carnaval de Rua de Boa Viagem foi tomando corpo e se configurando como um dos principais polos da folia recifense na década de 1980. Os jornais noticiavam que a cada ano que passava a festa crescia e necessitava de maior atenção por parte dos seus organizadores, tanto que os jornais noticiaram que foi criada uma Associação Carnavalesca de Boa Viagem para tratar especificamente do Carnaval daquela localidade. É o que demonstra o trecho abaixo da matéria publicada no *Jornal do Commercio* em 1986:

O Carnaval de Boa Viagem está pronto, afirma **o presidente da Associação Carnavalesca de Boa Viagem**, Manoel Gomes Matos. "Tudo está montado para atender os foliões, moradores, empresários hoteleiros e companhias de bebidas. Um fato que beneficiou a iniciativa, foi a decisão da atual administração municipal concordar com o projeto do Carnaval 86, que já havia sido encaminhado à gestão anterior."⁴³⁰

Não encontrei muitas informações sobre a Associação Carnavalesca de Boa Viagem. Percebi, pela leitura dos jornais, que ela passou a ser citada a partir de 1986 como uma das entidades responsáveis pela organização daquela folia. Era de sua incumbência, juntamente com a FCCR, estabelecer horários dos desfiles, definir agremiações que se apresentariam, itinerários, venda de camarotes, instalação de barracas para a venda de bebidas, banheiros públicos e estrutura da segurança dos foliões.

Outra instituição que apareceu nos jornais para discutir a organização do Carnaval em Boa Viagem foi a Associação de Moradores. Essa entidade estava preocupada com desvalorização do local, depredação dos prédios e do patrimônio público, invasão da periferia na orla da Boa Viagem. Outras questões estavam no âmbito dos próprios direitos individuais, direito de ir e vir (cerceado em virtude da multidão que se aglomerava em frente aos prédios), impossibilidade de estacionamento dos carros, o barulho causado pela festa. Esses conflitos geraram disputas judiciais entre a Associação (representante dos moradores) e a Fundação de Cultura Cidade do Recife (instituição responsável pela organização da festa). Pude visualizar na pesquisa algumas matérias de jornais que trataram da Associação de Moradores de Boa Viagem. Para que

⁴³⁰ Carnaval de Boa Viagem já está organizado. *Jornal do Commercio*, 26 de janeiro de 1986, p. 07. (Grifos meu).

o leitor ou a leitora possa acompanhar, destaco abaixo duas matérias do Diário de Pernambuco, uma de 1989 e outra de 1990, e outra do Jornal do Commercio de 1989:

PCR multará trio que estacionar na avenida

As normas que regem a participação dos trios em Boa Viagem foram definidas na tarde do último domingo, mediante a elaboração de uma "**Carta de intenções**", assinada pelo presidente da FCCR, representantes das companhias de bebidas (Antarctica, Brahma e Coca-Cola), **Associação dos Moradores da Av. Boa Viagem e Associação dos Moradores e Amigos dos Jardins de Boa Viagem.**⁴³¹

Atendendo ao apelo dos moradores da Avenida Boa Viagem, a Fundação de Cultura estabeleceu horários para a presença de trios-elétricos, na tarde de domingo, quando o presidente da FCCR, Roberto Pereira, assinou uma "**Carta de Intenções**"- que será registrada em cartório - juntamente com representantes das campanhas de revenda de bebida e **das associações de moradores e dos Amigos dos Jardins de Boa Viagem.**⁴³²

Agremiações vão desfilar em Boa Viagem.

[...] o maior destaque, sem dúvida é o retorno dos trios elétricos à avenida num acordo entre a Fundação de Cultura Cidade do Recife e a **Associação dos Moradores dos Jardins de Boa Viagem**, onde serão implantados três pólos de animação, um em cada jardim, patrocinados pelas companhias de bebidas Brahma, Antarctica e Coca-Cola.⁴³³

Como é possível perceber, em torno dos anos 1980 emergia, na região de Boa Viagem, um novo foco da festa carnavalesca. A população local se organizava por meio das Associações e negociava tudo, desde os horários de apresentação das agremiações com os representantes da Fundação de Cultura, até a relação com os empresários que estavam financiando a festa.

Outra questão muito importante no início da década de 1980 no Carnaval de Boa Viagem e que, segundo os jornais, era algo de muito sucesso foi a presença do Clube de Máscaras O Galo da Madrugada⁴³⁴ neste festejo. Os periódicos noticiavam o sucesso de

⁴³¹ PCR multará trio que estacionar na avenida. *Jornal do Commercio*, 31 de janeiro de 1989, p. 10. (Grifos meu).

⁴³² Fundação dá força total para animar Boa Viagem. *Diário de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1989, p. A8. (Grifos meu).

⁴³³ Agremiações vão desfilar em Boa Viagem. *Diário de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1990, p. A10. (Grifos meu).

⁴³⁴ O Clube das Máscaras O Galo da Madrugada foi fundado oficialmente em 23 de janeiro 1978, em uma reunião de familiares e amigos ocorrida na residência da Sr^a. Elisabeth Menezes, que ficava na Rua Padre Floriano, nº 43, no bairro de São José, no centro do Recife. Esse local serviu como a primeira sede do

suas atividades nesse lócus da folia recifense, destacavam sua crescente atratividade com os foliões e a alegria como uma constante dos seus desfiles.

4.2 Ei Pessoal, vem moçada, Carnaval começa com o Galo da Madrugada

O Clube de Máscara O Galo da Madrugada foi fundado em 1978 por um grupo de foliões, liderados por Enéas Freire,⁴³⁵ inconformados com a situação do Carnaval de rua do Recife. Segundo o jornalista Adjeci Soares, moradores do bairro de São José se reuniram e decidiram criar uma agremiação que pudesse "resgatar a alegria e a tradição dos dias momescos do passado".⁴³⁶ Foi diante desse cenário que emergiu o Clube de Máscaras que se tornou um dos mais importantes símbolos do conjunto de práticas carnavalescas recifense. O jornalista ainda afirmou:

O Galo da Madrugada salvou o Carnaval de rua em Pernambuco. Esta é a verdade. Uma verdade cruel para uns, mas uma realidade para outros. São dois os grupos carnavalescos que se dividem. São opostos. São antagônicos. De um lado os que limitam o Carnaval e do outro os que fazem os festejos com brilhantismo. No primeiro caso, ficam enquadrados os órgãos públicos e as Federações, no segundo está o grupo dos independentes, sob o reinado do Galo da Madrugada.⁴³⁷

Depreende-se das palavras do jornalista Adjeci Soares a idéia de que havia, durante o final dos anos de 1970 e o início da década de 1980, uma divisão entre as agremiações. Segundo ele, as que se colocavam servientes dos órgãos públicos e aceitavam as regras dos concursos de passarela em troca da verba que recebiam e as que

bloco, durante os cinco primeiros anos de sua existência. Os principais fundadores do Galo da Madrugada foram: Enéas Alves Freire, José Mauro Freire (filho de Enéas), Antônio Carlos Freire (filho de Enéas), Rômulo Guerra de Meneses (genro de Enéas), Cláudio Guerra de Meneses, Mauro Scanoni e Rogério Costa. IANINO, Marcelo Martins. Op. Cit., 2012, p. 31.

⁴³⁵ "Nascido em 02 de Dezembro de 1921, Enéas Alves Freire, cresceu e viveu no bairro de São José no Centro do Recife, local que sempre se destacou pelo seu carnaval de rua e pelo principal ritmo tocado que era o Frevo. Enéas residiu boa parte de sua vida em uma casa localizada próximo ao Pátio do Terço, pertencendo a uma família muito festiva". Em 1978, juntamente com um grupo de amigos, fundou o Clube de Máscaras O Galo da Madrugada. Enéas Freire faleceu em 9 de junho de 2008. IANINO, Marcelo Martins. *O GALO E A POLÍCIA: A trajetória do maior Bloco de Carnaval do Brasil e sua repercussão para a Segurança Pública na atualidade (1978 a 2012)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2012, p. 33-34.

⁴³⁶ SOARES, Adjeci. *VIVA O GALO! Explosão do Carnaval Pernambucano*. Recife: Edições Shidarta, 1992. p. 24.

⁴³⁷ SOARES, Adjeci. Op. Cit., 1992. p. 24.

são "independentes", ou seja, as que desfilavam pelos bairros sem seguir as regras de nenhum certame. Sobre a relação do Galo com o Carnaval de rua do Recife, Soares discorreu:

A agremiação, destinada a encher o espaço carnavalesco esvaziado pela falência dos clubes do Recife, surgiu com o objetivo de reviver os velhos carnavais de rua, onde as tradições dos desfiles seriam respeitadas, tendo o folião o direito de brincar junto ao seu clube preferido.⁴³⁸

Adjeci Soares coloca-se com mais um dos críticos das transformações que os órgãos responsáveis pelo Carnaval do Recife implementaram na festa. Aparentemente, as mudanças advindas com o tempo não eram bem vistas por um grupo de jornalistas e eles procuravam, com frequência, expor essa posição em seus escritos.

O Diário de Pernambuco de janeiro de 1987 destacou algumas palavras atribuídas a Enéas Freire, um dos fundadores do Clube de Máscaras O Galo da Madrugada. Para ele, um dos motivos para o fracasso do Carnaval de rua do Recife era o fato de que as tradicionais agremiações carnavalescas, como o Clube Misto Vassourinhas, Clube das Pás, Lenhadores e Batutas de São José, abandonaram as ruas. Como informei em outros momentos desse trabalho, esses grupos afirmavam não desfilar em virtude de problemas financeiros. Sobre as palavras de Enéas Freire, destaco abaixo o trecho de uma entrevista que concedida ao Diário de Pernambuco em 1987:

"O que as agremiações de Pernambuco precisam é voltar às ruas, pois o nosso povo gosta de acompanhá-las e não ficar nas passarelas, batendo palmas. Vassourinhas, Lenhadores, Clube das Pás, Batutas de São José e todas as outras precisam fazer como O Galo: sair pelas ruas e deixar o povo acompanhá-las com toda a alegria e animação. Este é o verdadeiro Carnaval pernambucano, que ficou mundialmente famoso".⁴³⁹

É possível compreender, pelas palavras de Enéas Freire, que, mesmo diante das iniciativas promovidas pela Fundação de Cultura no início dos anos de 1980 por meio

⁴³⁸ SOARES, Adjeci.Op. Cit., 1992. p. 49.

⁴³⁹ Galo leva, hoje, mais calor à praia. *Diário de Pernambuco*, 25 de janeiro de 1987, p. A22. (Grifos meu).

da implantação do "Carnaval Participação", as bases do formato "Carnaval Espetáculo" persistiam no Recife. A passarela, as arquibancadas e o concurso de agremiações permaneciam com forte atratividade popular.

É interessante perceber que o trecho da matéria anteriormente citada é datada de janeiro de 1987, ou seja, final da década de 1980 e, mesmo assim, ainda os jornais continuavam destacando o fracasso do Carnaval de rua do Recife. Paralelamente a isso, os mesmos periódicos narravam também o sucesso que os desfiles do Galo da Madrugada provocavam. Pode-se ler nesse embate também a ideia do saudosismo, algo comumente presente quando se fala da festa carnavalesca.

Na leitura dos jornais da década de 1980 foi perceptível o relevante crescimento de destaque dado às atividades do Clube de Máscaras o Galo da Madrugada no Carnaval. As matérias comumente evidenciavam sua "grandeza", "atratividade" e "popularidade" entre os foliões recifenses. Sobre o Galo da Madrugada, o historiador Marcelo Ianino comentou:

A década de 1980 foi o momento de consolidação do desfile do Galo da Madrugada. Nesse período o bloco já começava a tomar a forma de uma grande agremiação e passou a receber apoio do poder público municipal do Recife. Através de uma doação da prefeitura, obteve um terreno, localizado no nº 751 da Avenida Sul, no centro do Recife, e com a ajuda de patrocinadores privados que começaram a se interessar em apoiar o Galo da Madrugada, foi construído no terreno doado, um galpão, que até os dias atuais serve de ponto de apoio para a organização do desfile, onde são preparados os diversos carros alegóricos e vários materiais que são utilizados anualmente.⁴⁴⁰

Como é possível perceber, o Clube de Máscaras O Galo da Madrugada recebeu incentivos do governo municipal, como a doação de um terreno onde pudesse construir sua sede. Visualizei em ações como essa mecanismos que permitiram ao clube ascender ao posto de um dos símbolos máximos da cultura carnavalesca recifense e, com isso, "resgatar" o "Carnaval de rua do Recife" que estava em vias de desaparecimento.

Além do seu desfile oficial pelo centro do Recife, sempre no Sábado de Zé Pereira, que atraía (e atrai) milhares de foliões, o Galo da Madrugada realizava dois outros importantes eventos durante o período carnavalesco ao longo da década de 1980: a "Noite dos Estandartes" e o "Banho de Mar com Fantasias de Papel", este último na

⁴⁴⁰ IANINO, Marcelo Martins. Op. Cit., 2012, p. 42-43.

orla da praia da Boa Viagem. Sobre a Noite dos Estandartes, o jornalista Adjeci Soares destacou:

O carro-chefe do Galo da Madrugada, além do grande desfile de rua, do Sábado de Zé Pereira, desde 1979, vem sendo a promoção da **Noite dos Estandartes**, hoje já conhecida por Baile dos Estandartes, no Clube Português do Recife. **A 1ª Noite foi realizada nos salões do clube-luso brasileiro, no dia 20 de janeiro de 1979, com horário previsto para as 23 horas.**⁴⁴¹

A Noite dos Estandartes era um evento realizado desde 1979 durante as prévias carnavalescas, comumente no Clube Português do Recife, que reunia diversas agremiações que participavam do Carnaval de rua da capital pernambucana. Na festa, o Galo da Madrugada apresentava seu estandarte, assim como os demais grupos momescos. Durante o acontecimento, com exceção do clube anfitrião, as demais agremiações participavam de uma competição, em que se apresentavam diante de uma comissão julgadora para escolha do mais bonito estandarte. Além disso, cada porta-estandarte também fazia uma apresentação, em que também era julgada e premiada a mais bela desenvoltura.

A Noite dos Estandartes firmou-se como um importante acontecimento da cena carnavalesca recifense, promovido pelos dirigentes do Galo da Madrugada. Uma das premissas da festa era a obrigatoriedade de só se tocar música "típica" do Carnaval do Recife, ou seja: o frevo-de-rua, o frevo-de-bloco, o frevo-canção e o maracatu.⁴⁴² Os jornais, comumente, noticiavam que o evento era um dos maiores sucessos das prévias carnavalescas. Em seus eventos e nos desfiles, o Clube de Máscaras O Galo da Madrugada só tocava frevo.

Em 1982, o Galo da Madrugada iniciou o evento Banho de Mar com Fantasias de papel, que acontecia, comumente, no sábado que antecedia o Sábado de Zé Pereira. O acontecimento se dava na orla da praia da Boa Viagem, com desfile matutino que se prolongava pela tarde. Os primeiros Banhos de Mar com Fantasias de Papel eram animados por carros alegóricos e orquestras de frevo. Sobre esse evento, o historiador Marcelo Ianino salientou o seguinte:

⁴⁴¹ SOARES, Adjeci.Op. Cit., 1992. p. 64. (Grifos meu).

⁴⁴² SOARES, Adjeci.Op. Cit., 1992. p. 65.

Além disso, no sentido de divulgar ainda mais o Galo da Madrugada e agregar patrocinadores para o bloco, foi lançado um desfile que ocorreu entre os anos de 1982 a 1995, geralmente alguns dias antes da folia oficial de momo, como prévia carnavalesca, na Avenida Boa Viagem, zona sul do Recife, intitulado "O Banho de Mar com Fantasias de Papel".⁴⁴³

O Banho de Mar com Fantasias de Papel, além de ser uma estratégia do Galo da Madrugada para angariar patrocinadores, também se insere nas medidas dos órgãos responsáveis pela organização do Carnaval do Recife que visavam desenvolver a folia realizada em Boa Viagem. Levar uma agremiação como o Galo da Madrugada, que logo em seus primeiros desfiles já despontava como um sucesso de público e crítica, foi uma clara tentativa de desenvolver a folia local de Boa Viagem. Tanto que, a partir da leitura dos jornais, pude visualizar que o grande destaque dado à festa de Boa Viagem, no início dos anos 1980, era o desfile do Galo da Madrugada que passou a abrir a semana pré-carnavalesca na orla da famosa praia. Como ressaltou abaixo o jornalista Adjaci Soares,

Entre as promoções do Galo destaca-se a prévia carnavalesca que se realiza todos os anos na praia da Boa Viagem, o Desfile de Fantasias de Papel. Em 1982, a agremiação abre a semana Pré-Carnavalesca, no Recife, ao ar livre. O banho de Mar com Fantasias de Papel. Foi assim pela primeira vez, em 14 de fevereiro de 1982, com a concentração marcada para as 8 horas, em frente à casa de nº 1350, da Avenida Conselheiro Aguiar. A partir daí começava a conquista da agremiação na Zona Sul, levando alegria e animação.⁴⁴⁴

Segundo pude compreender, pela leitura dos jornais, a ideia do Banho de Mar com Fantasias de Papel partiu de uma brincadeira dos moradores de Boa Viagem que após se reunirem para uma batucada, terminavam na praia com um banho de mar a fantasia.⁴⁴⁵ Enéas Freire, um dos fundadores do Galo da Madrugada, decidiu, em 1982, oficializar a brincadeira, tornando-a um importante evento dentro das atividades do referido Clube de Máscaras.

⁴⁴³ IANINO, Marcelo Martins. Op. Cit., 2012, p. 47.

⁴⁴⁴ SOARES, Adjeci. Op. Cit., 1992. p. 77.

⁴⁴⁵ Carnaval de rua domingo em Boa Viagem. *Jornal do Commercio*, 07 de janeiro de 1983, p. 8.

O Banho de Mar com fantasias de Papel se definia como uma apresentação do Galo da Madrugada, com a animação das bandas de frevo. O clube se apresentava com carros alegóricos e promovia um concurso para escolher a mais bela fantasia de papel. Segundo os jornais, uma multidão de alegres foliões saudava Momo junto à agremiação. A respeito da primeira apresentação do Galo em Boa Viagem em 1982, o Diário de Pernambuco relatou o seguinte:

Clube desfila em Boa Viagem.

O Clube de Máscaras Galo da Madrugada, na manhã do domingo, abrirá, oficialmente, o Carnaval da praia de Boa Viagem, promovendo grande concurso de fantasias de papel e desfilando pela Avenida Beira Mar, em mais uma inédita **iniciativa de soerguer o Carnaval de Rua do Recife**. A tônica da grande festa ao ar livre será o concurso de fantasias de papel, nas categorias beleza e originalidade, com prêmios especiais aos vitoriosos. [...] ⁴⁴⁶

O primeiro desfile do Galo da Madrugada em Boa Viagem, promovendo o Banho de Mar com Fantasias de Papel, reuniu em torno de 1.500 (mil e quinhentas pessoas). Ao longo do tempo, os jornais foram relatando um considerável crescimento da festa. Para que o leitor e a leitora possam ter uma ideia, em 1991 falou-se em 80.000 (oitenta mil foliões), ou seja, um crescimento vertiginoso da festa. Para tanto, reproduzo abaixo trecho de matérias de jornais que demonstram tal constatação. A primeira data de janeiro de 1983 e foi publicada no Jornal do Commercio, já a segunda é de janeiro de 1991 e é do Diário de Pernambuco:

Carnaval de rua domingo em Boa Viagem

O Galo da Madrugada inicia o Carnaval de rua do Recife que começa domingo, em Boa Viagem com um desfile de fantasias inteiramente confeccionadas em papel das vestimentas ao estandarte. Contando com as orquestras de Frevo em carro alegórico, o desfile começa ao meio-dia dando tempo aos que estão no vestibular de participar também. Para animar o desfile, haverá concurso com três prêmios para a fantasia mais original e a mais bonita. [...] Os organizadores do desfile esperam a participação de **1.500 pessoas**. ⁴⁴⁷

Galo faz primeiro desfile em Boa Viagem

Vem pessoal, vem moçada, Carnaval começa no Galo da Madrugada. E realmente começou. O familiar convite não poderia soar indiferente

⁴⁴⁶ Clube desfila em Boa Viagem. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1982, p. A6. (Grifos meu).

⁴⁴⁷ Carnaval de rua domingo em Boa Viagem. *Jornal do Commercio*, 07 de janeiro de 1983, p. 8. (Grifo meu).

aos ouvidos dos foliões, que percorreram, ontem, três quilômetros e meio da Avenida Boa Viagem acompanhando o desfile de "Fantasia de papel" organizado pelo mais famoso clube de máscaras de Pernambuco. Mais de **80 mil pessoas** caíram no passo, segundo estimativa do presidente do Galo, Enéas Alves Freire, abrindo o Carnaval pernambucano.⁴⁴⁸

Em 1991, no mesmo dia da matéria acima, como destaque de capa, o Diário de Pernambuco fez uma publicação mencionando que a participação do Galo da Madrugada em Boa Viagem atraiu mais de 40 mil foliões e não 80 mil como destaquei (e o próprio jornal destacou) anteriormente. Apesar de ser uma diferença de público considerável, ainda assim é possível compreender que a festa cresceu em números de foliões, tomando por base o quantitativo do primeiro desfile do Clube em 1982.

Desfile do Galo agita Boa Viagem

O Clube de Máscaras Galo da Madrugada foi, ontem, à praia de Boa Viagem, iniciar os festejos carnavalescos em Pernambuco. "Afinal, o Carnaval começa, já diz o nosso hino, com o Galo", festejava o seu presidente, Enéas Freire. Ele calculou que mais de **40 mil pessoas** participaram da animada prévia. Tendo como mote, em fantasias de papel, o "amante cínico" arlequim, o desfile saiu das proximidades do Hotel Boa Viagem com uma hora e meia de atraso. Isso não foi suficiente, entretanto, para diminuir o ânimo dos foliões. Ao som da "Frevioca", "Turma do Pinguim" e outras orquestras e carros com sistema de som, a folia só acabou no final da tarde. Este foi o segundo evento do Galo e a primeira festa de rua neste ano. Esta foi a nona vez que a agremiação desfila em Boa Viagem, numa animada concentração para o 13º Baile dos Estandartes, sábado, no Clube Português.⁴⁴⁹

A partir de 1985 a presença do Galo da Madrugada no Carnaval da Boa Viagem também se inseria dentro da proposta da Fundação de Cultura Cidade do Recife de divulgar a folia momesca recifense para os turistas. Era uma estratégia de vender a festa, o itinerário do desfile do Galo da Madrugada foi modificado para passar diante de vários hotéis da orla da famosa praia para que os turistas pudessem visualizar a frevança que se fazia por essas terras. O Diário de Pernambuco de 1985 dá uma boa ideia de como foi esse processo:

⁴⁴⁸ Galo faz primeiro desfile em Boa Viagem. *Diário de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1991, p. A4. (Grifo meu).

⁴⁴⁹ Desfile do Galo agita Boa Viagem. *Diário de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1991, p. Capa. (Grifo meu).

Galo promove hoje banho à fantasia (sic)

O grande acontecimento festivo de hoje, no Nordeste, será a realização do tradicional Desfile e Banho de Mar com Fantasias de Papel, de iniciativa do Clube de Máscaras O Galo da Madrugada, explodindo de alegria e animação a Zona Sul da cidade, notadamente a praia da Boa Viagem. Numa extensão de cinco quilômetros, aproximadamente, em plena orla marítima o frevo predominará durante algumas horas, no mais autêntico Carnaval pernambucano. Partindo de uma transversal, o grande desfile com fantasias de papel de Galo da Madrugada ganhará a Avenida Domingos Ferreira para, em seguida, atingir a Rua Barão de Souza Leão, rumo à praça do terminal da Boa Viagem. Aos acordes do "Vassourinhas" e do frevo-canção "Vem, Moçada", O Galo ingressará, com milhares de foliões, na orla marítima, fazendo o percurso do terminal da Boa Viagem até ao 1º Jardim, com muito frevo e animação. **O novo itinerário tem por finalidade fazer com que O Galo da Madrugada se exhiba e mostre sua força aos turistas, na caminhada da folia que fará diante dos principais hotéis da Zona Sul.** Clarins e fogos de artifício, à frente do porta-bandeira com estandarte de papel, anunciarão a todos que a grande folia se aproxima a conclamação os foliões a ingressarem em seus cordões.⁴⁵⁰

É importante frisar que 1985 foi o ano em que a Fundação de Cultura Cidade do Recife começou a ser a instituição responsável pela organização do Carnaval de Boa Viagem.⁴⁵¹ De meados da década de 1970 até 1984 a instituição organizadora da festa carnavalesca nesta localidade foi a Empetur. A mudança de órgão público alterou algumas peculiaridades do evento, entre elas o objetivo de divulgar de forma mais intensa a festa, de torná-la um produto a ser consumido.

Diante disso, o novo órgão (FCCR) passou a intervir, inclusive no itinerário do desfile da principal agremiação, para que a folia pudesse ser melhor visualizada pelo público a ser atingido, no caso, os turistas. Isso foi bastante perceptível, tanto que, em anos posteriores, os jornais deram maior destaque à presença e à empolgação dos turistas na festa. Provavelmente, o sucesso provocado pelo Galo da Madrugada, descrito

⁴⁵⁰ Galo promove hoje banho à fantasia. *Diário de Pernambuco*, 13 de janeiro de 1985, p. A14. (Grifos meu).

⁴⁵¹ Como informei anteriormente, desde meados da década de 1970 o órgão público responsável por esse Carnaval era a Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur), passando a organização para a Fundação de Cultura Cidade do Recife em 1985. Sobre a atuação da Empetur no âmbito da Cultura Popular no Estado, a pesquisadora Tâmisia Vicente afirmou: "Entretanto na década de 80, a EMPETUR começa a diminuir as suas ações diretas na cultura popular pernambucana. [...] Daí por diante, a EMPETUR deixa de trabalhar diretamente com a cultura popular de Pernambuco, sendo algumas vezes meramente repassadora de verbas para a produção de eventos que não necessariamente têm a ver com as brincadeiras populares, mas isso não quer dizer que esta, na elaboração do marketing turístico, não utilize a cultura pernambucana como diferencial". VICENTE, Tâmisia Ramos. Op. Cit., 2009, p. 37.

abaixo pelo Diário de Pernambuco de 1987 e a empolgação que causava nos turistas tinha interessado os representantes da Fundação de Cultura:

Galo empolga Boa Viagem.

"Ei, pessoal, vem, moçada, Carnaval começa com o Galo da Madrugada"! Este refrão foi cantado, ontem, na praia de Boa Viagem por milhares de **foliões e turistas** que vibraram com o "Banho de Mar a fantasias de papel", promovido pela agremiação do bairro de São José. [...] O sol forte e os frevos tocados pelas orquestras de Fernando Borges, José Menezes e Guedes Peixoto faziam a multidão se agitar, pular e cantar, **deixando os turistas impressionados com a vitalidade da folia do Recife**. Muitos não conseguiram se controlar e caíram no frevo, ensaiando alguns passos, mesmo desengonçados, comprovando a teoria de que "o importante é participar". [...] ⁴⁵²

O desfile de fantasias de papel do Galo da Madrugada que acontecerá na manhã de hoje, em Boa Viagem, **faz parte do calendário turístico e carnavalesco do Recife** e destaca-se como uma das grandes promoções do período que antecede o carnaval no nordeste. ⁴⁵³

Pela leitura do trecho da matéria acima, foi possível compreender que o jornal coloca em campos distintos foliões e turistas. Ao que parece, a definição de folião estava para os súditos de Momo local, e turistas, obviamente, as pessoas de fora da Região Metropolitana do Recife.

Ao longo da década de 1980 não demoraria muito para que o Banho de Mar com Fantasias de Papel passasse a figurar nos jornais como algo já enquadrado dentro das tradições carnavalescas local. É o que se pode acompanhar por meio de matérias publicadas no Diário de Pernambuco em 1987:

Galo leva, hoje, mais calor à praia.

Quem for à praia de Boa Viagem, hoje, a partir das 10h, terá oportunidade de assistir e/ou participar do **tradicional "Banho de Mar à Fantasia de Papel"**, que o **Clube de Máscaras o Galo da Madrugada promove**, com a animação garantida por duas orquestras de frevo, que durante quatro horas manterão em alta a temperatura da orla marítima. [...] Esta prévia do Galo em Boa Viagem já se tornou uma tradição e marca o início do Carnaval de rua no Recife. ⁴⁵⁴

⁴⁵² Galo empolga Boa Viagem. *Diário de Pernambuco*, 26 de janeiro de 1987, p. A4. (Grifos meu).

⁴⁵³ Galo da Madrugada programa para Boa Viagem desfile de fantasias. *Diário de Pernambuco*, 13 de janeiro de 1991, p. A19. (Grifos meu).

⁴⁵⁴ Galo leva, hoje, mais calor à praia. *Diário de Pernambuco*, 25 de janeiro de 1987, p. A22. (Grifos meu).

Banho a fantasia domingo em Boa Viagem abre Carnaval 89

O Clube de Máscaras **O Galo da Madrugada** promete sacudir, domingo próximo dia 8 de janeiro, a Zona Sul da cidade, com realização do seu já **tradicional Desfile e Banho de Mar com fantasias de Papel** e animação garantida por quatro orquestras de frevo, percorrendo grande parte da orla marítima da Boa Viagem e Pina, abrindo, oficialmente, o calendário da temporada da folia 88 da maior e mais consagrada agremiação de Carnaval de rua do País.⁴⁵⁵

Galo da Madrugada programa para Boa Viagem desfile de fantasias

Numa explosão de alegria e animação repetida a cada ano sempre três domingos antes do início oficial da folia, o Clube de Máscaras O Galo da Madrugada realizará, esta manhã, na Zona Sul da cidade, seu **tradicional Desfile e Banho com Fantasias de Papel**. [...]⁴⁵⁶

A presença do Galo da Madrugada em Boa Viagem foi destacada pelos jornais não só como sucesso dos dias momescos naquela localidade como também responsável pelo soerguimento do próprio Carnaval de rua do Recife. Os periódicos noticiavam que o Carnaval de rua daqueles anos começava na orla da famosa praia e não mais no centro da capital pernambucana. Sobre isso, destaco abaixo alguns trechos de duas matérias do Diário de Pernambuco, a primeira de 1983 e a segunda de 1989:

Carnaval de rua começa amanhã em Boa Viagem

O Carnaval de rua no Recife será aberto oficialmente, amanhã, em Boa Viagem, com tradicional desfile e banho de mar a fantasia de papel, iniciativa do Clube de Máscaras Galo da Madrugada, que levará alegria e animação às principais ruas do bairro, culminando com grande desfile pela orla marítima.⁴⁵⁷

Galo agita Boa Viagem e leva milhares de foliões à avenida

O Carnaval de rua do Recife foi aberto oficialmente, ontem de manhã, com o desfile do Clube de Máscaras "Galo da Madrugada". Ele contagiou uma multidão de milhares de foliões que dançavam ao som de quatro trios elétricos, dominando toda a extensão da Avenida Boa Viagem. O desfile de fantasias de papel do Galo foi composto por dois carros alegóricos e 50 grupos de "fantasias".⁴⁵⁸

⁴⁵⁵ Banho a fantasia domingo em Boa Viagem abre Carnaval 89. *Diário de Pernambuco*, 01 de março de 1989, p. A27. (Grifos meu).

⁴⁵⁶ Galo da Madrugada programa para Boa Viagem desfile de fantasias. *Diário de Pernambuco*, 13 de janeiro de 1991, p. A19. (Grifos meu).

⁴⁵⁷ Carnaval de rua começa amanhã em Boa Viagem. *Diário de Pernambuco*, 08 de Janeiro de 1983, p. A6. (Grifos meu).

⁴⁵⁸ Galo agita Boa Viagem e leva milhares de foliões à avenida. *Jornal do Commercio*, 09 de janeiro de 1989, p. 09. (Grifos meu).

Pela pesquisa e leitura dos jornais, pude compreender que o Galo da Madrugada foi um dos grandes destaques dessa festa, sendo superado só posteriormente pela presença dos trios elétricos nesse lócus da folia. Foi notório que os dias Momescos que se fazia em Boa Viagem se consolidaram, durante a década de 1980, como uma importante opção para quem desejava brincar e saudar o deus da galhofa.

4.3 Boa Viagem ou Olinda: novos Carnavais?

Como já destaquei anteriormente, em 1985 a Fundação de Cultura Cidade do Recife (FCCR) passou a organizar o Carnaval de Boa Viagem substituindo a Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur). Até o início dos anos 1980, essa festa foi marcada pelos desfiles de agremiações e pela presença das bandas de pau e corda, que tocavam frevo. Sobre o Carnaval de Boa Viagem nesse período e a transferência organizacional da folia, o Diário de Pernambuco destacou em 1985:

Carnaval de Boa Viagem vai ser com quatro orquestras.
O Carnaval de Boa Viagem, que se afirmou como um dos mais animados do Recife e que tem atraído grande público nos últimos anos, **passou da EMPETUR para a Fundação de Cultura Cidade do Recife.**⁴⁵⁹

Durante a segunda metade da década de 1980, os representantes da Fundação de Cultura, ao assumirem a organização da folia, imprimiram uma série de mudanças na festa que modificaram o seu cenário. Para que o leitor e a leitora tenham ideia, havia uma diretoria/supervisão à parte, exclusiva, que cuidava unicamente dos preparativos dos dias momescos dessa localidade. É o que se pode acompanhar abaixo pelas matérias do Diário de Pernambuco, a primeira delas de 1987 e a segunda de 1990:

Boa Viagem se antecipa e já deu partida na folia.
 [...] Nosso trabalho será desenvolvido conjuntamente com a Associação dos Carnavalescos de Boa Viagem, empresas patrocinadoras, PMPE, DETRAN e Prefeitura do Recife. Não iremos interferir nas áreas da sociedade civil, **comenta Marcelo Mário de Melo, diretor de Apoio Técnico da Fundação de Cultura e um dos coordenadores do Carnaval recifense.**⁴⁶⁰

⁴⁵⁹ Carnaval de Boa Viagem vai ser com quatro orquestras. *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1985, p. B3. (Grifos meu).

⁴⁶⁰ Boa Viagem se antecipa e já deu partida na folia. *Diário de Pernambuco*, 21 de fevereiro de 1987, p. A11. (Grifos meu).

Boa Viagem terá camarotes nos polos de animação
 O folião pernambucano vai poder assistir aos desfiles das agremiações carnavalescas e brincar o Carnaval de Boa Viagem instalado em Camarote. Para isso, a Fundação de Cultura Cidade do Recife firmou acordo com a Alcântara Machado para a construção de 30 camarotes, dez em cada pólo de animação da avenida, **informou a Supervisora-Geral do Carnaval de Boa Viagem, Fernanda d'Oliveira.**⁴⁶¹

Ao longo da pesquisa, percebi que em 1987 foi criado na FCCR o cargo de coordenador/supervisor do Carnaval de Boa Viagem. Observei, pela leitura dos jornais, que quem ocupava esse cargo era o responsável pela organização da folia naquela localidade. Os periódicos noticiavam que os impasses, os conflitos, as inovações referentes aos dias momescos eram resolvidos diretamente pelo coordenador/supervisor.

Ainda sobre isso, destaco que, anualmente, a Fundação de Cultura reunia a imprensa e enunciava os preparativos do Carnaval do ano em curso. Percebi que esse processo era apresentado em dois momentos. Um era específico sobre a folia momesca no centro da cidade, que era exposto pelo Presidente da FCCR, e outro momento referia-se ao Carnaval em Boa Viagem e, neste caso, quem falava sobre este polo da folia era o coordenador/supervisor. Essa evidência serve para demonstrar como o cargo, provavelmente, tinha uma importância nesses anos. Sobre isso, o *Jornal do Commercio* de 1988 destacou:

Falar do Carnaval de Boa Viagem coube a Marcelo Melo também da Fundação e da Comissão do Carnaval. Para ele o Carnaval do Bairro residencial de maior poder aquisitivo explodiu no ano passado, por dois fatores: o esgotamento do espaço físico de Olinda e a decadência do Carnaval do Recife.⁴⁶²

Compreendi que a Fundação de Cultura tinha alguns objetivos muito claros para com o Carnaval realizado na praia de Boa Viagem. O primeiro deles era, de fato, retomar a força e a pujança da "folia de rua" do Recife. Para tanto, foi uma das grandes incentivadoras da presença do Galo da Madrugada nesse lócus da festa.

⁴⁶¹ Boa Viagem terá camarotes nos polos de animação. *Diario de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1990, p. 08. (Grifos meu).

⁴⁶² Leda garante um Carnaval de total participação popular. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1988, p. 08. (Grifos meu).

O outro ponto foi o fortalecimento da localidade como um polo carnavalesco diferenciado. Como assim? O Carnaval em Boa Viagem funcionou como um espaço abalizado pela presença de diversas musicalidades e formatos de folia, que foram se modificando ao longo do tempo. A festa foi das bandas/orquestras de pau e corda (marcadas pela presença do frevo) aos trios elétricos (que tocavam acentuadamente a “axé music”).

Pode-se afirmar que, logo após a chegada da Fundação de Cultura, o Carnaval em Boa Viagem ganhou a feição de uma festa múltipla, marcada pela diversidade, tornou-se um acontecimento culturalmente plural.⁴⁶³ Essa localidade não era "apenas" o lugar do frevo, com o Galo da Madrugada, mas também do samba, com a escola Birinaite Classe A, e dos trios elétricos que animavam o público com a “axé music”. O Carnaval da praia da Boa Viagem era a festa em que os diversos ritmos habitavam.

Isso foi uma estratégia de fortalecimento do turismo local.⁴⁶⁴ Os organizadores do Carnaval de Boa Viagem buscaram fortalecer a localidade como um polo turístico que pudesse englobar as principais manifestações dos Carnavais do Brasil. Assim, Boa Viagem foi se afirmando como a festa da pluralidade, da diversidade. Nela, o folião não teria apenas um "estilo" de Carnaval, mas vários. Os súditos de Momo não precisavam viajar ao Rio para brincar samba, pois em Boa Viagem havia samba. Lá também tinha o frevo do Recife e a “axé music” da Bahia nos trios elétricos.

Outra questão do fortalecimento desse Carnaval ao longo da década de 1980 foi a semana pré-carnavalesca. Esse era o momento em que oficialmente se abriam os dias Momescos no Recife. Comumente quem comandava essa festa de abertura era o Galo da Madrugada, mas, no decorrer da semana, outras agremiações animavam os foliões naquela localidade.

Como a mais importante agremiação carnavalesca do Recife nos anos 1980, o Galo da Madrugada, abria a semana pré-carnavalesca em Boa Viagem e sete dias depois, no Sábado de Zé Pereira dava início oficialmente às festividades em

⁴⁶³ Partilho das concepções de Michel de Certeau ao afirmar que "toda cultura requer uma atividade, um modo de apropriação, uma adoção e uma transformação pessoais, um intercâmbio instaurado em um grupo social". Nesse sentido, entende que a cultura "não é nem um tesouro a ser protegido dos danos do tempo, nem um conjunto de valores a serem defendidos, ela significa simplesmente um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social." Diante disso, Certeau afirma que a cultura deve ser vista sempre como algo no plural", que conclama incessantemente pelo combate". CERTEAU, M. de. *A cultura no Plural*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2003, p. 10-11.

⁴⁶⁴ Sobre a Política de Turismo do Estado, é importante frisar que em 1987 o Carnaval de Pernambuco foi inserido no calendário turístico da Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo). Nesse sentido, ganhou status no roteiro turístico nacional. Cf. SILVA, L. V. Op. Cit., Recife, 2016, p. 11. (mimeo).

homenagem ao deus da galhofa no centro da capital pernambucana. Ou seja, o afamado Clube de Máscaras se dividia entre as principais atrações dos dias momescos do Recife.

Os incentivos da Fundação de Cultura Cidade do Recife foram fundamentais para o engrandecimento e a popularidade da festa em Boa Viagem. De acordo com o historiador Lucas Victor Silva, durante o período compreendido entre 1985 e a década de 1990 "[...] houve investimento significativo em eventos de rua visando atração de turistas. Assim, assistiu-se ao aumento do apoio ao Carnaval de Boa Viagem [...]."⁴⁶⁵

Esse apoio dado à folia de Boa Viagem pode ser percebido também com a introdução da Frevioca no festejo. Como demonstrei no capítulo II deste trabalho, a Frevioca foi entendida como uma importante inovação do Carnaval recifense ao longo dos anos 1980. Criada na gestão do jornalista Leonardo Dantas Silva à frente da Fundação de Cultura Cidade do Recife (FCCR), os jornais noticiavam que a Frevioca foi uma grande atração e destaque durante os dias gordos.

Na esteira do sucesso da Frevioca nos anos 1980, a Fundação de Cultura Cidade do Recife buscou introduzi-la logo em seu primeiro ano de organização do Carnaval em Boa Viagem. Fato que se repetiu em outros momentos, como noticiou em algumas matérias o Diário de Pernambuco, a primeira delas data de 1985 e a segunda de 1990:

"A Frevioca também participará do Carnaval de Boa Viagem, visitando aquele tradicional bairro durante os três dias de Carnaval, em horários que serão previamente anunciados. [...]"⁴⁶⁶

Todos os dias a **Frevioca** abrirá os desfiles da avenida, contando com a orquestra do maestro Duda. Em seguida entram as agremiações, sempre saindo do terceiro em direção ao primeiro Jardim, informou d'Oliveira. Estas ocuparão a passarela até as 22h, [...].⁴⁶⁷

Frevioca anima foliões em Boa Viagem

A abertura do Carnaval Levino Ferreira 90, em Boa Viagem, será em frente ao Castelinho, domingo, às 20 horas, com a saída **da Frevioca II**, carro com sistema de som com 10.000 watts de potência.⁴⁶⁸

⁴⁶⁵ SILVA, L. V. Op. Cit., 2016, p. 09. (mimeo). (Grifos meu).

⁴⁶⁶ Folia em Boa Viagem tem início no próximo dia 10. *Diário de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1985, p. A8. (Grifos meu).

⁴⁶⁷ Boa Viagem terá camarotes nos polos de animação. *Diário de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1990, p. 08. (Grifos meu).

⁴⁶⁸ Frevioca anima foliões em Boa Viagem. *Diário de Pernambuco*, 17 de fevereiro de 1990, p. A8. (Grifos meu).

Como observei anteriormente, uma das críticas que o festejo de Boa Viagem recebeu era de estar "descaracterizando" o Carnaval do Recife. Foi nesta esteia que o jornalista Stélio Gonçalves questionou, em 1990, a presença dos trios elétricos na pândega da Zona Sul, acusando-os de ser uma imitação da folia baiana em terras pernambucanas.⁴⁶⁹ Para contrapor esses discursos, a Fundação de Cultura buscou incentivar nesse lócus da festa carnavalesca a presença de elementos já enquadrados no conjunto do que se entendia como tradição local, como foi o caso da Frevioca, do Galo da Madrugada e do desfile de clubes, troças, maracatus e caboclinhos.⁴⁷⁰ Sobre a busca do discurso da "tradição"⁴⁷¹ para o Carnaval em Boa Viagem por parte da Fundação de Cultura, destaco dois trechos de matérias de jornais publicadas no Diário de Pernambuco em 1989 e 1990, respectivamente:

[...] o diretor executivo da Fundação de Cultura, Roberto Pereira, pretende, aos poucos, ir **introduzindo alguns elementos da nossa cultura carnavalesca no Carnaval de Boa Viagem**, para que o turista e o recifense possam contar, também, com o mais **autêntico e tradicional do nosso folclore carnavalesco**.⁴⁷²

Uma folia em todos os ritmos. Esse foi o "tom" do Carnaval de Boa Viagem que, este ano, [...] fez os foliões dançarem ao som de **agregiações folclóricas como Maracatus e Caboclinhos**. A ideia foi da Fundação de Cultura Cidade do Recife que prometeu ocupar o "desanimado horário das 17h30 às 21h30 com um Carnaval considerado de tradição". Ao todo, desfilaram oito Maracatus, quatro escolas de samba, dois Caboclinhos e três troças carnavalescas que se apresentaram sempre antes que os trios elétricos, distribuídos nos Jardins de Boa Viagem, começassem a tocar, um deles sob a animação de Alceu Valença. [...]⁴⁷³

O Carnaval de Boa Viagem pode ser interpretado como uma festa moderna. Essa folia se apresentava nos jornais como um reduto para a juventude, que via na pândega

⁴⁶⁹ A Passarela da incompetência (Texto de Helena Sales). *Suplemento Cultural*, Março de 1990, p. 9.

⁴⁷⁰ Agregiações vão desfilarem em Boa Viagem. *Diário de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1990, p. A10.

⁴⁷¹ [...] tradições são relações de poder. Constroem autoridades, determinam legitimidades e tornam memórias processos autênticos do presente. Transformam símbolos recentes em "verdadeiros" elementos de coesão social e de identidade. Discutir tradição é falar de um poder ideológico, com a capacidade de determinar o sentido da realidade, impor valores e narrar a história a partir de sua própria perspectiva. SILVA, A. N. É Carnaval no Recife de 1985, a alegria é que impera! Oh que beleza, tem festa, tem magia e tem mãe Badia nesta folia! *Clio. Série História do Nordeste (UFPE)*, v. 34, p. 324-345, 2016, p. 338.

⁴⁷² Na orla marítima de Boa Viagem e frevança parece cada vez melhor. *Diário de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1989, p. B1. (Grifos meu).

⁴⁷³ Boa Viagem atrai 80 mil turistas do exterior: uma festa para todos os ritmos. *Diário de Pernambuco*, 01 de março de 1990, p.C10. (Grifos meu).

uma identificação com sinais da modernidade e da liberdade. As músicas que animavam os foliões, comumente, eram os sucessos do momento e dialogavam com o que estava tocando nas emissoras de rádios.

Como o leitor e a leitora podem ter observado ao longo desse trabalho, a ideia de tradição foi algo recorrente nos debates sobre o Carnaval do Recife. Durante as décadas de 1970 e 1980, os jornais mencionavam que os dias momescos recifenses eram frequentemente acusados, por "defensores de um tradicionalismo histórico da festa", de estarem se "descaracterizando", perdendo sua "essência" e "autenticidade". Todavia, é importante frisar que, quando esses defensores da tradição questionavam o Carnaval do momento, eles pleiteavam o retorno a uma festa que estava no passado. E, neste caso, falar de passado é estabelecer diálogo com as ideias de legitimidade e autenticidade para a folia. Essas eram estratégias de disputas por um formato de festa carnavalesca para a capital pernambucana.

Segundo as matérias dos jornais, o Carnaval de Boa Viagem entrou nesse cenário de disputas como o lugar da "traição" pelo fato de congregar, em sua estrutura, diversos ritmos musicais e variados estilos de folia em detrimento dos "ritmos da terra" como o frevo e o maracatu. A identidade que aflorava nos dias momescos vivenciados na orla da famosa praia era da pluralidade, da diversidade e da modernidade.

Em meados da década de 1980, no centro da cidade do Recife imperava o formato do Carnaval Espetáculo, com destaque para o concurso das agremiações. Na passarela, as escolas de samba exerciam enorme atratividade entre os foliões. Nos dias reservado para as disputas do certame, as arquibancadas ficavam lotadas dos súditos de Momo. Essa era a festa do visual, a festa do Espetáculo.

Na contramão da "Espetacularização" do Carnaval do Centro do Recife e da "pluralidade" vivenciada em Boa Viagem, a cidade de Olinda, já desde meados da década de 1970, aparecia nos jornais como o lugar onde o Carnaval reinava "autêntico" e "legítimo". Os periódicos anunciavam que na urbe centenária fazia-se o "verdadeiro" "Carnaval Participação",⁴⁷⁴ essa era nomeada de "A Festa da Tradição".

⁴⁷⁴ Em Olinda Carnaval ainda é participação. *Jornal da Cidade*, 19 a 25 de fevereiro de 1977, p. 08; Passarela não rima com Carnaval. *Jornal da Cidade*, 26 de fevereiro a 04 de março de 1977, p. 13; Foi assim o Carnaval participação. *Diário da Noite*. 23 de fevereiro de 1977, p. 08; Fim da passarela. *Diário de Pernambuco*, 20 de fevereiro de 1977, capa; Passarelas: uma imitação que sacrifica o carnaval. *Diário de Pernambuco*, 20 de fevereiro de 1977, p. A16; Opinião geral: é preciso mudar. *Diário de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1977, p. A4; Sem passarela e "cartolas", Olinda dá lição de folia. *Diário de Pernambuco*, 08 de fevereiro de 1978, p. A11; Olinda promete melhor carnaval. *Diário de Pernambuco*, 11 de fevereiro de 1978, p. A7;

Espero que o leitor e a leitora entendam que ao se falar nesses anos de Carnaval autêntico e legítimo os jornais estavam tratando do "Carnaval Participação". Uma festa que, como já demonstrei, era feita sem cordões de isolamento, sem distinção entre público brincante e expectador, sem passarelas ou arquibancadas e marcada pela presença do frevo. Sobre a campanha de intelectuais pernambucanos em defesa desse formato de folia e sua emergência na cidade de Olinda, o historiador Ivaldo Lima discorreu:

Várias campanhas articuladas por intelectuais locais “defensores do carnaval participação”, que eram contra as passarelas e o carnaval espetáculo, vão defender certa tradição carnavalesca, onde o frevo em primeiro plano, e o maracatu em segundo, são apontados como ícones. Para estes intelectuais, o ano de 1976 representou um marco no debate contra a passarela, com a eleição de Germano Coelho para o cargo de prefeito da cidade de Olinda. Com ele vieram os discursos do chamado “carnaval participação”, o modelo oposto ao “carnaval espetáculo” e que caía como uma luva para os intelectuais pernambucanos, defensores do frevo e contrários ao “samba carioca”.⁴⁷⁵

Então, segundo Lima, foi a partir da segunda metade da década de 1970 que emergiram os discursos e as práticas em torno do chamado "Carnaval Participação" em Pernambuco. E, segundo o historiador, eles não se deram no Recife e sim na cidade vizinha, Olinda. Foi lá que o poder público implementou as primeiras medidas que visavam conferir à festa carnavalesca os contornos da ideia de "Participação". Sobre as intervenções do poder público municipal nos dias momescos olindenses, o memorialista José Ataíde aludiu:

Tradicionalmente, o Carnaval é comemorado três dias - domingo, segunda-feira e terça-feira. Em Olinda extrapola esta tradição, há muito tempo, porque se brinca o Momo antes, durante e depois. Baseado nesse fenômeno, o prefeito de Olinda, através de um decreto, oficializou o período do tríduo monesco, em 11 dias, em 1981. [...] Mesmo sem ser oficializados esses 11 dias para o Carnaval em Olinda, há muitos anos, no mês de fevereiro, se verificam os ensaios dos clubes, troças, escolas de samba e os acertos de marchas dos blocos.⁴⁷⁶

⁴⁷⁵ LIMA, Ivaldo Marciano de França. Op. Cit., 2010, p. 255.

⁴⁷⁶ MELO, José Ataíde de. *Olinda, Carnaval e Povo (1900-1981)*. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1982, p. 28.

Os jornais destacavam que o Carnaval de Olinda, ao longo da década de 1980, foi comemorado em meio à espontaneidade, ao improviso: a festa fazia-se pela cidade como que ao "natural". Essas peculiaridades dos dias momescos olindenses se colocavam contra as referências do Carnaval carioca, haja vista que a folia do Rio de Janeiro foi definida como uma festa desfigurada, comercializada, criada para atrair turistas e não para incentivar o povo alegre e livre pelas ruas.⁴⁷⁷ Sobre a pândega em Olinda e a espontaneidade da festa, o memorialista José Ataíde mais uma vez comentou:

É muito normal se ver em Olinda, logo no início do ano, o povo se preparando para o Carnaval do ano seguinte. Os verdadeiros foliões tem uma espécie de devoção com o Momo. No mês de junho ou antes fazem o planejamento dos gastos, fantasias, adereços, alegorias e principalmente a escolha dos temas que abordarão nas suas fantasias.⁴⁷⁸

A historiografia sobre o Carnaval de Olinda – que, diga-se de passagem, é composta de poucas obras – apresenta informações cristalizadas sobre essa festa.⁴⁷⁹ As ideias de "espontaneidade", "improvisação" e "autenticidade" figuram em alguns escritos como simbióticas a esse festejo. Sobre a forma como esses temas são naturalizados por parte da historiografia, destaco uma passagem do livro do memorialista José Ataíde para demonstrar tal evidência:

Para justificar o sucesso que vem tendo o Carnaval de Olinda com o passar dos anos devem-se apontar as causas principalmente para que a folia olindense a cada dia torne-se objeto de interesse por parte de turistas e dos carnavalescos [...] A primeira justificativa que faz o Carnaval de Olinda crescer é porque é feito pelo autêntico carnavalesco. Segundo é que a concentração de famílias tradicionais no Sítio Histórico vem mantendo as características naturais como fazer o folguedo sem descaracterizá-lo [...] Outro fator importante é o Carnaval desinstitucionalizado, sem comissão julgadora e

⁴⁷⁷ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Op. Cit., 1992, p. 187.

⁴⁷⁸ MELO, José Ataíde de. Op. Cit., 1982, p. 13.

⁴⁷⁹ Poucos são os trabalhos que se dedicaram a analisar o Carnaval de Olinda, com exceção dos trabalhos do historiador Lucas Victor Silva, que ainda serão publicados, "*Carnaval vigiado: uma história do carnaval de Olinda entre 1968 e 1985*" e "*O carnaval libertado: histórias do carnaval de Olinda entre 1985 e 2014*" e um tópico do livro "Carnaval brasileiro, o vivido e o mito", da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz. Os demais trabalhos, comumente, apresentam uma visão romaneada da festa e caem na ingenuidade de pensar a História como uma prática linear e teleológica, como é o caso dos trabalhos de José Ataíde "*Olinda, Carnaval e Povo*", e de Cláudia Lima "*Evoé: história do Carnaval - das tradições mitológicas ao trio elétrico*", ambos já citados nesse trabalho.

organizadora, sem palanque oficial, sem passarela e etc. Tudo é feito na base do improviso, na possibilidade de cada um.⁴⁸⁰

É perceptível, na citação anteriormente citada, uma naturalização das ações que, segundo o autor, foram determinantes para o sucesso do Carnaval de Olinda. A presença do "autêntico" folião, da manutenção das "características" dos folguedos e a ausência de uma instituição que organize a festa na cidade alta são apontados como elementos responsáveis pela grandiosidade da folia olindense. Entretanto, essas questões são apenas dadas, sem a devida contextualização e problematização necessárias.

Ao afirmar que no Carnaval de Olinda "tudo é feito na base do improviso", isso vai de encontro ao que tenho pesquisado nos jornais, pois encontrei uma série de matérias destacando a distribuição de verbas pela prefeitura da cidade às agremiações. Além das queixas dos grupos carnavalescos por não receberem do poder público o pecúlio prometido no período da preparação para a festa de Momo.

Numa matéria publicada no Suplemento Cultural de 1991, a jornalista Helena Sales destaca a concepção de "espontaneidade" como inerente aos festejos momescos olindenses. Para a articulista, pouca coisa se precisava para que a festa pudesse existir. Era como que a festa brotasse das ladeiras da Cidade Histórica.

O toque dos clarins convida os foliões para a festa. [...] **Os carnavalescos são atraídos pela diferença do carnaval olindense.** Não é um carnaval de espectador, nem precisa de passarela. Somente ânimo para subir e descer ladeiras, pular e cantar atrás de um bloco ou uma troça, formada por crianças, velhos, pobres e ricos. Animação necessária para não diferenciar o dia da noite, nem os passos dos empurrões. **Apenas sentir o sangue pulsar ao ritmo do frevo [...] precisa-se de quase nada no carnaval olindense. Se alguém bater numa lata já é festa. Junta um grupo de dez e segue atrás.**⁴⁸¹

A ideia de uma festa espontânea, sem distinção de público, foi contraposta nas análises da Maria Isaura Pereira de Queiroz. Ao analisar o Carnaval olindense, a referida socióloga percebeu que, apesar das tentativas de construção do discurso de que

⁴⁸⁰ MELO, José Ataíde de. Op. Cit., 1982, pp. 35-36.

⁴⁸¹ Olinda: sufoco da alegria. (Texto de Helena Sales). *Suplemento Cultural*, Janeiro de 1991, p. 03. (Grifos meu).

uma "festa ao natural" existia em Olinda, na realidade a manifestação, apesar de ser bem plural, era marcada pelas divisões existentes na própria cidade. Sobre isso, ela afirmou:

A multidão de participantes, com seus homens e mulheres gigantes e seus estandartes - multidão que parecia atacada de uma espécie de transe coletivo - nada tinha também de um conglomerado anárquico; a massa aparentemente informe mantinha-se organizada em blocos - grupos bem delimitados no espaço, compostos de parentes, de amigos, de vizinhos, reunidos em torno de um estandarte onde estavam bordados o nome e a insígnia do grupo. Os blocos não se formavam, pois, ao acaso; sua organização seguia as divisões sempre existentes na cidade - as divisões de sexo, de etnias, de instrução, de nível econômico.⁴⁸²

Como é possível perceber, em torno do Carnaval de Olinda buscou-se construir a imagem de uma prática festiva que alçava o lugar do diferente, que fosse marcada pela espontaneidade, criatividade e alegria dos foliões. Além disso, a festa carnavalesca da Cidade Alta foi construída em oposição ao que era realizado na capital pernambucana. Todavia, na pesquisa que desenvolvi, compreendi que os interesses com esse discurso estavam além dos sentidos momescos e os objetivos estavam no campo do político e do econômico.

Desde o final dos anos 1970, o poder público olindense trabalhava para que a urbe centenária pudesse receber o título de patrimônio cultural da humanidade.⁴⁸³ Nesse sentido, se investiu fortemente numa campanha publicitária de divulgação da cidade pelo Brasil e o Carnaval foi um importante mecanismo de visibilidade e promoção de Olinda como cidade cultural. Sobre as estratégias da propaganda do Carnaval olindense, a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz comentou:

A propaganda do Carnaval local, apontado como o "único Carnaval tradicional existente no país" e, portanto, guardando os predicados antigos de alegria espontânea e de exaltação impulsiva, devia multiplicar a atração de turistas nacionais e estrangeiros, que aumentariam as rendas da municipalidade e o lucro dos comerciantes.

⁴⁸² PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Op. Cit., 1992, p. 189.

⁴⁸³ Olinda recebeu da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) o título de Patrimônio Cultural da Humanidade em 1982. Com isso, a cidade se inscreveu na lista dos monumentos mundiais, tais como a Catedral de Notre Dame, em Paris; o Vaticano e mais de 400 outros monumentos espalhados pelo mundo.

Além disso, a propaganda chamava a atenção do público nacional sobre a cidade num momento em que grandes esforços estavam sendo postos em prática para que ela fosse classificada como "patrimônio da humanidade".⁴⁸⁴

É importante compreender que, desde a emergência dos discursos em torno do "Carnaval Participação" em Olinda – isso em meados da década de 1970 –, que houve a tentativa de opor-se ao que era praticado no Rio de Janeiro. A estratégia do poder público olindense era de relegar ao festejo carioca o lugar negativo de uma festa voltada ao turista. Nesse sentido, buscou-se construir (vender) a imagem de que Olinda proporcionava aos súditos de Momo o "verdadeiro Carnaval", enquanto o Rio de Janeiro oferecia uma festa comercial, marcada unicamente por fins mercadológicos.

Entretanto, ao fazer isso o poder público de Olinda buscava absorver uma parcela do turismo nacional, principalmente a fatia representada pelos súditos de Momo ávidos por se divertirem em meio àquela folia que se apresentava como o "verdadeiro Carnaval". A imprensa noticiava que as ruas da Cidade Alta estavam lotadas de turistas, "as portas abertas, ruas enfeitadas, pessoas pintadas e com pouca roupa, o cheirinho da loló ou de cerveja tomando conta do ar e o som dos metais. Olinda é Carnaval em todos os seus quatro cantos".⁴⁸⁵

As matérias de jornais destacavam também que a Cidade Alta não tinha estrutura para abrigar o contingente de turistas que se abateu sobre ela entre a segunda metade da década de 1980 e o início dos anos de 1990. As ruas lotadas de gente prejudicavam não só a apresentação das agremiações durante os dias gordos como também a rotina de quem morava na cidade. Sobre a presença de turistas em Olinda nesses anos e a falta de espaço, o historiador Lucas Victor Silva salientou:

As ruas ficavam cada vez mais repletas de turistas jovens que alugavam casas da Cidade Alta. Neste sentido, podemos inferir que os esforços governamentais para a atração de foliões para o carnaval de Olinda davam resultados. O que trouxe algumas consequências para as agremiações carnavalescas. A imprensa registrava a reclamação dos moradores incomodados com a falta de espaço para os desfiles e das agremiações obrigadas a mudar os itinerários tradicionais na direção de espaços menos congestionados. Multidões sem rosto, automóveis,

⁴⁸⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Op. Cit., 1992, p. 193.

⁴⁸⁵ Invasão de turistas esquenta o Carnaval nas ruas de Olinda. *Jornal do Commercio*, 24 de fevereiro de 1990, p. Capa.

trios elétricos, barracas armadas por populares ou pelas indústrias de bebidas patrocinadoras diminuía os espaços disponíveis à passagem das agremiações nos principais polos da folia como Ribeira, Praça do Carmo, Praça de São Pedro e Quatro Cantos.⁴⁸⁶

Numa matéria do Suplemento Cultural de 1990, o cronista carnavalesco Stélio Gonçalves criticou a política de turismo do estado, que não divulgava bem os diferentes festejos momescos que havia em Pernambuco. Na mesma publicação aludia que diante da falta de informação dos turistas, eles comumente procuravam somente a Cidade Alta para brincarem a folia momesca. E, para o articulista, o grande contingente de turistas em Olinda matava o seu Carnaval. É o que se pode acompanhar pelo trecho da matéria abaixo do Suplemento Cultural:

Todos os turistas que chegam ao Aeroporto Internacional dos Guararapes, em Recife, no mês de fevereiro, têm algo em comum. Com diversas pronúncias, eles dizem que estão indo para Olinda. Essa invasão na cidade patrimônio histórico da humanidade está acabando com o tradicional Carnaval pernambucano.⁴⁸⁷

O Carnaval de Olinda é marcado pela presença de muitas agremiações. A cidade se destaca pela pluralidade de manifestações carnavalescas presentes em seu folguedo: são troças, maracatus, clubes, blocos, escolas de samba. Durante os anos 1980 alguns grupos ganhavam visível notoriedade, como foi o caso do Siri na Lata e do Bacalhau do Batata.

O Bloco Armorial Siri na Lata foi fundado em 1976 por um grupo de intelectuais, jornalistas e demais membros da classe média. Seus desfiles eram marcados pelo ritmo do frevo e a concentração acontecia no Clube Atlântico, conhecido como "Maconhão". Segundo uma matéria publicada pelo *Jornal do Commercio* de 1977, uma das propostas da agremiação era "representar a síntese das tendências estéticos monarquistas do povo nordestino, de um lado, e da sensualidade rítmica afro-lusa-brasileira de outro".⁴⁸⁸

Segundo o jornalista José Teles, o Bloco Siri na Lata foi criado para ser um espaço de contestação ao regime militar. Seus integrantes resolveram "aproveitar a

⁴⁸⁶ SILVA, L. V. Op. Cit., 2016, p.11 (mimeo).

⁴⁸⁷ A Passarela da incompetência (Texto de Helena Sales). *Suplemento Cultural*, Março de 1990, p. 7.

⁴⁸⁸ Siri na Lata é a nova escola carnavalesca. *Jornal do Commercio*, 11 de fevereiro de 1977, apud: TELES, José. *Siri na Lata: 30 anos de anarquia, folia & negócios*. Recife: Bagaço, 2006, p. 24.

abertura dada pelo reinado de Momo para alfinetar, achincalhar os poderosos e conscientizar a massa, valendo-se de um bloco carnavalesco".⁴⁸⁹

Outra importante agremiação do Carnaval de Olinda nos anos 1980 foi o Bloco Bacalhau do Batata, fundado em 1962 com o objetivo de permitir que os foliões que trabalhavam durante o reinado de Momo pudessem se divertir na quarta-feira de cinzas. Milhares dos súditos de Momo saíam pelas ruas atrás do Bacalhau do Batata encerrando o Carnaval da Cidade Alta.

Busquei, nas linhas acima, descrever ao leitor e à leitora quais foram os conflitos, as tensões, as disputas, os anseios que estavam em jogo na folia de Momo olindense durante a década de 1980. Para que assim se possa ter uma visão mais ampla sobre os dois formatos de Carnaval, o que acontecia em Boa Viagem e o que se passava em Olinda, pois os jornais noticiavam uma rivalidade crescente, durante a segunda metade da década de 1980, entre as folias de Boa Viagem e Olinda.

De acordo com a pesquisa que empreendi, posso mensurar que os anos de 1985, 1986 e 1987 foram cruciais nesse cenário de disputas entre esses dois Carnavais. Nesse marco temporal, os jornais destacaram com mais ênfase o crescimento da festa em Boa Viagem e sua crescente rivalidade com Olinda.

A respeito dessas datas, não se pode esquecer que a partir de 1985 a Fundação de Cultura passou a organizar a festa. E, como importante instituição do Recife, provavelmente investiu na propaganda de que estava produzindo em Boa Viagem uma festa atrativa e animada. Os anos de 1986 e 1987, período subsequente ao início de sua gestão, devem ter sido cruciais para isso. Sobre esse crescimento do Carnaval em Boa Viagem, o Diário de Pernambuco de fevereiro de 1987 destacou:

Boa Viagem se antecipa e já deu partida na folia.
 [...] **O Carnaval de Boa Viagem cresceu muito nos últimos anos, principalmente em 1986**, quando **rivalizou com o de Olinda** e o dos bairros tradicionais, como São José e Boa Vista - Não se pode ter preconceito com o Carnaval de Boa Viagem - assinala Marcelo Melo.
 [...] ⁴⁹⁰

No ano de 1987 o Carnaval de Pernambuco foi inscrito no calendário turístico da Embratur, alçando lugar no roteiro do turismo nacional. Entretanto, os jornais já

⁴⁸⁹ TELES, José. *Siri na Lata: 30 anos de anarquia, folia & negócios*. Recife: Bagaço, 2006, pp. 09-10.

⁴⁹⁰ Boa Viagem se antecipa e já deu partida na folia. *Diário de Pernambuco*, 21 de fevereiro de 1987, p. A11. (Grifos meu).

destacavam o crescimento do volume de turistas na folia de Boa Viagem antes mesmo desse processo. A respeito do aumento do fluxo de turistas na pândega da famosa praia, o *Jornal do Commercio* de 1985 sinalizou:

Boa Viagem concentra o maior número de turistas
É também em **Boa Viagem que se concentra o maior número de turistas que vem** (sic) **curtir o Carnaval do Recife** e ficam empolgados com o ritmo quente do frevo associado à beleza das mulheres e ao sabor da batida de limão ou da cervejinha para aliviar o calor. [...] ⁴⁹¹

Entretanto, é perceptível que o crescimento da festa em Boa Viagem, seja em público – independente dele ser composto de turistas ou foliões local – ou em visibilidade na imprensa, foi notório que a segunda metade da década de 1980 apresentou-se como o momento crucial para esse processo. Para fortalecer esse argumento, trago para a discussão as colocações do historiador Lucas Victor Silva, que destacou o cenário de disputas que a imprensa noticiava sobre as folias da Cidade Alta e de Boa Viagem:

Da segunda metade dos anos 1980 à década de 1990 os carnavais de Olinda e do centro do Recife conheceram um rival considerável. O carnaval de Boa Viagem tomava as páginas da imprensa que publicava depoimentos aprovando o novo espaço para as folias de fevereiro. ⁴⁹²

Então, como venho sinalizando, os jornais passaram, a partir de 1985, a destacar a força do Carnaval de Boa Viagem e como este passava a rivalizar com a folia de Olinda, esta última já alçada ao lugar de "tradicional" e "autêntica" da terra. Sobre essas disputas, o *Diario de Pernambuco* de 1986 sinalizou: "O Carnaval de Boa Viagem está crescendo a cada ano e já é apontado como o mais animado dos bairros do Recife, chegando a comparar-se ao de Olinda, pela descontração e alegria dos foliões". ⁴⁹³ Ainda sobre a rivalidade crescente entre os Carnavais praticados em Boa Viagem e na Cidade

⁴⁹¹ Boa Viagem concentra o maior número de turistas. *Jornal do Commercio*, 17 de fevereiro de 1985, p. 08. (Grifos meu).

⁴⁹² SILVA, L. V. Op. Cit., 2016, pp. 07-08. (mimeo).

⁴⁹³ Folia em Boa Viagem é a melhor. *Diario de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1986, p. A9.

Alta, destaco os trechos de duas matérias de diferentes jornais publicados em 1985. A primeira é do Diário de Pernambuco e a segunda do Diário da Manhã:

Boa Viagem rivaliza com Olinda.

O Carnaval de Boa Viagem - já contando com inúmeros blocos organizados [...] - **põe em evidência a rivalidade existente entre o Carnaval do Recife e o de Olinda.** [...].⁴⁹⁴

[..] O Carnaval de Boa Viagem tirou a marca de aristocrata do bairro e passou a juntar pobres e ricos na mesma medida de alegria e descontraimento. **Para muitos, o Carnaval de Boa Viagem passou a ser uma espécie de confronto com outro Carnaval que se realiza longe dali, ou seja, o Carnaval de Olinda,** famoso pela quantidade de gente que ele concentra, todos os anos. Realmente em Boa Viagem havia não apenas os moradores do bairro mas também foliões de outras localidades, atraídos pelo ambiente saudável da praia, onde uma brisa constante impedia o cansaço dos mais agitados e alegres brincalhões.⁴⁹⁵

Com o passar dos anos, Boa Viagem foi se afirmando como mais um polo carnavalesco em Pernambuco. O historiador Lucas Victor Silva também salienta que a pândega que se fazia em Boa Viagem foi marcada pela diversidade dos ritmos: "o repertório era eclético, do rock ao reggae, dos sambas aos frevos pernambucanos e baianos que eram dançados indiscriminadamente".⁴⁹⁶ Sobre a ascensão de Boa Viagem como importante lócus momesco, o Jornal do Commercio de 1986 destacou:

Boa Viagem torna-se opção para a folia

Boa Viagem começa a concorrer com Olinda em matéria de animação. O Carnaval da avenida está "fazendo a cabeça" nos turistas e nativos que escolheram brincar na Zona Sul. [...] **comprovando que a Zona Sul está definitivamente firmada como mais uma opção de Carnaval de rua em nossa região.**⁴⁹⁷

Como busquei demonstrar, a partir de 1985 os dias momescos da praia da Boa Viagem emergiram nas páginas da imprensa como um diferente e importante modelo de

⁴⁹⁴ Boa Viagem rivaliza com Olinda. *Diário de Pernambuco*, 15 de fevereiro de 1985, p. A4. (Grifos meu).

⁴⁹⁵ Boa Viagem surpreendeu e fez o melhor Carnaval de rua. *Diário da Manhã*, 20 de fevereiro de 1985, p. 2. (Grifos meu).

⁴⁹⁶ SILVA, L. V. Op. Cit., 2016, p. 08. (mimeo).

⁴⁹⁷ Boa Viagem torna-se opção para a folia. *Jornal do Commercio*, 06 de fevereiro de 1986, p. 07. (Grifos meu).

feira carnavalesca. Entretanto, ao longo desses anos, a orla da praia de Boa Viagem foi se afirmando por produzir uma pândega abalizada por diversos ritmos, mas marcada principalmente pelos símbolos do Carnaval baiano. E isto não foi bem visto por alguns defensores do "tradicionalismo do Carnaval recifense", como destacou o Suplemento Cultural de 1990 ao reproduzir a narrativa do cronista carnavalesco Stélio Gonçalves:

Um outro Carnaval muito conhecido no Estado é o Carnaval de Boa Viagem. Mas, segundo Stélio, este é um Carnaval totalmente descaracterizado. [...] Em Boa Viagem, também, só se toca música baiana. É Trio Elétrico com muito fricote, afoxé. O Frevo quase não se escuta.⁴⁹⁸

A partir de agora convido o leitor e a leitora a adentrarem comigo neste debate da introdução e afirmação dos trios elétricos no Carnaval de Boa Viagem. Ao longo desse processo, emergiram outros conflitos, marcados pelas disputas em torno de uma política de identidade e alteridade para o Carnaval da cidade. Em torno da folia realizada na orla da famosa praia, suscitaram importantes tensões culturais que buscarei mostrar a seguir. Os jornais noticiavam constantemente que o Carnaval de Boa Viagem desprestigiava os símbolos da folia momesca pernambucana, em favorecimento à baiana.

4.4 Trios elétricos: entre a tradição e a "baianização" da festa

Os trios elétricos são práticas de Carnaval que têm sua emergência associada à Bahia, entretanto, esta é uma história com fortes ligações com o estado de Pernambuco, haja vista que foi da visita feita a Salvador em 1950 pelo Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas que Dodô e Osmar tiveram as primeiras ideias para a concepção do que seria o trio elétrico.⁴⁹⁹ Sobre a história do trio elétrico, a pesquisadora Goli Guerreiro aludiu:

⁴⁹⁸ A Passarela da incompetência (Texto de Helena Sales). *Suplemento Cultural*, Março de 1990, p. 7.

⁴⁹⁹ Sobre as narrativas em torno da emergência do trio elétrico na Bahia ver: GOES, Fred de. *O país do carnaval elétrico*. Salvador: Corrupio, (Baianada, 4), 1982.

O Trio Elétrico surgiu nos anos 50 com a criação da Fobica (o trio matriz) pelos carnavalescos Dodô e Osmar e Temístocles Aragão. O invento foi motivado pela visita do clube carnavalesco Vassourinhas, do Recife, que naquele ano animou as ruas de Salvador executando frevos. Impactados com a euforia causada pelo clube os então anônimos Dodô e Osmar resolveram eletrificar o ritmo e inventaram o frevo baiano (ou frevo novo), tocado por um instrumento construído por eles, chamado "pau elétrico" (um tipo de guitarra, mais tarde chamada de guitarra baiana). A música era executada em cima de um carro com alto-falantes que desfilava ao lado dos clubes, cordões, blocos e bandas.⁵⁰⁰

Segundo o pesquisador Fred de Góes, a criação do trio elétrico modificou a feição do Carnaval soteropolitano: "Surgia o que Moraes Moreira chamaria de o mais novo Carnaval do Brasil".⁵⁰¹ No entanto, com o passar dos anos, o trio elétrico não ficou restrito apenas a Salvador,⁵⁰² ele adentrou outros espaços, como o reinado de Momo do Recife. Sobre o fortalecimento do estilo de folia produzida pelos trios elétricos, mais uma vez a pesquisadora Goli Guerreiro comentou:

O sucesso do trio elétrico foi crescente, e a engenhoca musical foi aos poucos se sofisticando. Em 1969, Caetano Veloso compôs a canção "Atrás do Trio Elétrico" e popularizou o "frevo baiano" em todo o país. A partir da década de 1970, o estilo vai se fortalecer com a formação do grupo Novos Baianos, composto por Pepeu Gomes, Baby Consuelo (Baby do Brasil), Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor e Luiz Galvão.⁵⁰³

Como demonstrei, o Carnaval de Boa Viagem se apresentou como uma festa plural, marcada pela diversidade de ritmos e estilos. No entanto, entre todas as suas facetas, foi perceptível, pela leitura dos jornais, que o grande destaque dessa folia se deu mesmo com a presença dos trios elétricos. Eles foram se construindo como o carro-chefe dessa festa. Logo em seus primeiros anos de apresentação, atraíam milhares de

⁵⁰⁰ GUERREIRO, Goli. *A Trama dos tambores: a música afro-pop de Salvador*. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 121.

⁵⁰¹ GOES, Fred de. Op. Cit., 1982. p. 19.

⁵⁰² Ao analisar a presença do trio elétrico no Carnaval de Salvador, Paulo Miguez discorreu: "De uma outra perspectiva, o trio elétrico instituiu uma nova lógica de organização socio-espacial dos festejos quando, deshierarquizando o espaço da festa, instaurou o caráter participativo como o traço distintivo por excelência do Carnaval baiano face aos outros carnavais brasileiros". MIGUEZ, Paulo. *A organização da cultura na cidade da Bahia*. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002, p. 283.

⁵⁰³ GUERREIRO, Goli. Op. Cit., 2000, p. 122.

foliões que saldavam Momo alegremente pela orla da famosa praia. Sobre a presença dos trios elétricos em Boa Viagem, o jornalista José Teles afirmou:

Por volta de 1984, os trios de *axé* começaram a animar o Carnaval da avenida Boa Viagem, surgido nos anos 70, com um palanque armado em frente ao edifício Acaiaca, onde eram tocados os frevos acústicos da Banda de Pau e Corda.⁵⁰⁴

No entanto, apesar dos trios elétricos se firmarem no Carnaval do Recife pela região de Boa Viagem, as primeiras referências que encontrei na pesquisa com os jornais não relacionavam os trios à folia realizada na famosa praia. A primeira publicação a mencionar essas práticas data de 1982. A matéria publicada pelo Diário de Pernambuco destacou ainda que a presença dos trios na cidade datava de 1980:

Os trios elétricos estão se tornando comuns na paisagem carnavalesca do Recife. O mais novo é o Cordão Coral, que **saiu pela primeira vez em 1980** e agora repete a dose, com roupagem nova: o caminhão que era de madeira tornou-se metalizado, aumentou o número de orquestras (agora são três) e o de bailarinas contratadas para alegrar a folia promovida pelo trio. [...] Enquanto está rodando, o som funciona através de gerador próprio; parado, é ligado na rede elétrica. [...] O trio é promovido pela Fábrica Coral e a única reclamação dos foliões é que, depois de cada música são colocados comerciais da empresa, quebrando o "embalo" da folia.⁵⁰⁵

É interessante perceber que desde os primeiros sinais da emergência dos trios elétricos na cena carnavalesca pernambucana, há relação destes com empresas privadas. Como destacou anteriormente o trecho da matéria do Diário de Pernambuco, a propaganda comercial era feita nos intervalos das músicas e, mesmo "quebrando o embalo da folia", a divulgação não deixava de ser feita. São os sinais de uma festa comercial que emergia em meio à presença dos trios elétricos. Ao tratar dessa questão no Carnaval baiano, o pesquisador Paulo Miguez destacou:

[...] vale o registro, revelando-se um excelente veículo de propaganda e, portanto, alvo privilegiado de patrocínios, o trio elétrico também

⁵⁰⁴ TELES, José. Op. Cit., 2008, p. 84.

⁵⁰⁵ Trios fixam-se no Recife. *Diário de Pernambuco*, 21 de fevereiro de 1982, p. A10. (Grifos meu).

abre espaço para os primeiros contornos empresariais do Carnaval, incorporando uma lógica comercial [...].⁵⁰⁶

Em 1983 localizei outra matéria, agora no *Jornal do Commercio*, que destacava a preocupação com a presença dos trios elétricos no Carnaval do Recife. A publicação afirmava que essas práticas já tinham invadido e modificado as folias do Rio de Janeiro e de São Paulo e que estavam adentrando na "terra do frevo". A matéria deixou clara a relação dos trios elétricos com a Bahia e que um dos objetivos do grupo era "eletrificar a folia". Outra questão foi que os periódicos, comumente, destacavam a potência sonora dessas práticas, provavelmente, como um recurso atrativo para os foliões. É o que se pode acompanhar por meio da publicação do *Jornal do Commercio* de janeiro de 1983:

Trio Elétrico alegra Carnaval

Uma novidade que poderá mexer com as estruturas do Carnaval do Recife: depois de invadir o Rio e São Paulo dando roupa nova à folia de lá, **a onda do trio elétrico se dirigiu para cá, devendo testar a sua força na terra do frevo.** Um grupo de músicos recifenses resolveu lançar um trio elétrico com o qual pretende mostrar que pernambucano também sabe eletrificar a folia. O trio elétrico segundo o grupo, terá as mesmas características dos conjuntos da Bahia com repertório que inclui desde os frevos tradicionais de Pernambuco aos frevos da época interpretados por Gal Costa, Moraes Moreira, Caetano e outros baianos. Como os de lá, foi instalado sobre um caminhão um potente aparato eletrônico para lançar 10 mil Watts de som sobre a cidade, que não vão deixar ninguém parado, segundo espera o grupo. O conjunto se chamará, ainda seguindo o melhor estilo baiano, Trio Elétrico Odara, nome de origem africana que significa coisa boa, pura, bonita, explicam.⁵⁰⁷

Como foi possível perceber, o articulista da matéria anteriormente citada destacou que o trio elétrico tocava dos "frevos tradicionais de Pernambuco aos frevos da época". Essa expressão "frevos da época" remonta a concepção do chamado "frevo baiano". Algo negado em terras pernambucanas, que preferem o termo "frevo elétrico" ou "frevo eletrizado". Desde meados da década de 1970 que os jornais da capital pernambucana registram o debate em torno dessa questão.⁵⁰⁸ Importantes compositores de frevo da cena cultural de Pernambuco eram chamados para opinarem sobre o fato. O

⁵⁰⁶ MIGUEZ, Paulo. Op. Cit., 2002, p. 283.

⁵⁰⁷ Trio Elétrico alegra Carnaval. *Jornal do Commercio*, 05 de janeiro de 1983, p. 8. (Grifos meu).

⁵⁰⁸ Sobre isso ver o trabalho de: TELES, José. Op. Cit., 2008, p. 72-82.

compositor de frevos Capiba foi um deles e o jornalista José Teles destacou um trecho de sua fala:

Não existe frevo baiano. E não há, em absoluto, novidades no frevo. O frevo que se faz hoje se fazia no começo do século. Não existe diferença e sim prestígio de cantor. Se os outros estados adotam a música de Pernambuco, é porque ela tem força.⁵⁰⁹

Em 1989, por meio de uma matéria publicada no *Jornal do Commercio*, é possível acompanhar ainda esse debate. Nela, o jornalista Nilo Pereira, que na época participava do Conselho Estadual de Cultura, foi aos jornais questionar quem defendia que o frevo era uma manifestação cultural baiana. Para ele o frevo era pernambucano. Para legitimar seu discurso se baseou nos livros do Valdemar de Oliveira e de Ruy Duarte, obras que narram a relação do frevo com o Estado de Pernambuco.⁵¹⁰ É o que se pode acompanhar pela publicação abaixo:

O frevo é Pernambucano

O Conselho Estadual de Cultura está vivamente empenhado na defesa e na propagação do frevo. **Isto porque já se começa a dizer que o frevo é baiano.** Não seria essa a primeira vez que teríamos de ceder à Bahia mais um bem cultural pernambucano. [...] Se tivermos de recorrer, para a nossa própria defesa, a algum estudo ou documentário capazes de esclarecer definitivamente a verdade, - aí está o livro de Valdemar de Oliveira, intitulado *Frevo, Capoeira e Passo*, 2ª edição de 1985, mandada fazer pelo Prefeito Joaquim Francisco, na sua primeira administração. Valdemar de Oliveira explica as razões do seu trabalho, que não hesito em chamar magistral. Tudo quanto se pode dizer do frevo está nessa valiosa contribuição do saudoso e notável publicista, bem como no livro de Ruy Duarte, intitulado *História Social do Frevo*. No dia 31 do corrente, em sessão pública e aberta do Conselho Estadual de Cultura, às 17 horas, o conselheiro Reinaldo de Oliveira digno continuador do pai, fará uma conferência sobre "Frevo e Passo", para a qual quero desde já, chamar a atenção dos interessados, pois que ele é um dos grandes entendidos no assunto.⁵¹¹

Apesar de o frevo ter atingido notoriedade e prestígio nacional na voz de importantes cantores, como foi o caso de Caetano Veloso quando compôs em 1969

⁵⁰⁹ TELES, José. Op. Cit., 2008, p. 76.

⁵¹⁰ Sobre isso ver as obras de: OLIVEIRA, Valdemar de. *Frevo, capoeira e passo*. 2. ed. Recife: Editora de Pernambuco, 1985; DUARTE, Ruy. *História Social do Frevo*. Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1968.

⁵¹¹ O Frevo é pernambucano (Texto de Nilo Pereira). *Jornal do Commercio*, 18 de janeiro de 1989, p. 06. (Grifos meu).

Atrás do Trio Elétrico, renomados compositores do cenário musical pernambucano não aceitavam dividir a "certidão de nascimento" do frevo. Para eles, "frevo é de Pernambuco" e o ritmo deve ser encarado como algo "autêntico" e "legítimo", "da terra". É o que se pode depreender das palavras do jornalista José Teles:

O que mais irritava compositores como Capiba, Nelson Ferreira, Valdemar de Oliveira era chamar o frevo eletrizado de Caetano Veloso de "frevo baiano". Para eles não havia "frevo baiano", "frevo carioca", o que existia era o frevo, e este era de Pernambuco.⁵¹²

Em meio a um debate das práticas carnavalescas marcado pela forte presença da tradição, uma manifestação como os trios elétricos, que tem sua gênese e representatividade associada aos símbolos do Carnaval baiano, provavelmente, receberam inúmeras críticas por estarem adentrando o espaço da folia recifense. Diante disso, acredito que os representantes dos trios elétricos tivessem a preocupação de afirmarem que "não querem tomar o lugar de ninguém",⁵¹³ como destaca abaixo o trecho de uma matéria do *Jornal do Commercio* de janeiro de 1983:

Trio Elétrico desfila

[...] Os empresários do grupo Odara - Fernando Miranda e Jorge Elpidio - explicaram que os integrantes do **Trio elétrico não querem tomar o lugar de ninguém**, pois estão começando a se firmar no mercado e seu objetivo é muita paz e animação.⁵¹⁴

Organizadores dos trios elétricos encontraram mercado, público e espaço em Pernambuco. No que tange ao recorte temporal deste capítulo (1980-1990), pude observar uma presença maior de matérias sobre essas práticas na segunda metade da década de 1980. E o principal lócus de apresentação dos trios elétricos foi a folia realizada na orla da praia da Boa Viagem. Nesta localidade, seus organizadores foram ao longo dos anos de 1980 se estabelecendo, iniciaram tocando muito frevo, obviamente, para não provocar a ira de intelectuais preocupados com a manutenção da tradição carnavalesca local.

⁵¹² TELES, José. Op. Cit., 2008, p. 76.

⁵¹³ Trio Elétrico desfila. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1983, p. 8.

⁵¹⁴ Trio Elétrico desfila. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1983, p. 8. (Grifos meu).

Os trios elétricos não só foram os grandes destaques da folia em Boa Viagem, como também foram, ao longo dos anos, nomeados de práticas tradicionais do festejo desta localidade. É o que se pode acompanhar abaixo por meio dos trechos das matérias do *Jornal do Commercio* e do *Diario de Pernambuco*, que datam de fevereiro de 1986 e janeiro de 1987, respectivamente:

Cresce o Carnaval de Boa Viagem

Quando passam os "trios elétricos" em Boa Viagem, num tipo de Carnaval que já está se tornando característico daquele bairro, "só não vai atrás quem já morreu". Eles vão arrastando hordas de turistas e recifenses no seu rastro e enchendo o ar de um **som metálico, tipicamente baiano**, que poderia ser facilmente rotulado de **frevo elétrico**. Potentes caixas de som adaptadas sobre carrocerias de caminhão e um grupo tocando músicas de Carnaval é o quanto basta para atrair o folião. Dessa maneira, a partir das 19h, antes do primeiro trio elétrico despontar, as pessoas começam a surgir, apressadinhas, como se todas tivessem um encontro marcado com a mesma pessoa, no mesmo lugar. [...] Por volta das 22h, quando surge o primeiro dos trios elétricos a multidão pega fogo e cai no frevo até o último passar.⁵¹⁵

Cinco trios elétricos vão animar a Zona Sul.

Os "Trios", que se tornaram os principais pontos de animação do Carnaval de Boa Viagem, já estão com seus locais de estacionamento definidos e, este ano, terão como novidade a realização de um percurso pela Rua dos Navegantes. [...] ⁵¹⁶

Os trios elétricos que se apresentavam em Boa Viagem durante o período momesco estavam também envoltos a elementos já consagrados da cultura carnavalesca local, como foi o caso do Galo da Madrugada. De acordo com as matérias dos jornais, os trios eram um sucesso de público. Nesse sentido, é provável que o afamado Clube de Máscaras também tenha se aproveitado dessa situação e incluído os trios em seus desfiles. Sobre essa relação, destaco abaixo alguns trechos de matérias do *Jornal do Commercio* de janeiro de 1989, que possibilitam visualizar essa relação:

⁵¹⁵ Cresce o Carnaval de Boa Viagem. *Jornal do Commercio*, 08 de fevereiro de 1986, p. C1. (Grifos meu).

⁵¹⁶ Cinco trios elétricos vão animar a Zona Sul. *Diario de Pernambuco*, 27 de janeiro de 1987, p. A4. (Grifos meu).

Galo da Madrugada desfila hoje com fantasias de papel

O folclore brasileiro será homenageado hoje pela manhã, em Boa Viagem, no desfile de Fantasia de Papel do **Clube de Máscaras Galo da Madrugada**. [...] Saindo às 10h do terminal de Boa Viagem, percorrerá a Avenida Boa Viagem **com cinco Trios Elétricos** e dois carros alegóricos, com a participação tradicional da Frevioca.⁵¹⁷

Galo agita Boa Viagem e leva milhares de foliões à avenida

O Carnaval de rua do Recife foi aberto oficialmente, ontem de manhã, com o desfile do **Clube de Máscaras "Galo da Madrugada"**. Ele contagiou uma **multidão de milhares de foliões que dançavam ao som de quatro trios elétricos**, dominando toda a extensão da Avenida Boa Viagem. O desfile de fantasias de papel do Galo foi composto por dois carros alegóricos e 50 grupos de "fantasias". [...] Marcada para as 10h, a saída do arrastão na Avenida Boa Viagem somente aconteceu às 11h45m, precedida pelo estouro de uma girândola de fogos de artifício. Quinze minutos depois **a multidão que se aglomerava em torno dos trios elétricos já ultrapassava a extensão de 1 km**.⁵¹⁸

Os organizadores do Clube de Máscaras O Galo da Madrugada buscaram no Carnaval de Boa Viagem dialogar com tradição e modernidade. Negociavam a participação dos trios elétricos, elementos presentes no folia da famosa praia, mas não abriam mão de desfilarem com a Frevioca, símbolo de uma festa tradicional e do frevo. Diante disso, quem fazia o Galo (re)criava e (re)inventava novos Carnavais pelo Recife.

Pelo que li no Jornal do Commercio de 1985, importantes bandas emergiram para o cenário musical local, como foi o caso da Turma do Pinguim e do Asas da América.⁵¹⁹ Inclusive, este último, apesar de se apresentar num trio elétrico, buscou afirmar-se como uma banda pernambucana. É o que demonstra abaixo o trecho da matéria do Diário de Pernambuco de fevereiro de 1987:

Eletrônica empolgando

Parece, mas não é um trio elétrico. As aparências podem confundir puristas e incautos. **O "Asas da América" não tem nada de baiano.** Tudo nele é bem pernambucano. O aparato engana: caminhão de 16,50 metros de comprimento, 3,20 de largura, 4, 80 de altura, com 48 mil de potência, 113 caixa acústicas, dois painéis eletrônicos com capacidade para 6 mil caracteres. Esse som itinerante está

⁵¹⁷ Galo da Madrugada desfila hoje com fantasias de papel. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1989, p. 08. (Grifos meu).

⁵¹⁸ Galo agita Boa Viagem e leva milhares de foliões à avenida. *Jornal do Commercio*, 09 de janeiro de 1989, p. 09. (Grifos meu).

⁵¹⁹ Turma do Pinguim desfila ao som do trio elétrico. *Jornal do Commercio*, 08 de fevereiro de 1985, p. 08. (Grifos meu).

enlouquecendo o folião de Boa Viagem, é uma coisa toda pernambucana e poderia mesmo ser chamado de "**Frevo-elétrico**". [...] a orquestra do "Asas da América" é composta de 10 músicos pernambucanos, com instrumental tipicamente de frevo (instrumentos de sopro e de metal), executando um repertório de 90 por cento de compositores pernambucanos, tais como Capiba, Nelson Ferreira, Alceu Valença, Levino Ferreira, Bubuska Valença, só para citar alguns. [...].⁵²⁰

Segundo os jornais o Asas da América foi uma importante orquestra da cena carnavalesca de Boa Viagem que, apesar de se apresentar num trio elétrico, tocava quase exclusivamente o chamado "frevo pernambucano". Seu repertório era composto basicamente de compositores pernambucanos. É importante ter a consciência de que enquanto a região de Boa Viagem foi se afirmando como uma folia marcada pelos símbolos do Carnaval baiano, outros grupos, como é o caso do Asas da América, buscavam o lugar do tradicional, tocando frevo, nesta pândega.

Todavia, pela leitura dos jornais pude observar que havia muitas críticas ao fato de que nos trios elétricos não se tocava frevo. Ao acompanhar a narrativa dos periódicos visualizei que se tocava de tudo, desde o "fricote", a "dança da galinha" até a Xuxa, mas pouquíssimo frevo. Essa era a principal acusação. E, segundo o jornalista Moisés Kertsman,⁵²¹ quando o frevo aparecia era em "estilo pornô", ou seja, músicas com letras de duplo sentido. É o que se pode perceber abaixo na matéria do Diário de Pernambuco de janeiro de 1989:

Fricote, dança da galinha, Xuxa...E o Frevo?

Com a aproximação do Carnaval, volta à tona uma questão polêmica de opiniões contraditórias: a "**invasão do ritmo baiano, dos trios elétricos e do chamado "frevo-pornô" nas festividades carnavalescas da capital, em detrimento do frevo rasgado de Nelson Ferreira, irmãos Valença, Getúlio Cavalcanti, Luiz Bandeira e Capiba**". Essa "invasão" - fato inegável - atinge cada vez mais proporções maiores. Por exemplo, a presença do fricoteiro baiano Luiz Caldas no 41º Bal Masquê do Clube Internacional do Recife, fato inédito na história da tradicional prévia. Muitos presentes sentiram mal-estar. Outros se deliciaram com a recente "dança da galinha". Por ser polêmico, esse tema geraria discussões intermináveis

⁵²⁰ Eletrônica empolgando. *Diário de Pernambuco*, 27 de fevereiro de 1987, p. A10. (Grifos meu).

⁵²¹ Moisés Kertsman foi um jornalista com atuação na imprensa pernambucana. Nasceu em 7 de setembro de 1935 e faleceu em 16 de dezembro de 1992. Moisés Kertsman tinha uma coluna e escrevia para o jornal Diário da Noite. Era uma figura muito envolvida com as questões do Carnaval da cidade do Recife.

e dificilmente se chegaria a qualquer conclusão, principalmente porque **há vários fatores que, direta ou indiretamente, têm ligado com ele: descaracterização do frevo pernambucano; sobrevivência dos músicos, compositores e intérpretes locais; propósitos da "difusão" de músicas da Xuxa, por exemplo; comportamento das emissoras de rádio, diretores de clubes, produtores de cultura, intelectuais, autoridades e por aí vai.** Tachados de "falsos puristas, raivosos, antiquados e ortodoxos", **muitos saem em defesa das tradições do frevo**, numa tentativa de aliviar a existente ameaça à sua hegemonia. E o caso do jornalista e publicitário Moisés Kertsman, um dos criadores do Carnaval do bairro de Boa Viagem. Contundente e sem medir palavras, Moisés afirma que "a ação nefasta das multinacionais e multiestaduais, como Coca-Cola, Antarctica e Brahma, prejudicaram, sensivelmente, a posição do frevo no Recife, nos últimos anos". "Tal posicionamento, aliado à má vontade explícita dos programadores das estações de rádio AM e FM que atuam na capital, colocaram em situação incômoda e quase desesperadora do frevo, em relação aos ritmos baianos, às criações de Xuxa e basicamente ao rock, que invadiu, decididamente, o Carnaval pernambucano", dispara ele.⁵²²

A presença dos trios elétricos no Carnaval de Boa Viagem estava além das questões em torno do sucesso com o público ou mesmo da crítica dos defensores do frevo. Por volta de 1988, as páginas dos jornais foram tomadas por outro importante conflito. Os periódicos destacavam o posicionamento contrário de parcela dos moradores da orla à realização da folia naquela localidade. O principal motivo destacado foi o barulho causado pela altura do som dos trios elétricos. Uma publicação do Jornal do Commercio de janeiro de 1988 permite acompanhar essa problemática:

Paulo deseja Carnaval poluído para prefeito
A poluição sonora do Carnaval de Boa Viagem está matando peixes e pássaros. Por que o prefeito Jarbas Vasconcelos não organiza o Carnaval na frente de sua própria casa? Esta foi a reação do advogado e ex-secretário do Ministério da Justiça, José Paulo Cavalcanti, ao criticar as manifestações de Momo realizadas na Avenida Boa Viagem. Segundo ele todos os moradores dos edifícios próximos às áreas de folia estão colocando cerca de arame farpado nos muros a fim de evitar a destruição de seus jardins e a transformação dos mesmos em "banheiros". [...] **denunciou, revoltado, que a poluição sonora do Carnaval organizado pela Prefeitura do**

⁵²² Fricote, dança da galinha, Xuxa....E o Frevo? *Diario de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1989, p. A25. (Grifos meu).

Recife, em Boa Viagem, vem prejudicando a tranquilidade de muita gente. "É um horror."⁵²³

Com o crescimento do Carnaval em Boa Viagem, não só no quantitativo de foliões que passaram a frequentar aquela localidade como também no próprio número de agremiações e de trios elétricos, o cotidiano do bairro era modificado durante o período festivo.⁵²⁴ E, pode-se observar, toda essa mudança provocou inquietações de parcela da população, que via sua rotina alterada pelo quantitativo de carros, pessoas, barracas de ambulantes que eram instaladas e também do "barulho" provocado pelo som dos trios.

Pelo que li nos jornais, a Associação de Moradores de Boa Viagem debatia com o coordenador do Carnaval do bairro – representante da Fundação de Cultura – as principais queixas da população e a forma como parcela dos habitantes daquela localidade desejava que o tríduo momesco fosse realizado.⁵²⁵ Esse processo evidencia como a festa estava sendo negociada naqueles anos. Como demonstra a matéria abaixo, aparentemente o cerne do problema estava no conflito de interesses entre a Associação de Moradores de Boa Viagem e as empresas privadas que patrocinavam a festa. Não havia um consenso quanto ao horário de apresentação dos trios elétricos e das demais atrações. Foi o que destacou o *Jornal do Commercio* de janeiro de 1988:

Impasse em Boa Viagem: O Carnaval com hora marcada
O impasse entre moradores da orla de Boa Viagem e empresas patrocinadoras do Carnaval quanto ao horário de funcionamento dos trios elétricos terminará na próxima quarta-feira [...]
 "Fixaremos um horário que atenda aos interesses de todos". [...] O coordenador do Carnaval de Boa Viagem, que esteve reunido na tarde de ontem com técnicos da FCCR e Empresa de Urbanização do Recife, **informou que o horário a ser estabelecido pela Fundação, para desligamento do som dos trios, será cumprido com rigor.**⁵²⁶

Diante do impasse, com o objetivo de retomar a "tranquilidade" do bairro, a Associação de Moradores procurou a Justiça para impedir a realização do Carnaval de

⁵²³ Paulo deseja Carnaval poluído para prefeito. *Jornal do Commercio*, 06 de janeiro de 1988, p. 08. (Grifos meu).

⁵²⁴ Trios fazem a festa em Boa Viagem. *Jornal do Commercio*, 16 de fevereiro de 1990, p. 08.

⁵²⁵ PCR multará trio que estacionar na avenida. *Jornal do Commercio*, 31 de janeiro de 1989, p. 10.

⁵²⁶ Impasse em Boa Viagem: O Carnaval com hora marcada. *Jornal do Commercio*, 16 de janeiro de 1988, p. 09. (Grifos meu).

1988 naquela localidade. Os jornais destacaram que uma liminar suspendendo o Carnaval foi dada, atendendo à solicitação dos moradores. A partir da publicação do *Jornal do Commercio* de fevereiro de 1988 é possível acompanhar tal questão:

Justiça proíbe Carnaval em Boa Viagem. Foliões estão tristes.
Uma liminar proibindo o Carnaval nas imediações do edifício Acaiaca, na Avenida Boa Viagem, deixa mais triste e menos original a festa de momo na zona sul do Recife: ontem à noite, milhares de pessoas foram à beira-mar, como nos anos anteriores, mas eram impedidas de brincar, pular e frevar numa área onde a Polícia, de liminar na mão, não permitia que os carros de som e as batucadas avançassem pelo calçadão. E esses foliões reclamavam que a avenida não é mais do povo. **Os moradores da orla marítima, no entanto, estavam satisfeitos: conseguiram na justiça a liminar que garante o silêncio e o sossego de cada apartamento.**⁵²⁷

Os jornais noticiaram que o Carnaval foi proibido na orla de Boa Viagem e o motivo apontado era o "barulho" causado pelos trios elétricos. Havia um claro conflito entre parcela da população local e os foliões de outras localidades que vinham saudar Momo à beira-mar. A presença deste "outro" público, comumente da periferia, provavelmente também deve ter causado estranhamento nos moradores dos prédios do afamado bairro.⁵²⁸

Entretanto, em meio ao conflito, o governo municipal recorreu da decisão judicial e o Carnaval foi liberado. Os súditos de Momo puderam saudar o deus da galhofa sem proibições. Os jornais noticiaram que com o "Carnaval liberado", a população lotou as ruas de Boa Viagem durante a semana pré-carnavalesca de 1988.⁵²⁹ Foi o que destacou o *Jornal do Commercio* de fevereiro de 1988:

Carnaval de Boa Viagem liberado. Viva o Frevo.
Com a suspensão da liminar que proibia a realização do Carnaval na área próxima ao edifício Acaiaca, decisão tomada ontem à tarde, pelo presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco, desembargador

⁵²⁷ Justiça proíbe Carnaval em Boa Viagem. Foliões estão tristes. *Jornal do Commercio*, 09 de fevereiro de 1988, p. 09. (Grifos meu).

⁵²⁸ Tem desfile hoje em Boa Viagem. Os prédios procuram se proteger. *Jornal do Commercio*, 21 de fevereiro de 1990, p. Capa.

⁵²⁹ Boa Viagem está livre para Carnaval do povo. *Jornal do Commercio*, 10 de fevereiro de 1988. p. Capa. Liberação da folia em Boa Viagem deixa felizes nativos e turistas. *Diário Oficial*, 10 e 11 de fevereiro de 1988, p. 1.; Acordo garante Carnaval em Boa Viagem. *Diário de Pernambuco*, 02 de fevereiro de 1988, p. Capa.

Mauro Jordão de Vasconcelos, **o número de foliões foi duplicado no segundo dia da semana pré-carnavalesca no bairro de Boa Viagem**. Antes mesmo da chegada do trio elétrico Asas da África, a juventude se comprimia ao longo da avenida, enquanto o movimento nas barracas era de festa. [...].⁵³⁰

Em meio às discussões sobre a presença dos trios elétricos no Carnaval de Boa Viagem, os jornais noticiaram que houve mudança nas regras da festa. Diante do impasse entre moradores, empresas e grupos carnavalescos, ficou definido que os trios elétricos deveriam encerrar suas atividades às 2h da manhã. Esse fato evidencia um equilíbrio das forças, haja vista que os moradores conseguiram que a festa fosse enquadrada num horário, mas mesmo diante disso os trios elétricos permaneceram na folia da localidade, é o que foi possível acompanhar por meio da matéria do *Jornal do Commercio* de janeiro de 1988:

Trio elétrico emudece cedo em Boa Viagem

Durante os quatro dias de Carnaval os trios elétricos instalados na Avenida Boa Viagem só poderão funcionar até as 2h da manhã. A partir desse horário serão permitidas apenas as orquestras animando os foliões. Após ter sido tema de várias discussões entre moradores, empresas patrocinadoras e as agremiações, o Carnaval de Boa Viagem teve suas regras definidas e anunciadas, ontem à tarde, pela Fundação de Cultura. A questão do horário de funcionamento dos trios elétricos foi a que mais despertou polêmica. Os moradores queriam o encerramento do som à meia noite e os patrocinadores às 4h da manhã. Por isso, a Fundação resolveu fixar um horário intermediário, conforme explicou o diretor de Apoio Técnico, Marcelo Mário de Melo.⁵³¹

Do ano de 1989, encontrei matérias que salientaram: os trios elétricos poderiam se apresentar à noite durante a semana carnavalesca, entretanto no período do Carnaval propriamente dito, apenas à tarde. No caso específico desse ano, não detectei conflitos expressos nos jornais sobre a mudança na organização da festa. Mas, ao que parece, os interesses de parcela da população de Boa Viagem, que estava incomodada com a

⁵³⁰ Carnaval de Boa Viagem liberado. Viva o Frevo. *Jornal do Commercio*, 10 de fevereiro de 1988, p. 09. (Grifos meu).

⁵³¹ Trio elétrico emudece cedo em Boa Viagem. *Jornal do Commercio*, 21 de janeiro de 1988, p. 08.

presença dos trios elétricos, foram priorizados. É o que destacou o Diário de Pernambuco de janeiro de 1989:

No ano passado, a organização do Carnaval daquele bairro foi demasiada complexa: reuniões, mandados de segurança, brigas, etc. Os motivos, ao contrário do que se possa imaginar, não foram provocados por questões culturais. Foi uma polêmica provocada por jogos de interesses, envolvendo a FCCR, os patrocinadores (Brahma, Antarctica) e os moradores, revoltados com a quantidade de decibéis e o não livre acesso às suas residências. **Este ano, aparentemente, o problema foi solucionado: das 19 horas às 4 horas da manhã, nos dias de Carnaval, ao invés de trios-elétricos baianos, os foliões vão curtir genuínas orquestras de frevo. Engana-se quem pensa que essa determinação seguiu também o lado cultural da coisa. A quantidade de decibéis "expelidos" pelas orquestras é menor que a imposta pelos trios. Simplesmente isso.** "O exercício da preservação da cultura uniu-se ao exercício da boa convivência", frisou Roberto Pereira.⁵³²

No mesmo ano de 1989, algumas matérias publicadas pelo Jornal do Commercio trouxeram a informação que o presidente da Fundação de Cultura, Roberto Pereira, elaborou uma "carta de intenções" assinada pelas Associações de Moradores do Bairro, representantes das empresas patrocinadoras da festa (Antarctica, Brahma e Coca-Cola) e a própria FCCR com as normas da festa carnavalesca em Boa Viagem.⁵³³ Sobre essa mesma "carta de intenções", o Diário de Pernambuco de janeiro de 1989 destacou:

Fundação dá força total para animar Boa Viagem
[...] Atendendo ao apelo dos moradores da Avenida Boa Viagem, a Fundação de Cultura estabeleceu horários para a presença de trios-elétricos, na tarde de domingo, quando o presidente da FCCR, Roberto Pereira, assinou uma "Carta de Intenções"- que será registrada em cartório - juntamente com representantes das campanhas de revenda de bebida e das associações de moradores e dos Amigos dos Jardins de Boa Viagem. Os principais pontos no documento destacados por Roberto Pereira são os seguintes: **os trios elétricos serão obrigados a circular pela extensão da avenida, não podendo, em hipótese alguma, estacionar: durante a semana pré-carnavalesca os trios elétricos circularão à noite; no Carnaval, eles poderão circular das 10 às 16 horas.** Roberto Pereira ressalta que

⁵³² Fricote, dança da galinha, Xuxa...E o Frevo? *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1989, p. A25. (Grifos meu).

⁵³³ PCR multará trio que estacionar na avenida. *Jornal do Commercio*, 31 de janeiro de 1989, p. 10.

quem desrespeitar as normais da "Carta" estará sujeito à multa de NCz\$ 30 mil. Lembra que, entretanto, como o acordo só foi assinado no domingo, foi permitida a parada dos trios naquele dia. [...].⁵³⁴

Pude perceber que, em 1990, os trios elétricos voltaram a se apresentar a noite na folia de Boa Viagem, isso tanto na semana pré-carnavalesca como no tríduo momesco. E, mais uma vez, foram apontados pelos periódicos como os responsáveis pelo maior sucesso do Carnaval daquela localidade.⁵³⁵

A presença e o crescimento dos trios elétricos não se restringiam apenas a Boa Viagem.⁵³⁶ Essas práticas foram se espalhando pelo Estado, adentrando outros redutos de folia, como foi o caso de Olinda. A Cidade Alta, em meio ao seu "Carnaval Participação", viu sua orla virar reduto dos trios elétricos. Durante a semana pré-carnavalesca, o Bloco Anárquico As Virgens de Olinda⁵³⁷ abria os festejos momescos em meio a uma multidão de foliões atraídos e animados pelo som dos trios elétricos. É o que afirmou o historiador Lucas Victor Silva ao investigar o Carnaval em Olinda durante a segunda metade da década de 1980:

Surgem novas agremiações e algumas inclusive adquiriram um tamanho significativo aderindo aos trios elétricos. É o caso das Virgens do Bairro Novo, agremiação fundada em 1953 por banhistas da orla de Olinda. Caracterizada pela irreverência e pelo ridículo, desfila no domingo da semana pré-carnavalesca reunindo um número crescente de homens vestidos de mulher. Arregimentam multidões animadas por diversos trios elétricos que desfilam pelo Bairro Novo.⁵³⁸

Como observei anteriormente, Olinda durante a década de 1980 vivenciou o chamado "Carnaval Participação", uma festa marcada pela defesa das tradições locais. E a presença dos trios elétricos na urbe não foi algo bem aceito por todas as agremiações.

⁵³⁴ Fundação dá força total para animar Boa Viagem. *Diario de Pernambuco*, 31 de janeiro de 1989, p. A8. (Grifos meu).

⁵³⁵ Zona Sul em plena empolgação. *Diario de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1990, p. A8.

⁵³⁶ Trio elétrico na Torre? Por que não? *Diario de Pernambuco*, 21 de janeiro de 1989, p. A8

⁵³⁷ "Desde 1953 que esse bloco carnavalesco vem se exibindo em Olinda uma semana antes da data oficial do Carnaval, embora a partir de 1981 a municipalidade tenha oficializado o Carnaval em 11 dias. O bloco foi fundado pelos frequentadores da orla marítima de Olinda. [...] Desfilando mesmo antes do Carnaval a brincadeira arrasta milhares de pessoas. No ano de 1980 uma multidão de 60 mil pessoas. Em 1981 outra multidão de mais de 100 mil pessoas. Essa agremiação é tipicamente machista e num verdadeiro paradoxo, seus desfilantes saem vestidos de mulher, uma semana antes do Carnaval". MELO, José Ataíde de. *Olinda, Carnaval e Povo (1900-1981)*. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1982, pp. 107-108.

⁵³⁸ SILVA, L. V. Op. Cit., 2016, p. 12. (mimeo).

Segundo o Jornal do Commercio de fevereiro de 1988, Ivan Lopes, diretor do bloco O Homem da Meia-Noite,⁵³⁹ uma das mais importantes agremiações da história da folia local, acusou que os trios elétricos ameaçavam o tríduo momesco da cidade. Pode-se vislumbrar esse contexto por meio de mais um trecho da matéria citada:

Trio elétrico ameaça o reduto do som de metais
"O trio elétrico ameaça destruir o reduto conservador dos metais que é Olinda". É com esta denúncia que um gigante ilustre abrirá oficialmente as portas da cidade patrimônio aos festejos do Carnaval às 24 horas do sábado, 13 de fevereiro. Seu nome: Homem da Meia Noite. Idade 56 anos de folia e quase isto de fama nacional e até internacional. E se estas credenciais não bastaram, aqui vai mais uma: o personagem arrasta milhares de foliões ladeira acima e ladeira abaixo nos dias gordos de folia e aonde chega é capaz de juntar gente.⁵⁴⁰

Voltando ao Carnaval de Boa Viagem! Pude observar, na pesquisa com os jornais, que algumas matérias associavam o sucesso da folia, daquela localidade, ao fato da festa ter os sinais da modernidade: "largas avenidas, esfuziantes sons, brisa marinha, mulheres bonitas, trajes sumários e o gostoso banho de mar". Na mesma matéria, o articulista destacava que pouco importava se o trio elétrico era uma "cultura exógena": "Pouco importa se o trio elétrico é alienígena, o interessante são as características bem peculiares da folia na orla marítima do elegante bairro recifense".⁵⁴¹

A partir da leitura dos jornais, pode-se afirmar que, no início dos anos 1990, o Carnaval de Boa Viagem ganhou contornos muito mais visíveis da folia que era vivenciada em Salvador. Além dos trios elétricos, outros símbolos e marcas do Carnaval soteropolitano foram inseridos na pândega da Zona Sul do Recife. Começaram a se inserir na folia da famosa praia os camarotes, a contratação de artistas da cena cultural baiana e a venda das chamadas "mortalhas". É o que relatou o historiador Lucas Victor Silva:

⁵³⁹"Clube de Alegoria Misto. Começou como troça em 1932 até 1936. Abre o Carnaval no sábado a zero hora. [...] Tem sua sede própria na Rua do Bonsucesso. Outra tradição do clube o mesmo roteiro do desfile desde a sua fundação". MELO, José Ataíde de. *Op. Cit.*, 1982, pp. 97-98.

⁵⁴⁰ Trio elétrico ameaça o reduto do som de metais. *Jornal de Commercio*, 04 de fevereiro de 1988, p. 07. (Grifos meu).

⁵⁴¹ Na orla marítima de Boa Viagem e frevança parece cada vez melhor. *Diario de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1989, p. B1. (Grifos meu).

É preciso esclarecer também que o investimento em grandes eventos inspirados no modelo do carnaval de Salvador atendia a interesses do setor hoteleiro e das empresas envolvidas com a contratação dos artistas e venda das “mortalhas”, além de canalizar recursos públicos priorizando os interesses privados em detrimento do investimento nas necessidades dos grupos carnavalescos mais fragilizados. Uma avenida inteira foi transformada em passarela privatizada pelos cordões de isolamento das empresas que vendiam, além do espaço público das ruas, o carnaval dos trios elétricos em detrimento da tranquilidade dos moradores do bairro e da limpeza da praia.⁵⁴²

O Carnaval de Boa Viagem ganhou contornos extraordinários. Toda uma enorme estrutura era preparada para a festa. Além da já consagrada apresentação dos trios elétricos, essa pândega tinha também o desfile de agremiações. Uma avenida inteira foi transformada em palco de folia. Camarotes foram instalados para atrair e recepcionar o público expectador. Era um Carnaval com claros fins comerciais. Sobre a instalação dos camarotes em 1990, o Diário de Pernambuco afirmou:

Boa Viagem terá camarotes nos polos de animação

O folião pernambucano vai poder assistir aos desfiles das agremiações carnavalescas e brincar o Carnaval de Boa Viagem instalado em Camarote. Para isso, a Fundação de Cultura Cidade do Recife firmou acordo com a Alcântara Machado para a construção de 30 camarotes, dez em cada pólo de animação da avenida, informou a supervisora-geral do Carnaval de Boa Viagem, Fernanda d'Oliveira. Os Camarotes têm capacidade para oito pessoas e já estão sendo comercializados pelo departamento comercial da Alcântara Machado, a cargo de Edmilson Oliveira, explicou a supervisora.⁵⁴³

De acordo com as narrativas dos jornais, em finais dos anos 1980 adentrou à cena carnavalesca recifense a “axé music”. Este ritmo pode ser definido como o encontro da música dos blocos afro (frevo + samba-reggae). É marcado por um estilo mestiço, que mistura sonoridades harmônicas e percussivas.⁵⁴⁴ Sobre a gênese da expressão “axé music”, o historiador Lucas Victor Silva salientou:

A expressão *axé-music* foi criada pelo crítico musical baiano Hagamenon Brito em 1987. E buscava articular uma diversidade de

⁵⁴² SILVA, L. V. Op. Cit., 2016, p. 09. (mimeo).

⁵⁴³ Boa Viagem terá camarotes nos polos de animação. *Diário de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1990, p. 08. (Grifos meu).

⁵⁴⁴ GUERREIRO, Goli. Op. Cit., 2000, p. 133.

gêneros executados nas festas de Salvador, tais como o frevo elétrico (de Dodô e Osmar e Moraes Moreira), rock, galope, ritmos caribenhos (como o reggae) e a cultura musical dos Afoxés e outros batuques tradicionais como o samba de roda. A expressão foi útil para a divulgação no mercado fonográfico, mas consolidou-se como um rótulo que recalrava a diversidade de ritmos bahianos (sic) tais como o samba-reggae e ijexá (dos blocos afro) e o pagode bahiano (sic). O gênero possibilitou a criação de um mercado local de música e a profissionalização de uma geração de músicos.⁵⁴⁵

Nas palavras do jornalista José Teles, a “axé music” é um ritmo associado à Bahia e “chegou a Pernambuco no momento em que as folias, tanto a de Recife, como a de Olinda, vivenciavam uma década marcada pelo retorno as ruas”.⁵⁴⁶ Apesar do desfile das agremiações na passarela e das escolas de samba terem continuado com relevante prestígio ao longo da década de 1980, devo concordar com as colocações do referido jornalista sobre a força do Carnaval de rua. Haja vista que as experiências do “Carnaval Participação” no centro do Recife, atrelado a atratividade provocada pelo Galo da Madrugada, e do Carnaval na orla da praia de Boa Viagem servirem como exemplos para reverberar essas colocações.

A partir da leitura que fiz dos jornais, pude visualizar um crescimento considerável da festa vivenciada nas ruas, tanto no Recife, como em Olinda. Segundo os jornais, o Carnaval crescia em força e atratividade popular. Todavia, esse sucesso estava atrelado a elementos associados a folias de outros estados, como foi o caso dos trios elétricos, comumente, relacionados à Bahia.

A presença de elementos associados ao Carnaval baiano, principalmente os trios elétricos e a “axé music”, introduziram na festa carnavalesca recifense o que os jornais nomearam de baianização. Uma colocação que vem coadunar com o que estou afirmando foi publicada no Diário de Pernambuco de fevereiro de 1989 pela leitora Rosana Gonzaga Rocha, que afirmou:

Os baianos, ou melhor, alguns pernambucanos que me perdoem, mas o Carnaval de Pernambuco, especificamente Olinda, nada tem a ver com os Trios Elétricos do Carnaval baiano. Fico perplexa com a falta de amor às tradições de pernambucanos que desprezam os blocos, característicos do nosso Carnaval, e enaltecem e incentivam os carros de som metalizados em ritmo de frevo “baiano”. O que é isso gente, o Carnaval de Pernambuco nada tem a ver com o da Bahia. E nem

⁵⁴⁵ SILVA, L. V. Op. Cit., 2016, pp. 13-14. (mimeo).

⁵⁴⁶ Sobre isso ler: TELES, José. Op. Cit., 2008, pp. 84-85.

precisa ter, temos Carnaval tradição com muita animação, gente bonita, blocos, garra e energia pra fazermos um Carnaval próprio. Pra que copiar se temos tudo isso na terra?⁵⁴⁷

Peço licença ao leitor e à leitora para apresentar mais um elemento, mesmo não dialogando diretamente com o Carnaval de Boa Viagem, mas que, pelo meu ponto de vista, reforçou o discurso em torno da ideia de "baianização" da festa carnavalesca local. Refiro-me à presença dos afoxés em Pernambuco.⁵⁴⁸

Segundo os relatos dos jornais, os afoxés apareceram pela cena carnavalesca pernambucana no início dos anos de 1980. De acordo com o que foi publicado no Diário de Pernambuco em 1982, esses grupos emergiram como forma de protesto contra a situação dos Maracatus que estavam em fase de extinção.

O Carnaval pernambucano deste ano ganhará mais uma categoria de agremiação: o Afoxé. No sábado de Zé Pereira, ela estará nas ruas de Olinda e sua concentração será na Igreja do Guadalupe, seguindo o seguinte itinerário: Amparo, Quatro Cantos, São Pedro, Varadouro e Praça do Carmo. Na segunda-feira, o Afoxé apresenta-se no Recife, tendo como local de concentração o Pátio do Terço. [...] Sua apresentação no Carnaval pernambucano será como protesto à situação do maracatu que está em fase de extinção. Zumbi Bahia, diretor do Afoxé, faz um apelo aos poderes públicos e à juventude para que não "deixem o maracatu morrer, uma vez que, os mais antigos já não têm forças para levantar o estandarte. E o Balé Primitivo de Artes Negras compra a briga e vai à luta em favor dos maracatus". [...].⁵⁴⁹

Da leitura que fiz nos jornais, pude acompanhar que, ao longo da década de 1980, os grupos de Afoxés foram crescendo de forma quantitativa. Os periódicos retravam com mais ênfase a presença dessas manifestações no Carnaval, tanto na folia do Recife, como na de Olinda. Para se ter uma ideia desse crescimento, o Jornal do

⁵⁴⁷ Carnaval Baianizado (Coluna Opinião do Leitor). *Diário de Pernambuco*, 03 de fevereiro de 1989, p. A8.

⁵⁴⁸ Para saber mais sobre a história dos afoxés em Pernambuco ver: LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés em Pernambuco: usos da história na luta por reconhecimento e legitimidade. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 10, p. 146-159, 2009; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés: manifestação cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma história social dos afoxés. *Esboços* (UFSC), v. 02, p. 89-110, 2009; LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Identidade e Cultura Negra no Recife: Maracatus e Afoxés*. Recife: Bagaço, 2009; SOUZA, Ester Monteiro de. *Ekodidé - Relações de gênero no contexto dos afoxés de culto nagô no Recife*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2010; REAL, Katarina. Op. Cit., 1990.

⁵⁴⁹ Afoxé apresenta-se neste ano nas ruas do Recife e Olinda. *Diário de Pernambuco*, 17 de fevereiro de 1982, p. A11

Commercio destacou em 1991 que os afoxés ganhavam cada vez mais espaço da "terra do frevo".

Doze grupos já invadiram a passarela do Carnaval pernambucano, mostrando os ritmos do maculelê, alujá agueré e samba regué. Até parece mentira mas, na terra do frevo e do maracatu, o afoxé também está conquistando seu espaço. Doze grupos já se formaram desde 1982, quando foi fundado o primeiro denominado Afoxé Povo de Odé. Durante o Carnaval de Olinda, a exemplo de Salvador, que desde 1985 mostra seu afoxé, também chamado Candomblé de rua, as ladeiras da cidade se transformaram num verdadeiro palco para mostrar os ritmos de maculelê, alujá, aguerê e samba reggae através de atabaques, agogôs entre outros instrumentos que caracterizam a expressão da cultura africana.⁵⁵⁰

Segundo o historiador Ivaldo Lima, paralelamente ao seu crescimento, "os afoxés também sofreram duras críticas por parte dos intelectuais intransigentes defensores da pernambucanidade".⁵⁵¹ Na pesquisa que fiz junto aos jornais, não encontrei referência à presença dos afoxés na folia de Boa Viagem. No entanto, acredito que as críticas tanto aos trios elétricos, como à "axé music" e aos afoxés dialogam em torno do que foi nomeado nos jornais de "baianização" do Carnaval no estado.

Todavia, ao destacar a presença desses elementos na cena carnavalesca local, não quero afirmar que essas práticas foram vivenciadas em terras pernambucanas tal como foram na Bahia, pois se sabe que a cultura é dinâmica e que em torno dela sempre se processa a ação dos sujeitos, haja vista que como afirmou Michel de Certeau, "a cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um marca aquilo que outros lhe dão para viver e pensar".⁵⁵²

⁵⁵⁰ Afoxé ganha espaço na terra do Frevo. *Jornal do Commercio*, 27 de janeiro de 1991, p. 03; ver também: Vai ter sambaxé em Olinda. *Jornal do Commercio*, 05 de janeiro de 1990, p. 04.

⁵⁵¹ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Identidade e Cultura Negra no Recife: Maracatus e Afoxés*. Recife: Bagaço, 2009, p. 183.

⁵⁵² CERTEAU, M. de. *A cultura no Plural*. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2003, p. 10.

CONCLUSÃO

5. Para tudo não acabar numa Quarta-feira de Cinzas!

É de fazer chorar,
quando o dia amanhece
e obriga o frevo acabar
Ôh quarta-feira ingrata
chega tão depressa⁵⁵³
só pra contrariar

As páginas carnavalescas que o leitor e a leitora acompanharam até aqui trilham caminhos variados na tentativa de compreender a dinâmica relação das narrativas construídas pelos jornais sobre o Carnaval do Recife. Ao longo do processo de tessitura da tese, formulei inúmeras hipóteses, todavia nem todas as respostas foram passíveis de serem enunciadas, haja vista que novas indagações afluíram, a maior parte delas em virtude da análise detalhada do corpo documental e do diálogo com as referências bibliográficas. Nesse sentido, há muito mais aqui pontos de interrogação e novas perguntas do que propriamente pontos finais.

Ao longo da pesquisa e da escrita da tese, busquei compreender o que estava em jogo para que determinada narrativa emergisse nos jornais como "digna" de representar os contornos do Carnaval praticado na passarela e nas ruas do Recife ao longo das décadas de 1970 e 1980. Objetivei compreender de onde brotavam as relações de poder que deram sustentação aos mais diferentes discursos e às práticas sociais que apareciam nas matérias jornalísticas.⁵⁵⁴

O percurso para atingir tal intento foi longo, demandou horas de pesquisa junto aos jornais. Um trabalho intenso, árduo, mas que também se apresentou de forma muito prazerosa, pois fazer História por meio dos jornais me permitiu visualizar o Recife das múltiplas invenções do cotidiano. Por meio desse exercício, compreendi como os sujeitos sociais teceram conflitos, elaboraram disputas, produziram tensões em torno dos sentidos e significados que atribuíram ao festejo momesco. Todavia, também pude encontrar nessas leituras dias de alegria, de felicidade e de conagração, peculiaridades comumente associadas aos sentidos do que é a festa carnavalesca.

⁵⁵³ Trecho do Frevo Canção "É de fazer chorar", da autoria de Eddie.

⁵⁵⁴ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 7.

Numa narrativa histórica é sempre importante relativizar as verdades enunciadas e no trabalho com os jornais isso não foi diferente, pois os efeitos de real produzidos pelas matérias jornalísticas afluíam cotidianamente. Entretanto, no diálogo com a dinâmica do tempo histórico pude visualizar como elas foram sendo (re)feitas, (re)significadas e (re)elaboradas.

Outro ponto de partida para a pesquisa e escrita da tese foi o entendimento do conceito de representação. Essa categoria norteou grande parte da narrativa deste texto. Ela traz embutida a concepção de que não há prática que não seja fabricada nas interações entre os indivíduos em sociedade. Nesse sentido, como afirmou o historiador Roger Chartier, ela é imprescindível para se compreender como os sujeitos sociais e os grupos deram sentido ao mundo.⁵⁵⁵ Todavia, representação é um conceito ambíguo, que se caracteriza por *ser* e *não ser* a coisa representada, compondo assim um enigma, um desafio aos historiadores que precisam estar atentos a este movimento.

Imbuído dessas perspectivas, comecei a ler os jornais para mapear as representações produzidas sobre o Carnaval do Recife ao longo das décadas de 1970 e 1980 e localizar meus primeiros interlocutores. Na atividade da pesquisa, percebi que comumente quem escrevia nos periódicos eram os memorialistas e os folcloristas, que também foram políticos, professores e jornalistas. Diante disso, voltei o meu olhar para os escritos e as redes de relacionamento de alguns atores sociais, tais como Leonardo Dantas Silva, Evandro Rabello, Clóvis Menezes, Arthur Malheiros, Sebastião Vila Nova, Valdi Coutinho, entre outros.

Na análise das matérias dos jornais compreendi que, ao discutirem o Carnaval do Recife, esses sujeitos produziam escritos que dialogavam com os sentidos do que era tradição, política pública, identidade regional e cultura local. Muitos desses indivíduos se apresentaram como defensores do "Carnaval tradicional", imbuídos de preservar valores que, segundo afirmavam, estavam ameaçados de desaparecimento.

Ao longo desse trabalho percebi que intelectuais, como Leonardo Dantas Silva e Evandro Rabello, se apropriaram de uma memória carnavalesca e por meio das políticas públicas buscaram (re)conduzi-la à condição de tradição e símbolo de uma cultura pernambucana. Em muitos momentos de seus escritos, esses sujeitos se apresentavam com a missão de proteger os valores entendidos como "da terra" – e, nesse caso, o Carnaval se apresentou como um elemento especial dentro desse contexto – que

⁵⁵⁵ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 66.

estavam ameaçados por "culturas externas" e redimi-los à condição de objetos valorados e permanentes.

Esses intelectuais viram na emergência de novos elementos (como as Escolas de Samba, a passarela, as arquibancadas, os trios elétricos e a "Axé music") à cena carnavalesca recifense dos anos de 1970 e 1980 um processo negativo, de destruição e *perda* da identidade genuína local. Por meio de seus escritos, foi possível visualizar um Carnaval do Recife que estava em declínio, em vias de desaparecimento e que precisava ser salvo.

Como afirmou o antropólogo José Reginaldo Gonçalves, a ideia da *perda* é parte das próprias estratégias discursivas de apropriação de uma cultura. Na medida em que o Carnaval do Recife foi (é) apropriado como um patrimônio cultural, as narrativas de preservação e a própria imagem da *perda* são usadas como estratégias discursivas, por meio da qual a cultura é objetivada e apresentada como realidade em vias de desaparecimento.⁵⁵⁶

No transcorrer das décadas de 1970 e 1980, o Carnaval do Recife foi apresentado, na narrativa dos intelectuais, numa situação histórica de desaparecimento dos valores culturais locais. Na visão desses sujeitos, a *perda* dos elementos definidores de uma autêntica folia recifense levaria à própria morte do festejo e o conseqüente esfacelamento de uma identidade cultural pernambucana. Portanto, visualizo os discursos dos intelectuais como condições históricas para a preservação e a manutenção de uma dita política de construção de identidade e alteridade.

Todavia, não foram apenas as vozes dos intelectuais que eram reproduzidas pelos jornais, outros sujeitos sociais emergiram em meio às matérias jornalísticas, construindo sentidos e significados para o festejo de Momo recifense. Muitos deles apresentaram discursos que clamavam pelo lugar do "ordinário", que nos fala Michel de Certeau. Chamo de "ordinárias" as narrativas que buscavam criar desvios diante do poder instituído, escapar ao olhar totalizante e às posturas disciplinadoras. Dito de outra forma, em muitos momentos os sujeitos que organizavam o festejo de Momo buscaram estabelecer um lugar fixo para a festa, mas os "homens ordinários", por meio de suas astúcias, mudaram taticamente estes lugares, criando novos espaços em proveito

⁵⁵⁶ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; IPHAN, 2002, p. 87.

próprio, dentro do campo do inimigo. Era a inventividade cotidiana, as *artes de fazer*, das quais nos fala Michel de Certeau.⁵⁵⁷

Diante desse debate, a análise das matérias dos jornais me permitiu visualizar três projetos diferentes para o Carnaval do Recife ao longo das décadas de 1970 e 1980: os nomeados "Carnaval Espetáculo", "Carnaval Participação" e a "Festa Carnavalesca de Boa Viagem". É importante frisar que esses modelos de folia foram sendo preparados ao longo do tempo, mesmo existindo datas emblemáticas, eles devem ser vistos e analisados como desdobramentos de um processo histórico.

Ao longo dos anos de 1970, os dias de Momo recifenses dialogaram com as noções de espetáculo. Como afirmou Guy Debord, numa sociedade do espetáculo impera os desejos de unificar os diversos sentidos de fazer e consumir a cultura. Nesse sentido, visualizei, nas estratégias do poder público municipal de fabricação de uma folia momesca pautada em torno do desfile de escolas de samba, diálogos com a noção de espetacularização e com a folia realizada no Rio de Janeiro, numa tentativa de unificar os sentidos de fazer, praticar e consumir a cultura no Brasil.⁵⁵⁸

Processo semelhante pode ser visualizado quando da emergência de uma folia em Boa Viagem marcada pelos signos do Carnaval baiano. Por meio das narrativas dos jornais foi possível perceber uma festa na qual os sentidos da unificação, comuns a sociedade do espetáculo segundo Guy Debord, também se fizeram presentes.

Tanto o formato do "Carnaval Espetáculo" quanto a "Folia de Boa Viagem" foram festas fabricadas com o objetivo de serem consumidas e vendidas aos turistas. Na análise dessas pândegas, visualizei claros diálogos com os signos da indústria cultural e do turismo. Todavia, esses desdobramentos geraram conflitos, como a campanha da Comissão Pernambucana de Folclore que produziu o manifesto *Turismo é o câncer da cultura popular*.

Para os representantes da Comissão Pernambucana de Folclore, as festas populares, entre elas o Carnaval, foram entendidas como *guardiãs da genuína tradição*, fontes de inspiração e que deveriam ser protegidas das influências externas.⁵⁵⁹ Foi em torno dessa perspectiva que o folclorista Evandro Rabello se dirigiu aos jornais e lançou

⁵⁵⁷ CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, V. 1, 2008.

⁵⁵⁸ DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

⁵⁵⁹ SANTOS, M. R. *NOITES FESTIVAS DE JUNHO: Histórias e representações do São João no Recife (1910-1970)*. Tese (Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2015, p. 221; Sobre o lugar do popular na construção da cultura brasileira ver: ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. Cultura Brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 2006.

seu manifesto. Esse processo contribuiu para legitimar o discurso de cristalização de símbolos e práticas em torno do Carnaval do Recife.

Foi na esteia desse debate de valorização do que era entendido como cultura local que emergiu, em 1980, a cena carnavalesca do Recife, o chamado "Carnaval Participação". Folia marcada por discursos de retorno ao passado. Em torno dessa festa havia as narrativas, produzidas por diversos intelectuais, da preservação dos símbolos de uma pretensa tradição carnavalesca. O festejo de Momo era apresentado nesses escritos como envolto em um processo de *perda* da sua memória, de sua identidade cultural e que, portanto, precisava ser salvo.

A análise empreendida neste trabalho buscou pensar a folia momesca como um acontecimento relacionado a inúmeros debates. Poder público, federações, agremiações, associações, imprensa, todas essas categorias possuíam interesses em torno do festejo de Momo e buscaram lançar sobre ele suas visões de mundo. Estudar o Carnaval como campo de disputas, em que diversas perspectivas atuam, remete para os modos de (re)construção das identidades.

Neste cenário é preciso pensar a (re)construção da identidade cultural pernambucana como algo que se construiu a partir da apropriação e resignificação do que foi aceito, tolerado ou até mesmo rejeitado pela indústria cultural e do turismo, haja vista que a construção de identidades está relacionada as relações de poder e nunca são processos inocentes.⁵⁶⁰

O texto aqui apresentado possibilitou que se abrissem caminhos para (nos) aproximarmos da memória histórica dos anos de 1970 e 1980 e, com isso, interpretar o processo pelo qual os diferentes modelos de folia momesca foram implementados na capital pernambucana, bem como o modo pelo qual esses formatos de festa se relacionavam entre si, ora se afastando, ora se aproximando um do outro, num diálogo constante, pois identidade e diferença não podem ser pensadas de forma separada.

É importante salientar também que esses diferentes modelos de folias momescas integravam projetos políticos de cultura que atravessaram as diferentes gestões municipais. Assim, não se pode naturalizar a emergência de um ou outro formato de festa, eles dialogavam com as relações de poder do momento histórico em que se encontravam.

⁵⁶⁰ SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença, In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, T. T. (Org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

O caminho adotado por esta análise apresentou a festa carnavalesca como uma excelente ocasião para se visitar a cidade, conhecer suas tensões, vislumbrar suas estratégias de controle social e de fabricação de identidades. Paralelamente a esse processo, foi possível também acompanhar as táticas construídas por seus habitantes no contínuo diálogo de (re)negociação e debates em torno do que seria o Carnaval do Recife das décadas de 1970 e 1980. Os sujeitos sociais, os representantes das agremiações carnavalescas não se mostraram passivos e inertes nesse processo, ao contrário: promoveram desvios e (re)adaptavam as determinações que buscavam enquadrá-los e discipliná-los. Evidenciando, com isso, as inventividades dos sujeitos sociais, seus medos e seus desejos.

Os Carnavais do presente se ligam aos do passado. Durante os anos 2000 emergiu no Recife uma folia momesca marcada pela lógica do Multiculturalismo, que prega benevolente apoio à diferença e à diversidade. Se, nas décadas de 1970 e 1980, o diferente e o externo eram mal vistos, na contemporaneidade passaram a ser tolerados, aceitos e inseridos como integrantes das práticas carnavalescas da cidade.

A própria noção de espetáculo, criticada ao longo do recorte temporal (1970-1990) deste trabalho passou a integrar as tradições carnavalescas do Recife. Atualmente as mais diferentes Nações de Maracatus são reunidas no Marco Zero da cidade e promovem a abertura do Carnaval recifense. Este evento, que atrai milhares de foliões, é transmitido ao vivo por diferentes emissoras de televisão. Na atualidade é considerado um dos momentos mais importantes do festejo momesco. É, sem sombra de dúvidas, "um grande espetáculo".

Essas questões evidenciam que não há nem festa, nem história imóvel. Como ambas são feitas pelos sujeitos sociais, as mudanças são a tônica desses processos. Tal como a História que está sempre posta a ser reescrita, o ser das festas estará sempre posto a ser reinventado e ressignificado pelos seus praticantes.

A escrita deste texto buscou reconduzir o passado a um lugar simbólico para que assim se possa criar no presente um lugar para este passado e preencher um "deve-fazer" para que assim se possa dizer que a narrativa histórica fez mortos para que os vivos possam existir, pois a escrita da história não fala do passado senão para enterrá-lo. Falar de passado é dar um lugar para a morte.⁵⁶¹

⁵⁶¹ CERTEAU, M. de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 3. ed. Rio de Janeiro: Forence, 2011, p. 108-111.

6. REFERÊNCIAS

JORNAIS

Diario da Manha

Diario da Noite

Diario de Pernambuco

Diario Oficial do Município

Folha da Manhã

Jornal da Cidade

Jornal do Commercio

Suplemento Cultural

LEIS E DERETOS LEIS

Nº 477/53

Nº 3.346/55

Nº 1.351/56

Nº 9.355/64

Nº 9. 927/68

Nº 10.537/72

Nº 13.535/79

BIBLIOGRAFIA

AARÃO REIS FILHO, D. A ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estatista, In: AARÃO REIS FILHO, D.; MOTTA, R. P. S.; RIDENTI, M. S. (Orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil - 50 anos do Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

AARÃO REIS FILHO, D. A vida Política. In: AARÃO REIS FILHO, D. (Org.). *Modernização, Ditadura e Democracia, 1964-2010*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva/Fundación Mapfre, 2014.

AARÃO REIS FILHO, D. *Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

AARÃO REIS FILHO, D. *Ditadura militar, esquerdas e sociedades*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ABRANTES, Teresa Maria Otranto. *Capiba: a expressão da tristeza e da saudade na máscara do folião*. Recife: Bagaço, 2006.

ABREU, M. C. Cultura popular: um conceito e várias histórias, In: *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias*. Martha Abreu e Rachel Soihet (Orgs). 2. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

ABREU, M. C. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *História a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A Feira dos Mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste, 1920-1950)*. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Festa para que te quero: por uma historiografia do festejar*. Revista *Patrimônio e Memória*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *O Morto Vestido para um Ato Inaugural: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular*. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales: Notas de investigación sobre una tribu inquieta*. 1ª. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2013.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: Máscaras do Tempo. Entrudo, Mascarada e Frevo no Carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.

ARRAIS, R. P. A. *Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha Salvacionista de 1911*. Natal: EDUFRN, 1998.

BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo-Brasília: Hucitec, 1999.

- BARTH, Fredrik. [Entrevista], In: *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2000.
- BERNARDES, D. A. M. *Recife, o caranguejo e o viaduto*. 2. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013..
- BEZERRA, A. A.; SILVA, Lucas V. *Evoluções! Histórias de Bloco e de Saudade*. 1. Ed. Recife: Bagaço, 2006.
- BEZERRA, A. C. A. Festa e Cidade: Entrelaçamentos e Proximidades. *Espaço e Cultura* (UERJ), v. 23, p. 7-15, 2009.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BURKE, Peter. *A Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1996.
- CALABRE, Lia. *Políticas Culturais no Brasil - dos anos 1930 ao século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- CALLENDER, D. G. *Quem deu a ciranda a Lia: a história das mil e uma lias da Ciranda (1960 – 1980)*. Recife, UFPE: Dissertação (Mestrado em História), 2011.
- CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANCLINI, Néstor García. *Definiciones en transición*. Buenos Aires: Clacso, 2001. <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100912035750/5canclini.pdf>> Acesso em 09/11/2016
- CAPELATO, M. H. R. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: Mariana Villaça; Maria Ligia Coelho Prado (Orgs.). (Org.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. 1ed. São Paulo: Humanitas, 2015.
- CARTILHA do carnaval*. [Recife]: Prefeitura do Recife, 2008; *CARTILHA do carnaval*. [Recife]: Prefeitura do Recife, 2009.

CATÁLOGO de agremiações carnavalescas do Recife e região metropolitana. [Recife]: Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco, 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca. Dos bastidores ao desfile*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

CERTEAU, M. de. *A cultura no Plural*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2003.

CERTEAU, M. de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 3. ed. Rio de Janeiro: Forence, 2011.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, V. 1, 2008.

CERTEAU, M. de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano, 2: morar, cozinhar*. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHARTIER, Roger. "Cultura Popular": um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n . 16, 1995, p.179-192.

CHARTIER, Roger. A "Nova" História Cultural Existe?, In: *História e Linguagens: texto, oralidade e representações*. Antônio Herculano, Mônica Pimenta Veloso e Sandra Jatahy Pesavento (ORG.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. Ed. Lisboa: Difel, 2002.

COSTA, F. A. Pereira da. *Folk-lore pernambucano*. Subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco. Recife, CEPE Editora, 2004.

CUNHA, M. C. P. Apresentação, In: _____. (Org.). *Carnavais e Outras Frestas. Ensaios de História Social da Cultura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

CUNHA, M. C. P. *Ecos da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1997.

- DAVIS, Natalie Zenon. Razões do desgoverno, In: *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações - 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DI MEO, G. *La géographie en fêtes*. Paris: Ed. Geophrys, 2001, apud: BEZERRA, A. C. A. Festa e Cidade: Entrelaçamentos e Proximidades. *Espaço e Cultura (UERJ)*, v. 23, p. 7-15, 2009.
- DINIZ, André. *Almanaque do Carnaval: a história do Carnaval, o que ouvir o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.
- DUARTE, Ruy. *História Social do Frevo*. Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1968.
- DURAND, José Carlos. Cultura como objeto de política pública. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n.2, p. 66-72, 2001.
- DURAND, José Carlos. Profissionalizar a administração da cultura. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 36, n.2, p. 6-11, 1994.
- FERNANDES, Antônio Sérgio A. *Gestão Municipal e participação social no Brasil: a trajetória de Recife e Salvador (1986-2000)*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004.
- FERRAZ, Marilourdes. *Aníbal Fernandes: jornalista – Nos caminhos da liberdade*. Associação da Imprensa de Pernambuco. Recife: CEPE, 1996.
- FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista, In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática. Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Luiz Felipe. *Inventando Carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.
- FOUCAULT, Michel, *Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GOES, Fred de. *O país do carnaval elétrico*. Salvador: Corrupio, (Baianada, 4), 1982.

- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; IPHAN, 2002.
- GUARINELLO, N. L. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ, István e Kantor, Íris (Orgs). *Festa: Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. Volume II. São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP/ Imprensa Oficial, 2001.
- GUERREIRO, Goli. *A Trama dos tambores: a música afro-pop de Salvador*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- GUILLEN, I. C. M.; GRILLO, M. A. F.; FARIAS, Rosilene Gomes. *Mercado de São Jose. Memória e História*. 1. ed. Recife: FADURPE, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, p. 50, 2006.
- HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular, In: *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte/ Brasília: Ed.UFMG/UNESCO, 2003.
- IANINO, Marcelo Martins. *O GALO E A POLÍCIA: A trajetória do maior Bloco de Carnaval do Brasil e sua repercussão para a Segurança Pública na atualidade (1978 a 2012)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2012.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LABORIE, Pierre. Memória e Opinião, In: *Cultura Política, Memória e Historiografia*. Orgs. Cecília Azevedo...[et al]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- LAPENDA, Ana Lucia; BARRETO, José Ricardo Paes; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. *Banhistas do Pina: evolução de um bloco*. Recife: Avellar, 1994.
- LAZARRI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870 – 1915)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP / Cecult, 2001.
- LEAL, S. M. R. *Fetichismo da Participação Popular: novas práticas de planejamento, gestão e governança democrática no Recife - Brasil*. Recife: Ed. do autor, 2003.
- LEAL, S. M. R. *Para "além" do Estado: tendências, limites e alcance das novas formas de gestão urbana a nível local*. Tese (Doutorado em Ciência Econômica). Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP - Instituto de Economia), 1994.

LÉLIS; Carmem; MENEZES NETO, H.; NASCIMENTO, Leilane. *B.C.M. Batutas de São José (1932-2012): Sabe lá o que é isso!* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2012.

LIMA, Claudia Maria de Assis Rocha. *Historia do carnaval: A maior folia do mundo*. 1. ed. Recife: Inojosa, 1996.

LIMA, Cláudia. *Evoé: história do carnaval – das tradições mitológicas ao trio elétrico*. 2. Ed. Recife: raízes brasileiras, 2001.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés em Pernambuco: usos da história na luta por reconhecimento e legitimidade. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 10, p. 146-159, 2009.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés: manifestação cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma história social dos afoxés. *Esboços* (UFSC), v. 02, p. 89-110, 2009.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Batalhas para além de confetes e serpentinas - A espetacularização no carnaval pernambucano e nos maracatus-nação, In: GUILLEN, Isabel C. M.; SILVA, A. N. *Tempos de Folia - Estudos sobre o Carnaval no Recife*. Recife: Massangana, 2017. (prelo).

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Batalhas para além de confetes e serpentinas: a espetacularização no carnaval pernambucano e nos maracatus-nação. *Dimensões: Revista de História da UFES*, p. 214-242, 2016.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e a África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular - (1960 - 1990)*. Tese (Doutorado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Identidade e Cultura Negra no Recife: Maracatus e Afoxés*. Recife: Bagaço, 2009.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus e Maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias. Recife, 1930-1945*. Recife: Bagaço, 2008.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Quem foi que falou em frevo? Em Pernambuco se samba, e muito! *Revista Ágora* (Vitória), v. 16, p. 63-76, 2012.

LOPES GAMA, Padre Miguel do Sacramento. *O Carapuceiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÖWY, Michel. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LUNA, Allan. *O DISCRETO CHARME DA DEMOCRACIA: os movimentos de bairro e o festim da participação popular nas periferias do Recife (1979-1988)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 10, n.1, p. 1-8, 1998.

MELO, D. B. *Brincantes do Silêncio: A atuação do Estado Ditatorial no Carnaval do Recife (1968 – 1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2011.

MELO, José Ataíde de. *Olinda, Carnaval e Povo (1900-1981)*. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1982.

MENEZES NETO, H. Notas sobre a batalha frevo-samba no carnaval de Recife-PE. *Revista Enfoques* (Rio de Janeiro), v. 10, p. 01-15, 2011.

MENEZES NETO, H. Tem samba na terra do frevo!: a batalha frevo x samba no carnaval multicultural do Recife. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares* (Impresso), v. 7, p. 45-59, 2010.

MENEZES NETO, H. *Tem Samba na Terra do Frevo. Escolas de Samba no Carnaval do Recife*. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS, 2014.

MENEZES NETO, Hugo. Gilberto Freyre entre o frevo e o samba no Carnaval do Recife. *Sociologia & Antropologia*, v. 6, p. 735-754, 2016.

MIGUEZ, Paulo. *A organização da cultura na cidade da Bahia*. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002.

MONTENEGRO, A. T. Desassossego das Travessias, In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 5. Nº 58. Julho de 2010.

MORAES, M. T. D. *Emblemas da sagração armorial: Ariano Suassuna e o movimento armorial (1970-76)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2000.

NEVES, F. C. Prefácio, In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *Nos destinos de fronteiras - memória, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

OLIVEIRA, Valdemar. *Frevo, Capoeira e Passo*. 2. Ed. Recife: Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 1985.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. Cultura Brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PALMEIRA, J. D. "*Aqui, apesar do frevo, há moralidade*": a presença das mulheres no Bloco Carnavalesco Misto do Recife da década de 1920. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2015.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

PEREIRA, L. A. M. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2.ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*. Recife: Ed. CEPE, Vol. 01, 1983.

PESAVENTO, S. J. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo (Introdução), in: PESAVENTO, S. J.; SANTOS, N. M. W.; ROSSINI, M. S. *Narrativas, Imagens e Práticas Sociais - Percursos em História Cultural*. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

RABELLO, Evandro. *Ciranda: dança de roda, dança da moda*. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1979.

RABELLO, Evandro. *Memórias da folia: o carnaval pelos olhos da imprensa (1822-1925)*. Recife: Funcultura, 2004.

REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990.

REVEL, Jacques. Cultura Popular, usos e abusos de uma ferramenta historiográfica, In: *Proposições. Ensaios de História e Historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

REZENDE, A. P. R. O Recife: Os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as tentações da memória e as inscrições do desejo. *Projeto História*, São Paulo, v. 18, p. 155-166, 1999.

REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife. Histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

RIDENTI, M. S. As oposições à ditadura: resistência e integração, In: AARÃO REIS FILHO, D.; MOTTA, R. P. S.; RIDENTI, M. S. (Orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil - 50 anos do Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RISÉRIO, Antônio. Carnaval: as cores da mudança, In: *Revista Afro-Ásia*, nº 16, 1995, pp. 90-106.

RODEGHERO, C. S. A Anistia de 1979 e seus significados, ontem e hoje, In: AARÃO REIS FILHO, D.; MOTTA, R. P. S.; RIDENTI, M. S. (Orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil - 50 anos do Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ROSTAND, Paraíso. *Cadê Mário Melo*. Recife: COMUNIGRAF, 1997.

SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANDRONI, Carlos. Tradições e suas controvérsias no Maracatu de Baque Virado, In: GUILLEN, Isabel. C. M. (Org.). *Inventário Cultural dos Maracatus*. Recife: Ed. da UFPE, 2013.

SANTANA, Jorge José B. *Os Governadores de Pernambuco - Breve História*. Recife: FacForm Gráfica, 2015.

SANTOS, M. R. *NOITES FESTIVAS DE JUNHO: Histórias e representações do São João no Recife (1910-1970)*. Tese (Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2015.

SANTOS, M. R. O Estado, a festa e a cidade: medidas de controle e ordem nos dias de Carnaval no Recife (1930-1945), In: GUILLEN, Isabel C. M.; SILVA, A. N. *Tempos de Folia - Estudos sobre o Carnaval no Recife*. Recife: Editora Massangana, 2017, (prelo).

SANTOS, M. R. *Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História

Social da Cultura Regional). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2010.

SANTOS, R. M. *É na Lei e na marra: a organização do Carnaval do Recife*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), 2016.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Tradução de Sérgio Alcides. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

SARMENTO, L. E. P. Blocos de Pau e Corda: encruzilhada de sentidos e práticas sociais, In: MENEZES NETO, H.; LÉLIS, Carmem; NASCIMENTO, Leilane Pinto. *80 anos - Bloco Carnavalesco Banhistas do Pina e Bloco Carnavalesco Batutas de São José*. 1. ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2012.

SCHUWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação, In: BLOCH, Marc. *Apologia da História: O Ofício do Historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, H. M. M. *Brasil: uma biografia*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEBE, José Carlos. *Carnaval, carnavais*. 1. ed. Sao Paulo: Ática, 1986.

SETTE, Mário. *Arruar. História pitoresca do Recife antigo*. Rio de Janeiro: Livraria Casa do Estudante, 1948.

SETTE, Mário. *Seu Candinho da farmácia*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1984. REGO, José Lins do. *O Moleque Ricardo*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1940.

SILVA, A. N. *“Quem gosta de samba, bom pernambucano não é?”*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2011.

SILVA, A. N. *Debate Historiográfico em torno das escolas de samba em Recife (1955 – 1970)*. Monografia (Bacharelado em História). Recife: UFPE, 2009.

SILVA, A. N. *É Carnaval no Recife de 1985, a alegria é que impera! Oh que beleza, tem festa, tem magia e tem mãe Badia nesta folia! Clio. Série História do Nordeste (UFPE)*, v. 34, p. 324-345, 2016, p. 338.

SILVA, A. N. É na magia do samba que eu vou! Os duelos de Estudantes e Gigantes no Carnaval do Recife, In: GUILLEN, Isabel C. M.; SILVA, A. N. (Orgs.). *Tempos de Folia - Estudos sobre o Carnaval do Recife*. Recife: Editora Massangana, 2017 (Prelo).

SILVA, A. N. E o Recife sambou: disputas e conflitos em torno das primeiras escolas de samba. *Saeculum* (UFPB), v. 27, p. 123-141, 2012.

SILVA, A. N. Intelectuais e tradição: disputas pelos dias de Momo no Recife (1955-1956), In: SILVA, L. V.; GUIMARÃES, J. F. S.; ARAÚJO, B. M. *História e Contemporaneidade*. 01 ed. Recife: Edufpe, 2015, v.01, p. 10-38.

SILVA, A. N. Mário Melo e os sentidos da Festa. *Oficina do Historiador*, v. 09. n. 01, 2016, pp.100-119.

SILVA, L. V. O CARNAVAL CONTRA AS "IDEIAS SUBVERSIVAS" E "IDEOLOGIAS EXÓTICAS": a invenção da Federação Carnavalesca Pernambucana na década de 1930. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 34.2, p. 290-312, 2016.

SILVA, L. V. *O carnaval na cadência dos sentidos*. Uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 e 1940. Tese (Doutorado em História) Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

SILVA, Leonardo Dantas. *Carnaval do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade, 2000.

SILVA, Leonardo Dantas. Elementos para a História Social do Carnaval do Recife, In: *Antologia do Carnaval do Recife*. MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas. *Antologia do carnaval do Recife*. Recife: Massangana / Fundaj, 1991.

SILVA, Z. L. Os espaços da festa: o carnaval de rua do Brasil dos anos 20. *História & Ensino* (UEL), Londrina-PR, v. 4, p. 153-172, 1998.

SOARES, Adjeci. *VIVA O GALO! Explosão do Carnaval Pernambucano*. Recife: Edições Shidarta, 1992.

SOIHET, R. *A subversão pelo riso. Estudos sobre o Carnaval Carioca. Da Belle Époque ao Tempo de Vargas*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SOIHET, R. Reflexões sobre o carnaval na historiografia - algumas abordagens, In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 169-188, 1999.

SOUTO MAIOR, Mário. Carnaval, carnavais, In: *Nordeste: a inventiva popular*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.

SOUTO MAIOR, Mário. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.

SOUTO MAIOR, Mário; SILVA, Leonardo Dantas. (Orgs). *Antologia do Carnaval do Recife*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991.

SOUZA, Ester Monteiro de. *Ekodidé - Relações de gênero no contexto dos afoxés de culto nagô no Recife*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2010.

TAVARES, Marileide; ARLÉGO, Edvaldo. *Ei, pessoal! vamos conhecer o Recife!*. 3. ed. Recife: Edificantes, 1997.

TEIXEIRA DA SILVA, F. C. Crise da ditadura militar e o processo de abertura Política no Brasil (1974-1985), In: *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. (O Brasil Republicano - Volume 4). FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.). 6.^a. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

TELES, José. “Conflitos: um passado de preconceitos”. *Revista Continente*, fev. 2011.

TELES, José. *O frevo: rumo à modernidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

TELES, José. *Siri na Lata: 30 anos de anarquia, folia & negócios*. Recife: Bagaço, 2006.

URFALINO, Philippe. A História da Política Cultural, In: Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

VALADARES, Paula. V. R. *O Frevo nos discos da Rozenblit - Um olhar de designer sobre a representação da indústria cultural*. Dissertação (Mestrado em Designer). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

VALENTE, Waldemar. Gonfalões, Bandeiras e Estandartes, In: SOUTO MAIOR, Mário. SILVA, Leonardo Dantas (Orgs.). *Antologia do Carnaval do Recife*. Recife: Editora Massangana, 1991.

VICENTE, Tâmisia Ramos. Políticas Públicas de Cultura e Turismo - O entrelace das ações nos Órgãos de fomento ao Turismo de Pernambuco - EMPETUR e EMETUR. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, v. 3, p. 25-45, 2009.

VIDAL, F. M. C. *A História da Federação Carnavalesca Pernambucana: A água de beber do povo*. Dissertação (Mestrado em História) Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

7. ANEXOS

7.1 LEIS E DECRETOS LEIS UTILIZADOS

477/53

DECRETO Nº 477, DE 6 DE NOVEMBRO DE 1953

DISPÕE SOBRE O REGIMENTO DO DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E CULTURA.

No uso de suas atribuições e tendo em vista o Art. 4º da Lei Municipal 2198, de 19 de maio de 1953, DECRETA:

Capítulo I DA FINALIDADE

Art. 1º O Departamento de Documentação e Cultura por finalidade, nos termos do artigo 20 da Lei nº 2198, de 19 de maio de 1953, e na conformidade do que estabelece o presente Regimento, centralizar as atividades concernentes a:

- a) documentação;
- b) divulgação e estatística;
- c) turismo;
- d) arquivo;
- e) imprensa municipal;
- f) bibliotecas;
- g) teatro;
- h) musica;
- i) outras manifestações culturais.

Capítulo II DA ORGANIZAÇÃO

Art. 2º O Departamento de Documentação e Cultura compõe-se dos seguintes órgãos, que funcionarão devidamente articulados, em regime de mútua cooperação, sob a orientação e supervisão de um Diretor Geral:

- 1.-Divisão de Documentação e Divulgação;
- 1.1-Serviço de Arquivo e Documentação;
- 1.1.1-Setor de Fototeca e Filmoteca;
- 1.2-Secção de Divulgação e Publicações;
- 1.2.1-Setor de Turismo;
- 2.-Divisão de Cultura e Recreação;
- 2.2-Secção de Cultura;
- 2.2-Secção de Bibliotecas;

- 2.3-Setor de Discoteca;
- 2.4-Secção de Musica;
- 2.5-Secção de Teatro;
- 3.-Secção de Administração;
- 3.1-Setor Pessoal e Material;
- 3.2-Setor de Comunicações;
- 3.3-Setor de Estatística.

Art. 3º Cada Divisão será dirigida por um Diretor padrão CC-2, nomeado em comissão.

Art. 4º Cada Secção ou Setor será dirigido por um Chefe e as Turmas por encarregados, todos especialmente designados, pelo Prefeito, mediante, indicação do Diretor do Departamento.

Art. 5º Os servidores designados para a chefia de Serviços, Secções, Setores e Encarregados de Turmas perceberão as gratificações de função que forem oportunamente fixadas pelo Prefeito, observado o disposto no Capítulo II, da Lei nº 2.198, de 19 de maio de 1953.

Art. 6º O Diretor do Departamento terá um Secretário e os Auxiliares que forem necessários aos trabalhos do Gabinete, por ele designados, constituindo o exercício de Secretário função gratificada.

Capítulo III DA COMPETÊNCIA DOS VÁRIOS ÓRGÃOS

1 - DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 7º Aos órgãos integrados no Departamento de Documentação e Cultura incumbe, de modo geral executar, ordenar, controlar e fiscalizar as atividades específicas para que foram constituídos.

Art. 8º Além das atribuições discriminadas neste Regimento e de outras que se enquadrem na sua finalidade própria compete a todos os órgãos subordinados ao Departamento de Documentação e Cultura:

- a) cooperar com os demais órgãos da Prefeitura, para funcionamento harmônico e eficiente de todas as atividades;
- b) prestar especial colaboração ao Serviço de Organização e Métodos, do Departamento de Administração, facilitando-lhes os elementos e meios necessários ao bom desempenho de suas atribuições;
- c) manter arquivos, registros e cadastros referentes encargos;
- d) redigir o expediente e responder a consultas de sua alçada;
- e) apresentar relatórios, propostas e sugestões referentes aos encargos;
- f) providenciar quanto a editais, avisos e notas de sua competência;
- g) preparar os elementos para as propostas orçamentárias destinadas ao Serviço de Orçamento e Auditoria, d, Departamento de Administração;
- h) preparar, quando autorizado pelo Diretor, os fornecimentos de material a estudiosos e interessados.

Parágrafo Único - As funções conferidas a cada órgão serão desempenhadas com inteira observância das leis, regulamentos instruções, normas e ordens de serviço oportunamente expedidas, cujas coleções serão mantidas em ordem, devidamente atualizadas.

Art. 9º São, ainda, de competência de qualquer um dos órgãos que compõem o Departamento de Documentação e Cultura, além do especificamente determinado nas Secções respectivas:

- a) requisitar o material necessário à execução dos serviços de sua competência;
- b) tomar todas as medidas necessárias, embora ainda não expressamente determinadas em leis, regulamentos e normas, para o perfeito andamento dos serviços a seu cargo;
- c) dar os despachos, pareceres e informações, sobre, os assuntos que sejam de sua alçada e competência;

2 - DA DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO.

Art. 10 Compete à Divisão de Documentação e Divulgação:

- a) a documentação de todas as atividades do Município, pela guarda de coleções de revista e publicações, de recortes de jornais, e realização de filmes, fotos e cenográficos;
- b) o registro diário de todos os fatos notáveis ocorridos de modo a estabelecer uma descrição cronológica da vida da Capital;
- c) a publicação de órgãos periódicos e de estudos e monografias de interesse para o recolhimento da vida da Cidade e seus aspectos sociais e culturais;
- d) a orientação do turista do seu contato com o Recife e com os problemas culturais e artísticos da Região;
- e) a publicação de material destinado à divulgação de aspectos da Cidade para turistas e forasteiros;
- f) a divulgação, por meio de prospectos, postais, folhetos, álbuns, etc. das belezas de caráter paisagístico, monumental e artístico;
- g) a preservação do folclore e das festas típicas regionais;
- h) o registro e a conservação das artes e industriais, típicas regionais representadas no Município;
- i) a promoção, pelos meios possíveis, da defesa das tradições do Recife e dos seus costumes regionais animando a existência de Associação e de grupos dos amigos da Cidade;
- j) a divulgação, pelos meios aconselháveis, da ação dos órgãos municipais, dando pormenores dos serviços empreendimentos pela Municipalidade e dos projetos em andamentos;
- l) a preparação e a divulgação dos dados estatísticos do Município, servindo-se das facilidades resultantes do Convenio Municipal de Estatística estabelecido entre a Municipalidade e o IBGE;
- m) a organização de fichário de todos os monumentos artísticos ou históricos do Município, com pormenores da caracterização de cada um, resumo descritivo e bibliografia de referências;
- n) a divulgação das publicações organizadas pela Divisão de Cultura e Recreação;
- o) os demais aspectos de documentação e divulgação de interesse do Município.

Art. 11 Ao Serviço de Arquivo e Documentação compete:

- a) promover a centralização, recebendo dos demais órgãos municipais todos os documentos e correspondências que se destinem à perpetuidade, para guarda e conservação;
- b) selecionar o material recebido para a classificação e arquivo, em ramos distintos; administrativos, histórico e misto;
- c) manter grupos especiais, dentro de cada um dos ramos, de manuscritos, de impressos avulsos e livros, bem assim, de documentos iconográficos e de iluminuras;
- d) receber o material e correspondência de caráter não inteiramente definitivo, mas cuja conservação exija período de tempo superior a três anos;
- e) manter os documentos do Arquivo em boas condições rigorosamente preservados e classificados de acordo com a técnica e preceitos de arquivologia;
- f) conservar e recuperar, pelos processos mais indicados, os documentos antigos e aqueles que apresentem perigo de deterioração;
- g) estabelecer fichário central de documentos de interesse da história e da administração do Município, existentes em outros arquivos ou departamentos estranhos à organização da Prefeitura;
- h) organizar fichários para documentação de monumentos artísticos e históricos e, bem assim, de todos os documentos que exijam classificação rigorosa e grupal;
- i) manter as coleções de impressos existentes ou que venham a ser adquiridas pelo Departamento e que se prendam à vida e ao desenvolvimento da Cidade;
- j) organizar a hemeroteca municipal;
- l) manter coleções de recortes de jornais acerca de fatos notáveis que interessam à vida da Cidade;
- m) manter atualizado um diário da Cidade;
- n) conseguir e guardar as publicações de interesse do Recife;
- o) promover pelos demais aspectos de arquivo e documentação de interesse do Município.

Art. 12 Ao Setor de Fototeca e Fimoteca incumbe:

- a) promover a documentação, por meio da filmagem e da fotografia, de todos os aspectos culturais e paisagísticos ligados à vida do Município e, bem assim, referentes à administração da Cidade e ao seu desenvolvimento;
- b) manter rigorosamente organizados os fichários da fototeca e fimoteca;
- c) levantar a documentação fotográfica dos monumentos históricos e artísticos, logradouros, aspectos paisagísticos, recantos pitorescos, velhas árvores, guardando rigorosamente classificados, não só as cópias como os negativos, a fim de facilitar a reprodução;
- d) executar a microfilmagem de livros e documentos de interesse para o arquivo;
- e) promover a filmagem das danças típicas, festas religiosas, brinquedos infantis, folguedos populares, costumes de interesse folclórico e todos os demais aspectos que mereçam conservação pela imagem, para estudos e pesquisas;
- f) prover pelos demais aspectos de documentação da vida do Município e da sua área metropolitana, pelos meios específicos do Setor.

Art. 13 A Secção de Divulgação e Publicação compete:

- a) promover a publicação de livros e impressos do Departamento;
- b) dirigir a Imprensa Municipal;

- c) publicar, cada três meses, o boletim da Cidade e do Porto do Recife, duas vezes por ano, ao Arquivos e o Boletim Musical do Recife, e no período de praias, o semanário praieiro;
- d) encarregar-se da publicação de todo o material de interesse da Prefeitura tais como coletânea de leis, decretos, regulamento, mensagens e, bem assim, separadas de quaisquer documentos públicos da Prefeitura;
- e) organizar a publicação de edições ocasional, de monografias e livros ligados à vida do Recife, as suas instituições culturais e a aspectos literários com reflexo na vida e costumes da Região;
- f) responder pelos trabalhos da redação e revisão ligados as publicações dos de mais Departamentos da Prefeitura e que sejam dados à publicidade;
- g) procurar exercer supervisão sobre publicações a respeito do Recife, promovendo a retificação de enganos ou erros e fornecendo aos interessados os esclarecimentos necessários;
- h) prover pelos demais aspectos e trabalhos que digam respeito à especialidade da Secção.

Art. 14 Incumbe ao Setor de Turismo:

- a) estudar e estabelecer as condições necessárias para o desenvolvimento do turismo local, tomando ou propondo as medidas oportunas;
- b) promover o turismo internacional, sobretudo com os centros de maior importância turística de Pernambuco e do Nordeste;
- c) colaborar na organização do carnaval e na promoção de festas de interesse turístico;
- d) fomentar o turismo como meio de conhecimento e divulgação cultural, principalmente para grupos de operários, funcionários, escolares, militares, comerciantes e outras classes cujas ocupações ou situação não lhes permitam por si só um contato mais íntimo com a Região;
- e) estudar e sugerir planos para o desenvolvimento da indústria hoteleira e a construção ou organização de pousadas em sítios de maior interesse turístico;
- f) fomentar as competições esportivas, com rendimento de visita e turismo;
- g) encarregarem-se da organização de roteiros, mapas, guias, para uso de turista estrangeiros ou nacionais, do preparo do corpo de cicerones e de folhetos e guias explicativos acerca dos pontos de interesse turístico;
- h) tomar todos os demais encargos referentes ao turismo e ao seu desenvolvimento.

3 - DA DIVISÃO DE CULTURA E RECREAÇÃO:

Art. 15 Competem à Divisão de Cultura e Recreação:

- a) os trabalhos de desenvolvimento cultural e de sua assistência dentro do Município, no tocante ao âmbito de responsabilidade municipal;
- b) a realização de concursos de monografias sobre assuntos e problemas de interesse da vida do município ou de sua população e também respeitando aos problemas regionais com repercussão na vida da Capital;
- c) a organização de exposições em salões periódicos de fotografias, desenhos, flores e trabalhos populares, material folclórico e típico da região;
- d) a criação com realização periódica, de uma feira de amostras do Recife, que possa atrair à Capital representações de todo o País e do estrangeiro e que seja, sobretudo, representativa da vida regional e dos aspectos típicos do Nordeste;

- e) a organização de series de conferencias isoladas a cargo de especialistas em assuntos de interesse da vida da Capital ou da área metropolitana do Recife, bem como de cursos periódicos da historia do Recife, sob o aspecto artístico, científico, social, publico, sanitário, etc.;
- f) a promoção, com o concurso dos cinemas da Capital, de sessões cinematográficas, com programas especiais sobre a revolução da cidade, seus problemas urbanísticos e de circulação ou recreação;
- g) a organização de audições coletivas e periódicas de musica selecionada que tenham marcante caráter educacional;
- h) a manutenção do teatro municipal e a promoção de programas e temporadas teatrais;
- i) a direção à manutenção da Orquestra Sinfônica e a organização de concertos e programas que possam alcançar sempre camadas maiores da população e tenham evidente cunho educacional;
- j) a promoção de meios para o desenvolvimento da musica, na Capital, e a manutenção do Boletim Musical que seja elemento de sugestões e estímulo a esse desenvolvimento;
- l) a organização, através do disco, de audições coletivas e periódicas de autores selecionados, e bem assim das musicas populares e de temas musicais folclóricos;
- m) a criação de regular numero de cabines individuais, na Discoteca, para o uso dos apreciadores de musica, revelando dar propriedade aos consultastes com interesse educacional;
- n) a gravação das vozes típicas, dos cantos de trabalhos e dos temas poéticos e melódicos populares;
- o) a promoção de audições de discos e de projeções de filmes, com aparelhagem portátil, em colégios, quartéis, hospitais, fabrica etc.;
- p) a organização e manutenção de bibliotecas populares (chamadas distritais) nos bairros de maior aglomeração populacional de maneira a deixar o livro, sobretudo o de natureza educacional, ao alcance do povo;
- q) a manutenção da biblioteca ambulantes que estabelecer o empréstimo e a difusão do livro e que possam criar, nos núcleos populacionais mais afastados, contacto cultural proveitoso, no sentido do surgimento desses núcleos;
- r) a promoção de cursos e conferencias, aproveitando o contacto das bibliotecas ambulantes, nesses núcleos distanciados, sobre assuntos de reeducação e assistência e que devem ficar a cargo de pessoas especializadas;
- s) a criação e manutenção nos órgãos maiores da Prefeitura, de bibliotecas especializadas que, embora localizadas nesses órgãos, devem ficar sob a exclusiva direção desta Divisão;
- t) o fomento dos esportes mais ligados às características climáticas e topográficas da Cidade;
- u) a criação e manutenção do Premio Cidade do Recife, que deve ser conferido, cada 3 anos, ao autor de trabalho publicado ou pesquisa, de real interesse, sobre assunto pertinente à vida da Capital ou a sua área metropolitana;
- v) a responsabilidade dos demais aspectos culturais e recreativos não previstos neste artigo mas que se enquadrem na sua alçada.

Art. 16 A Secção de Cultura incumbe:

- a) promover os concursos de monografias;
- b) organizar as exposições e os salões periódicos de competência da Divisão;
- c) promover a criação de Feira de Amostras do Recife, e prover pela sua repetição em períodos certos;

- d) organizar os cursos conferencia ou series de conferencias sobre assuntos de interesse para a vida cultural, educativa e associativa da Capital;
- e) promover a animação dos esportes que melhor se adaptar as nossas condições de clima e topografia;
- f) realizar sessões educativas, com projeções luminosas, sobre assuntos de arte, desenvolvimento da Cidade, seus monumentos e histórias, dedicadas as camadas maiores da população;
- g) cooperar com as campanhas, semanas, cursos, congressos e reuniões que digam respeito a assuntos sócio-culturais e que possam contribuir para qualquer dos aspectos culturais e educativos de interesse da população;
- h) encarregar-se dos trabalhos preparatórios para o registro de autores candidatos ao Premio Cidade do Recife, e assessorar a Comissão que tenha de julgar o mérito das obras e trabalhos concorrentes;
- i) prestar assistência as delegações e personalidades nacionais ou estrangeiras em missão cultural;
- j) conduzir, mantendo os entendimentos necessários com o Setor de Divulgação Urbanística, do Departamento de Engenharia e Obras, campanhas de educação urbanística, de interesse para a população;
- l) prover pelos demais aspectos de cultura não expressamente atribuídos a outros órgãos da Divisão.

Art. 17 Compete a Secção de Bibliotecas:

- a) manter e administrar as bibliotecas populares;
- b) criar e dirigir as bibliotecas especializadas, nos órgãos maiores da Prefeitura;
- c) organizar e dirigir as bibliotecas ambulantes;
- d) organizar depósitos de livros para fornecimento às bibliotecas, mantendo os contatos necessários com editoras, museus e demais instituições que façam distribuição de publicações periódicas ou ocasionais;
- e) velar porque a classificação e catalogação dos livros nas diversas bibliotecas, obedçam a um sistema único e decimal;
- f) tomar a si todos os demais encargos dentro da Municipalidade, respeitantes aos assuntos específicos da Secção.

Art. 18 Ao Setor de Discoteca incumbe:

- a) manter e dirigir a Discoteca Pública do Departamento;
- b) organizar audições coletivas e periódicas, de musicas selecionadas, segundo o autor, a época, a escola, a nacionalidade, etc.;
- c) manter á disposição do publico cabines individuais para audição de discos, organizando programas e escalas de ouvintes;
- d) promover audições através de aparelhagem portátil, de maneira a contribuir para despertar o interesse pela musica selecionada;
- e) registrar pelo disco, os cantos de trabalho, os cantos puros folclóricos, os temas poéticos e melódicos, as vozes de artistas, de homens públicos e dos visitantes ilustres;
- f) prover pelos demais aspectos respeitantes à sua especialidade.

Art. 19 A Secção de Musica compete:

- a) manter e dirigir a Orquestra Sinfônica e organizar programas e concertos musicais;

- b) pugnar pelo desenvolvimento da musica, na Capital, e coligir o material destinado aos números do Boletim Musical;
- c) animar os conjuntos musicais populares, como as bandas de couro e zabumbas, as bandas instrumentais, facilitando audições públicas e promovendo o seu registro e desenvolvimento;
- d) pugnar porque o ensino da musica e as formações de instrumentais alcancem, cada vez mais, camadas maiores da população, a fim de se conseguir a revelação de valores musicais entre o povo;
- e) animar as retrata nas praças públicas e o aparecimento de bandas instrumentais, com emulação e prêmio para as tocatas;
- f) manter em local apropriado, o Auditório Municipal, destinado às audições públicas;
- g) animar a organização dos grupos de amigos da Orquestra Sinfônica;
- h) tomar a si os demais encargos respeitantes à especialidade da Secção.

Art. 20 Incumbe à Secção do Teatro:

- a) manter e dirigir o Teatro Santa Isabel e promover as temporadas teatrais;
- b) organizar a escala de ocupação do Teatro, revelando dar preferência aos conjuntos teatrais e étílicos;
- c) velar porque o teatro possa ter finalidade educativa e alcance maior camadas do povo;
- d) promover corrente de opinião favorável à doação de outra casa de espetáculos do Recife;
- e) animar a organização dos grupos de amigos do Teatro Santa Isabel;
- f) prover, no âmbito de sua possibilidade, pelos demais aspectos de interesse do teatro na Capital.

4 - DA SECÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO:

Art. 21 Nos termos do artigo 3º, Parágrafo Único, da Lei nº 2.198, de 19 de maio de 1953, cabe À Secção de Administração executar os trabalhos do Departamento relacionados com pessoal, material, comunicações, expediente, protocolo e arquivo.

Art. 22 Compete ao Setor de Pessoal e Material:

- a) articular-se com os órgãos competentes do Departamento de Administração, prestando-lhes a necessária cooperação;
- b) velar pela observância da legislação e normais de trabalho referentes a pessoal e material;
- c) examinar, propor e executar medidas relativas a pessoal e material;
- d) prover à organização das escalas de férias;
- e) providenciar sobre visitas e inspeções médicas;
- f) organizar a proposta orçamentária relativa ao Departamento;
- g) requisitar o material necessário aos serviços do Departamento e manter pequeno estoque dos artigos de maior consumo;
- h) receber e distribuir material, escriturando o respectivo movimento;
- i) providenciar quanto à reparação e substituição do material em uso;
- j) superintender quanto à reparação e substituição do material em uso;
- l) zelar pela conservação de material permanente e instalações e bem assim, pela limpeza e vigilância do edifício;

m) encarregar-se, quando for o caso, da venda do material de divulgação preparando pelos órgãos do Departamento.

Art. 23 Ao Setor de Comunicação compete:

- a) articular-se com os órgãos competentes do Departamento de Administração, prestando-lhes a devida cooperação;
- b) velar pela observância da legislação e normas de trabalho;
- c) redigir o expediente que não seja peculiar a outros órgãos do Departamento;
- d) rever o expediente oriundo de outros órgãos, para fins de padronização;
- e) centralizar os trabalhos de mecanografia;
- f) promover a publicação de registro de atos, decisões, intimações, editais e avisos;
- g) preparar o expediente a ser assinado pelo Diretor do Departamento ou por este submetido a despacho ou assinatura do Prefeito;
- h) controlar a entrada, distribuição e andamento de correspondências, processos e demais documentos;
- i) expedir a correspondência, publicações, comunicações e demais documentos;
- j) prestar informações quanto ao andamento dos papeis;
- l) manter na devida ordem o arquivo de expediente do Departamento;
- m) executar outros encargos de administração geral que se enquadrem na sua finalidade.

Art. 24 Compete ao Setor de Estatística:

- a) levantar e apurar os dados estatísticos referentes aos trabalhos dos órgãos do Departamento;
- b) prepara os quadros e tabelas (ou corrigi-los quando forem organizados em outros Departamentos da Prefeitura) destinados ao Boletim da Cidade e do Porto do Recife;
- c) receber dos demais Departamentos os levantamentos estatísticos destinados à publicidade, dando aos mesmos unidades e método de apresentação;
- d) fornecer elementos e dados estatísticos aos Diretores de Divisão e Diretores de Departamento, para a organização de relatórios e informes sobre os trabalhos a seu cargo;
- e) executar os demais trabalhos que se enquadrem na sua competência.

Capítulo IV DAS ATRIBUIÇÕES DO PESSOAL

1 - DO DIRETOR DO DEPARTAMENTO

Art. 25 Compete ao Diretor do Departamento de Documentação e Cultura:

- I - implantar os serviços novos e zelar pelo cumprimento rigoroso deste Regimento;
- II - superintender, orientar, coordenar, controlar e fiscalizar a execução dos serviços, determinar, solicitar e sugerir providencias para que os mesmos se realizem em eficiência e regularidade;
- III - cumprir e fazer cumprir a legislação, instruções e determinações do Prefeito;
- IV - assegurar estreita colaboração dos órgãos do Departamento entre si e com as demais repartições municipais;

- V - expedir portarias, instruções e ordens de serviço e propor ao Prefeito a sua expedição;
- VI - despachar e assinar o expediente que lhe competir;
- VII - despachar com o Prefeito Municipal, mantendo-o informado sobre o andamento dos serviços;
- VIII - resolver os assuntos de sua competência e opinar sobre os que dependam de decisão superior;
- IX - reunir, periodicamente, os seus subordinados imediatos a fim de serem assentadas providencias ou discutidos assuntos de interesse do Departamento;
- X - visar os orçamentos, demonstrações, contas e demais documentos oficiais a serem apresentados ao Prefeito;
- XI - inspecionar, periodicamente, as repartições e órgãos que lhe são subordinados;
- XII - sugerir os pedidos de créditos orçamentários e adicionais e solicitar a entrega de adiantamentos e suprimentos necessários à continuidade dos serviços a cargo do Departamento;
- XIII - autorizar empenhos e despesas, à conta dos créditos atribuídos ao Departamento;
- XIV - encaminhar ao Departamento de Administração os dados e elementos necessários a elaboração da proposta orçamentária;
- XV - propor medidas relacionadas com o provimento e vacância de cargos e funções, direitos, vantagens, deveres e responsabilidades dos servidores lotados no Departamento;
- XVI - indicar os servidores para os cargos de Chefe que lhe são subordinados;
- XVII - autorizar a antecipação ou prorrogação remunerada do expediente, nos limites das dotações próprias;
- XVIII - transferir servidores de um para outros serviços do Departamento providenciando quando às necessárias comunicações ao Departamento de Administração;
- XIX - determinar a instauração de sindicâncias e processos administrativos, para apuração de responsabilidades;
- XX - elogiar, impor penas disciplinares e representar ao Prefeito quando as penas cabíveis não forem da sua alçada;
- XXI - decidir sobre processos e reclamações contra atos e resoluções dos seus subordinados;
- XXII - designar funcionários para serviços de fiscalização, inspeção e estabelecimentos de novas normas de trabalho, consultado o Serviço de Organização e Métodos, do Departamento de Administração;
- XXIII - expedir e rever boletins de merecimento;
- XXIV - propor a designação de servidores para missão, estudo ou serviço em qualquer ponto território nacional ou no estrangeiro;
- XXV - autorizar a expedição de certificados e a inutilização de papeis considerados imprestáveis;
- XXVI - providenciar quanto à adequada instalação e aparelhamento material dos órgãos que lhe são subordinados;
- XXVII - proibir a entrada, no recinto das repartições a seu cargo, de pessoas suspeitas e prejudiciais ao andamento dos serviços;
- XXVIII - exercer outras atribuições que lhe forem legalmente conferidas;
- XXIX - resolver os casos omissos de sua alçada;
- XXX - antecipar ou prorrogar o expediente até uma hora diária e propor a antecipação ou prorrogação por mais tempo;

XXXI - propor elogios, aplicar as penas de advertência e repressão e representar a autoridade superior para aplicação de penas mais rigorosas.

2 - DOS DIRETORES DE DIVISÃO E CHEFES DE SERVIÇO

Art. 26 Constituírem atribuições comuns aos Diretores:

- I - fazer os órgãos que lhes estão subordinados, obedecendo rigorosamente aos desdobramentos e limites atribuídos neste Regimento;
- II - dirigir, coordenar, controlar, orientar tecnicamente e fiscalizar as atividades dos órgãos que lhes são imediatamente subordinados, determinar e sugerir providências para que sejam executadas com eficiência, rapidez e segurança;
- III - cumprir e fazer cumprir a legislação, as instruções e determinações superiores;
- IV - resolver os assuntos de sua competência, proferir despachos interlocutórios e opinar sobre os assuntos que dependem de decisão superior;
- V - elaborar planos de trabalho e submetê-los à aprovação de autoridade superior;
- VI - expedir instruções e ordens de serviço e propor a sua expedição pela autoridade superior;
- VII - despachar e assinar o expediente que lhes competir e submeter a autoridade superior sugestões, informações, pareceres e relatórios;
- VIII - visar, rubricar e autenticar livros, guias, talões, certificados, certidões, informações, minutas e outros documentos referentes às atividades a seu cargo;
- IX - despachar com a autoridade superior, mantendo-a informada sobre o andamento dos trabalhos;
- X - comparecer as reuniões convocadas pelo Diretor do Departamento;
- XI - reunir, periodicamente, os servidores inválidos de função de supervisão, assistência e chefia, afim de aumentarem providências ou normas necessárias a boa marcha dos trabalhos;
- XII - colaborar entre si e com os responsáveis pela direção de órgãos subordinados a outros Departamentos;
- XIII - orientar, nos assuntos de sua competência, os demais órgãos da Prefeitura;
- XIV - providenciar sobre a expedição e publicação de editais, avisos, notificações e intimações de sua alçada;
- XV - sugerir nomes para a Chefia dos órgãos, que lhes são subordinados e para as substituições eventuais previstas neste Regulamento;
- XVI - movimentar o pessoal que lhes é subordinado, mediante comunicação a Secção de Administração;
- XVII - sugerir medidas relacionadas com o provimento e vacância dos cargos e funções, direitos, vantagens, deveres e responsabilidade dos servidores;
- XVIII - designar funcionários para serviços externos e especiais;
- XIX - organizar a escala de férias do pessoal, encaminhando-a a Secção de Administração;
- XX - determinar apuração sumaria de irregularidades, representar sobre as mesmas e propor instauração de inquéritos administrativos;
- XXI - expedir e rever boletins de merecimento;
- XXII - organizar turmas de trabalho em horário especial;
- XXIII - requisitar material e propor seu reparo, troca ou substituição;
- XXIV - apresentar ao Diretor do Departamento, até o dia 20 de janeiro de cada ano, o relatório referente ao exercício anterior, acompanhando de quadros estatísticos, demonstrativos, análises, sugestões e planos para a melhoria dos serviços;

XXV - exercer outras atribuições que lhes sejam legalmente conferidas, decorram da sua posição hierárquica ou da natureza dos trabalhos sob sua responsabilidade.

3 - DOS CHEFES DE SECÇÃO E DEMAIS SUPERVISORES

Art. 27 Aos Chefes de Secção e outros servidores investidos em funções de supervisão e chefia compete:

- I - auxiliar o seu superior imediato na direção, coordenação, controle e fiscalização dos trabalhos;
- II - cumprir e fazer cumprir a legislação, as instruções e normas vigentes, e as determinações dos superiores hierárquicos;
- III - responder, perante a autoridade superior, pela boa execução dos trabalhos afetos à Secção ou dependências;
- IV - submeter ao superior hierárquico propostas, sugestões, informações, requisições, pareceres e relatórios, concernentes as atividades a seu cargo;
- V - distribuir as tarefas, orientar e fiscalizar a sua execução;
- VI - distribuir o pessoal de acordo com a conveniência dos serviços;
- VII - zelar pela ordem e disciplina do pessoal e propor elogios aos servidores que o merecerem;
- VIII - impor a pena de advertência e representar a autoridade superior para apuração de irregularidades e aplicações de pena mais severas;
- IX - propor a construção de turmas de trabalho com horário especial, bem como a antecipação e a prorrogação do expediente;
- X - julgar o merecimento dos servidores que lhes são diretamente subordinados;
- XI - propor escalas de férias opinar quanto à justificação de faltas e impontualidades;
- XII - executar outros encargos não enumerados, mas inerentes as suas responsabilidades de supervisão e chefia.

Art. 28 Além das atribuições enumeradas no artigo precedente, compete ao Chefe da Secção de Administração, diretamente subordinado ao Diretor do Departamento, exercer, no que couber, as funções cometidas aos Diretores de Divisão e Chefes de Serviços.

4 - DOS SERVIDORES EM GERAL

Art. 29 Compete aos servidores cujas atribuições não foram especificadas nos artigo precedentes:

- a) observar as prescrições legais e regulamentos, e de acordo com as suas funções, fazer com que sejam observadas;
- b) executar com eficiência e probidade as tarefas que lhes forem cometidas;
- c) cumprir e, de acordo com as respectivas funções, fazer cumprir as ordens, determinações e instruções superiores;
- d) dar informações e pareceres sobre assunto a seu cargo;
- e) formular sugestões visando ao aperfeiçoamento dos trabalhos.

Capítulo V DAS SUBSTITUIÇÕES EVENTUAIS

Art. 30 Serão automaticamente substituídos em seus impedimentos ocasionais, até 30 dias, mediante designação pelo Diretor do Departamento:

- I - o Diretor do Departamento, pelo Diretor de Divisão ou Chefe de um dos órgãos que lhe são imediatamente subordinados;
- II - o Diretor de Divisão ou Chefe dos Órgãos subdivididos em Seções, por um dos Chefes de Secção que lhe são subordinados;
- III - o Chefe de Secção do órgão não subdividido, por um funcionário de categoria que lhe seja subordinado.

Parágrafo Único - Haverá sempre servidores previamente designados para as substituições previstas neste capítulo.

Capítulo VI DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 31 Será fixada pelo Prefeito a lotação de pessoal do Departamento.


Art. 32 O horário normal de trabalho será fixado pelo Diretor do Departamento, observado o numero de horas estabelecido para o serviço público municipal.

Parágrafo Único - Não estão sujeitos s registro do ponto, devendo, entretanto, observar o horário fixado, o Diretor do Departamento, os Diretores de Divisão e Chefes de Serviços.

Art. 33 As normas de trabalho serão oportunamente fixadas em leis, regulamentos, instruções e ordens de serviços do Prefeito ou do Diretor do Departamento, vigorando as atuais enquanto não forem alteradas.

Recife, 6 de novembro de 1953.

JOSÉ DO RÊGO MACIEL
Prefeito

 **3.346/55**

LEI Nº 3346
(Revogada pela Lei nº 9355/1964).

DISPÕE SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS FESTEJOS CARNAVALESÇOS DO MUNICÍPIO, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O Prefeito do Município do Recife, faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Prefeitura Municipal do Recife, por intermédio do Departamento de Documentação e Cultura, organizará, patrocinará e promoverá os festejos carnavalescos do Município, a partir do ano de 1956, dentro dos moldes folclóricos, preservando sobretudo: os clubes de frêvo; os maracatús, em sua forma primitiva e os clubes de

caboclinhos.

Parágrafo Único. Deverá também o Departamento de Documentação e Cultura da Municipalidade, ajudar técnica e financeiramente, todos os blocos, troças, escolas de samba e demais organizações carnavalescas que contribuirão para a animação e grandeza do carnaval do Recife.

Art. 2º Caberá ainda ao Departamento de Documentação e Cultura instituir anualmente concursos de: música (frêvos e frêvos canções) e passo.

Parágrafo Único. Os Autores das músicas classificadas e bem assim os passistas serão premiados, de acordo com o que for previamente estabelecido pelo Prefeito do Recife.

Art. 3º O Departamento de Documentação e Cultura proporá, anualmente, ao Prefeito do Município a nomeação de comissões compostas de pessoas entendidas no assunto, para julgamento e classificação dos Clubes, Blocos, Maracatus, Caboclinhos, Escolas de Samba, etc. que se exibirem durante os festejos carnavalescos e bem assim dos veículos que se apresentarem no curso devidamente ornamentados e conduzindo foliões bem fantasiados, como estímulo e apoio do poder público em prol da grandeza do carnaval do Recife.

§ 1º A cada espécie de entidade carnavalesca a que se refere o presente artigo e bem assim a cada tipo de veículo que se exibir no curso, nos termos deste artigo, o Departamento de Documentação e Cultura distribuirá prêmios em dinheiro e taças comemorativas, de acordo com instruções que deverão ser organizadas e previamente aprovadas pelo Prefeito.

§ 2º Só concorrerão aos prêmios a que se refere o § 1º deste artigo, os carros abertos - caminhões, caminhonetes, jeeps, etc.

Art. 4º Será consignada no orçamento do Município do Recife, anualmente, a partir do ano de 1956, no quadro do Departamento de Documentação e Cultura, a dotação de um milhão de cruzeiros (Cr\$ 1.000.000,00) para fazer face às despesas com a organização, patrocínio e animação do carnaval do Recife, cuja importância deverá ser entregue ao referido Departamento, quinze (15) dias antes do início das festividades carnavalescas.

§ 1º Sessenta por cento (60%) dessa verba será distribuída às agremiações com existência legal, de acordo com a classificação prévia, sendo a primeira cota antes do carnaval e a segunda depois, se comprovada a despesa da primeira cota após a exibição do Clube, reservando-se os quarenta por cento (40%) restantes para ornamentação, iluminação, divulgação, propaganda e animação das festas carnavalescas.

§ 2º A entidade carnavalesca que receber a primeira cota da ajuda a que se refere o presente artigo e não se exibir durante os festejos carnavalescos, não receberá quaisquer auxílios durante três (3) anos consecutivos, sem prejuízo de outras providências que porventura se faça preciso empreender por parte da Prefeitura do Recife.

§ 3º Será vedada ao Departamento de Documentação e Cultura a distribuição de verbas a entidades que pretendam o mesmo fim desta lei, isto é, a organização, promoção e

animação do carnaval do Recife, excetuando o auxílio que fôr consignado no orçamento da edilidade por iniciativa de qualquer vereador com assento na Câmara Municipal do Recife.

§ 4º O Departamento de Documentação e Cultura dentro do prazo de sessenta (60) dias após o carnaval deverá encaminhar ao Prefeito uma prestação de contas detalhada do emprêgo da verba a que se refere êste artigo e êste por sua vez encaminhará a mesma documentação à Câmara Municipal do Recife para aprovação definitiva.


Art. 5º A Federação Carnavalesca Pernambucana, a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, a União das Escolas de Samba de Pernambuco e outras organizações carnavalescas porventura existentes, serão consideradas como entidades auxiliares do Departamento de Documentação e Cultura na organização do Carnaval do Município do Recife.

Art. 6º A Câmara Municipal do Recife se fará representar junto ao Departamento de Documentação e Cultura por três (3) dos seus membros, designados pelo Plenário e terão direito a tomar parte em todos os atos concernentes à organização do Carnaval do Recife.

Art. 7º O Prefeito do Recife regulamentará a presente lei dentro do prazo de sessenta (60) dias a partir da data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Recife, 7 de junho de 1955.

DJAIR BRINDEIRO
Prefeito

 **1.351/56**

DECRETO Nº 1351, DE 23 DE JANEIRO DE 1956

O Prefeito do Município do Recife, no uso das suas atribuições e tendo em vista o disposto no art. 7º da Lei nº 3.346, de 7 de junho de 1955, resolve baixar o seguinte Regulamento, da mencionada Lei.

Art. 1º Caberá ao DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E CULTURA da Prefeitura Municipal do Recife o encargo de promover e patrocinar, diretamente, os festejos carnavalescos nêste Município, dentro dos moldos folclóricos, preservando, sobretudo, os clubes de frêvo, os maracatús, em sua forma primitiva e os clubes de caboclinhos.

§ 1º Serão, também, auxiliadas outras organizações carnavalescas que contribuam para a animação e grandeza do carnaval, devendo esse auxílio ser de natureza técnica e de ordem financeira.

§ 2º O D.D.C., dentro das atribuições que lhe são conferidas nêste Regulamento promoverá, com aprovação prévia do Prefeito, anualmente, concursos de músicas (frevos e frevos-canção) e de passos.

§ 3º Também serão intituídos, com aprovação prévia do Prefeito e anualmente, concursos de clubes, blocos, maracatús, troças, caboclinhos, ursos e escolas de samba que se exibirem durante os festejos carnavalescos, bem como de veículos abertos e ornamentados que participarem, regularmente, do corso.

§ 4º Os prêmios serão em dinheiro ou em taças comemorativas, de acôrdo com as instruções elaboradas pelo D.D.C. e aprovadas pelo Prefeito.

Art. 2º A verba orçamentária destinada ao carnaval recifense será utilizada do seguinte modo: a) - 60% para os prêmios em dinheiro e aquisição das taças referentes aos concursos previstos no artigo anterior e seus parágrafos e para distribuição às agremiações com existência legal, observando-se, nessa distribuição, as seguintes percentagens:

Clubes	35%
Blocos	20%
Maracatús	15%
Caboclinhos	15%
Troças e ursos	10%
Escolas de Samba	5%

b) - 40% para atender à ornamentação, iluminação, propaganda e animação dos festejos. Dêsses 40% da verba orçamentária, 25% serão destinados aos serviços extraordinários de limpeza na cidade, durante as festas carnavalescas.

§ 1º A distribuição da verba prevista na letra a dêste artigo será feita em duas quotas, após a dedução das verbas necessárias à atribuição de prêmios nos concursos adotados, a primeira quota antes do Carnaval e a segunda depois, se comprovada a despesa da primeira quota, após a exibição do Clube.

§ 2º A entidade carnavalesca que receber a primeira quota de auxílio e não se exhibir durante os festejos carnavalescos que se seguirem ficará impedida de receber quaisquer auxílios durante três anos consecutivos, sem prejuízo de outras sanções que a Prefeitura resolver adotar e que poderão ir até à exigência judicial da devolução da primeira quota.

§ 3º Somente serão distribuídas as quotas aqui previstas às organizações que satisfaçam as condições dêste Regulamento e que provem ter existência legal e ter se exibido no Carnaval de um dos três últimos anos.

§ 4º A concessão dos auxílios previstos neste artigo será feita mediante requerimento das instituições interessadas, devendo preencher todos os requisitos da Lei e dêste Regulamento.

Art. 3º Todos os serviços de ornamentação (excetuados os de limpeza pública) iluminação e preparação de ruas e locais para os festejos serão efetuados mediante concorrência, na forma prevista em lei.

Art. 4º Caberá a uma comissão presidida pelo Diretor do Departamento de Documentação e Cultura, e composta dos três vereadores indicados pelo plenário da Câmara Municipal, nos termos do art. 6º da Lei nº 3.346, um representante da Federação Carnavalesca Pernambucana, um representante da Associação dos Cronistas Carnavalescos e dois membros de livre escolha do Prefeito do Recife, julgar os concursos estabelecidos no art. 1º e seus parágrafos e opinar quanto à ornamentação, iluminação, propaganda e animação dos festejos, bem como quanto à distribuição da verba prevista no art. 2º deste Regulamento. Das decisões dessa Comissão que serão sempre tomadas por maioria, caberá recurso, por iniciativa do Diretor do D.D.C., para o Prefeito.

Art. 5º Ao Prefeito caberá em última instância: a) decidir os recursos das resoluções da comissão prevista no art. anterior; b) interpretar, na esfera administrativa, a Lei ora regulamentada e este Regulamento, c) aprovar ou não as contas que, na forma do Parágrafo quarto do art. 4º da Lei ora regulamentada, lhe deverão ser apresentadas pelo D.D.C., sessenta dias após a realização do carnaval; d) aprovar as normas elaboradas pelo D.D.C. para a realização dos concursos previstos neste Regulamento.


Art. 6º E' vedado a qualquer das organizações subvencionadas incluir nas suas exibições símbolos nacionais, uniformes privativos das forças armadas, bem como dísticos, alegorias ou críticas referentes a autoridades constituídas, mesmo que não sejam ofensivas.

§ único. A infração desse dispositivo implicará em ficar a entidade infratora impedida de receber qualquer auxílio da Prefeitura por três anos consecutivos, sem prejuízo da devolução da primeira quota de auxílio que tiver sido paga e da aplicação de outras sanções de alçada do poder executivo municipal.

Art. 7º Este Regulamento entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Recife, 23 de janeiro de 1956

PELÓPIDAS SILVEIRA
Prefeito

 **9.355/64**

LEI Nº 9355
(Revogada pela Lei nº 10.537/1972).

DISPÕE SÔBRE A PROGRAMAÇÃO, PATROCÍNIO E
PROMOÇÃO DOS FESTEJOS CARNAVALESCOS
PELA PREFEITURA, ATRAVÉS DA COMISSÃO
ORGANIZADORA DO CARNAVAL.

O Prefeito do Município do Recife faço saber que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Prefeitura Municipal do Recife, por intermédio da Comissão Organizadora do

Carnaval, programará, patrocinará e promoverá os festejos carnavalescos do Município, dentro dos moldes folclóricos, preservando sobretudo: os clubes de frevo, os maracatús, em sua forma primitiva e os clubes de caboclinhos.

Art. 2º A COMISSÃO ORGANIZADORA DO CARNAVAL (C.O.C.), presidida pelo Secretário de Educação e Cultura do Município, é composta de 5 (cinco) Vereadores, escolhidos pela Câmara Municipal, por maioria de votos; 4 (quatro) membros de livre escolha do Prefeito do Município; 1 (um) representante da Federação Carnavalesca Pernambucana; 1 (um) representante da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife; 1 (um) representante da Associação Comercial de Pernambuco; 1 (um) representante da Federação das Indústrias de Pernambuco e 1 (um) representante do Governo do Estado.

§ 1º Servirão de assessores do Presidente da C.O.C. um contador e um representante do Serviço de Recreação e Turismo, designados pelo Senhor Prefeito, por indicação do Secretário de Educação e Cultura.

§ 2º As decisões da C.O.C. serão sempre tomadas por maioria de votos, cabendo ao seu Presidente o voto de qualidade, nos usos de empate.

§ 3º Das decisões da C.O.C. caberá recurso para o Presidente, por iniciativa do Secretário de Educação e Cultura.

Art. 3º Caberá Comissão Organizadora do Carnaval (C.O.C) ajudar, técnica e financeiramente, todos os blocos, troças, clubes, escolas de samba, maracatús, caboclinhos e demais organizações carnavalescas, filiadas à Federação Carnavalesca Pernambucana e a União das Escolas de Samba, se for o caso, que contribuirão para animação e grandeza do Carnaval do Recife.

Art. 4º A.C.O.C. designará, anualmente, comissões integradas por pessoas entendidas no assunto, para julgamento e classificação das organizações carnavalescas que se exibirem durante os festejos momescos e, bem assim, dos veículos que se apresentarem no curso, devidamente ornamentados e conduzindo foliões fantasiados.

Parágrafo Único. Serão, igualmente, instituídos prêmios em dinheiro e taças comemorativas a cada espécie de entidade carnavalesca e a cada tipo de veículo classificados, de acordo com as instruções que forem previamente baixadas nesse sentido.

Art. 5º A c.o.c. instituirá, também, anualmente, concursos para passistas e de músicas, nas categorias de:

- I - frevo de rua;
- II - frevo de bloco;
- III - frevo canção;
- IV - maracatú.

Parágrafo Único. Os campeões de passo e autores das músicas classificadas serão premiados de acordo com o que for previamente estabelecido, em regulamento, pela C.O.C.

Art. 6º Todos os serviços de ornamentação e preparação de ruas, praças e logradouros públicos para a realização dos festejos carnavalescos serão efetuados mediante concorrência pública.

Parágrafo Único. Caberá á C.O.C., cumprido e disposto neste artigo, opinar quanto á ornamentação das ruas, praças e logradouros para os festejos carnavalescos.

Art. 7º Para incentivo e brilhantismo dos festejos suburbanos da cidade, a C.O.C. contribuirá como sua ajuda técnica e financeira ás Comissões de Festejos Carnavalescos dos bairros recifenses, instituindo ainda um prêmio para o melhor Carnaval de Subúrbio, de acordo com as normas que a respeito forem fiadas em regulamento.

Art. 8º Será consignada, anualmente, na Lei Orçamentária do Município, no Quadro da Secretaria de Educação e Cultura, uma dotação nunca inferior a um décimo por cento (0,1) da estimativa da receita municipal, destinada ás despesas com a organização, patrocínio e animação do Carnaval do Recife, cuja importância devera ser entregue á C.O.C. na primeira quinzena de janeiro.

§ 1º Da dotação a que alude o presente artigo, 60%(sessenta por cento) destinar-se-ão á concessão de ajuda financeira as agremiações carnavalescas, com existência legal, que se exibirem durante o carnaval, de acordo com o disposto no artigo 3º desta lei, e 40% (quarenta por cento) serão destinados á ornamentação, propaganda e animação dos festejos.

§ 2º A distribuição da verba destinada a ajudar as agremiações s carnavalescas será feita em duas quotas; a primeira antes do carnaval e a segunda depois de realizados os festejos, comprova da a sua exibição.

§ 3º A entidade carnavalesca que receber a primeira quota do auxilio e não se exhibir durante os festejos que se seguirem, ficará impedida de receber qualquer ajuda financeira do Município pelo período de 3 (três) anos consecutivos,sem prejuízo de outras sanções que a Prefeitura resolver adotar e que poderão ir até a exigência judicial da devolução da quota recebida.

§ 4º A C.O.C., dentro do prazo de 60 (sessenta) dias após o Carnaval, deverá encaminhar ao Prefeito prestação decantas detalhada do emprego da verba a que se refere este artigo, para devida aprovação, mediante decreto.

Art. 9º É vedado a qualquer das entidades subvencionadas na forma desta lei incluir, nas suas exibições, símbolos nacionais, uniformes privativos dos Forças Armadas e de instituições religiosas, bem como dísticos, alegorias ou criticas referentes a autoridades constituídas, mesmo que não sejam ofensivas.


Parágrafo Único. A infração deste dispositivo implicará em ficar a entidade infratora impedida de receber qualquer auxilio da Prefeitura, por 3 (três) anos consecutivos, sem prejuízo da devolução da primeira quota de auxilio que tiver sido paga e da aplicação de outras sanções da alçada do Poder Executivo Municipal.

Art. 10 Os casos omissos na presente lei, que tenham caráter de urgência, poderão ser resolvidos pelo Presidente da Comissão, independentemente do referendun do Plenário.

Art. 11 Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, ficando revogada a lei nº 3.346, de 7 de junho de 1955 e as disposições em contrário.

Recife, 11 de dezembro de 1964

AUGUSTO LUCENA
Prefeito

 **9.927/68**

LEI Nº 9927

DEFINE A POLÍTICA MUNICIPAL DO TURISMO,
CRIA O CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO E A
EMPRESA METROPOLITANA DE TURISMO DA
CIDADE DO RECIFE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O Prefeito do Município do Recife faço saber que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Capítulo I DA POLÍTICA MUNICIPAL DE TURISMO

Art. 1º Compreende-se como Política Municipal de Turismo o conjunto de diretrizes e normas integradas no planejamento de todas as iniciativas ligadas à indústria turística sejam elas originárias do setor público ou privado isoladas ou coordenadas entre si, desde que reconhecido seu interesse para o desenvolvimento do Município do Recife e da área metropolitana compreendida no que se chama de "GRANDE RECIFE".

Art. 2º As atribuições da Prefeitura Municipal do Recife, na coordenação e no estímulo ao turismo, serão exercidas na forma desta Lei e das normas que surgirem em sua decorrência.

§ 1º O Poder Executivo orientará a Política Municipal de Turismo, coordenando as iniciativas, de modo compatível com a política nacional de turismo ditada pela Empresa Brasileira de Turismo - Embratur, a fim de dinamizá-la e adaptá-la às reais necessidades do desenvolvimento econômico e cultural do País;

§ 2º O Poder Executivo, através dos órgãos criados nesta Lei coordenará os programas oficiais e os de iniciativa privada, garantindo um desenvolvimento uniforme orgânico à atividade turística do Município do Recife e de sua área metropolitana.

§ 3º O Poder Executivo atuará através de financiamentos e incentivos fiscais, no sentido de canalizar para as zonas turísticas da Cidade do Recife as iniciativas que tragam condições favoráveis ao desenvolvimento do turismo.

Capítulo II DO CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO

Art. 3º Fica instituído o Conselho Municipal de Turismo, órgão normativo que terá atribuições de formular e coordenar a Política Municipal de Turismo.

Art. 4º O Conselho Municipal de Turismo presidido pelo Secretário de Educação e Cultura do Município constituído de delegados de órgãos municipais e estaduais e representantes da iniciativa privada terá a seguinte composição:

- Presidente da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife;
- Delegado da Câmara Municipal do Recife;
- Delegado do Estado de Pernambuco;
- Delegado da Superintendência de Desenvolvimento Econômico do Nordeste SUDENE;
- Representante da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores de Turismo - Abrajat;
- Representante da Associação Brasileira dos Agentes de Viagens;
- Representante do Sindicato da Indústria Hoteleira;
- Representante das Empresas Transportadoras;
- Representante do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico;
- Representante de entidade Folclórica e Artesanal;
- Delegados dos Municípios que integram a área metropolitana do Grande Recife, como tal compreendendo Olinda, Paulistas, São Lourenço da Mata, Jaboatão e Cabo.

§ 1º Em suas faltas e impedimentos, o Secretário de Educação e Cultura, na qualidade de Presidente do Conselho, será substituído por um Vice-presidente, eleito dentre os delegados referidos neste artigo.

§ 2º Os representantes da iniciativa privada terão mandato de 2 (dois) anos e serão escolhidos e designados pelo Prefeito do Município, entre os nomes constantes de listas tríplices, apresentadas pelas organizações representadas, sendo designados, no mesmo ato, os respectivos suplentes.

§ 3º Os delegados terão mandato de dois anos, facultada a recondução.

§ 4º As funções do Conselheiro são consideradas de relevante interesse público e o seu exercício é prioritário com relação aos cargos públicos municipais de que sejam titulares os conselheiros.

§ 5º Os delegados dos Municípios integrantes da área metropolitana do Grande Recife só eventualmente, quando em debate matéria pertinente ao Município que representa, participarão das deliberações do Conselho.

Art. 5º Compete ao Conselho:

- a) formular as diretrizes básicas a serem obedecidas na política Municipal de Turismo, a priori orientando convênios que venham a integrar, num plano geral de turismo, as cidades que compõem a área metropolitana denominada de "Grande Recife", prestando, assim, ajuda efetiva nas promoções de certames feiras exposições e festas tradicionais;
- b) baixar resoluções, atos ou instruções regulamentares desta Lei;
- c) opinar, na esfera do Poder Executivo ou quando consultado pela Câmara Municipal,

sobre ante-projeto de lei que se relacione com turismo ou adotem medidas que neste possam ter implicações;

d) propor ao Chefe do Executivo Municipal os procedimentos a serem adotados para a concessão de estímulos fiscais e financeiros, bem como subvenções às empresas e atividades turísticas privadas;

e) declarar os Centros e Zonas Prioritárias de interesse turístico, na cidade do Recife e sua área metropolitana compreendida no "Grande Recife";

f) aprovar o projeto dos Estatutos da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife e suas eventuais alterações, submetendo-as à homologação do Prefeito do Município, mediante decreto;

g) aprovar os aumentos de capitais da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife;

h) editar instruções normativas para as atividades de empresas turísticas privadas, em harmonia com a legislação estadual e nacional;

i) orientar o registro das atividades de empresas turísticas privadas, junto ao órgão oficial do Governo do Estado de Pernambuco;

j) remeter ao Conselho Nacional de Turismo e a Empresa Brasileira de Turismo - Embratur, calendários turísticos elaborados para cada exercício a fim de que sejam incluídos no Calendário Turístico Nacional;

l) apreciar, em última instância, os recursos originários de decisões da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife, sobre aplicação de multa por infração às instruções normativas que tenha expedido;

m) aprovar e organizar o seu Regimento Interno, para homologação pelo Prefeito do Município.

Art. 6º Compete ao Presidente do Conselho:

a) presidir as reuniões;

b) indicar os Membros do Conselho Fiscal da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife;

c) recorrer, com efeito suspensivo, das decisões do Conselho, para o Prefeito do Município;

d) representar o Conselho nas suas relações com terceiros;

e) promover a execução das decisões do Conselho;

f) convocar reuniões extraordinárias.

Art. 7º O Conselho Municipal de Turismo deverá realizar mensalmente, um mínimo de duas (2) reuniões e um máximo de quatro (4) reuniões ordinárias.

Art. 8º A remuneração dos membros do Conselho Municipal de Turismo, será composta de uma parte fixa, correspondente a uma gratificação de representação, e uma parte variável, em função do comparecimento a cada uma das reuniões fixadas pelo Prefeito do Município.

Parágrafo Único - Sempre que os interesses do turismo exigirem, por convocação do presidente ou da maioria absoluta dos seus membros, poderá reunir-se em sessão extraordinária, sem direito a remuneração, de que trata este artigo.

Art. 9º As instruções normativas do Conselho serão obrigatoriamente publicadas no

Diário Oficial do Estado de Pernambuco e sua vigência será contada a partir dessa publicação, ou em data que seja nelas fixada.

Capítulo III

DA EMPRESA METROPOLITANA DE TURISMO DA CIDADE DO RECIFE

Art. 10 Criada a Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife, vinculada a Secretaria de Educação e Cultura, com a natureza de empresa pública e a finalidade de executar a política Municipal de Turismo, dentro das exigências da Empresa Nacional de Turismo.

§ 1º A Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife, terá personalidade jurídica de direito público, patrimônio próprio e autonomia administrativa e financeira.

§ 2º Sede da empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife será nesta capital, podendo instalar escritórios, agentes; e representantes em qualquer parte do território nacional, e ainda delegacia nas Cidades que fazem o "Grande Recife".

Art. 11 A Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife terá um capital de NCR 500.000,00 constituído integralmente pelo Município do Recife, mediante as dotações orçamentárias ou crédito especiais, e será integralizado até o exercício de 1971, da seguinte forma:

- a) NCR\$ 132.500,00 nos exercícios financeiros de 1967 e 1968;
- b) Os restantes NCR\$ 367.500,00 em parcelas anuais de NCR\$ 122.500,00 que serão consignadas nos exercícios financeiros de 1969 e 1971.

§ 1º O Capital de que trata este Artigo, uma vez integralizado, poderá ser aumentado, em face das dotações que lhe foram deferidas, reavaliação do ativo e incorporação de reservas.

§ 2º O aumento de Capital referido no parágrafo anterior far-se-á mediante a devida aprovação do Conselho Municipal de Turismo.

§ 3º Para a realização das festas tradicionais da Cidade, festas cívicas e certames em geral, serão mantidas as dotações orçamentárias para êsses fins e transferidas à Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife, no exercício financeiro de 1968; e nos exercícios financeiros seguintes, serão apresentados os calendários turísticos pelo Conselho Municipal de Turismo e Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife, com sugestão de dotações específicas, para incorporação nos respectivos orçamentos.

Art. 12 Compete a Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife:

- a) executar diretrizes estabelecidas pelo Conselho Municipal de Turismo, a serem obedecidas na Política Municipal de Turismo;
- b) baixar as instruções que fôrem necessárias ao pleno exercício de suas atribuições;
- c) fomentar as iniciativas, planos, programas e projetos que visem o desenvolvimento da indústria turística e, ainda, celebrar convênios com os Municípios que fazem parte da área metropolitana do Grande Recife, para uma completa integração turística.

- d) controlar e coordenar a execução de projetos e planos que tenham recebido parecer favorável do Conselho Municipal de Turismo;
- e) estudar, de forma sistemática e permanente, o mercado turístico a fim de dispor de dados necessários a um adequado controle técnico;
- f) organizar, promover e divulgar as atividades ligadas ao turismo, na área metropolitana do "Grande Recife", nos Municípios com quem mantiver convênios;
- g) manter cadastro das empresas turísticas da Cidade do Recife e área metropolitana;
- h) promover e incentivar a criação do ensino técnico profissional de atividades e profissões ligadas ao turismo;
- i) orientar e classificar as empresas de atividades turísticas, em harmonia com a Legislação Estadual e Federal;
- j) estimular, promover, proteger e administrar entidades ou estabelecimentos que constituam motivo de atração turística;
- l) fiscalizar as atividades das empresas turísticas privadas, em qualquer aspecto que se relacione com o turismo, em harmonia com a legislação estadual e federal;
- m) estimular a criação no Município e área metropolitana do "Grande Recife" de órgãos incumbidos do desenvolvimento do turismo;
- n) colaborar com a Diretoria do Patrimônio Histórico Nacional, no tombamento dos bens móveis e imóveis e dos bens a estes equiparados, tais como monumentos naturais, sítios, paisagens cuja proteção e conservação sejam consideradas de interesse turístico;
- o) manter com a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, intercâmbio destinado à recuperação, conservação e exploração do Patrimônio histórico existente no Município do Recife;
- p) participar de entidades nacionais e celebrar convênios turísticos com os Estados e Municípios, quando necessário;
- q) promover apuração de responsabilidade pelas infrações de instruções normativas do Conselho Municipal de Turismo e submeter os autos lavrados ao julgamento do referido Conselho;
- r) manter o Conselho Municipal de Turismo informado 1 sobre as atividades das Empresas, elaborando relatórios trimestrais acompanhados de boletins estatísticos e balancetes;
- s) estimular, organizar e promover a realização de festas tradicionais da Cidade do Recife, como sejam carnaval, em colaboração com a C.O.C, festejos juninos e natalinos certames, festas e exposição de atividades comerciais, desde que receba a devida cobertura orçamentária para tais fins.

Art. 13 A administração da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife será exercida por uma diretoria constituída de um Presidente e dois Diretores todos com mandatos de dois anos, facultada a recondução.

Art. 14 O Conselho Fiscal será composto de três membros e respectivos suplentes com mandatos de 2 (dois) anos, vedada a recondução.;

§ 1º Os membros do Conselho Fiscal não poderão ter relação de parentesco até o 2º Grau, com quaisquer membros da Diretoria.

§ 2º Os honorários dos Membros do Conselho Fiscal serão fixados\$ anualmente, por proposta do Conselho Municipal de Turismo ao Prefeito do Município.

Art. 15 As disposições concernentes às atribuições da Diretoria, do Conselho Fiscal e

dos demais órgãos integrantes da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife criada por esta Lei e nela não referidos ou que dela resultem expressa ou implicitamente, serão definidas nos respectivos Estatutos na conformidade do art. 5º, alínea "f" desta Lei.

Parágrafo Único - Os Estatutos da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife serão aprovados pelo Conselho Municipal de Turismo, e homologados por decreto pelo Prefeito do Município.

Art. 16 O Presidente e Diretores da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife poderão pertencer aos quadros da Administração centralizada ou descentralizada, caso em que deverão optar sobre a remuneração que irão perceber sem prejuízo dos direitos e vantagens respectivas.

Capítulo IV DOS RECURSOS FINANCEIROS

Art. 17 Além do capital a que se refere o art. 11 desta Lei, a Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife, poderá contar com os seguintes recursos:

- a) de dotação orçamentária criada por Lei;
- b) de créditos especiais e suplementares;
- c) de contribuições de qualquer natureza, sejam públicas ou privadas;
- d) dos recursos decorrentes de exploração da atividade turística;
- e) das multas e taxas específicas decorrentes de infração as instruções editadas pelo Conselho Municipal de Turismo;
- f) dos outros recursos de qualquer natureza que lhes sejam destinados.

Parágrafo Único - As receitas procedentes de quaisquer fontes bem como os demais recursos previstos serão depositadas preferencialmente, nos bancos oficiais, vindo pela ordem de propriedade, o Bandepe, em conta especial vinculada à Empresa.

Capítulo V DO ZONEAMENTO TURÍSTICO DA CIDADE DO RECIFE

Art. 18 O Conselho Municipal de Turismo estabelecerá o zoneamento turístico da Cidade do Recife, considerando festas, áreas e zonas de interesse turístico, a fim de possibilitar a atuação coordenada da Administração Pública, bem como a concessão de estímulos fiscais e financeiros às atividades e empresas turísticas privadas situadas nas áreas delimitadas.

§ 1º O Conselho Municipal de Turismo, através de instruções normativas, estabelecerá critérios para as declarações que reconhecerão as festas, centros e zonas de interesse turístico.

§ 2º Os estímulos fiscais e financeiros, bem como as subvenções, somente serão liberadas pelo órgão competente, após a aprovação pelo Conselho Municipal de Turismo do plano de aplicação dos recursos encaminhado pela entidade beneficiária.

§ 3º Verificado em qualquer tempo, que o beneficiário, não está utilizando os recursos

recebidos, de conformidade com o plano de aplicação aprovado pelo Conselho Municipal de Turismo, ficará sujeito ao pagamento em dôbro, da ajuda recebida, sem prejuízo da multa cabível, nas condições estabelecidas em instruções normativas do Conselho.

Capítulo VI DOS INCENTIVOS FISCAIS

Art. 19 Serão concedidos às atividades e empresas turísticas privadas, incentivos fiscais, abaixo discriminados, desde que aprovados pela Câmara Municipal do Recife, em razão de mensagem com êste fim, enviada pelo Chefe do Executivo Municipal.

- a) Redução de quantia correspondente ao percentual máximo de 50% de impostos e taxas para as Agências de Viagens reconhecidas pela Embratur;
- b) Dedução de 50% de impôsto ou taxas de turismo para os novos hotéis instalados no Recife;
- c) Dedução em percentual que não ultrapasse a 50% de outros tributos, mediante proposição do Conselho Municipal de Turismo.

Art. 20 O Conselho Municipal de Turismo, observando o disposto nesta Lei, baixará instruções normativas sôbre o processamento dos pedidos de concessão dos incentivos os quais depois de preenchidos os requisitos necessários, serão enviados ao Chefe do Executivo para a devida apreciação.

Art. 21 Será cancelado, "ex-ofício", sem prejuízo do disposto no § 3º do art. 18, os incentivos referidos no Art. 20:

- 1) No caso do beneficiário deixar de se dedicar ao ramo do turismo;
- 2) Tratando-se de incentivos destinados à construção, ampliação ou reforma de novos hotéis, no caso de a empresa dar destino diverso ao prédio antes de decorridos 10 (dez) anos de sua efetiva utilização como tal;
- 3) No caso de não atendimento dos compromissos por ventura assumidos, no ato de concessão dos incentivos, referidos no Art. 19.

Art. 22 Os incentivos previstos no Art. 19 serão concedidos aos empreendimentos situados nas áreas seguintes:

- 1) em todo perímetro urbano da Cidade do Recife, para construção, ampliação ou reforma de hotéis de finalidade turística;
- 2) Nos centros e zonas de interêsse turísticos, para as atividades e empresas previstas nos artigos 26 e 27 desta lei, e que sejam sediadas e operem nestas áreas.

Art. 23 Em qualquer caso, os incentivos serão concedidos pelo prazo máximo de 5 anos, devendo extinguir-se, obrigatoriamente, em 31 de dezembro de 1978.

Art. 24 Fica o Govêrno Municipal autorizado a depositar no Banco de Desenvolvimento do Estado de Pernambuco - Bandepe - a importância de NCR\$ 10.000,00 para financiamento e outras operações de crédito às empresas turísticas privadas.

Art. 25 A concessão de estímulos fiscais ou financeiros será deferida, prioritariamente, nos empreendimentos aprovados pelo Conselho Municipal de Turismo, implantados onde existem isenções ou outras facilidades fiscais de estímulo ao turismo, já concedidas, pelo Estado de Pernambuco.

Capítulo VII

DAS ATIVIDADES E EMPRÊSAS TURÍSTICAS PRIVADAS

Art. 26 Atividades turísticas privadas são tôdas aquelas que, de modo direto e indireto, se relacione com o turismo ou que realize prestação de serviço ao turista, tais como as de venda de produtos típicos de artesanato, espetáculos, festivais, desportos, manifestações artísticas, culturais, folclóricas e recreativas.

Art. 27 Entende-se por emprêsas turísticas privadas, as entidades que, segundo critérios fixados pelo Conselho Municipal de Turismo, atendem a:

- a) hotelaria e alimentação;
- b) alojamento turístico de caráter não hoteleiro;
- c) agenciamento de viagens e de turistas;
- d) de transportes para fins turísticos;
- e) emprêsas que desenvolvam atividades cinematográficas, de modo a divulgar, direta ou indiretamente, aspectos sócio-culturais da Cidade do Recife e do Estado de Pernambuco;
- f) quaisquer outros serviços diretamente relacionados com o turismo e que por instruções normativas do Conselho Municipal de Turismo sejam considerados como tais;

Capítulo VIII

DAS PENALIDADES

Art. 28 No caso de infringência a instruções normativas do Conselho Municipal de Turismo, as atividades de empresas turísticas privadas ficarão sujeitas a multa de 1/5 até 200 vezes o valor do salário mínimo vigente na região; aplicáveis pela Empresa Metropolitana de Turismo da cidade do Recife com base em um auto de infração e aplicáveis em dôbro na reincidência.

Parágrafo Único - A primeira infração, quando não for de natureza grave, será punida com a pena de advertência

Art. 29 O Poder Executivo, no prazo de 60 dias, regulamentará a presente Lei.

Art. 30 A Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife gozará de isenção de tributos municipais.

Art. 31 Além de seu pessoal próprio sujeito a Legislação Trabalhista a Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife poderá ter a seus serviços funcionários públicos federais: estaduais ou municipais, que lhes sejam postos à disposição;

Parágrafo Único - Os servidores públicos do Município ou das Autarquias, municipais

ou estaduais, postos à disposição da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife terão asseguradas à contagem de tempo de serviço como de efetivo exercício no respectivo cargo ou função.

Art. 32 O Poder Executivo fica autorizado a garantir as operações de créditos realizadas pela Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife, até o limite da metade do capital social efetivamente realizável.

Art. 33 O Poder Executivo fica autorizado a transferir: para o patrimônio da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife os bens móveis de propriedade do Município do Recife, que tenham ou venham a ter interesse turístico, ou seja, destinado à consecução da finalidade da empresa.

Art. 34 O Poder Executivo poderá desapropriar áreas desde que seja verificado o interesse delas para o desenvolvimento das atividades turísticas obedecendo, no entanto a tramitação legislativa necessária para tais casos.

Art. 35 Fica o Poder Executivo autorizado a abrir, neste exercício um crédito especial de NCR\$ 132.500,00, para atender o que preceitua a alínea a) - do art. 11 desta Lei, correndo as despesas por conta da anulação de igual importância do sub-elemento 4.2.2.0 - Integralização de ações da Companhia de Habitação Popular do Recife - Cohab-Recife.

Parágrafo Único - Da importância referida neste artigo NCR\$ 25.000,00 serão destinados às despesas de instalação, manutenção e operações iniciais da Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife e do Conselho Municipal de Turismo.

Art. 36 Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação ficando revogadas as disposições em contrário, especialmente o inciso II, do Parágrafo único, do art. 1º da Lei Nº 9725, de 30 de dezembro de 1966.

Recife, 3 de junho de 1968

AUGUSTO LUCENA
Prefeito

 **10.537/72**

LEI Nº 10.537

DISPÕE SÔBRE A PROGRAMAÇÃO, PATROCÍNIO E
PROMOÇÃO DOS FESTEJOS CARNAVALESCOS E
REVOGA A LEI Nº 9355, DE 11.12.64.

O Prefeito do Município do Recife faço saber que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Prefeitura Municipal do Recife, por intermédio da Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR), programará, patrocinará e promoverá os festejos carnavalescos do

Município, dentro dos moldes folclóricos, preservando, sobretudo, em sua forma primitiva, os clubes de frêvo, blocos, maracatus e os clubes de caboclinhos.

Art. 2º Para programar e patrocinar as atividades previstas no artigo anterior, fica criada a COMISSÃO PROMOTORA DO CARNAVAL - C.P.C. - que funcionará sob a presidência do Diretor-Presidente da EMETUR e será constituída por representantes dos seguintes órgãos:

Quatro (4) do Poder Executivo Municipal;
Três (3) da Câmara Municipal do Recife;
Três (3) do Governo do Estado, nêstes compreendidos um (1) da Secretaria Assistente;
um (1) da Secretaria da Segurança Pública; e um (1) da Empresa Pernambucana de Turismo EMPETUR;
Um (1) da Associação Comercial de Pernambuco;
Um (1) da Federação das Indústrias de Pernambuco;
Um (1) do Clube de Diretores Lojistas do Recife;
Um (1) da Federação Carnavalesca Pernambucana e,
Um (1) da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife.

Art. 3º Os membros da Comissão Promotora do Carnaval (CPC) terão mandato de dois (2) anos.

§ 1º Para cada representante será indicado, na mesma ocasião, um (1) suplente que substituirá o titular em suas faltas e impedimentos.

§ 2º Em caso de renúncia, o suplente será convocado para substituir o titular pelo restante do mandato.

Art. 4º As decisões do C.P.C, serão tomadas por maioria de votos, cabendo ao Presidente o voto de qualidade, nos casos de empate.

Art. 5º Das decisões da C.P.C. caberá o recurso para o Prefeito do Município, por iniciativa do Presidente da EMETUR ou de seus membros.

Art. 6º O mandato dos membros da C.P.C. terá início no dia 30 (trinta) de março.

Art. 7º A C.P.C. reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, até o mês de outubro e daí por diante, até a conclusão dos festejos carnavalescos, uma vez por semana e, extraordinariamente, quando convocada pelo Presidente.

Art. 8º A Empresa Metropolitana de Turismo elaborará um plano de atividades para cada período carnavalesco, que será submetido à apreciação da Comissão Promotora do Carnaval, a qual compete a sua aprovação.

Parágrafo Único - Aprovado o plano a que se refere êste artigo, será o mesmo submetido à aprovação do Poder Executivo cento e vinte (120) dias antes do período carnavalesco, considerando-se definitivamente aprovado se no prazo de sessenta (60) dias não houver pronunciamento do Prefeito.

Art. 9º Do plano deverá constar, obrigatoriamente, o orçamento de ajuda financeira a todos os clubes, blocos, troças, maracatus, caboclinhos e escolas de samba, desde que tenham existência legal e sejam filiados a Federação Carnavalesca Pernambucana.

Parágrafo Único - Além da ajuda financeira, a EMETUR poderá prestar assistência técnica e artística a qualquer instituição carnavalesca, quando solicitada.

Art. 10 A programação abrangerá:

- I - ornamentação e iluminação de praças, ruas, avenidas e outros logradouros públicos;
- II - realização de concursos de músicas carnavalescas das categorias de frêvo de rua, frêvo de bloco, frêvo canção e maracatus;
- III - concurso de passistas;
- IV - realização de bailes populares;
- V - incentivos aos clubes de alegorias;
- VI - organização de desfiles de agremiações;
- VII - concurso de viaturas, devidamente ornamentadas;
- VIII - concurso de fantasias;
- IX - realização do baile municipal; e
- X - instalação de palanques, devidamente iluminados para promoção do carnaval nos subúrbios.

Art. 11 VETADO.

Parágrafo Único - VETADO.

Art. 12 Cinquenta por cento (50%) da dotação destinada ao custeio do programa dos festejos carnavalêscos deverão ser entregues a EMETUR até o dia 15 (quinze) de janeiro de cada ano e os restantes cinquenta por cento, na semana que anteceder os festejos carnavalêscos.

Art. 13 A C.P.C. no prazo de quinze (15) dias, após o decurso dos festejos carnavalêscos, apreciará o balancête de prestação de contas dos recursos postos à disposição da EMETUR para financiamento do plano de atividades, o qual será encaminhado ao Prefeito para a devida aprovação, mediante decreto, cuja publicação deverá ocorrer no prazo de cento e vinte (120) dias, considerando-se tacitamente aprovada na falta dessa publicação.

Art. 14 A EMETUR criará na sua estrutura administrativa, um órgão de nível departamental, que será responsável pela execução do plano de atividades organizado para cada período carnavalêscos, sem prejuízo de outras atribuições relacionadas com o Carnaval como elemento de expresso folclórica.

Parágrafo Único - O Órgão a que se refere este artigo, contará com um corpo de assessores especializados, composto por arquiteto, desenhista, engenheiro-eletricista, procurador, contador e cenógrafo, recrutados das Secretarias de Planejamento, de Viação e Obras, de Assuntos Jurídicos, de Finanças e de Educação e Cultura.

Art. 15 Instalados os trabalhos da Comissão Promotora do Carnaval os seus membros, no prazo de sessenta (60) dias, elaborarão projeto de decreto regulamentando esta Lei, submetendo-o à aprovação do Chefe do Executivo Municipal.


Art. 16 A Prefeitura Municipal poderá, caso julgue aconselhável, adjudicar, mediante concorrência pública, a execução do plano que fôr elaborado para o Carnaval, inclusive do baile municipal, decoração (que deverá obedecer a motivos históricos), arquibancadas, concursos de passo, de fantasias, de marchas-frevo e frevos-canções, em recintos fechados com prêmios aos vencedores, de modo a oferecer renda aos cofres municipais, tornando os festejos momêscos autofinanciáveis.

Art. 17 Para dar cumprimento ao disposto nesta Lei, no corrente exercício, fica o Chefe do Poder Executivo autorizado a solicitar a abertura de crédito especial no montante de cinquenta mil cruzeiros (Cr\$ 50.000,00).

Art. 18 Esta lei entra em vigor na data da sua publicação, ficando expressamente revogada a Lei N° 9.355, de 11.12.1964.

Recife, 14 de março de 1972

AUGUSTO LUCENA
Prefeito

 **13.535/79**

LEI N° 13.535

AUTORIZA O PODER EXECUTIVO A INSTITUIR A FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE, A CONSTITUIR E EMPRESA DE OBRAS PÚBLICAS CIDADE DO RECIFE - OBRAS RECIFE, A INTRODUIR MODIFICAÇÕES NA ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL DAS UNIDADES DA ADMINISTRAÇÃO DIRETA DA PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O Prefeito da Cidade do Recife, faço saber que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Prefeito da Cidade do Recife autorizado a instituir uma fundação, denominada Fundação de Cultura Cidade do Recife e a constituir uma Empresa pública, denominada Empresa de Obras Públicas Cidade do Recife - Obras Recife.

Parágrafo Único. As entidades acima terão sede e foro na cidade do Recife, tempo de duração indeterminado, autonomia administrativa e financeira, patrimônio próprio e personalidade jurídica de Direito Privado.

Art. 2º A Fundação de Cultura Cidade do Recife terá por finalidade a indução das atividades culturais, com ênfase na cultura popular, consubstanciada no desempenho das seguintes atividades: preservar o universo cultural e a memória Nacional, nos limites da Cidade do Recife; despertar na comunidade o gosto e o amor por sua própria cultura, através de eventos culturais e programas de participação comunitária; incentivar a produção artística e literária, de modo a desenvolver o gosto e a preservação da cultura em suas diversas formas e manifestações; executar programas de recuperação e preservação de documentos, sítios e monumentos históricos da Cidade do Recife; e realizar programas de criação, recuperação e manutenção das casas de espetáculos da Cidade.

Art. 3º A Empresa de Obras Públicas Cidade do Recife-Obras Recife, terá por objeto social projetar, executar e conservar obras públicas na Cidade do Recife, diretamente ou através de terceiros.

Art. 4º A Fundação de Cultura Cidade do Recife e a Empresa de obras Públicas Cidade do Recife-Obras Recife, terão os seguintes órgãos de administração: (Vide Lei nº 14.547/1983)

- a) Conselho de Administração;
- b) Diretoria;
- c) Conselho Fiscal.

Parágrafo Único. A composição, competência, atribuição e normas de funcionamento dos órgãos referidos neste artigo serão definidos nos Estatutos da Fundação e da Empresa, aprovados por Decreto do Prefeito.

Art. 5º O Regime jurídico do pessoal será o da legislação trabalhista, com remuneração fixada de acordo com os níveis salariais do mercado de trabalho da região, devendo, à contratação, preceder sempre processo de seleção apropriado, na forma prevista nos respectivos Estatutos.

Parágrafo Único. Os servidores públicos da administração, direta ou indireta da Cidade do Recife, poderão prestar serviços à Fundação e à Empresa, assegurando-lhes, para todos os efeitos legais, vantagens, direitos e o tempo de serviço prestado no respectivo órgão de origem.

Art. 6º Poderão ser sub-rogados à Fundação e à Empresa, a critério do Prefeito, os direitos e obrigações decorrentes de contratos, acordos e convênios firmados pela Prefeitura da Cidade do Recife, diretamente ou através de seus órgãos de administração indireta.

Art. 7º O patrimônio da Fundação será constituído:

- I - pelos bens móveis e o acervo cultural do Departamento de Desenvolvimento Cultural da Secretaria de Educação e Cultura do Município;
- II - pelos bens móveis e imóveis e o acervo das Bibliotecas Municipais;
- III - pelos bens móveis e imóveis do Teatro Santa Isabel;
- IV - pelos bens móveis e imóveis do Teatro do Parque;

V - pelos bens móveis da Orquestra Sinfônica do Recife e da Banda Municipal do Recife;

VI - pelo patrimônio da Empresa Metropolitana de Turismo - EMETUR.

Art. 8º O capital social inicial da Empresa de Obras Públicas cidade do Recife-Obras Recife, será de Cr\$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de cruzeiros), constituído por:

- a) saldos dos exercícios financeiros transferidos à sua conta patrimonial;
- b) bens móveis e imóveis da Cidade do Recife.

Art. 9º Constituirão receitas da Fundação e da Empresa:

- I - doações, subvenções e transferências feitas pela União, pelo Estado, pela Cidade do Recife ou por entidades públicas e particulares;
- II - receitas decorrentes da prestação de serviços de qualquer natureza, compatíveis com suas finalidades;
- III - saldos dos exercícios financeiros transferidos à sua conta patrimonial;
- IV - recursos de operações de crédito;
- V - outras receitas.

Art. 10 A Fundação e a Empresa são declaradas de utilidade pública e seus atos constitutivos e respectivas modificações, assim como seus bens, receitas, serviços e operações, serão isentos de quaisquer tributos municipais.

Parágrafo Único. Em caso de extinção seus bens e direitos reverterão ao patrimônio da Cidade do Recife.

Art. 11 A Fundação de Cultura Cidade do Recife e a Empresa de Obras Públicas Cidade do Recife-Obras Recife, serão regidas por esta Lei, por seus Estatutos que serão aprovados por Decreto e pelas normas de direito a ela aplicáveis.

Art. 12 O artigo 38 da Lei nº 11.859, de 05 de dezembro de 1975, passa a vigorar acrescido de um parágrafo único, com a seguinte redação:

"Art. 38 ...

Parágrafo Único. O Prefeito da Cidade do Recife republicará o Anexo I desta Lei, com as alterações introduzidas, sempre que, de acordo com o artigo 45, forem efetuados remanejamentos de subordinações orgânicas ou modificações na nomenclatura de órgãos".

Art. 13 Os Anexos I e II da Lei nº 11.859, de 05 de dezembro de 1975, referidos nos artigos 38 e 41 da mesma Lei, passam a vigorar com a redação contida nos Anexos I e II da presente Lei.

Art. 14 Os artigos 45 e 46 da Lei nº 11.859, de 05 de dezembro de 1975, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 45 Respeitadas as limitações legais, fica o Prefeito autorizado a baixar os atos normativos e executivos necessários a implementar, em seus aspectos gestoriais, operacionais, especiais e complementares, as disposições de que trata esta Lei, bem

como alterar subordinações orgânicas, nomenclaturas de órgãos de administração direta e de cargos em comissão".

"Art. 46 À Secretaria de Planejamento e Urbanismo cabe implementar as condições técnicas necessárias à execução do disposto nos artigos 4º, 5º, 6º 10 e 11 desta Lei".

Art. 15 Ficam extintos 33 trinta e três) cargos de Chefe de Serviço, símbolo "CS"; 1 (um) cargo de Administrador de Teatro, símbolo "CS"; 11 (onze) cargos de Chefe de Seção, símbolo "CSEC"; 1 (um) cargo de Administrador de Teatro, símbolo "CSEC"; e 14 (quatorze) cargos de Chefe de Setor, símbolo "CTOR", todos de provimento em comissão.

Art. 16 Ficam transformados: 1 (um) cargo de Secretário, símbolo "DS", em Chefe de Gabinete do Prefeito, símbolo "DS"; o cargo de Coordenador Técnico de Tributação, símbolo "DDP", em Diretor de Assessoria Técnica de Coordenação, símbolo "DDP"; o cargo de Regente da Orquestra Sinfônica do Recife, símbolo "DDP", em Chefe de Secretaria Executiva, símbolo "DDP"; o cargo de Diretor de Centro Social Urbano, símbolo "DDP", em Supervisor de Centro Social Urbano, símbolo "DDP", todos de provimento em comissão.

Art. 17 Ficam criados: 1 (um) cargo de Chefe de Gabinete de Secretário, símbolo "DDR", em cada Secretaria Municipal; 4 (quatro) cargos de Diretor Geral, símbolo "DDR"; 5 (cinco) cargos de Assessor Técnico, símbolo "DDP"; 12 (doze) cargos de Diretor de Divisão, símbolo "DDI", e 5 (cinco) cargos de Assistente, símbolo "DDI", todos de provimento em comissão.

Parágrafo Único. Os vencimentos do cargo símbolo "DDR" é fixado em 10.000,00 (dez mil cruzeiros).

Art. 18 Fica o Prefeito da Cidade do Recife autorizado, dentro dos limites dos respectivos créditos, a efetuar, mediante Decreto, o remanejamento de dotações orçamentárias ou modificações terminológicas que se fizerem necessárias em decorrência da reestruturação administrativa autorizada pela presente Lei e pela Lei nº11.859, de 05 de dezembro de 1975.

Art. 19 Fica o Prefeito da Cidade do Recife autorizado a extinguir a Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife - EMETUR, transferido à Fundação de Cultura Cidade do Recife, todas as suas atividades e patrimônio.

Parágrafo Único. Os servidores integrantes do Quadro da EMETUR serão aproveitados pela Fundação, a critério do Prefeito.

Art. 20 Fica o Prefeito da Cidade do Recife autorizado a abrir crédito especial no valor de até Cr\$ 60.000.000,00 (sessenta milhões de cruzeiros) sendo até Cr\$ 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros) para a instituição da Fundação de Cultura Cidade do Recife, até Cr\$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de cruzeiros) para a constituição da Empresa de Obras Públicas Cidade do Recife-Obras Recife, devendo as demais despesas decorrentes da execução desta Lei correrem a cargo das dotações orçamentárias próprias.

Parágrafo Único. As fontes de recursos para abertura do crédito especial de que trata esta Lei serão os permitidos pela legislação em vigor, inclusive a anulação de dotações nos mesmos valores, constantes do orçamento vigente.

Art. 21 As dotações orçamentárias relativas a transferências para entidades de administração indireta, inclusive fundações, poderão ser transferidas a critério do Prefeito, para os órgãos setoriais de administração direta a quem houver sido delegada a vinculação das citadas entidades.

Art. 22 Fica transferida para a Secretaria de Ação Social a tarefa de distribuição, das bolsas escolares de que trata a Lei nº 10.040, de 11 de novembro de 1968.

Art. 23 A Empresa Municipal de Processamento Eletrônico - EMPREL e a Empresa de Urbanização do Recife - URB-Recife, terão os seguintes órgãos de administração:

- a) Conselho de Administração;
- b) Diretoria;
- c) Conselho Fiscal.

Parágrafo Único. A composição, competência, atribuições e normas de funcionamento dos órgãos referidos neste artigo serão definidos nos Estatutos da EMPREL e da URB-RECIFE, aprovados por Decreto do Prefeito.

Art. 24 Ficam revogados os artigos 5º, 6º e 7º da Lei nº 10.206, de 09 de dezembro de 1969 e artigos 10, 11, 12 e 13 da Lei nº 12.397, de 03 de dezembro de 1976.

Art. 25 A remuneração dos membros de órgãos de administração indireta e fundações instituídas pela Prefeitura da Cidade do Recife será fixada anualmente pelo Prefeito, não ultrapassando essa remuneração a percebida pelos Secretários Municipais.

Art. 26 Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Recife, 26 de abril de 1979.

GUSTAVO KRAUSE
Prefeito

7.2 QUADROS COM AS REFERÊNCIAS DAS MATÉRIAS DE JORNAIS UTILIZADAS

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Prefeitura lança campanha para divulgar Carnaval.	<i>. Diário da Manhã</i>	23 de janeiro de 1980, p. capa.
"Frevioca" vai estrear este ano no Carnaval do Recife.	<i>Diário da Manhã</i>	05 de fevereiro de 1980, p. 03.
A Frevioca arrasta povo.	<i>Diário da Manhã</i>	20 de fevereiro de 1982, p. capa.
Boa Viagem surpreendeu e fez o melhor Carnaval de rua.	<i>Diário da Manhã</i>	20 de fevereiro de 1985, p. 2.
Carnaval começa hoje no pátio de São Pedro.	<i>Diário da Manhã</i>	02 de fevereiro de 1979, p. capa.
Carnaval de Boa Viagem.	<i>Diário da Manhã</i>	16 de fevereiro de 1985, p. 6.
Carnaval do Recife: o melhor do mundo (Coluna do Clóvis Menezes).	<i>Diário da Manhã</i>	28 de fevereiro de 1979, p. 02.
Carnaval este ano não terá desfiles e será improvisado com o povo.	<i>Diário da Manhã</i>	08 de Janeiro de 1980, p. capa.
Carnaval.	<i>Diário da Manhã</i>	20 de janeiro de 1972, p. 04.
Comissão Promotora do Carnaval apresenta relatório sobre o desfile das agremiações.	<i>Diário da Manhã</i>	07 de fevereiro de 1979, p. Capa.
Comissão Promotora do Carnaval fará relatório sobre o desfile.	<i>Diário da Manhã</i>	03 de fevereiro de 1979, p. 03.
EMETUR concentra agremiações no Pátio de São Pedro.	<i>Diário da Manhã</i>	27 de janeiro de 1979, p. 03.
EMETUR divulga apresentação das escolas de samba.	<i>Diário da Manhã</i>	17 de janeiro de 1979, p. 03.
EMETUR vai incentivar Carnaval nos subúrbios.	<i>Diário da Manhã</i>	24 de janeiro de 1979, p. capa.
Gustavo Krause incentiva prévias de Carnaval.	<i>Diário da Manhã</i>	17 de janeiro de 1980, p. 03.
Lança perfume dá prisão para diretor de clube.	<i>Diário da Manhã</i>	03 de fevereiro de 1983, p. capa.
Olinda vive o melhor Carnaval de rua.	<i>Diário da Manhã</i>	24 de fevereiro de 1979, p. 09.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Pátio de São Pedro mostra o Carnaval.	<i>Diário da Manhã</i>	27 de janeiro de 1979, p. capa.
Porta-Estandarte será atração hoje no Pátio.	<i>Diário da Manhã</i>	13 de janeiro de 1980, p. 08.
Porta-Estandarte terão concurso no Pátio.	<i>Diário da Manhã</i>	16 de janeiro de 1980, p. 03.
Porta-Estandarte voltam ao Pátio e disputam título.	<i>Diário da Manhã</i>	26 de janeiro de 1980, p. 03.
Porta-Estandartes são classificados para finalíssima.	<i>Diário da Manhã</i>	31 de janeiro de 1980, p. 03.
Programação especial de Carnaval já começou no pátio de São Pedro.	<i>Diário da Manhã</i>	04 e 05 de fevereiro de 1979, p. capa.
Banhista não sai, mas elogia Krause pela sua coragem.	<i>Diário da Manhã,</i>	31 de janeiro de 1980, p. 06.
Frevioca e Bloco Azul formam nas ruas o "Volante do Frevo".	<i>Diário da Manhã,</i>	08 de fevereiro de 1980, p. 03.
Prefeito prestigiará todas as festas carnavalescas do ano.	<i>Diário Oficial, Ano XI - N° 05.</i>	09 de Janeiro de 1980, p. 01.
Prefeito reitera propósito de administrar com o povo.	<i>Diário Oficial, Ano XI - N° 13.</i>	19 de Janeiro de 1980, p.01.
Prefeitura inicia campanha para reativar o Carnaval.	<i>Diário Oficial, Ano XI - N° 16.</i>	24 de Janeiro de 1980, p. 01.
Prefeito diz no alto da favela que seu governo ouve o povo.	<i>Diário Oficial, Ano XI - N° 18.</i>	26 de Janeiro de 1980, p. 01.
Prefeitura oferece o máximo de atrações carnavalescas ao povo.	<i>Diário Oficial, Ano XI - N° 29.</i>	12 de Fevereiro de 1980, p. 01.
Nem passarela, nem isolamento.	<i>Diário Oficial, Ano XI, N° 05.</i>	09 de Janeiro de 1980, p. 01.
Liberação da folia em Boa Viagem deixa felizes nativos e turistas.	<i>Diário Oficial.</i>	10 e 11 de fevereiro de 1988, p. 1.
Pesquisa diz que foliões são contra clubes na passarela.	<i>Diário Oficial. Ano XI - N° 20.</i>	30 de Janeiro de 1980, p. 01.
A História da Passarela.	<i>Folha da Manhã</i>	13 de janeiro de 1958, p. 02/07.
O caso da Passarela está no judiciário.	<i>Folha da Manhã</i>	06 de fevereiro de 1958, p. 05.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Justiça autorizou a armação da "passarela".	<i>Folha da Manhã</i>	07 de fevereiro de 1958, p. 05.
Na briga do carnaval deu coluna do meio.	<i>Jornal da Cidade</i>	11 a 17 de fevereiro de 1978, p. 09.
Gigantes e Estudantes não ganham o carnaval.	<i>Jornal da Cidade</i>	26 de fevereiro a 04 de março de 1977, p. 20.
Um carnaval em declínio.	<i>Jornal da Cidade</i>	09 a 15 de fevereiro de 1975, p. 04.
Urbanização e folclore.	<i>Jornal da Cidade</i>	23 de fevereiro a 01 de março de 1975, p. 04.
Nascimento não quer a morte do frevo.	<i>Jornal da Cidade</i>	07 de dezembro a 13 de dezembro de 1975, p. 14.
Carnaval sem frevo, mas com Bilu Tetéia.	<i>Jornal da Cidade</i>	08 de fevereiro a 14 de fevereiro de 1976, p. 13.
Escolas de samba empolgam na passarela.	<i>Jornal da Cidade</i>	07 de março a 13 de março de 1976, p. 12.
Capital do frevo?	<i>Jornal da Cidade</i>	07 de dezembro a 13 de dezembro de 1976, p. 07.
Em Olinda carnaval ainda é participação.	<i>Jornal da Cidade</i>	19 de fevereiro a 25 de fevereiro de 1977, p. 08.
Nelson Ferreira: velhos carnavais (1).	<i>Jornal da Cidade</i>	12 a 18 de janeiro de 1975, p. 04.
Nelson Ferreira: velhos carnavais (2).	<i>Jornal da Cidade</i>	19 a 25 de janeiro de 1975, p. 06.
Em 75 um carnaval de música velha.	<i>Jornal da Cidade</i>	12 a 18 de janeiro de 1975, p. 07.
Um carnaval em declínio,	<i>Jornal da Cidade</i>	09 a 15 de fevereiro de 1975, p. 04.
Eis o nosso carnaval.	<i>Jornal da Cidade</i>	29 de dezembro de 1974 a 05 de janeiro de 1975, p. 07.
Em Olinda Carnaval ainda é participação.	<i>Jornal da Cidade</i>	19 a 25 de fevereiro de 1977, p. 08;
O lugar do frevo.	<i>Jornal da Cidade,</i>	09 de novembro a 15 de novembro de 1975, p. 03.
Eis o nosso carnaval.	<i>Jornal da Cidade,</i>	29 de dezembro de 1974 a 05 de janeiro de 1975, p. 07.
Passarela não rima com Carnaval.	<i>Jornal da Cidade,</i>	26 de fevereiro a 04 de março de 1977, p. 13.
A Passarela da incompetência (Texto de Helena Sales).	<i>Suplemento Cultural</i>	Março de 1990, p. 9.
Olinda: sufoco da alegria. (Texto de Helena Sales).	<i>Suplemento Cultural</i>	Janeiro de 1991, p. 03.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
"Carnaval é frevo, é passo, é povo, é rua".	<i>Diario de Pernambuco</i>	08 de fevereiro de 1982, p. A10.
"Carnaval Participação": mais um rótulo cultural.	<i>Diario de Pernambuco</i>	16 de fevereiro de 1980, p. C9.
"Galeria" e "Gigantes" irão à avenida.	<i>Diário de Pernambuco</i>	16 de janeiro de 1980, p. A5.
"Traquinas" comemoram 4 anos com Carnaval.	<i>Diario de Pernambuco</i>	03 de janeiro de 1980, p. A13.
"Recifense, sim, sub-carioca, não".	<i>Diario de Pernambuco</i>	27 de fevereiro de 1966, p. 04, I caderno.
Acabou em tempo.	<i>Diario de Pernambuco,</i>	10 de fevereiro de 1980, p. A12.
Acordo garante Carnaval em Boa Viagem.	<i>Diario de Pernambuco</i>	02 de fevereiro de 1988, p. Capa.
Afoxé apresenta-se neste ano nas ruas do Recife e Olinda.	<i>Diario de Pernambuco</i>	17 de fevereiro de 1982, p. A11.
Agremiações fazem hoje Ensaio Geral.	<i>Diario de Pernambuco</i>	09 de fevereiro de 1983, p. capa.
Agremiações recebem cota de Carnaval.	<i>Diario de Pernambuco</i>	14 de janeiro de 1983, p. capa.
Agremiações vão desfilar em Boa Viagem	<i>Diario de Pernambuco</i>	31 de janeiro de 1990, p. A10.
Anunciados os campeões do carnaval.	<i>Diario de Pernambuco</i>	10 de fevereiro de 1989, p. A12.
Arquibancadas saem e frevo ganha ruas.	<i>Diario de Pernambuco</i>	05 de fevereiro de 1980, p. A8.
Banhistas não sai, mas é contra a passarela.	<i>Diario de Pernambuco</i>	31 de janeiro de 1980, p. A6.
Banho a fantasia domingo em Boa Viagem abre Carnaval 89.	<i>Diario de Pernambuco</i>	01 de março de 1989, p. A27.
Birinaite comanda a folia.	<i>Diario de Pernambuco</i>	23 de janeiro de 1980, p. A7.
Bloco quer abolição do desfile oficial.	<i>Diario de Pernambuco</i>	04 de janeiro de 1979, p. A6.
Boa Viagem atrai 80 mil turistas do exterior: uma festa para todos os ritmos.	<i>Diario de Pernambuco</i>	01 de março de 1990, p.C10.
Boa Viagem rivaliza com Olinda.	<i>Diario de Pernambuco</i>	15 de fevereiro de 1985, p. A4.
Boa Viagem se antecipa e já deu partida na folia.	<i>Diario de Pernambuco</i>	21 de fevereiro de 1987, p. A11.
Boa Viagem terá camarotes nos polos de animação.	<i>Diario de Pernambuco,</i>	05 de fevereiro de 1990, p. 08.
Brincadeira do mela mela	<i>Diário de Pernambuco</i>	24 de janeiro de 1982, p. A19.
Campanha Pernambucana Contra o Turismo, combatendo o câncer da cultura popular.	<i>Diario de Pernambuco</i>	22 de agosto de 1978, p. B1.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Capiba: o pernambucano não aceita a passarela.	<i>Diario de Pernambuco</i>	09 de fevereiro de 1980, p. A7.
Carnaval Baianizado (Coluna Opinião do Leitor).	<i>Diário de Pernambuco</i>	03 de fevereiro de 1989, p. A8.
Carnaval de rua começa amanhã em Boa Viagem.	<i>Diario de Pernambuco</i>	08 de Janeiro de 1983, p. A6.
Carnaval do Recife	<i>Diario de Pernambuco</i>	31 de janeiro de 1979, p. A10.
Carnaval e Povo.	<i>Diario de Pernambuco</i>	20 de fevereiro de 1982, p. A8.
Carnaval e Turismo.	<i>Diario de Pernambuco</i>	05 de janeiro de 1956, p. 04.
Carnaval pernambucano tem os seus campeões.	<i>Diario de Pernambuco</i>	25 de fevereiro de 1977, capa.
Carnaval Político.	<i>Diario de Pernambuco.</i>	24 de janeiro de 1980 p. A10.
Carnaval sem passarelas.	<i>Diario de Pernambuco</i>	22 de janeiro de 1980, p. A9.
Carnaval terá nova comissão.	<i>Diario de Pernambuco</i>	14 de janeiro de 1972, I caderno, p. 03.
Cinco trios elétricos vão animar a Zona Sul.	<i>Diario de Pernambuco</i>	27 de janeiro de 1987, p. A4.
Clube desfila em Boa Viagem.	<i>Diario de Pernambuco</i>	12 de fevereiro de 1982, p. A6.
Clubes prometem à SSP agir com rigor contra uso de lança.	<i>Diario de Pernambuco</i>	11 de fevereiro de 1983, p. capa.
Clubes sociais já se prepararam para o Carnaval de 80.	<i>Diario de Pernambuco</i>	01 de janeiro de 1980, p. A5.
Coisas da cidade: O fim da COC.	<i>Diario de Pernambuco</i>	12 de fevereiro de 1972, I caderno, p. 05.
Começou o carnaval do Recife.	<i>Diário de Pernambuco</i>	15 de fevereiro de 1982, p. B5.
Comissão seleciona agremiações que vão desfilar na avenida.	<i>Diario de Pernambuco</i>	03 de fevereiro de 1979, p. A8.
Comissões e Federações têm contribuído para decadência e morte do carnaval.	<i>Diario de Pernambuco</i>	05 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 06.
Compositor rebate críticas de sulistas.	<i>Diario de Pernambuco</i>	16 de janeiro de 1980, p. A5.
Concurso de Porta Estandarte no Pátio de São Pedro.	<i>.Diario de Pernambuco</i>	16 de janeiro de 1980, p. A5.
Concursos de Passo, porta-estandarte e desfile no Pátio.	<i>Diario de Pernambuco</i>	02 de fevereiro de 1979, p. A7.
Confirmado: Samarina é a grande campeã.	<i>Diario de Pernambuco</i>	10 de fevereiro de 1989, p. A9.
Cronista denuncia decadência do carnaval de rua no Recife.	<i>Diario de Pernambuco.</i>	23 de janeiro de 1972, I caderno, p.03.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
De novo Frevioca.	<i>Diario de Pernambuco</i>	31 de janeiro de 1983, p. A5.
Defesa do frevo.	<i>Diario de Pernambuco</i>	05 de fevereiro de 1981, p. A6.
Denunciada orgia política com verbas do carnaval de 83.	<i>. Diario de Pernambuco</i>	11 de janeiro 1983, p. A5.
Desfile do Galo agita Boa Viagem.	<i>Diario de Pernambuco</i>	14 de janeiro de 1991, p. Capa.
Despassarelização (Opinião).	<i>Diario de Pernambuco</i>	24 de janeiro de 1980, p. A11.
Dona Cata-Cata volta às ruas do Recife na folia.	<i>Diario de Pernambuco</i>	17 de janeiro de 1986, p. A8.
Eletrônica empolgando.	<i>Diario de Pernambuco</i>	27 de fevereiro de 1987, p. A10.
Emetur começará a organizar o carnaval em agosto.	<i>Diario de Pernambuco</i>	17 de fevereiro de 1972, capa.
EMETUR divulga as novidades do Carnaval.	<i>Diario de Pernambuco</i>	04 de janeiro de 1979, p. A6.
EMPETUR divulga até dia 20 programação do Carnaval de 79.	<i>Diario de Pernambuco</i>	03 de janeiro de 1979, p. A6.
Ensaio Geral hoje no pátio.	<i>Diario de Pernambuco</i>	13 de fevereiro de 1980, p. A5.
Ensaio Geral reúne clubes.	<i>Diario de Pernambuco</i>	01 de fevereiro de 1980, p. A7.
Escolas confirmam participação.	<i>Diario de Pernambuco</i>	16 de janeiro de 1980, p. A5.
Escolas de samba vão desfilar.	<i>Diário de Pernambuco</i>	18 de janeiro de 1980, p. A7.
Estado atual do frevo.	<i>Diario de Pernambuco</i>	29 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 12.
Estandartes no pátio dia 3.	<i>Diario de Pernambuco</i>	31 de janeiro de 1980 p. A6.
Estará Certo?	<i>Diario de Pernambuco</i>	20 de fevereiro de 1972, p. 04, I caderno.
Falta de verba, motivo único da ausência do vassourinhas.	<i>Diario de Pernambuco</i>	24 de fevereiro de 1965, 2º caderno, p.02.
Fim da passarela.	<i>Diario de Pernambuco</i>	20 de fevereiro de 1977, capa.
Folia em Boa Viagem é a melhor.	<i>Diario de Pernambuco</i>	14 de janeiro de 1986, p. A9.
Folia em Boa Viagem tem início no próximo dia 10.	<i>Diario de Pernambuco</i>	24 de janeiro de 1985, p. A8.
Folia incendeia o subúrbio.	<i>Diario de Pernambuco</i>	21 de fevereiro de 1982, p. A10.
Folião mais velho do Brasil relembra o carnaval do passado.	<i>Diario de Pernambuco</i>	17 de fevereiro de 1982, p. B1.
Frevioca anima foliões em Boa Viagem.	<i>Diário de Pernambuco</i>	17 de fevereiro de 1990, p. A8.
Frevioca animará as ruas.	<i>Diario de Pernambuco</i>	05 de fevereiro de 1980, p. A8.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Frevioca clímax da folia.	<i>Diario de Pernambuco</i>	02 de fevereiro de 1982, p. A13
Frevioca começa arrancada amanhã.	<i>Diario de Pernambuco</i>	06 de fevereiro de 1983, p. A15.
Frevioca faz a folia na pracinha	<i>Diário de Pernambuco</i>	12 de fevereiro de 1980, p. capa.
Frevioca sai as 20 horas	<i>Diário de Pernambuco</i>	16 de fevereiro de 1982, p. A10.
Frevioca será a atração da semana pré carnavalesca.	<i>Diario de Pernambuco</i>	15 de janeiro de 1983, p. A7.
Frevioca todas as noites.	<i>Diario de Pernambuco</i>	23 de janeiro de 1982, p. A7.
Frevioca, grande atração.	<i>Diario de Pernambuco</i>	27 de janeiro de 1982, p. A7.
Frevioca.	<i>Diario de Pernambuco</i>	19 de fevereiro de 1981, p. A11.
Frevioca.	<i>Diario de Pernambuco</i>	13 de fevereiro de 1985, p. A6.
Frevo cede terreno para samba.	<i>Diario de Pernambuco</i>	06 de dezembro de 1975, 1º caderno, p. 03.
Frevo cede terreno para samba.	<i>Diario de Pernambuco</i>	06 de dezembro de 1975, 1º caderno, p. 03.
Frevo e samba.	<i>Diario de Pernambuco</i>	30 de abril de 1975, 2º caderno, p. 07.
Frevo morre: amorfina-se o povo pernambucano?	<i>Diario de Pernambuco</i>	26 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 05.
Frevo sábado em Boa Viagem.	<i>Diario de Pernambuco</i>	10 de fevereiro de 1980, p. A18.
Frevo.	<i>Diario de Pernambuco</i>	20 de janeiro de 1979, p. A10.
Fricote, dança da galinha, Xuxa....E o Frevo?	<i>Diario de Pernambuco</i>	29 de janeiro de 1989, p. A25.
Fricote, dança da galinha, Xuxa....E o Frevo?	<i>Diario de Pernambuco,</i>	29 de janeiro de 1989, p. A25.
Fundação dá força total para animar Boa Viagem.	<i>Diario de Pernambuco,</i>	31 de janeiro de 1989, p. A8.
Fundação dará Cr\$ 60 mil em prêmios a porta estandartes.	<i>Diario de Pernambuco</i>	22 de janeiro de 1983, p. A6.
Fundação prepara-se para tríduo de momo.	<i>Diario de Pernambuco</i>	03 de janeiro de 1980, p. A-13.
Galeria do Ritmo dispara como campeoníssima de 83.	<i>Diario de Pernambuco</i>	18 de fevereiro de 1983, p. A5.
Galeria do Ritmo e Clube das Pás vencem carnaval.	<i>Diario de Pernambuco</i>	07 de março de 1987, p. A9.
Galeria ganha título e faz festa no Morro.	<i>Diario de Pernambuco</i>	18 de fevereiro de 1983, capa.
Galo agita Carnaval de Boa Viagem vai ser com quatro orquestras.	<i>Diario de Pernambuco</i>	16 de janeiro de 1985, p. B3.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Galo da Madrugada programa para Boa Viagem desfile de fantasias.	<i>Diario de Pernambuco</i>	13 de janeiro de 1991, p. A19.
Galo empolga Boa Viagem.	<i>Diario de Pernambuco</i>	26 de janeiro de 1987, p. A4.
Galo faz primeiro desfile em Boa Viagem.	<i>Diario de Pernambuco</i>	14 de janeiro de 1991, p. A4.
Galo leva, hoje, mais calor à praia.	<i>Diario de Pernambuco</i>	25 de janeiro de 1987, p. A22.
Galo promove hoje banho à fantasia.	<i>Diario de Pernambuco</i>	13 de janeiro de 1985, p. A14.
Geraldo Magalhães anuncia a extinção da COC.	<i>Diario de Pernambuco</i>	25 de fevereiro de 1971, I caderno, p. 03.
Getúlio Cavalcanti condena boicote das estações de FM.	<i>Diario de Pernambuco</i>	26 de janeiro de 1983, p. A7.
Higino proíbe mela mela em todo o estado	<i>Diario de Pernambuco</i>	21 de fevereiro de 1981, p. capa.
Higino proíbe mela mela no carnaval.	<i>Diario de Pernambuco</i>	12 de fevereiro de 1982, p. capa.
Higino proíbe o mela mela nos três dias de folia.	<i>Diario de Pernambuco</i>	20 de fevereiro de 1982, p. A7.
Krause paga subvenções a Clubes Carnavalescos.	<i>Diario de Pernambuco</i>	31 de janeiro de 1980, p. A6.
Krause reúne se com dirigentes de clubes.	<i>Diario de Pernambuco</i>	03 de fevereiro de 1982, p. A10.
Mela mela (Opinião).	<i>Diario de Pernambuco</i>	22 de fevereiro de 1981, p. A10.
Mela mela será liberado durante a festa de momo	<i>Diario de Pernambuco</i>	30 de janeiro de 1980 p. 01.
Mela mela será liberado.	<i>Diario de Pernambuco</i>	30 de janeiro de 1980 p. A10.
Mela mela, a brincadeira inevitável.	<i>Diario de Pernambuco</i>	21 de fevereiro de 1982, p. A12.
Mela mela.	<i>Diario de Pernambuco</i>	01 de fevereiro de 1983, p. A8.
Melhor folião mirim ganhará bicicleta.	<i>Diario de Pernambuco</i>	27 de janeiro de 1980, p. A15.
Na orla marítima de Boa Viagem e frevança parece cada vez melhor.	<i>Diario de Pernambuco</i>	30 de janeiro de 1989, p. B1.
Não põe no meu	<i>Diario de Pernambuco</i>	30 de janeiro de 1979, p. A10.
Nas ruas humanizadas, Carnaval não tem vez.	<i>Diário de Pernambuco</i>	29 de janeiro de 1978, p. D1.
No carnaval do Recife cabe o samba também.	<i>Diario de Pernambuco</i>	Recife, 26 janeiro de 1969, p. 02, III caderno.
O Carnaval que passou (Opinião).	<i>Diario de Pernambuco</i>	18 de fevereiro de 1983, p. A8.
O fim da COC.	<i>Diário de Pernambuco</i>	12 de fevereiro de 1972, p. 05.
O mela mela.	<i>Diario de Pernambuco</i>	31 de janeiro de 1980 p. A10.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Olinda promete melhor carnaval.	<i>Diario de Pernambuco</i>	11 de fevereiro de 1978, p. A7.
Ônibus rodam no centro nos dias de momo.	<i>Diario de Pernambuco</i>	22 de janeiro de 1980, p. capa.
Opinião geral: é preciso mudar.	<i>Diario de Pernambuco</i>	24 de fevereiro de 1977, p. A4.
Para Capiba, passarela é "bastilha do frevo".	<i>Diario de Pernambuco</i>	04 de fevereiro de 1979, p. A6.
Pás Douradas e Galeria do Ritmo levam título.	<i>Diario de Pernambuco</i>	07 de março de 1987, capa.
Passarela vira frevo.	<i>Diario de Pernambuco,</i>	14 de janeiro de 1980, p. C3.
Passarelas: uma imitação que sacrifica o carnaval.	<i>Diario de Pernambuco</i>	20 de fevereiro de 1977, p. A16.
PMR garante melhor Carnaval.	<i>Diario de Pernambuco</i>	23 de janeiro de 1979, p. A6.
Porta Estandarte é atração três dias.	<i>Diario de Pernambuco</i>	12 de fevereiro de 1982, p.A6.
Porta estandartes disputam final.	<i>Diario de Pernambuco</i>	29 de janeiro de 1980 p. A12.
Povo contra a passarela.	<i>Diario de Pernambuco</i>	30 de janeiro de 1980, p. A-10.
Pracinha: o QG do frevo.	<i>Diario de Pernambuco</i>	21 de fevereiro de 1982, p. A10.
Prática do mela mela é de novo vetada pela SSP.	<i>Diario de Pernambuco</i>	29 de janeiro de 1983, p. A6.
Prefeito entrega cheques a clubes, trocas e blocos.	<i>Diario de Pernambuco</i>	02 de fevereiro de 1982, p. A10.
Prefeito entrega cotas às agremiações que irão desfilar.	<i>Diario de Pernambuco</i>	15 de janeiro de 1983, p. A7.
Prefeito entrega cotas.	<i>Diario de Pernambuco</i>	20 de janeiro de 1982, p. A19.
Prefeito pede que rádio e TV toquem frevo.	<i>Diario de Pernambuco</i>	07 de janeiro de 1983, p. Capa.
Prefeitura apoia folia de bairros.	<i>Diário de Pernambuco</i>	12 de fevereiro de 1980, p. A8.
Premiados desfilam e recebem glorificação.	<i>Diario de Pernambuco</i>	02 de março de 1974, p. C1.
Prévias deixam recifenses já em clima de Carnaval.	<i>Diario de Pernambuco</i>	29 de janeiro de 1983, p. capa.
Pró e Contra à passarela.	<i>Diario de Pernambuco</i>	01 de fevereiro de 1980, p. A11.
Protesto na escolha dos vitoriosos	<i>Diario de Pernambuco</i>	02 de março 1979, capa.
Queremos frevo	<i>Diario de Pernambuco</i>	12 de janeiro de 1979, p. A10.
Recife será a passarela	<i>. Diario de Pernambuco</i>	01 de fevereiro de 1980, p. A7.
Recifense crer na volta do carnaval participação.	<i>. Diario de Pernambuco</i>	03 de janeiro de 1980, p. A13.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Recifense favorável à volta do Lança perfume	<i>Diario de Pernambuco</i>	24 de fevereiro de 1982, p. A20.
Relembrando velhos carnavais.	<i>Diario de Pernambuco</i>	12 de fevereiro de 1972, p. 05, (Suplemento cultural).
Resultados do desfile.	<i>Diario de Pernambuco</i>	17 de fevereiro de 1972, p. C1.
Samarina é a grande campeã.	<i>Diario de Pernambuco</i>	10 de fevereiro de 1989, capa.
Samba e frevo para animar o recifense.	<i>Diario de Pernambuco,</i>	24 de janeiro de 1981, p. b9.
Sem agremiações, em Tejió não se pôde brincar.	<i>Diario de Pernambuco</i>	24 de fevereiro de 1982, p. A7
Sem passarela e “cartolas”, Olinda dá lição de folia.	<i>Diario de Pernambuco</i>	08 de fevereiro de 1978, p. A11.
Stélio:Carneval/Participação não tem dono.	<i>Diário de Pernambuco</i>	13 de fevereiro de 1980, p. C4.
Sugerido concurso de passo.	<i>Diario de Pernambuco</i>	23 de janeiro de 1980 p. A7
Trio elétrico na Torre? Por que não?	<i>Diario de Pernambuco</i>	21 de janeiro de 1989, p. A8.
Trios fixam-se no Recife.,	<i>Diario de Pernambuco</i>	21 de fevereiro de 1982, p. A10.
Troféu estandartes para os campeões dos desfiles.	<i>Diario de Pernambuco</i>	11 de fevereiro de 1982, p.B1.
União das Escolas de Samba.	<i>Diario de Pernambuco</i>	29 de janeiro de 1948, p. 03.
Vassourinhas completa 80 anos, porém ainda não sabe se desfilará este ano.	<i>Diario de Pernambuco</i>	05 de janeiro de 1969, p. 06.
Velho saudosista diz que bom era carnaval antigo.	<i>Diario de Pernambuco</i>	28 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 06.
Vereadores poderão abandonar a COC a qualquer momento.	<i>Diario de Pernambuco</i>	25 de janeiro de 1972, I caderno, p. 13.
Vitoriosos desfilam hoje à noite pelo Centro.	<i>. Diario de Pernambuco</i>	03 de março de 1974, p. C1.
Zona Sul em plena empolgação.	<i>Diario de Pernambuco</i>	24 de janeiro de 1990, p. A8.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
“Vassourinhas” e “Batutas de São José” os campeões do carnaval em 1961.	<i>Diário da Noite</i>	15 de fevereiro de 1961, p. 05.
Batutas ganha o duelo com Banhistas por dois pontos.	<i>Diário da Noite</i>	08 de março de 1973, capa.
Batutas não sai, Banhistas também não.	<i>Diário da Noite</i>	09 de janeiro de 1980, p. 05.
Blocos e clubes.	<i>Diário da Noite</i>	27 de fevereiro de 1963, p. 07.
Campeões não tiveram grande concorrência.	<i>Diário da Noite</i>	12 de fevereiro de 1964, p. 07.
Capiba: nosso carnaval não está morrendo, mas sofrendo as transformações do tempo.	<i>Diário da Noite</i>	26 de janeiro de 1971, 1º caderno, p. 03.
Carnavais Passados (Opinião).	<i>Diário da Noite</i>	16 de fevereiro de 1980, p. 04.
Carnaval começa amanhã no Pátio de São Pedro.	<i>Diário da Noite</i>	02 de fevereiro de 1979, p. 5.
Carnaval de 1979 já atrai debates.	<i>Diário da Noite</i>	22 de janeiro de 1979, p. 05.
Carnaval de 71: fracasso total já é quase certo.	<i>Diário da Noite</i>	09 de janeiro de 1971, I caderno, p. 02.
Carnaval de laboratório em 70.	<i>Diário da Noite</i>	22 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 04.
Carnaval deve ser do povo.	<i>Diário da Noite</i>	24 de janeiro de 1972, 2º caderno, p.02.
Carnaval do Recife ameaçado de fracasso total.	<i>Diário da Noite</i>	04 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 03.
Carnaval entre a COC e a EMETUR: onde está a salvação.	<i>Diário da Noite</i>	16 de janeiro de 1971, 1º caderno, p. 03.
Carnaval Suburbano.	<i>Diário da Noite</i>	10 de janeiro de 1980, p. 04.
Carnaval-empresa, a solução para evitar o fim do reinado de Momo.	<i>Diário da Noite</i>	25 de fevereiro de 1971, I caderno, p. 03.
Clubes, caboclinhos, troças, maracatus e escolas concorrentes.	<i>Diário da Noite</i>	02 de março de 1962, p. 07.
Comércio se ressent também com decadência do Carnaval.	<i>Diário da Noite</i>	01 de fevereiro de 1972, 1º caderno, p. 03.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Comissão Julgadora, a confusão na passarela.	<i>Diário da Noite</i>	24 de fevereiro de 1971, 2ª edição, 2º caderno, p. 01.
Comissão permanente para carnaval está em estudo.	<i>Diário da Noite</i>	20 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 03.
Deixa que eu conto.	<i>Diário da Noite</i>	01 de março de 1979, I Caderno, p. 06.
Donzelas de São José já têm samba-enredo de 79.	<i>Diário da Noite</i>	08 de fevereiro de 1979, I Caderno, p. 2.
Escolas de samba fizeram o sucesso da passarela.	<i>Diário da Noite</i>	12 de fevereiro de 1975, p. 06.
Escolas de samba.	<i>Diário da Noite</i>	06 de fevereiro de 1975, p. 04.
Estudantes e Pás ganharam duelo na passarela.	<i>Diário da Noite</i>	19 de fevereiro de 1969, p. 02, 1º caderno, 1ª edição.
Ex rei momo: antigamente era melhor.	<i>Diário da Noite</i>	15 de fevereiro de 1969, 1º caderno, p. 06.
Félix: carnaval agora é "para" e não "do" povo.	<i>Diário da Noite</i>	23 de janeiro de 1968, p. 02.
Fim da COC pode ser o começo da recuperação.	<i>Diário da Noite</i>	24 de fevereiro de 1971, 2ª Ed., II caderno, p. 01.
Foi assim o Carnaval participação.	<i>Diário da Noite</i>	23 de fevereiro de 1977, p. 08.
Folclorista é contra desfile na passarela.	<i>Diário da Noite</i>	13 de janeiro de 1972, I caderno, p. 03.
Fora da Passarela.	<i>Diário da Noite</i>	16 de fevereiro de 1972, I caderno, p. 02.
Frevioca poderá sair em outras festas do ano.	<i>Diário da Noite</i>	17 de março de 1982, p. 08.
Frevioca. Que danado é isso aí?	<i>Diário da Noite</i>	14 de fevereiro de 1980, p. 05.
Frevo e Porta-Estandartes.	<i>Diário da Noite</i>	11 de janeiro de 1980, p. 05.
Frevo, frevo.	<i>Diário da Noite</i>	03 de janeiro de 1980, p. 05.
Geraldo enfrenta o desafio da COC aceitando a renúncia de 5 membros.	<i>Diário da Noite</i>	07 de janeiro de 1969, I caderno, p. 03.
Império e Gigantes empatados.	<i>Diário da Noite</i>	09 de fevereiro de 1978, capa.
Indefinida a liberação do Mela-mela.	<i>Diário da Noite</i>	09 de fevereiro de 1981, p. 06.
Indiano teve boa vitória.	<i>Diário da Noite</i>	11 de fevereiro de 1970 p. 02, 1º caderno, 1ª edição.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Indiano teve boa vitória.	<i>Diário da Noite</i>	11 de fevereiro de 1970 p. 02, 1º caderno, 2ª edição.
Inocente é bi e Gigante do Samba desbancou Estudantes.	<i>Diário da Noite</i>	08 de fevereiro de 1967, 1ª edição, p. 03.
Lavadeiras de Areias foi o grande campeão do carnaval do Recife em 66.	<i>Diário da Noite</i>	23 de fevereiro de 1966, p. 03.
Lavadeiras de Areias o campeão do carnaval.	<i>Diário da Noite</i>	02 de março de 1960, p. 02.
Linha do tiro já se arruma.	<i>Diário da Noite</i>	25 de fevereiro de 1981, p. 04.
Mudou a folia ou mudaram os homens?	<i>Diário da Noite</i>	22 de janeiro de 1972, 1º caderno, p.06.
Nazaré da Mata fará o Carnaval Participação.	<i>Diário da Noite</i>	09 de fevereiro de 1979, p. 2.
Nelson Ferreira: vamos colocar o carnaval do Recife em seu lugar de destaque.	<i>Diário da Noite</i>	13 de janeiro de 1971, 1º caderno, p. 03.
O desfile das escolas de samba o foi o auge do Carnaval.	<i>Diário da Noite</i>	12 de fevereiro de 1975, p. 01.
O fim do Carnaval.	<i>Diário da Noite</i>	17 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 04.
O que a COC deixou de fazer.	<i>Diário da Noite</i>	19 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 03.
O resultado geral.	<i>Diário da Noite</i>	24 de fevereiro de 1971, p. 02, 1º caderno, 1ª edição.
O resultado geral.	<i>Diário da Noite</i>	24 de fevereiro de 1971, p. 04, 2º caderno, 2ª edição.
Olinda fez seu melhor Carnaval.	<i>Diário da Noite</i>	24 de fevereiro de 1979, I Caderno, p. 05.
Pás, Batutas, Abanadores, Indiano, Tupinambá, Estudantes no 1º lugar.	<i>Diário da Noite,</i>	03 de março de 1965, p. 02.
Povo teve dificuldade para ver o desfile.	<i>Diário da Noite</i>	24 de fevereiro de 1971, 2ª edição, 2º caderno, p. 01.
Prefeito forma comissão para salvar carnaval pernambucano.	<i>Diário da Noite</i>	24 de fevereiro de 1971, 1º caderno, p. 03.
Prefeitura vai reformular carnaval de rua do Recife.	<i>Diário da Noite</i>	20 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 03.
Projeto que extingue a COC tem apoio de Alfredo Oliveira.	<i>Diário da Noite</i>	24 de janeiro de 1972, II caderno, p. 02.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Quem é o culpado da morte do carnaval pernambucano?	<i>Diário da Noite</i>	22 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 06.
Receita de um secretário para reabilitar o carnaval de rua.	<i>Diário da Noite</i>	11 de janeiro de 1969, I caderno, p. 03.
Rompe a barreira.	<i>Diário da Noite</i>	15 de fevereiro de 1980, p. 10.
Sai o roteiro do Carnaval Participação.	<i>Diário da Noite</i>	30 de janeiro de 1979, II Caderno, p.01.
Subúrbios: quem ficou em casa também brincou.	<i>Diário da Noite</i>	04 de março de 1981, p. 04.
Tejipió conclui seus preparativos da folia.	<i>Diário da Noite</i>	26 de fevereiro de 1981, p. 04.
Trabalho da comissão apuradora surpreendeu muitas agremiações.	<i>Diário da Noite</i>	14 de fevereiro de 1975, p. 03.
Tudo já está pronto para o desfile dos Fofinhos de São José.	<i>Diário da Noite</i>	14 de fevereiro de 1979, I Caderno, p. 2.
União das Escolas de Samba de Pernambuco.	<i>Diário da Noite</i>	07 de fevereiro de 1948, p. 05.
Verbas para o Carnaval.	<i>Diário da Noite</i>	28 de janeiro de 1980, p. 4.
Vitória do Clube das Pás foi tranquila.	<i>Diário da Noite</i>	28 de fevereiro de 1968, p. 03, 1º edição.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
"Frevioca" é a maior atração da semana.	<i>Jornal do Commercio</i>	18 de fevereiro de 1981, p. 10.
"O desfile dos clubes precisa ser organizado." (Opinião)	<i>Jornal do Commercio</i>	07 de janeiro de 1979, I Caderno, p. 11.
"Recifense, sim, sub-carioca, não".	<i>Jornal do Commercio</i>	27 de fevereiro de 1966, p. 04.
Afoxé ganha espaço na terra do Frevo.	<i>Jornal do Commercio</i>	27 de janeiro de 1991, p. 03.
Agremiações recebem cheques.	<i>Jornal do Commercio</i>	15 de janeiro de 1983, p. 08.
Agremiações recebem mais de Cr\$ 100 milhões de vereadores.	<i>Jornal do Commercio</i>	25 de janeiro de 1983, p. 08.
Alguns acreditam no carnaval-participação.	<i>Jornal do Commercio</i>	17 de fevereiro de 1980, p. 05.
Amantes das Flores desfilará no carnaval de 1972 graças a amigos.	<i>Jornal do Commercio</i>	13 de janeiro de 1972, I caderno, p. 12.
Arrasta tudo reclama da verba.	<i>Jornal do Commercio</i>	13 de fevereiro de 1980, p. 05.
Batutas de São José sem dinheiro sem dinheiro não sai este ano.	<i>Jornal do Commercio</i>	23 de janeiro de 1965, p. 08.
Batutas não desfilará vestido de chitão.	<i>Jornal do Commercio</i>	02 de fevereiro de 1980, p. 03.
Boa Viagem concentra o maior número de turistas.	<i>Jornal do Commercio</i>	17 de fevereiro de 1985, p. 08.
Boa Viagem e leva milhares de foliões à avenida.	<i>Jornal do Commercio</i>	09 de janeiro de 1989, p. 09.
Boa Viagem está livre para Carnaval do povo.	<i>Jornal do Commercio</i>	10 de fevereiro de 1988. p. Capa.
Boa Viagem torna-se opção para a folia.	<i>Jornal do Commercio</i>	06 de fevereiro de 1986, p. 07.
Boa Viagem torna-se opção para a folia.	<i>Jornal do Commercio</i>	06 de fevereiro de 1986, p. 07.
Carnaval 80 (III).	<i>Jornal do Commercio</i>	12 de janeiro de 1980, p. 02.
Carnaval 80.	<i>Jornal do Commercio</i>	10 de janeiro de 1980, p. 02.
Carnaval de 80 pode ter grande animação.	<i>Jornal do Commercio</i>	23 de janeiro de 1980, p. 06.
Carnaval de Boa Viagem já está organizado.	<i>Jornal do Commercio</i>	26 de janeiro de 1986, p. 07.
Carnaval de Boa Viagem liberado. Viva o Frevo.	<i>Jornal do Commercio</i>	10 de fevereiro de 1988, p. 09.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Carnaval de rua domingo em Boa Viagem.	<i>Jornal do Comercio,</i>	07 de janeiro de 1983, p. 8;
Carnaval Fracassa com Oficialização.	<i>Jornal do Comercio</i>	18 de janeiro de 1968, p. 10.
Carnaval Participação. (Opinião).	<i>Jornal do Comercio</i>	27 de janeiro de 1980, p. 02.
Carnaval sem mela-mela (Opinião).	<i>Jornal do Comercio</i>	08 de fevereiro de 1980, p. 02.
Carnaval suburbano começou a pegar fogo na sexta feira.	<i>Jornal do Comercio</i>	21 de fevereiro de 1982, p. 10.
Carnaval/80 não tem passarela.	<i>Jornal do Comercio</i>	08 de janeiro de 1980, p. 06.
Carro alegórico da frevioca já está pronto para o desfile.	<i>Jornal do Comercio</i>	02 de fevereiro de 1983, p. 08.
Cavalcante define modo do Carnaval.	<i>Jornal do Comercio</i>	02 de janeiro de 1983, p.07.
Clubes fazem ensaio geral pela cidade.	<i>Jornal do Comercio</i>	23 de fevereiro de 1981, p. 10.
COC quer planejar para salvar o Carnaval de rua.	<i>Jornal do Comercio</i>	25 de fevereiro de 1971, p. capa.
Comissões de Subúrbio decoram ruas e praças.	<i>Jornal do Comercio</i>	01 de fevereiro de 1980, p. 03.
Concurso de estandarte terá seu final amanhã.	<i>Jornal do Comercio</i>	01 de fevereiro de 1980, p. 03.
Concursos movimentam Recife antes do Carnaval.	<i>Jornal do Comercio</i>	05 de fevereiro de 1981, p. 09.
Conde da Boa Vista vai ter arquibancada durante o carnaval.	<i>Jornal do Comercio</i>	07 de fevereiro de 1982, p. 10.
Cresce o Carnaval de Boa Viagem.	<i>Jornal do Comercio</i>	08 de fevereiro de 1986, p. C1.
Crônica da Cidade (Texto de Mário Melo).	<i>Jornal do Comercio</i>	07 de janeiro de 1956, p. 02.
Crônica da Cidade: decadência. (Texto de Waldemar de Oliveira).	<i>Jornal do Comercio</i>	28 de janeiro de 1969, I caderno, p. 04.
Crônica da cidade: passarela no chão. (Texto de Waldemar de Oliveira).	<i>Jornal do Comercio</i>	11 de fevereiro de 1967, p. 05.
Decadência do carnaval do Recife começou há 40 anos.	<i>Jornal do Comercio</i>	12 de janeiro de 1969, II caderno, p. 10.
Decisão do Júri dá 1ª colocação a Estudantes.	<i>Jornal do Comercio</i>	05 de março de 1976, p.12.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Donzelos animarão Rua da Concórdia.	<i>Jornal do Commercio</i>	19 de janeiro de 1983, p. 08.
Donzelos realiza o primeiro ensaio.	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de janeiro de 1982, p. 10.
Eletrônica empolgando.	<i>Diario de Pernambuco</i>	27 de fevereiro de 1987, p. A10.
EMETUR: é preciso organizar.	<i>Jornal do Commercio</i>	07 de janeiro de 1979, I Caderno, p. 11.
Ensaio Geral marca folia em São José.	<i>Jornal do Commercio</i>	23 de janeiro de 1980, p. 06.
Escola de samba decide desfilar sem passarela.	<i>Jornal do Commercio</i>	16 de janeiro de 1980, p. 04.
Escola de samba do Recife protesta e irá desfilar para os cariocas.	<i>Jornal do Commercio</i>	31 de janeiro de 1980, p. 06.
Escolas de samba insistem na passarela.	<i>Jornal do Commercio</i>	13 de janeiro de 1980, p. 05.
Escolas desfilarão na Conde da Boa Vista.	<i>Jornal do Commercio</i>	18 de fevereiro de 1980, p. 05.
Escolas se unem em favor da passarela.	<i>Jornal do Commercio</i>	12 de janeiro de 1980, p. 05.
Espectáculo ou Participação? (Crônica da Cidade - texto de Valdemar de Oliveira).	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de fevereiro de 1970, p. 04.
Estudantes de São José quer o Bi-campeonato.	<i>Jornal do Commercio</i>	09 de fevereiro de 1966, p. 08.
Falta de verba prejudica o clube vassourinhas.	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 12.
Falta de verbas ameaça Madeiras.	<i>Jornal do Commercio</i>	02 de fevereiro de 1980, p. 03.
Fim da passarela tem repercussão negativa.	<i>Jornal do Commercio</i>	09 de janeiro de 1980, p. 08.
Folia no passo da decadência.	<i>Jornal do Commercio</i>	22 de janeiro de 1969, 2º caderno, p. 01.
Folia Oficial em 17 subúrbios.	<i>Jornal do Commercio</i>	17 de fevereiro de 1980, p. 03.
Fora com a Passarela! (Mário Melo).	<i>Jornal do Commercio</i>	12 de fevereiro de 1957, p. 02.
Frevioca alegre o Carnaval.	<i>Jornal do Commercio</i>	06 de fevereiro de 1980, p. 05.
Frevioca anima Carnaval de Rua.	<i>Jornal do Commercio</i>	09 de fevereiro de 1983, p. 08.
Frevioca estará nas ruas em fevereiro.	<i>Jornal do Commercio</i>	25 de janeiro de 1983, p. 08.
Frevioca leva alegria ao centro.	<i>Jornal do Commercio</i>	16 de janeiro de 1983, p. 17.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
Fundação da Cultura com programação pronta.	<i>Jornal do Commercio</i>	05 de janeiro de 1983, p. 08.
Galo agita Boa Viagem e leva milhares de foliões à avenida.	<i>Jornal do Commercio</i>	09 de janeiro de 1989, p. 09.
Galo da Madrugada desfila hoje com fantasias de papel.	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de janeiro de 1989, p. 08.
Impasse em Boa Viagem: O Carnaval com hora marcada.	<i>Jornal do Commercio</i>	16 de janeiro de 1988, p. 09.
Invasão de turistas esquentam o Carnaval nas ruas de Olinda.	<i>Jornal do Commercio</i>	24 de fevereiro de 1990, p. Capa.
Justiça proíbe Carnaval em Boa Viagem. Foliões estão tristes.	<i>Jornal do Commercio</i>	09 de fevereiro de 1988, p. 09.
Leda garante um Carnaval de total participação popular.	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de janeiro de 1988, p. 08.
Lenhadores volta às ruas com orquestra pra valer.	<i>Jornal do Commercio</i>	17 de janeiro de 1968, I caderno, p. 10.
Maciel decide sobre a liberação do discutido mela-mela.	<i>Jornal do Commercio</i>	02 de fevereiro de 1980, p. 03.
No final bom mesmo foi para as escolas.	<i>Jornal do Commercio</i>	21 de fevereiro de 1980, p. 09.
O Frevo é pernambucano (Texto de Nilo Pereira).	<i>Jornal do Commercio</i>	18 de janeiro de 1989, p. 06.
Olinda assume liderança no Carnaval Pernambucano.	<i>Jornal do Commercio</i>	21 de fevereiro de 1980, p. 06.
Orquestra volante vai alegrar as ruas da capital.	<i>Jornal do Commercio</i>	19 de fevereiro de 1981, p. 10.
Passarela no chão.	<i>Jornal do Commercio</i>	11 de fevereiro de 1967, p. 05.
Passistas hoje no Pátio de São Pedro.	<i>Jornal do Commercio</i>	02 de fevereiro de 1979, 2 caderno, p. 1.
Pátio de São Pedro terá carnaval já no dia 1º.	<i>Jornal do Commercio</i>	27 de janeiro de 1979, 2 caderno, p. 1.
Pau e Corda deu o som para Boa Viagem brincar.	<i>Jornal do Commercio</i>	05 de março de 1981, p. 10.
Paulo deseja Carnaval poluído para prefeito.	<i>Jornal do Commercio</i>	06 de janeiro de 1988, p. 08.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
PCR multará trio que estacionar na avenida.	<i>Jornal do Commercio</i>	31 de janeiro de 1989, p. 10.
Porta-Estandarte tem 1º concurso no sábado.	<i>Jornal do Commercio</i>	16 de janeiro de 1980, p. 04.
Porta-Estandartes podem se inscrever em concurso.	<i>Jornal do Commercio</i>	04 de fevereiro de 1981, p. 10.
Prefeitura apoiará o carnaval de rua.	<i>Jornal do Commercio</i>	13 de janeiro de 1970, I caderno, p. 12.
Prefeitura também incentiva novos passistas.	<i>Jornal do Commercio</i>	22 de janeiro de 1980, p. 6.
Programa de Carnaval começa hoje no Pátio.	<i>Jornal do Commercio</i>	03 de fevereiro de 1979, 2 caderno. p. 1.
Promissória é garantia.	<i>Jornal do Commercio</i>	12 de janeiro de 1980, p. 05.
Recife terá carnaval sem passarela, arquibancada ou cordão de isolamento.	<i>Jornal do Commercio</i>	10 de Janeiro de 1980, p. 05.
Saberé é atração do Carnaval de bairros.	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de janeiro de 1982, p. 10.
Samba foi o único privilegiado no carnaval do frevo.	<i>Jornal do Commercio</i>	21 de fevereiro de 1980, p. 1.
Samba terá uma passarela bem no centro do Recife.	<i>Jornal do Commercio</i>	17 de janeiro de 1980, p. 08.
Semana pré carnavalesca inicia-se hoje no pátio.	<i>Jornal do Commercio</i>	10 de fevereiro de 1980, p. 08.
Subvenção para o carnaval é ostensivamente política.	<i>Jornal do Commercio</i>	17 de janeiro de 1980, p. 03.
Tem desfile hoje em Boa Viagem. Os prédios procuram se proteger.	<i>Jornal do Commercio</i>	21 de fevereiro de 1990, p. Capa.
Tríduo deste ano pode perder beleza, mas vai dar lucro.	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de janeiro de 1980, p. 06.
Trio Elétrico alegre Carnaval.	<i>Jornal do Commercio</i>	05 de janeiro de 1983, p. 8.
Trio elétrico ameaça o reduto do som de metais.	<i>Jornal de Commercio</i>	04 de fevereiro de 1988, p. 07.
Trio Elétrico desfila.	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de janeiro de 1983, p. 8.
Trio elétrico emudece cedo em Boa Viagem.	<i>Jornal do Commercio</i>	21 de janeiro de 1988, p. 08.
Trios fazem a festa em Boa Viagem.	<i>Jornal do Commercio</i>	16 de fevereiro de 1990, p. 08.
Turma do Pinguim desfila ao som do trio elétrico.	<i>Jornal do Commercio</i>	08 de fevereiro de 1985, p. 08.

TÍTULO DA MATÉRIA	NOME DO JORNAL	DATA
União das Escolas de Samba de Pernambuco.	<i>Jornal do Commercio</i>	24 de janeiro de 1948, p. 04.
Vai ter sambaxé em Olinda.	<i>Jornal do Commercio</i>	05 de janeiro de 1990, p. 04.
Vassourinhas continua ameaçado de não desfilar.	<i>Jornal do Commercio</i>	27 de fevereiro de 1965, p. 10.
Vassourinhas talvez não tenha dinheiro para sair.	<i>Jornal do Commercio</i>	15 de janeiro de 1965, p. 08.